

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

APARECIDA DA PENHA KROHLING CHRIST

"CORTANDO UM DOBRADO": UMA ANÁLISE DO VERBO "CORTAR" EM USO

VITÓRIA
2020

APARECIDA DA PENHA KROHLING CHRIST

"CORTANDO UM DOBRADO": UMA ANÁLISE DO VERBO "CORTAR" EM USO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Estado do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, na área de concentração Teorias e Análises Linguísticas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lúcia Helena Peyroton da Rocha.

VITÓRIA

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

C554" Christ, Aparecida da Penha Krohling, 1975-
"Cortando um dobrado" : uma análise do verbo "cortar" em uso
/ Aparecida da Penha Krohling Christ. - 2020.
290 f. : il.

Orientadora: Lúcia Helena Peyroton da Rocha.
Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Funcionalismo. 2. Linguística cognitiva. I. Rocha, Lúcia Helena Peyroton da. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

Aparecida da Penha Krohling Christ

“Cortando um dobrado”: uma análise do verbo “cortar” em Uso

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutora em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 22 de julho de 2020.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Gesieny Laurett Neves Damasceno (UFES) - Coordenadora do PPGEL
Por: **Profa. Dra. Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES)** - Orientadora e Presidente da
Comissão

Profa. Dra. Gesieny Laurett Neves Damasceno
Por: **Profa. Dra. Maria da Penha Pereira Lins (UFES)** - Examinadora interna

Profa. Dra. Flavia Medeiros Alvaro Machado (UFES)
Examinadora interna

Profa. Dra. Gesieny Laurett Neves Damasceno
Por: **Profa. Dra. Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva (UFRJ)** - Examinadora externa

Profa. Dra. Carmelita Minelio da Silva Amorim (UFES)
Examinadora externa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
GESIENY LAURETT NEVES DAMASCENO - SIAPE 3008674
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGLi/CCHN
Em 27/07/2020 às 11:20

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/42367?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por FLAVIA MEDEIROS ALVARO MACHADO - SIAPE 3039500 Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN Em 29/07/2020 às 12:56

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/43052?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por CARMELITA MINELIO DA SILVA AMORIM - SIAPE 4378214 Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN Em 29/07/2020 às 15:49

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/43151?tipoArquivo=O>

O significado não é uma coisa; ele envolve o que é significativo para nós. Nada é significativo em si mesmo. A significatividade deriva da experiência da atuação como um ser de um certo tipo em um ambiente de um certo tipo" (LAKOFF, 1987, p. 292).¹

¹ Meaning is not a thing; it involves what is meaningful to us. Nothing is meaningful in itself. Meaningfulness derives from the experience of functioning as a being of a certain sort in an environment of a certain sort.

A Deus e aos meus pais, pela vida.

Ao meu marido, Oldair, pelo carinho, pela paciência, pelo apoio e pela renúncia.

Às minhas filhas, por compartilharem comigo as alegrias e as angústias dessa caminhada e iluminarem meu caminho.

Aos meus colegas de trabalho, representados por Salete e Maria Lucia Casate e, em especial, ao professor Paulo Vargas que possibilitou meu afastamento e dedicação exclusiva à pesquisa.

À Ângela Becalli, por tudo, por ser amiga, conselheira, revisora e ouvinte.

À Bete e Ariana, por todo apoio recebido ao longo da pesquisa.

À Camila e Lays, pela amizade e por compartilharem seus dados de pesquisa.

À Jove, Helena e Helenita, pelo apoio na realização das entrevistas.

À Reni Klippel Machado e Lucília Klippel Littig, pelo auxílio com o hunsrückisch.

A nosso grupo de amigos do doutorado, por compartilharem momentos de alegria e tristeza e formarem um reduto de apoio muito importante nesta jornada tão intensa, em especial, à Ludimilla, Emília, Gabriela Piccin, Katiúscia e Rossana (in memoriam), com as quais tive o prazer de compartilhar momentos preciosos.

AGRADECIMENTO

À minha orientadora Lúcia Helena, pelo carinho e atenção, pelas oportunidades concedidas, por apoiar minhas escolhas, por confiar no meu potencial, pelas valiosas contribuições teóricas e por fazer parte da minha trajetória acadêmica.

Às professoras Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva, Carmelita Minelio da Silva Amorim e Edenize Ponzo Peres, pelas considerações pertinentes. A dedicação e a paixão de vocês pelos estudos linguísticos reforça nossa fé e esperança em dias melhores para a educação e a pesquisa.

Às professoras Maria da Penha Pereira Lins e Flavia Medeiros Alvaro Machado, pela disponibilidade em contribuir.

A todos os professores do PPGEL, pelo compromisso com os estudos linguísticos, em especial, à professora Lilian Yacovenco, pela contribuição com o Portvix.

À Ângela Maria Beccalli e Ariana Pandini, pelo companheirismo e pela preciosa ajuda.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Organização cognitiva do <i>chunk</i>	35
Figura 2	- Projeção entre domínios da metáfora "comunicação verbal é transferência de objetos"	47
Figura 3	- Mesclagem referente à expressão "tecer um comentário"	48
Figura 4	- Mesclagem conceptual referente a 'alfinetar'	49
Figura 5	- Planos envolvidos no movimento fictivo	51
Figura 6	- Dimensões categoriais	56
Figura 7	- Construção de Movimento Causado.....	80
Figura 8	- Estrutura composta: Movimento Causado + espirrar	81
Figura 9	- Construção de Movimento Intransitiva	89
Figura 10	- Extensão metafórica da construção de movimento causado	90
Figura 11	- Rede hierárquica de construções	91
Figura 12	- Rede conceitual proposta por Traugott e Trousdale.....	93
Figura 13	- Relações hierárquicas entre as construções proposta por Traugott e Trousdale .	95
Figura 14	- Rede parcial de marcadores pragmáticos em inglês	96
Figura 15	- Construção Transitiva.....	123
Figura 16	- Construção Transitiva de Afetação	133
Figura 17	- Construção Transitiva de Situação	168
Figura 18	- Esquematisação da Construção de Movimento Transitiva	177
Figura 19	- Construção de Movimento Fictivo Transitiva.....	184

Figura 20	- Esquematização da Construção de Movimento Fictivo Transitiva e relação estabelecida com a Construção de Movimento Transitiva.	185
Figura 21	- Esquematização da relação polissêmica estabelecida entre a Construção de Movimento Causado e Construção de Movimento Interceptado	190
Figura 22	- Construção de Afetação por Movimento.....	195
Figura 23	- <i>Continuum</i> de composicionalidade	208
Figura 24	- Processo de conceptualização de ‘atalho’ como área de corte associado à Construção idiomática ‘cortar caminho’.	216
Figura 25	- Distribuição das construções substantivas com cortar no <i>continuum</i> da composicionalidade	241
Figura 26	- Rede de construções com o verbo cortar	242
Figura 27	- 1ª ocorrência do uso motivador identificada em textos veiculados no século XIX	245
Figura 28	- 2ª ocorrência do uso motivador em textos veiculados no século XIX	246
Figura 29	- Processo de mesclagem relacionado à acepção 'falar com desenvoltura' inspirado na proposta de Ferrari e Pinheiro (2015).	248
Figura 30	- 1ª ocorrência do verbo cortar identificada para a qual emerge o significado ‘falar de alguém’	253
Figura 31	- 2ª ocorrência do verbo cortar identificada para a qual emerge o significado ‘falar de alguém’	254
Figura 32	- 3ª ocorrência do verbo cortar identificada para a qual emerge o significado ‘falar de alguém’	254
Figura 33	- 4ª ocorrência do verbo cortar identificada para a qual emerge o significado ‘falar de alguém’	255
Figura 34	- Rede de construções com o verbo cortar ampliada.....	258

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Exemplos de construções que variam em tamanho e complexidade	92
Quadro 2 - Dimensões das Construções	93
Quadro 3 - Acepções etimológicas do verbo cortar	102
Quadro 4 - Lista de propriedades do Proto-Agente e Proto-Paciente.....	124
Quadro 5 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'separar/dividir'	137
Quadro 6 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'fazer cair ou derrubar/ceifar/podar'	139
Quadro 7 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'fazer incisão / ferir / mutilar / decaptar'	143
Quadro 8 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'Aparar, tirar parte de, reduzir de tamanho'	146
Quadro 9 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'reduzir / tirar alguma coisa de uma soma'	153
Quadro 10 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'suprimir/eliminar'	158
Quadro 11 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'interromper / suspender o fornecimento'	161
Quadro 12 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'dispensar de grupo, cargo ou função'	170
Quadro 13 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'romper relações'	172
Quadro 14 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'percorrer/atravessar'.....	178
Quadro 15 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'atravessar/cobrir uma área territorial'	187

Quadro 16 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'interceptar / dificultar ou impedir o curso'	191
Quadro 17 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'driblar'	197
Quadro 18 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'ultrapassar'	199
Quadro 19 - Dimensões das construções substantivas com cortar	202

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 - Amostras que compõem o *corpus* nas modalidades oral e escrita..... 113
- Tabela 2 - Distribuição do perfil dos entrevistados por sexo, faixa etária e escolaridade 115
- Tabela 3 - Distribuição do perfil dos entrevistados por sexo, faixa etária e escolaridade referente à amostra do Português Falado na Zona Rural de Santa Leopoldina ... 116
- Tabela 4 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção ‘dividir/separar’ nas modalidades oral e escrita. 138
- Tabela 5 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção ‘fazer cair ou derrubar/ceifar/podar’ nas modalidades oral e escrita. 141
- Tabela 6 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção ‘fazer incisão / ferir / mutilar / decaptar’ nas modalidades oral e escrita. 144
- Tabela 7 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção ‘aparar / tirar parte de / reduzir de tamanho’ nas modalidades oral e escrita..... 151
- Tabela 8 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'reduzir / tirar alguma coisa de uma soma' na modalidade escrita. 154
- Tabela 9 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção ‘suprimir/eliminar' nas modalidades escrita e oral. 160
- Tabela 10 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção ‘interromper / suspender o fornecimento' nas modalidades escrita e oral..... 163
- Tabela 11 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção ' dispensar de grupo, cargo ou função' na modalidade escrita..... 171
- Tabela 12 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'romper relações' na modalidade escrita. 173

Tabela 13 - Distribuição do verbo cortar de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'percorrer/atravessar' na modalidade escrita.	180
Tabela 14 - Distribuição do verbo cortar de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'atravessar / cobrir uma área territorial' na modalidade escrita.	188
Tabela 15 - Distribuição do verbo cortar de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'interceptar / dificultar ou impedir o curso' na modalidade escrita.	192
Tabela 16 - Distribuição do verbo cortar de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'driblar' na modalidade escrita.	198
Tabela 17 - Distribuição das ocorrências do verbo cortar por tipo de construção nas modalidades oral e escrita.....	199
Tabela 18 - Total de ocorrências analisadas no <i>corpus</i> com o verbo cortar distribuídas por acepção nas modalidades oral e escrita.	200
Tabela 19 - Distribuição do verbo cortar de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração construção substantiva 'cortar o ponto' na modalidade escrita.....	210
Tabela 20 - Distribuição do verbo cortar de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na construção substantiva 'cortar na carne' na modalidade escrita. ...	220
Tabela 21 - Número de ocorrências do verbo cortar nas construções substantivas identificadas no <i>corpus</i> nas modalidades oral e escrita.	237
Tabela 22 - Resultado sintetizado da aplicação dos critérios elencados para análise das Construções substantivas com cortar	239
Tabela 23 - Total de pontos atribuídos na análise da forma e significado das construções substantivas com cortar	240

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	21
2	LINGUÍSTICA CENTRADA NO USO.....	29
2.1	<i>CHUNKING</i>	34
2.2	ANALOGIA	36
2.3	PROJEÇÕES METAFÓRICAS E METONÍMICAS.....	38
2.4	TEORIA DA MESCLAGEM CONCEPTUAL (<i>BLENDING</i>)	46
2.5	MOVIMENTO FICTIVO	50
3	CATEGORIZAÇÃO	54
3.1	O QUESTIONAMENTO DA VISÃO CLÁSSICA: SEMELHANÇAS DE FAMÍLIA E PROTOTIPIA.....	54
3.2	MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS	58
3.2.1	Categorias Radiais	61
4	A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	69
4.1	A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES DE ADELE GOLDBERG	72
4.1.1	O item verbal e a construção.....	74
5	O VERBO CORTAR.....	102
6	METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	110
6.1	COMPOSIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	110
6.1.1	Português Falado na Cidade de Vitória – PortVix	114
6.1.2	Amostra do Português Falado na Zona Rural de Santa Leopoldina	116

6.1.3	Entrevistas realizadas em Domingos Martins	117
6.1.4	A imprensa capixaba e o jornal A Gazeta	118
6.2	TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	119
7	ANÁLISE DOS DADOS	121
7.1	CONSTRUÇÕES ESQUEMÁTICAS	123
7.1.1	Construção Transitiva de Afetação	132
<i>7.1.1.1</i>	<i>Acepção 'separar/dividir'</i>	<i>136</i>
<i>7.1.1.2</i>	<i>Acepção 'fazer cair ou derrubar / ceifar / podar'</i>	<i>139</i>
<i>7.1.1.3</i>	<i>Acepção 'fazer incisão / ferir/ mutilar / decaptar'</i>	<i>142</i>
<i>7.1.1.4</i>	<i>Acepção 'Afeiçoar a um modelo'</i>	<i>145</i>
<i>7.1.1.5</i>	<i>Acepção 'aparar, tirar parte de, reduzir de tamanho'</i>	<i>146</i>
<i>7.1.1.6</i>	<i>Acepção 'reduzir / tirar alguma coisa de uma soma'</i>	<i>152</i>
<i>7.1.1.7</i>	<i>Acepção 'suprimir/eliminar'</i>	<i>157</i>
<i>7.1.1.8</i>	<i>Acepção 'interromper / suspender o fornecimento'</i>	<i>161</i>
<i>7.1.1.9</i>	<i>Acepção 'impedir o progresso ou efeito / fazer cessar'</i>	<i>164</i>
7.1.2	Construção transitiva de situação	167
<i>7.1.2.1</i>	<i>Acepção 'Dispensar de grupo, cargo ou função'</i>	<i>169</i>
<i>7.1.2.2</i>	<i>Acepção 'romper relações'</i>	<i>172</i>
7.1.3	Construção de Movimento Transitiva	176
7.1.4	Construção de movimento fictivo transitiva	183
7.1.5	Construção de movimento interceptado	189

7.1.6	Construção de afetação por movimento	193
7.2	CONSTRUÇÕES SUBSTANTIVAS COM O VERBO CORTAR.....	202
7.2.1	Cortar (o) ponto	209
7.2.2	Cortar (o) caminho	214
7.2.3	Cortar as asas	217
7.2.4	Cortar na (própria) carne	220
7.2.5	Construção ‘cortar o cordão umbilical’	223
7.2.6	Construção ‘cortar o barato de X’	226
7.2.7	Cortar o mal pela raiz.....	227
7.2.8	Construção ‘cortar o coração’	230
7.2.9	Construção ‘cortar o nó (górdio)’	234
7.3	O USO DO VERBO CORTAR COM O SIGNIFICADO ‘FALAR’	244
8	CONCLUSÃO	263
9	REFERÊNCIAS	268

RESUMO

Estudos linguísticos que versam sobre a predicação verbal costumam adotar uma abordagem centrada no verbo. Acreditamos que a análise verbal baseada no uso, numa abordagem construcional, é extremamente relevante para os estudos da linguagem, concebida neste trabalho como fundamentada em processos cognitivos, socio-interacionais e culturais. Para tanto, buscamos investigar o uso do verbo **cortar** numa abordagem construcional, incluindo, dessa forma, no processo de análise, além das questões de ordem sintáticas e semânticas, fatores de ordem pragmática, assim como processos cognitivos, vinculando-nos ao quadro teórico da Linguística Centrada no Uso, tendo como respaldo os estudos funcionalistas e cognitivistas de Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (2002), Goldberg (1995, 2006), Fauconnier e Turner (2002), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2016), Langacker (1987), Fillmore (1968, 1977, 1982), Chafe (1979), Feltes (2007, 2018) e Ferrari (2016). Buscamos ainda as contribuições de Borba (1991, 1996, 2002), Caçado (2018), entre outros autores. O *corpus* foi composto por dados de uso efetivo da língua, constituído por textos nas modalidades oral e escrita, retirados de entrevistas realizadas nos municípios de Domingos Martins, Vitória e Santa Leopoldina e de textos coletados no jornal A Gazeta, no período compreendido entre janeiro a dezembro de 2017, totalizando 138 ocorrências do verbo **cortar** na modalidade oral e 978 na modalidade escrita. Os dados foram separados em dois grupos, de acordo com as modalidades, analisados qualitativamente e quantificados em termos percentuais. As análises evidenciaram que o verbo **cortar** é instanciado em 02 grupos de construções, um formado por construções esquemáticas, que estão mais próximas do polo gramatical, e outro formado por construções substantivas, que estão mais próximas do polo lexical. Constatamos que os diversos significados que emergem no *corpus* para o verbo **cortar**, não raro atribuídos ao próprio verbo como ocorre de forma geral nos dicionários, são o resultado da combinação da semântica do verbo e da construção. Observamos que algumas acepções ocorrem predominantemente em textos que abordam assuntos específicos, como política, economia e esportes, apontando a influência da ambiência temática no significado que emerge para o verbo, por evocarem eventos e cenas distintos.

PALAVRAS-CHAVE: verbo cortar; gramática de construções; processos cognitivos.

ABSTRACT

Linguistic studies that deal with verbal predication usually take a verb-centered approach. We believe that verbal analysis based on its use, in a constructional approach, is extremely relevant for language studies, conceived in this work as based on cognitive, socio-interactive and cultural processes. Therefore, we aim to investigate the use of the verb **to cut** in a constructional approach, including, in this way, in the analysis process, besides syntactic and semantic matters, pragmatic factors, as well as cognitive processes, that lead to the Use-Centered Linguistics theoretical framework, supported by the functionalist and cognitive studies by Lakoff (1987), Lakoff and Johnson (2002), Goldberg (1995, 2006), Fauconnier and Turner (2002), Traugott and Trousdale (2013), Bybee (2016), Langacker (1987), Fillmore (1968, 1977, 1982), Chafe (1979), Feltes (2007, 2018) and Ferrari (2016). We also work with the contributions of Borba (1991, 1996, 2002), Cançado (2018), among other authors. The corpus is composed by data on effective use of language, constituted of texts in oral and written forms, taken from interviews in Domingos Martins, Vitória and Santa Leopoldina cities and texts collected in A Gazeta newspaper, in the period from January to December 2017, counting 138 occurrences of the verb **to cut** in the oral modality and 978 in the written modality. The data were split in two groups, according to the modalities, analyzed qualitatively and quantified in percentage terms. The analyses showed that the verb **to cut** is instantiated in 02 groups of constructions, one made by schematic constructions, which are closer to the grammatical pole, and another made by substantive constructions, which are closer to the lexical pole. We found that the different meanings that emerge in the corpus for the verb **to cut**, often attributed to the verb itself as it occurs in general in dictionaries, are the result of the verb semantic combination and the construction. We observed that some meanings occur predominantly in texts that address specific subjects, such as politics, economics and sports, pointing out the influence of the thematic ambience on the meaning that emerges for the verb, by evoking different events and scenes.

KEYWORDS: verb to cut; construction grammar; cognitive processes.

1 INTRODUÇÃO

O verbo é comumente definido nas gramáticas e livros didáticos com base ora no critério morfológico, visto que indica tempo, número e pessoa; ora no critério sintático, por estabelecer a concordância com o sujeito e, por fim, ora no semântico, já que codifica ação, estado, mudança de estado ou fenômeno da natureza. De acordo com Pinilla (2018, p. 178), o verbo pode ser definido com base nos critérios funcional, mórfico e semântico, respectivamente, como a palavra que funciona como núcleo de uma expressão ou como termo determinado, formado por morfema lexical (base de significação) e morfemas gramaticais que indicam um processo (ações, estados, passagem de um estado a outro).

Os estudos que versam sobre o funcionamento desse item lexical nas sentenças, em geral, adotam uma abordagem centrada no verbo. Este trabalho investiga o comportamento de um verbo em particular, o verbo **cortar**, adotando uma abordagem construcional. Fomos motivados pela identificação de um uso inabitual desse verbo durante um processo de interação verbal. A constatação desse uso ocorreu durante a realização de entrevistas com descendentes de imigrantes europeus, no município de Domingos Martins, no estado do Espírito Santo, no período de junho a agosto de 2017, cuja finalidade era fornecer subsídios para o levantamento da sócio-história do contato linguístico decorrente do processo de colonização ocorrido na Colônia de Santa Isabel, especificamente em dois núcleos: Santa Isabel, que atualmente é um distrito de Domingos Martins, e Campinho, atual Sede desse mesmo município².

O roteiro utilizado para a realização das entrevistas buscou identificar os fatores de manutenção e substituição linguística do hunsrückisch³, dialeto alemão que, segundo Raasch (2010), predominou na região no período de colonização. Por isso, era de extrema relevância

²Para mais informações sobre o trabalho de natureza sociolinguística, ver Christ, Peres e Rocha (2019).

³ De acordo com Kuster-Cid e Kuster Cid (2018, p. 11), a língua Hunsrik também é conhecida como "Hunspúkel" e ainda como "hunsrückisch" ou "hunsriquiano" no meio acadêmico.

identificar: i) se os pais ou avós dos entrevistados falavam outras línguas além do português; ii) se essas línguas foram transmitidas entre as gerações, e, em caso negativo, quais motivos teriam contribuído para tal fato.

Especificamente nessa parte da entrevista, o verbo **cortar** foi utilizado por 03 (três) entrevistados numa acepção que até então era para nós desconhecida, "falar/comunicar-se", como pode ser observado no trecho transcrito a seguir de uma das entrevistas.

Informante 1: É porque na verdade... é.. quem falava só o alemão lá em casa....ele ...não é que ele não falava o português, mas ele tinha muita dificuldade... né, I. (referindo-se ao outro entrevistado).

Informante 2: Eu nem entendia às vezes.....

Informante 1: e isso, tá... isso causava constrangimento, né....porque riam, né.... e foi por isso que a gente foi perdendo o...hoje em dia eu tenho vontade de fazer.... voltar a fazer aula de alemão porque eu acho que eu não ia ter dificuldade mais em aprender.

Informante 2: Isso foi lá em Marechal, porque em São Bento, no interior, não..., quando chegava alguém que falava em alemão, cortava em alemão, quando chegava alguém que cortava em português, cortava em português e num tinha esse negócio de ter vergonha de...

[...] (Excerto retirado do *corpus* de Domingos Martins, célula 6, grifo nosso).

O desconhecimento desse uso não nos impediu de compreender o que o falante quis dizer nas sentenças grifadas, porque o contexto orienta a construção dos sentidos do texto. Todavia, nos levou a refletir sobre nossa capacidade de produzir e compreender enunciados nos quais emergem acepções para determinados itens lexicais que se afastam do seu sentido mais básico, como o verbo **cortar** com o significado de 'falar, comunicar-se'.

Buscamos registros desse uso do verbo **cortar** em dicionários, em gramáticas tradicionais e em obras de autores linguistas, mas não o identificamos nos trabalhos nos quais pesquisamos, porém, percebemos nesse processo seu potencial de produtividade. O dicionário *Michaelis online*, por exemplo, apresenta 34 acepções e 8 expressões para o verbo **cortar**, um número considerável se comparado a outros verbos que licenciam a Construção de Ação Rotineira⁴ no português brasileiro, como "comprar", "buscar", "alugar" e "cozinhar". Tais fatores reforçaram a intenção de nos debruçarmos sobre a análise desse item lexical.

⁴ Ferreira (2009).

Nosso desconhecimento do uso do verbo **cortar** com o significado de ‘falar/comunicar-se’ e a ausência de tal registro nas obras pesquisadas levaram-nos a supor que se tratava de um novo uso para o verbo, restrito à região em que as entrevistas foram realizadas. Outra hipótese levantada era que esse uso tivesse recebido influência do hunsrückisch, língua que predominou na região no processo de migração e que ainda é falada por alguns moradores.

Todavia, o presente trabalho não se restringe à análise do uso do verbo **cortar** com o significado de ‘falar/comunicar-se’, nosso objetivo geral é analisar o verbo **cortar** em suas diversas realizações, numa abordagem construcional, embasados na concepção de que a linguagem é baseada em processos cognitivos, socio-interacionais e culturais.

Para alcançar esse objetivo mais geral, temos como objetivos específicos: i) identificar e analisar sentenças com o verbo **cortar** em um *corpus* da língua em uso, composto por textos orais e escritos, publicados e/ou veiculados preferencialmente no estado do Espírito Santo; (ii) observar o comportamento desse verbo e as dimensões sintático, semântica e pragmática envolvidas no seu uso; (iii) refletir sobre os processos cognitivos envolvidos que podem nos ajudar a entender melhor nossa capacidade de produzir e compreender novos enunciados, e, dessa forma, contribuir com os estudos que se voltam para a língua em uso.

Identificamos poucos estudos que abordam especificamente o verbo **cortar**, como os de: i) Pacheco e Laporte (2013), estudo descritivo que se volta para o processamento automático de linguagem natural, realizado a partir da metodologia léxico-gramática e; ii) Cançado (2010), que compara alternâncias verbais no português brasileiro, com foco na semântica lexical. Propomo-nos a analisar o verbo **cortar** em abordagem distinta das realizadas por esses autores, justificando dessa forma a presente tese.

Este trabalho se vincula ao quadro teórico-metodológico da Linguística Centrada no Uso, tendo como respaldo os estudos funcionalistas e cognitivistas de Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (2002), Goldberg (1995, 2006), Fauconnier e Turner (2002), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2016), Langacker (1987), Fillmore (1968, 1977, 1982), Chafe (1979), Feltes (2007, 2018) e Ferrari (2016). Buscamos ainda as contribuições de Borba (1991, 1996, 2002), Cançado (2018), entre outros autores.

Assumimos a perspectiva da Linguística Cognitiva de que a construção do significado é orientada pelo contexto, rejeitando a distinção dicotômica entre semântica e pragmática (LANGACKER, 1987). Como salienta Ferrari (2016, p. 20, grifos da autora), nessa perspectiva, "[...] os itens lexicais não funcionam como 'pacotes' que armazenam o significado, mas atuam como **pontos de acesso** para sistemas de conhecimento". Sendo assim, o significado que emerge no texto em sentenças formadas com o verbo **cortar** não pode ser atribuído exclusivamente a esse item lexical.

Dessa forma, faz-se necessário reconhecer alguns processos de compreensão da linguagem, que é considerada um processo cognitivo de alto nível. Duque (2018a) salienta que pesquisas cognitivas tornam evidente que a compreensão é baseada em processos cognitivos de nível mais baixo, como sensoriamento e atuação e que, no processo de compreensão, realizamos simulações mentais guiadas pela gramática. A esse respeito, Duque (2018a, p. 93) argumenta que

[...] a gramática direciona a perspectiva a ser adotada durante a realização de uma simulação mental. Nos últimos anos, houve uma ampliação da pesquisa sobre simulação mental no processo de compreensão da linguagem. Com isso, vem sendo cada vez mais aceito que as pessoas constroem, inconscientemente, muitas imagens mentais perceptuais e motoras dos conteúdos dos enunciados. As palavras até contribuem, mas é a construção gramatical que reúne e orienta a simulação.

No quadro teórico ao qual se vincula nossa pesquisa, a unidade de análise que abarca todos os níveis gramaticais é a Construção, definida como “pareamento de forma e significado” [conf. Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013)]. As construções são padrões abstratos que variam em esquematicidade e complexidade, abarcando desde morfemas e palavras, passando por estruturas frasais até chegar a padrões mais complexos, como a Construção Passiva. De acordo com Bybee (2016), grande parte das construções é parcialmente esquemática, ou seja, elas possuem posições pré-definidas, os *slots*, que são preenchidos no uso efetivo da língua, no *construto*.

Embora as construções abarquem todos os níveis de análise gramatical, Goldberg (1995) demonstrou que algumas construções estão relacionadas diretamente a estruturas semânticas que refletem cenas básicas da experiência humana, as construções de estrutura argumental,

como, por exemplo, a Construção de Movimento Causado, cujo significado é descrito como X CAUSA Y MOVER Z. Essa construção licencia sentenças como "Ana levou o carro para o conserto", "Larissa chutou o balde", "Amanda empurrou o armário para a sala" e "Débora arrastava a mochila pesada pelo pátio".

Como podemos observar, as construções possuem um significado que independe do verbo. Nesse caso específico, a semântica da construção é causar movimento e os significados específicos que emergem nas sentenças são o resultado da contribuição da semântica da construção e da semântica dos verbos que as instanciam.

Nosso ponto de partida na análise do verbo **cortar** são os trabalhos de Borba (1991, 1996, 2002). Com base em Tesnière (1965), entre outros autores, Borba (1996) propõe uma gramática de valências para o português e observa que as possibilidades polissêmicas atribuídas aos verbos são relacionadas à diversidade de usos e organização dos itens nas estruturas linguísticas reais, comprovando que a matriz valencial e a natureza dos argumentos influenciam diretamente no significado que emerge do verbo em determinados enunciados.

Borba (1991, 2002) registra que o verbo **cortar** pode ocorrer em estruturas oracionais de ação-processo, ação e estado. Além disso, o autor correlaciona a natureza dos argumentos às acepções atribuídas ao verbo. Borba (1996) reconhece que processos metafóricos e metonímicos proporcionam aos verbos minimamente uma possibilidade a mais de interpretação, porém, esses processos não são explorados pelo autor.

Os trabalhos de Borba (1991, 1996, 2002) são de fundamental importância para os estudiosos da língua e, sem dúvida, são cruciais para esta tese. No entanto, embora Borba (1996) estabeleça a relação entre a sintaxe e a semântica, ele reconhece dois níveis de análise, uma estrutura profunda e uma estrutura superficial, o que vai de encontro ao postulado na Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006) assumida por nós. Além disso, em tal abordagem, o foco de atenção volta-se para o verbo e seus argumentos.

Goldberg (2006, p. 10) defende um único nível de análise, a superfície, adotando uma abordagem para a forma sintática em que "o que você vê é o que você entende"⁵. Para a autora, a interpretação global de uma expressão só é obtida a partir da integração do esquema do significado do verbo e da construção, assim como o contexto pragmático em que a expressão é proferida. Como veremos no capítulo sobre construções, esse "esquema de significado" envolve o conhecimento estruturado que os falantes têm sobre o mundo em que vivem. Dessa forma, o foco é deslocado para todo o entorno e o verbo não é o único foco de atenção.

Com base no referencial teórico assumido, buscamos responder a seguinte questão: que outros fatores podem ajudar a compreender os diversos significados que emergem para o verbo **cortar**, além daqueles apontados por Borba (1991, 1996, 2002), ou seja, a correlação entre as estruturas oracionais e a natureza dos argumentos? Nossa hipótese é que significados que se afastam do sentido básico desse verbo, evocado por seu *frame* semântico, possam ser atribuídos diretamente à semântica da construção na qual é instanciado, assim como pela atuação de processos cognitivos, como as projeções metafóricas. No excerto a seguir, podemos observar, por exemplo, o recrutamento do verbo **cortar** na Construção de Movimento Transitiva, no qual emerge para esse verbo o significado 'atravessar'.

EMPADAS SÃO IMPORTANTES

[...] É que ele e sua esposa, Lucilene Correa, vendem o salgado há aproximadamente cinco meses e parte do dinheiro arrecadado vai ajudar na concretização do desafio de cortar o Estado de Norte a Sul. (A Gazeta, 04/03/2017 - Esportes, p. 36, grifo nosso).

Nosso *corpus* de análise foi composto por textos orais retirados de entrevistas realizadas nos municípios de Domingos Martins, Vitória e Santa Leopoldina, num total de 138 ocorrências, e textos escritos coletados do jornal A Gazeta, no período compreendido entre janeiro de 2017 e dezembro de 2017, totalizando 978 ocorrências.

Esses dados foram analisados e quantificados em termos percentuais, em cada uma das modalidades. Elencamos como fatores de análise: o significado que emerge na construção

⁵ "what you see is what you get". Destacamos que todas as traduções constantes no presente trabalho são de nossa responsabilidade.

para o verbo **cortar**, o tipo de padrão construcional no qual o verbo ocorre, o tipo sintático da oração na qual o verbo ocorre, forma, voz, modo e tempo verbal. Além disso, buscamos observar a natureza dos sintagmas nominais associados com o papel de sujeito e objeto direto, assim como os temas focalizados nos textos. O programa utilizado para o tratamento e quantificação dos dados foi o *Microsoft excel 2010*. Cabe ressaltar que no processo de análise, buscamos observar também a influência de fatores pragmáticos.

Dividimos o referencial teórico em capítulos por uma questão de organização. No capítulo 2, falamos sobre a Linguística Centrada no Uso, recorrendo em alguns momentos a outras teorias que se mostram relevantes, e apresentamos os conceitos de língua e gramática assumidos. Discorremos ainda sobre os processos que contribuem com a análise do *corpus*, como *chunking*, analogia, projeções metafóricas e metonímicas, *blending* e movimento fictivo.

No capítulo 3, falamos sobre o processo cognitivo de categorização, mencionando o questionamento da visão aristotélica que levou Wittgenstein (1996)⁶ a defender a concepção da linguagem como um jogo e Rosch (1975) a desenvolver a teoria dos protótipos. Nesse capítulo, também incluímos considerações sobre os modelos cognitivos idealizados e a natureza das categorias cognitivas (LAKOFF, 1987).

O conjunto de abordagens designado pelo termo Gramática de Construções é apresentado no capítulo 4, onde nos debruçamos sobre a Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006), abordando a questão do significado do verbo e da construção e o processo de integração. Dedicamos o capítulo 5 para a apresentação do verbo **cortar**, seu *frame* semântico, origem e acepções identificadas nos dicionários.

No capítulo 6, discorremos sobre a metodologia e a caracterização do *corpus* e, no capítulo 7, procedemos à análise dos dados. Finalizando, apresentamos nossas conclusões, no capítulo 8,

⁶ data da publicação da obra consultada. A obra original, *Investigações Filosóficas*, foi publicada pela primeira vez na década de 50.

e as referências no capítulo 9. Em seguida disponibilizamos os apêndices e anexos mencionados durante a pesquisa.

2 LINGUÍSTICA CENTRADA NO USO

A Linguística Centrada no Uso⁷, doravante LCU, de acordo com Rosário e Oliveira (2016), representa o estágio atual da pesquisa funcionalista de vertente Norte-Americana reorientada pela interface com a Linguística Cognitiva. Embora tenham suas particularidades, elas compartilham alguns pressupostos teórico-metodológicos, dentre os quais a concepção de que a gramática é influenciada por fatores estruturais, cognitivos e sociocomunicativos.

Segundo essa abordagem, a estrutura da língua não é dada *a priori*, mas emerge à medida em que é usada pelos falantes (BYBEE, 2016). Destacam-se nessa nova tendência a defesa da observação dos processos cognitivos gerais nas análises linguísticas e a incorporação da Gramática de Construções. A seguir, apresentamos brevemente as duas correntes teóricas que compõem a LCU.

Conforme destaca Furtado da Cunha (2010, p. 163), para o funcionalismo, sintaxe e discurso estão mutuamente imbricados, pois "a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva". Uma vez que o funcionalismo privilegia as constantes transformações que ocorrem na língua em função dos usos que os falantes fazem dela em sociedade, ele opõe-se categoricamente ao formalismo que privilegia uma análise intrínseca do fenômeno linguístico (PAVEAU; SARFATI, 2006).

Feltes (2018, p. 12), citando Lakoff e Johnson (1999), informa que a Linguística Cognitiva “[...] é a ciência da mente e do cérebro [...] que faz uso das descobertas da segunda geração⁸ das Ciências Cognitivas para ‘explicar tanto quanto possível a linguagem’”. A autora nos diz que a Linguística Cognitiva não se configura como um campo de investigação homogêneo,

⁷ O termo também é utilizado como Linguística Funcional Centrada no Uso ou Linguística Cognitivo-Funcional (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

⁸ Feltes (2018) esclarece que a primeira geração é considerada a ciência da mente computacional enquanto a segunda diz respeito à mente corporificada.

mas destaca, mencionando Dirven, Langacker e Taylor (1999), que as diversas teorias e escolas que compõem essa área compartilham a perspectiva de que “a linguagem é uma faceta integral da cognição que reflete a interação de fatores sociais, culturais, psicológicos, comunicacionais e funcionais” (FELTES, 2018, p. 13).

De acordo com Croft e Cruse (2004), a Linguística Cognitiva desenvolve-se a partir de três hipóteses, que representam uma resposta de estudiosos pioneiros em cognição linguística às abordagens dominantes da semântica e sintaxe da época, de caráter mais formal, entre elas a gramática gerativa.

A primeira hipótese, “a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma”⁹ (CROFT, CRUSE, 2004, p.1), confronta a ideia chomskyana de que a linguagem constitui um módulo inato e separado de outras capacidades cognitivas. Uma vez que a Linguística Cognitiva considera a linguagem como parte integrante da cognição humana, a observação de processos cognitivos gerais, como categorização, conceptualização, mapeamento conceptual e analogia, entre outros, torna-se imprescindível para o entendimento do conhecimento linguístico.

De acordo com Croft e Cruse (2004, p. 3), a segunda hipótese, “a gramática é conceptualização”¹⁰ incorpora o *slogan* de Langacker e “se refere a uma hipótese específica sobre a estrutura conceptual, isto é, a estrutura conceptual não pode ser reduzida a uma simples correspondência condicional da verdade com o mundo”.¹¹ O significado deixa de ser visto como uma “coisa” e passa a ser considerado uma construção que deriva da atuação das experiências concretas dos usuários da linguagem (LAKOFF, 1987). Para dar conta do estudo do significado nessa perspectiva, fazem parte da agenda de estudos da Linguística Cognitiva, entre outros, a semântica de *frames* de Fillmore (1982), os modelos cognitivos idealizados de Lakoff (1987) e a mesclagem conceptual de Fauconnier e Turner (1996, 2002).

⁹ Language is not an autonomous cognitive faculty.

¹⁰ Grammar is conceptualization.

¹¹ This slogan refers to a more specific hypothesis about conceptual structure, namely that conceptual structure cannot be reduced to a simple truth-conditional correspondence with the world.

A terceira hipótese, “o conhecimento da linguagem emerge do uso da linguagem”¹², de acordo com Croft e Cruse (2004, p. 3-4), propõe que “categorias e estruturas em semântica, sintaxe, morfologia e fonologia são construídas a partir da nossa cognição de enunciados específicos em ocasiões concretas de uso”¹³. Os autores salientam que essa hipótese surge como resposta a abordagens da sintaxe e da semântica que preveem que esquemas e categorias altamente gerais e abstratas governam a organização do conhecimento e colocam em segundo plano padrões aparentemente idiossincráticos. Os linguistas cognitivos, por sua vez, defendem que a análise detalhada de sutis variações no comportamento sintático e na interpretação semântica dão origem a um modelo de representação gramatical capaz de acomodar os dois padrões. É essa hipótese que, segundo Croft e Cruse (2004), origina diretamente a gramática de construções.

Antes de prosseguirmos, convém esclarecer o conceito de "cognição" para a LCU. De acordo com Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 18), trata-se "do processo neurorracional de construção do conhecimento humano a partir da interação do organismo com o meio". Abreu (2010, p. 9) salienta que numa visão atual, "a cognição humana engloba a linguagem, a memória, o raciocínio lógico, as emoções e a motivação", ou seja, a cognição diz respeito a nossa capacidade de interagir com o mundo no qual vivemos.

A LCU defende a necessidade da incorporação da semântica e da pragmática às análises linguísticas, rejeitando a autonomia da sintaxe proposta por algumas correntes formalistas, assim como propõe um *continuum* entre léxico e gramática. Dessa forma, a Construção¹⁴, definida grosso modo como "pareamento de forma e significado" [conforme Lakoff (1987), Fillmore, Kay e O'Connor (1988), Goldberg (1995,2006), Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2016)] é assumida como unidade de análise gramatical, o que requer uma concepção mais abrangente de língua e gramática.

¹² knowledge of language emerges from language use.

¹³The third major hypothesis of the cognitive linguistic approach is that knowledge of language emerges from language use. That is, categories and structures in semantics, syntax, morphology and phonology are built up from our cognition of specific utterances on specific occasions of use.

¹⁴ Dada a importância da construção para nosso trabalho, dedicamos um capítulo ao assunto.

Apresentamos a seguir a concepção de alguns autores sobre língua e gramática, conceitos basilares para qualquer investigação linguística, que se coadunam com a abordagem teórica adotada na presente pesquisa.

Para Hopper (1987), a língua é um sistema adaptativo complexo, visão compartilhada por Bybee (2016, p. 25) que nos diz tratar-se de "uma estrutura mental que está em constante uso e é filtrada pelas atividades de processamento que a modificam", capaz de acomodar variação e gradiência com padrões de regularidade. Subjacente a essa visão de língua, a gramática é concebida como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua. Dessa forma, a linguagem é fundamentada em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais.

A ideia de uma gramática baseada no uso surge a partir dos estudos sobre as mudanças linguísticas, mais precisamente sobre a gramaticalização, que designa um processo pelo qual itens e construções sintáticas assumem novas funções gramaticais em determinados contextos, sendo o processo mais difundido de criação de itens e estruturas, segundo Bybee (2016, p.169).

Traugott e Trousdale (2013, p. 95), que se voltam para uma abordagem construcional da mudança linguística, nos dizem que, em termos construcionais, a gramática "refere-se ao sistema de conhecimento linguístico hipotético e inclui não só morfossintaxe, semântica e fonologia, mas também pragmática e funções discursivas."¹⁵.

Os autores também assumem que a língua, assim como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós que se interconectam. Dessa forma, a língua é vista como uma rede de construções, em que cada construção (nó) estabelece relações de conexão com outros nós da rede.

As concepções de língua e gramática apresentadas, apesar de suas particularidades, podem ser vistas como complementares. Embora não estejamos trabalhando com mudança linguística, sendo o foco do trabalho a análise sincrônica, como a abordagem construcional é de extrema relevância para nossas análises, assumimos as concepções de língua e gramática de Traugott e

¹⁵ As conceptualized in constructional terms, 'grammar' refers to the hypothesized linguistic knowledge system and includes not only morphosyntax, semantics, and phonology but also pragmatics, and discourse functions.

Trousdale (2013), o que não implica desconsiderar os aspectos cognitivos envolvidos, como veremos adiante. Definidas as concepções de língua e gramática, apresentamos a seguir as concepções de texto e discurso adotadas.

De acordo com Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 19), a LCU compreende o discurso como "a construção e a troca intersubjetiva de sentido(s), incluindo as estratégias sociopragmaticamente orientadas de sua configuração", ou seja, o uso concreto da linguagem que exige a produção e compreensão de enunciados em situações de interação verbal. Já o texto é considerado na LCU "o *locus* da organização e manifestação empírica do discurso, atualizado na/pela linguagem, constituindo-se um todo significativo".

Nessa abordagem, destacam-se a necessidade de se trabalhar com dados linguísticos produzidos em situações reais de uso, a importância da observação da frequência, a avaliação da influência das motivações funcionais, assim como de fatores de natureza cognitiva e pragmático-discursiva sobre os dados em análise.

Entre os processos, princípios e categorias linguísticas de que a LCU se vale para dar conta tanto dos aspectos internos como externos ao sistema linguístico, estão iconicidade, marcação e contrastividade, informatividade e perspectivação, categorização e prototipia, plano discursivo e saliência perceptual, encadeamento (*chunking*) e analogia e projeções metafóricas e metonímicas. No presente trabalho, iremos discorrer apenas sobre os que contribuem diretamente para a compreensão e análise do *corpus*, recorrendo em alguns momentos a outras teorias que se mostram relevantes. Assim como a categorização, que será apresentada no capítulo 3, a Gramática de Construções será abordada em capítulo separado, no capítulo 4.

Parece-nos oportuno esclarecer que a explanação que apresentamos nesta pesquisa, nos capítulos 2, 3 e 4, não tem por objetivo esgotar o assunto sobre os princípios e processos abordados, tampouco pretende realizar um apanhado geral sobre os mesmos, mas auxiliar a compreensão do modo como construímos o significado de itens lexicais na linguagem, como o verbo **cortar**.

Nas próximas seções, discorreremos sobre o *chunking*, a analogia, as projeções metafóricas e metonímicas, a teoria da mesclagem conceptual e o movimento fictivo.

2.1 *CHUNKING*

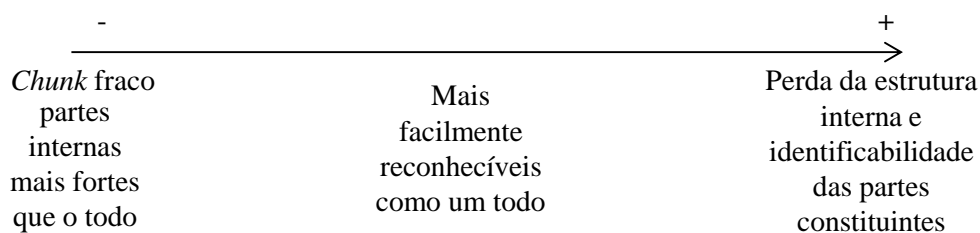
Chunking é um resultado da alta frequência de uma relação sequencial desenvolvida a partir da utilização frequente de duas ou mais palavras. De acordo com Bybee (2016, p. 64), “[...] A base cognitiva subjacente para a morfossintaxe e sua organização hierárquica é o *chunking* de experiências sequenciais, o qual se dá com a repetição [...]”. Esse processo influencia os demais processos cognitivos embasado na organização geral da memória.

Podemos considerar que *chunk* representa as construções/unidades linguísticas armazenadas na memória e *chunking* é o processo que permite tal representação. A esse respeito, Bybee (2016, p. 64-65), citando Newell (1990), nos diz que:

um *chunk* é uma unidade da organização da memória, criado pela união de um conjunto de *chunks* já formados na memória e fundidos em uma unidade maior. *Chunking* implica a capacidade de construir tais estruturas recursivamente, levando, assim, a uma organização hierárquica da memória. *Chunking* parece ser uma propriedade onipresente da memória humana.

O *Chunking* é acionado pela repetição e seu acionamento contribui tanto para a compreensão quanto para a produção, ou seja, se for utilizado de forma frequente será mais facilmente produzido e compreendido. Além disso, é o processo que possibilita a formação e o uso de sequências de palavras pré-fabricadas ou formulaicas, como "cortar um dobrado", "de vento em polpa", "dar nó em pingo d'água", entre outras.

Em relação à organização cognitiva, o *chunk*, unidade de organização da memória, é distribuído num *continuum*, conforme figura 1.

Figura 1 - Organização cognitiva do *chunk*

Fonte: a autora.

No polo mais extremo de alta frequência do *continuum* estariam, por exemplo, sintagmas em processo de gramaticalização. De acordo com Bybee (2016), dentro de *chunks*, há graus variados de coesão ou constituência que vão depender da frequência com que ocorrem as cadeias das unidades. A interação de *chunking* com categorização está na origem das construções e fornece a sequências convencionais graus variados de analisabilidade e composicionalidade semântica, que segundo Bybee (2016, p. 80) são medidas gradientes e independentes. Em relação a essas medidas, Langacker (1987, p. 448) afirma que

Analisabilidade diz respeito à capacidade dos falantes reconhecerem a contribuição que cada estrutura componente faz para o todo composto; a questão da analisabilidade, portanto, surge principalmente no nível das expressões compostas individuais. A composicionalidade, por outro lado, pertence à regularidade das relações composicionais, ou seja, o grau em que o valor do todo é previsível a partir dos valores de suas partes¹⁶.

Corroborando a concepção de uma gramática que emerge e é afetada pelo uso, Bybee (2016) defende que a analisabilidade e a composicionalidade são afetadas pelo uso e pela frequência e, dessa forma, sequências utilizadas frequentemente são fortalecidas enquanto unidade, mas perdem em associação de suas partes componentes.

Em casos extremos de alta frequência, sequências podem adquirir autonomia, isto é, a perda de analisabilidade e/ou composicionalidade. Esse fenômeno ocorreria em função de três mecanismos que podem atuar de forma isolada ou simultânea: “[...] acesso direto repetido às

¹⁶Analyzability pertains to the ability of speakers to recognize the contribution that each component structure makes to the composite whole; the question of analyzability thus arises primarily at the level of individual composite expressions. Compositinality, on the other hand, pertains to the regularity of compositional relationships, i.e. the degree to which the value of the whole is predictable from the values of its parts.

sequências complexas, redução fonética e associações pragmáticas que surgem nos contextos de uso” (BYBEE, 2016, p. 85).

De acordo com Bybee (2016), outro processo que pode ser associado à origem de novas construções é o da analogia, sobre o qual falamos a seguir.

2.2 ANALOGIA

“Analogia é o processo pelo qual novos enunciados são criados com base em enunciados de experiências prévias [...]” (BYBEE, 2016, p. 27). Para a autora, esse processo é a base para a criatividade linguística. Ela destaca que a probabilidade de novos usos para construções já existentes, assim como sua aceitabilidade, são processos gradientes que tem como base a semelhança entre as construções.

Com base em estudos de *corpora*, Bybee (2016, p. 108) argumenta que “[...] os sintagmas mais frequentes, convencionalizados, servem de base analógica para a formação de novos sintagmas [...]”, sugerindo que a categorização ocorre com base em semelhanças de significados. Conforme dito anteriormente, o processo de categorização relaciona-se com os demais processos de domínio geral e, com a analogia não é diferente, pois “[...] as partes de ocorrências anteriormente produzidas podem ser segmentadas em unidades que são alinhadas e categorizadas antes que novos enunciados possam ser formados com elas” (BYBEE, 2016, p. 27).

Bybee (2016) apresenta estudos sobre a linguagem infantil que demonstraram uma forte relação entre o processo de analogia e a aquisição da linguagem. Nesse caso, a criação de novos enunciados a partir de material já existente, com os quais a criança já teve contato, ocorreria a partir dos processos de justaposição (concatenação linear de duas unidades) e superimposição (o preenchimento de uma posição esquemática numa nova construção por uma unidade distinta da construção original).

Os processos de justaposição e superimposição também estão disponíveis para os adultos nos processos de analogia. Bybee (2016, p. 122) salienta também que a analogia sempre foi mencionada como um tipo de mudança linguística histórica e que não podemos separá-la do processo cognitivo analógico, uma vez que “[...] A mudança linguística acontece à medida que as pessoas usam a língua, e todos os mecanismos de mudança devem ser baseados em mecanismos de processamento [...]”.

Segundo Bybee (2016), a visão da analogia como um mecanismo de processamento permite o exame da interação entre padrões específicos e gerais da língua e a compreensão de que exceções fazem parte da mudança analógica, uma vez que

[...] Se a analogia, e não as regras simbólicas, é postulada para padrões gerais, exceções de várias origens são esperadas, porque, por exemplo, itens particulares de alta frequência podem resistir à mudança analógica, ou padrões em competição podem resistir à mudança analógica, ou padrões em competição podem surgir de instâncias específicas [...] Em vez de tentar tornar as exceções regulares (mudando sua estrutura subjacente), poderíamos dar uma olhada no que as exceções estão nos dizendo sobre a generalização (BYBEE, 2016, p. 123).

Diante da discussão apresentada, percebemos que a analogia refere-se a padrões de construções específicas armazenados. Todavia, Bybee (2016, p. 125) destaca que enquanto mecanismo de processamento e mudança, a relação entre analogia e frequência de uso não ocorre como nos outros processos, pois “[...] formas de alta frequência são menos propensas a sofrer mudança analógica do que itens de baixa frequência [...]” A seguir, falamos sobre as projeções metafóricas e metonímicas que também podemos associar à criatividade linguística.

2.3 PROJEÇÕES METAFÓRICAS E METONÍMICAS

A metáfora era considerada apenas como uma figura de linguagem, extremamente produtiva na linguagem literária e publicitária. De acordo com Lakoff e Johnson (2002), a predominância dessa visão na cultura ocidental ocorreu graças ao que eles denominam "mito do objetivismo", que parte do pressuposto de que podemos ter acesso a verdades absolutas e incondicionais sobre o mundo.

Lakoff e Johnson (2002, p. 48) constataram que a metáfora está entranhada em nosso cotidiano, não apenas na linguagem, mas na forma como pensamos e agimos, cuja essência é "compreender e experienciar uma coisa em termos de outra". É a partir da obra basilar dos autores, *Metaphors we live by*, publicada na década de 80, que a concepção de metáfora como processo cognitivo se difunde, abalando dicotomias como linguagem literária *versus* cotidiana, assim como a oposição corpo *versus* mente.

A tese central do livro é que nossos conceitos abstratos são, em grande parte, metafóricos. Isso porque, segundo Lakoff e Johnson (2002), em geral, conceptualizamos experiências não físicas em termos de experiências físicas. São as experiências concretas que temos que fornecem as bases para construir conceitos extremamente abstratos e elaborados como o de discussão. Eles observam, a partir da linguagem, que em nossa cultura ocidental nosso conceito de discussão é estruturado a partir da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA¹⁷ (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 48, destaque dos autores).

Segundo Lakoff e Johnson (2002), a metáfora ao mesmo tempo em que realça certos traços elimina outros, por isso, embora discussão e guerra sejam totalmente distintas, assim como as ações realizadas em cada um dos eventos, "DISCUSSÃO é parcialmente estruturada,

¹⁷ Neste capítulo estamos mantendo em caixa alta as palavras que se referem às metáforas conceptuais e aos conceitos abstratos e metonímicos, em observância ao registrado em Lakoff e Johnson (2002).

compreendida, realizada e tratada em termos de GUERRA” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 48, destaque dos autores).

Isso explica porque utilizamos termos relacionados à batalha, como "defender um argumento", "atacar um ponto de vista", "destruir um ponto de vista", entre outros. No entanto, ela não se reflete apenas na linguagem, mas na forma como pensamos e agimos. Em nossa cultura, uma discussão sempre envolve um ganhador e um perdedor, uma disputa, o que não ocorreria, por exemplo, em uma cultura em que a discussão fosse estruturada em outros termos (LAKOFF, JOHNSON, 2002, p. 47).

Assim como em DISCUSSÃO É GUERRA, TEMPO É DINHEIRO é um exemplo de metáfora estruturante. Segundo os autores, essa metáfora faz parte de um único sistema juntamente com TEMPO É UM RECURSO LIMITADO e TEMPO É UM BEM VALIOSO, sendo que uma implica a outra, embora possam refletir-se na linguagem em termos específicos a dinheiro, recurso e bem. Esse sistema teria surgido em nossa cultura ocidental moderna associado ao conceito de trabalho, que é quantificado e remunerado por hora, o que nos levou a compreender e conceber o tempo como um bem de valor. Tal concepção não está refletida simplesmente em nossa linguagem, mas no modo como algumas taxas e cobranças de serviço são estruturadas (LAKOFF, JOHNSON, 2002, p.51, destaque dos autores).

Lakoff e Johnson (2002, p. 51) observam que essa estruturação do conceito de tempo levou-nos a compreendê-lo e experienciá-lo "como algo que pode ser gasto, desperdiçado, orçado, bem ou mal investido, poupado ou liquidado" e destacam não se tratar de uma necessidade universal ou intrínseca ao ser humano, mas que diz respeito a determinadas culturas.

Todavia os autores salientam que o conceito é apenas parcialmente estruturado, o que significa que tempo não é realmente dinheiro. Além disso, ao mesmo tempo em que as metáforas realçam alguns aspectos de determinado conceito, elas encobrem outros, como no

caso da metáfora do CONDUTO¹⁸, proposta por Reddy (1979), que exclui o papel do contexto na comunicação, e, dessa forma, não pode ser aplicada a todos os casos de forma geral.

Um único conceito, como o AMOR, pode ser estruturado por aspectos distintos em diferentes metáforas. Lakoff e Johnson (2002, p. 113-115, destaques dos autores) apresentam as seguintes metáforas relacionadas ao amor: AMOR É UM PACIENTE, AMOR É GUERRA, AMOR É FORÇA FÍSICA e AMOR É LOUCURA. O sentido que a metáfora tem para cada indivíduo dependerá tanto de suas experiências anteriores como de fatores culturais. Dessa forma, não podemos dizer que uma mesma metáfora faça sentido para toda e qualquer pessoa.

Além das metáforas estruturantes, Lakoff e Johnson (2002) apresentam as metáforas orientacionais, aquelas que organizam um sistema de conceitos em relação a um outro. Elas fornecem orientações espaciais que surgem da relação que temos com o funcionamento de nossos corpos no ambiente em que vivemos. São exemplos de metáforas orientacionais FELIZ É PARA CIMA (Ana está de alto astral hoje), TRISTE É PARA BAIXO (ando tão pra baixo ultimamente), MAIS É PARA CIMA, MENOS É PARA BAIXO, entre outras (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 60, destaques dos autores).

As metáforas ontológicas, por sua vez, dizem respeito a nossa compreensão das experiências que temos em termos de objetos e substâncias. Elas surgem principalmente da nossa experiência corporal com objetos físicos e vão ao encontro da nossa necessidade de impor limites artificiais a fenômenos não claramente delimitados. De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 76), as metáforas ontológicas são "formas de conceber eventos, atividades, emoções, ideias etc. como entidades e substâncias". Um dos exemplos fornecidos é a nossa relação com o aumento de preços concebido na entidade inflação. Segundo os autores, ao concebê-la dessa forma, somos capazes de lidar de forma mais racional com a experiência, uma vez que

¹⁸ Como veremos no capítulo 3, trata-se de uma metáfora para comunicação que "mapeia nosso conhecimento sobre o transporte de objetos em contêineres para uma compreensão da comunicação como transmitir ideias em palavras" (LAKOFF, 1987, p. 114).

podemos nos referir a ela, quantificá-la, apontá-la como causa e realizar ações em relação à mesma.

Os autores destacam que muitas metáforas orientacionais e ontológicas não são percebidas como metáfora, parecendo naturais para a maioria das pessoas. Por isso, somos capazes de considerar expressões como a que intitula um artigo veiculado na internet "O que é melhor: reprimir seus sentimentos ou explodir de raiva?"¹⁹ como falsas ou verdadeiras, mesmo sabendo que não podemos nos fragmentar em diversos pedaços. Segundo os autores, expressões como essas refletem a metáfora MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO (LAKOFF, JOHNSON, 2002, p. 80, destaque dos autores).

Outro tipo de metáfora apresentada são as metáforas de recipientes. De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 81), o fato de sermos seres físicos claramente delimitados leva-nos à experiência de que estamos separados do mundo, ou seja, o mundo está fora de nós e, dessa forma, "cada um de nós é um recipiente com uma superfície demarcadora e uma orientação dentro-fora". Disso decorre o fato de projetarmos nossa própria orientação a outros objetos delimitados por superfície (como entrar em um ambiente ou sair dele), assim como ao ambiente natural (floresta, campo, etc.).

Segundo os autores, mesmo quando não há uma demarcação física, nós impomos fronteiras, uma vez que a territorialidade é um dos instintos mais básicos do ser humano. Ao demarcarmos um objeto, podemos mensurá-lo em relação à quantidade de substância que contém e, dessa forma, eu posso constatar ao preparar uma sopa que a panela está com muita ou pouca água. Segundo os autores, tanto a panela como a água são recipientes, porém, enquanto a panela é um objeto recipiente, a água é uma substância recipiente. De fato, faz sentido para nós, uma vez que podemos acrescentar carne, tempero, legumes, entre outros na água.

¹⁹<http://www.wemystic.com.br/artigos/o-que-e-melhor-reprimir-seus-sentimentos-ou-explodir-de-raiva/>. Acesso: 26/10/2018.

Lakoff e Johnson (2002) também asseguram que nos valemos de metáforas ontológicas na compreensão de eventos, ações, atividades e estados (eventos e ações = objetos; atividades = substância; estado = recipiente). A personificação, a atribuição de qualidades humanas a entidades não humanas, como teorias, doenças, entre outros, também é considerada pelos autores como uma metáfora ontológica, assim como a metonímia.

A metonímia também era considerada apenas uma figura de linguagem, que indica a utilização de um termo por outro com o qual mantém uma relação de contiguidade, como, na afirmação “temos lido Goldberg nos últimos meses”. De acordo com Lakoff e Johnson (2002), a principal função da metonímia é a referenciação, quando utilizamos uma entidade para nos referirmos a outra, como ocorre no exemplo acima em que nos referimos à autora ao invés da obra. No entanto, segundo os autores, trata-se de um processo que também faz parte da nossa cognição e revela a forma como percebemos o mundo, como, por exemplo, o fato de identificarmos uma pessoa pelo rosto, sem um corpo, mas não o contrário.

Os conceitos metonímicos são apresentados da seguinte forma: PARTE PELO TODO; PRODUTOR PELO PRODUTO; OBJETO PELO USUÁRIO; CONTROLADOR PELO CONTROLADO; INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS; LUGAR PELA INSTITUIÇÃO; LUGAR PELO EVENTO. Esses conceitos surgem também da nossa experiência, estando embasados, por exemplo, em relações de causalidade (LAKOFF, JOHNSON, 2002, p. 94-96, destaques dos autores).

Cabe destacar que os autores utilizam o termo "metáfora" para se referir ao conceito metafórico, como DISCUSSÃO É GUERRA, que seria a compreensão e experiencição de uma coisa em termos de outra e "expressão metafórica" para se referir às expressões linguísticas que ocorrem individualmente, como, por exemplo, "A estratégia utilizada pela defesa destruiu os argumentos da acusação", "Fernanda nunca perde uma discussão" e "Isabela atacou justamente o ponto fraco de Antonio", que refletem a mesma metáfora.

Lakoff (1986, p. 216-217), analisando a metáfora AMOR É VIAGEM, que se reflete em expressões como "A relação não vai chegar a lugar nenhum" e "Não podemos voltar atrás agora"²⁰, passa a se referir à metáfora ou conceito metafórico como "metáfora conceptual", definindo-a como o mapeamento de um domínio conceptual em outro. Sobre a metáfora AMOR É VIAGEM, o autor explica que:

A metáfora envolve a compreensão de um domínio da experiência, o amor, em termos de um domínio muito diferente da experiência, as viagens. A metáfora pode ser entendida como um mapeamento (no sentido matemático) de um domínio de origem (neste caso, as viagens) a um domínio alvo (neste caso, o amor). O mapeamento é estruturado sistematicamente. Há correspondências ontológicas, de acordo com as quais as entidades no domínio do amor (por exemplo, os amantes, seus objetivos comuns, suas dificuldades, a relação amorosa etc.) correspondem sistematicamente a entidades no domínio de uma viagem (os viajantes, o veículo, os destinos etc.) [...].²¹

Em suma, de acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual, originada em Lakoff e Johnson (2002), somos capazes de compreender e experienciar um conceito em termos de outro, pois nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturado e, dessa forma, nossa linguagem também é metaforicamente estruturada. Como vimos, enquanto a metáfora diz respeito ao mapeamento entre domínios conceptuais distintos, num processo unidirecional de um domínio-fonte a um domínio-alvo, a metonímia, por sua vez, diz respeito ao mapeamento dentro de um mesmo domínio conceptual.

Outras metáforas apresentadas por Lakoff e Johnson (2002) são:

- TEORIAS (E ARGUMENTOS) SÃO CONSTRUÇÕES;
- IDEIAS SÃO ALIMENTOS, IDEIAS SÃO PESSOAS, IDEIAS SÃO PLANTAS, IDEIAS SÃO PRODUTOS, IDEIAS SÃO BENS DE CONSUMO, IDEIAS SÃO RECURSOS,

²⁰ The relationship isn't going anywhere / We can't turn back now.

²¹ The metaphor involve understanding one domain of experience, love, in terms of a very different domain of experience, journeys. The metaphor can be understood as a mapping (in the mathematical sense) from a source domain (in this case, journeys) to a target domain (in this case, love). The mapping is tightly structured. There are ontological correspondences, according to which entities in the domain of love (e.g., the lovers, their common goals, their difficulties, the love relationship, etc.) correspond systematically to entities in the domain of a journey (the travelers, the vehicle, destinations, etc.).

IDEIAS SÃO DINHEIRO, IDEIAS SÃO INSTRUMENTOS CORTANTES, IDEIAS SÃO MODAS;

- ENTENDER É VER;

- VER É TOCAR;

- ESTADOS FÍSICOS OU EMOCIONAIS SÃO ENTIDADES DENTRO DE UMA PESSOA;

- VIDA É UM RECIPIENTE, VITALICIDADE É UMA SUBSTÂNCIA, entre outras.

Segundo Lakoff e Johnson (2002), essas metáforas são convencionais e fazem parte de nosso sistema conceptual, porém existem também outros tipos de metáforas que não fazem parte de nosso sistema conceptual, denominadas imaginativas e criativas. Lakoff e Johnson (2002, p. 235) esclarecem que elas também são capazes de nos auxiliar no processo de compreensão da nossa experiência no mundo em que vivemos, podendo "dar sentido novo ao nosso passado, às nossas atividades diárias, ao nosso saber e às nossas crenças".

Conforme já mencionado, Lakoff e Johnson (2002) destacam que a metáfora ilumina determinados aspectos de um conceito enquanto obscurece outros, assim como salientam a possibilidade de metáforas complexas e do surgimento de novas metáforas, uma vez que se trata de um processo cognitivo criativo.

Ferrari e Pinheiro (2015), com base em análise de *corpus* do português brasileiro, propõem a metáfora conceptual COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL, em que expressões como "[...] alfinetar e rasgar o verbo [...] refletem correspondências projetivas estabelecidas entre elementos do domínio-fonte ATIVIDADE TÊXTIL para o domínio-alvo COMUNICAÇÃO VERBAL" (FERRARI; PINHEIRO, 2015, p. 4, destaque dos autores).

Eles observam que as expressões linguísticas que refletem e sustentam essa metáfora podem ser motivadas por dois tipos de *construals*, a conceptualização do discurso como tecido e a conceptualização do discurso como ação sobre tecido. De acordo com Evans (2007), o *construal* é uma ideia central para a Gramática Cognitiva e diz respeito às escolhas feitas

pelos usuários da língua no processo de comunicação. Ao apresentar a definição dessa ideia, Evans (2007) registra que o *construal*:

Relaciona a maneira como um **usuário da língua** escolhe "empacotar" e "apresentar" uma representação conceitual como codificada na linguagem, que por sua vez tem consequências para a representação conceitual que o **enunciado** evoca na mente do ouvinte. Isso é obtido escolhendo um **ajustamento focal** particular e, portanto, "organizando" linguisticamente uma cena de uma maneira específica. Ao fazê-lo, o falante impõe um único construal sobre essa cena. Por exemplo, a construção ativa foca a atenção sobre o agente de uma ação (por exemplo, *Max escondeu as chaves de Angela*), enquanto a construção passiva concentra a atenção sobre o paciente (por exemplo, *as chaves de Angela foram escondidas por Max*) Cada uma dessas construções convencionalmente codifica uma interpretação distinta (EVANS, 2007, p. 40-42, grifos da autora).²²

De acordo com Ferrari e Pinheiro (2015, p. 5), no processo de projeção metafórica, o *construal* "[...] envolve o ponto de vista do falante no estabelecimento da correspondência entre domínios, influenciando não apenas a escolha do domínio-fonte como também a seleção de elementos e inferências que serão projetados".

A projeção metafórica entre domínios, em geral associada às metáforas, ocorreria diretamente de um domínio-fonte para um domínio-alvo, ativando redes de escopo único. Segundo Ferrari e Pinheiro (2015), as expressões que analisam não ativam apenas redes de escopo único, ou seja, as projeções não ocorrem diretamente de um domínio para o outro e, por isso, os autores defendem a necessidade da teoria da mesclagem para o tratamento do fenômeno metafórico, assunto que iremos abordar na próxima seção.

²² Relates to the way a **language user** chooses to 'package' and 'present' a conceptual representation as encoded in language, which in turn has consequences for the conceptual representation that the **utterance** evokes in the mind of the hearer. This is achieved by choosing a particular **focal adjustment** and thus linguistically 'organising' a scene in a specific way. In so doing, the speaker imposes a unique construal upon that scene. For example, the active construction focuses attention upon the agent of an action (e.g. *Max hid Angela's keys*), while the passive construction focuses attention upon the patient (e.g. *Angela's keys were hidden by Max*). Each of these constructions conventionally encodes a distinct construal.

2.4 TEORIA DA MESCLAGEM CONCEPTUAL (*BLENDING*)

A teoria da mesclagem conceptual (*Blending*) é um desdobramento da teoria dos espaços mentais proposta por Gilles Fauconnier. De acordo com Fauconnier e Turner (2002, p. 40), "Espaços mentais são pequenos pacotes conceptuais construídos como nós pensamos e falamos para propósitos de ação e compreensão local"²³ que se modificam durante o desdobramento do discurso ou do pensamento e que são conectados aos *frames*²⁴. Os espaços mentais "contêm representações parciais de entidades e relações em um cenário percebido, imaginado ou lembrado" (FERRARI, 2016, p. 109). Esses espaços são sempre alicerçados na base, que é o espaço imediato da comunicação, ou seja, as pessoas envolvidas, o lugar, etc.

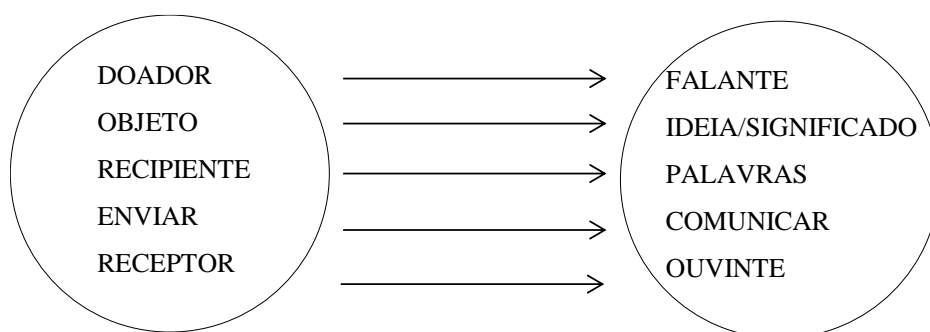
Construímos esses espaços por meio da linguagem, a partir dos *space builders*, construtores de espaços mentais, como, por exemplo, quando mencionamos que uma pessoa (cuja cor dos olhos pode ser preto, azul ou verde) está com os olhos vermelhos na foto de formatura. Tal afirmação não causa estranhamento, uma vez que nesse cenário, na fotografia, é perfeitamente possível que uma pessoa seja retratada com olhos vermelhos, em função de um efeito normalmente causado pelo reflexo da luz direto na retina.

Como salienta Ferrari (2016), o conceito de projeção é fundamental para essa teoria. Como podemos visualizar na figura 2, que sintetiza a metáfora "comunicação verbal é transferência de objetos", proposta por Reddy (1979), a projeção metafórica entre domínios presente na proposta de Lakoff e Johnson (2002) ocorreria diretamente de um domínio-fonte para um domínio-alvo.

²³ Mental spaces are small conceptual packets constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action.

²⁴ De acordo com Evans (2007, p. 85) o termo *frame* designa "uma esquematização da experiência (uma estrutura de conhecimento), que é representado no nível conceitual e mantido na memória de longo prazo e que relaciona elementos e entidades associadas a uma determinada cultura, cena, situação ou evento incorporado da experiência humana."

Figura 2 - Projeção entre domínios da metáfora "comunicação verbal é transferência de objetos"



Fonte: Ferrari e Pinheiro (2015, p. 7).

Algumas expressões metafóricas extrapolam essa relação direta, como destaca Feltes (2007, p. 172), em exemplo do inglês também válido para o nosso idioma, "Este cirurgião é um açougueiro". Essa expressão linguística classifica o cirurgião como incompetente. Porém, a palavra "açougueiro" não pode ser associada diretamente a tal adjetivação. É a inadequação da realização de uma atividade por um profissional de outra área, ainda que fosse um excelente profissional em sua área, que projeta o significado final. Como Ferrari (2016) defende, embora a Teoria da Mesclagem tenha sido compreendida em certo momento como alternativa a Teoria da Metáfora Conceptual, elas podem ser vistas de forma complementares.

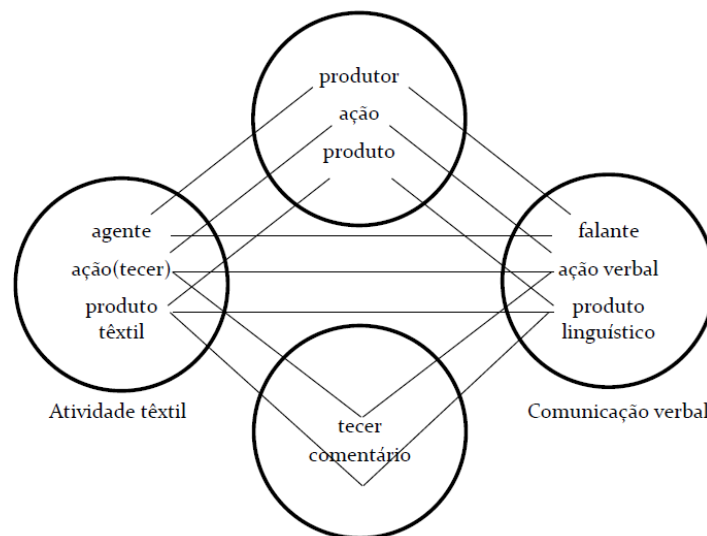
Na abordagem proposta por Fauconnier e Turner (2002), num modelo de rede de configuração mínima, temos quatro espaços previstos na operação de mesclagem conceptual: dois espaços iniciais (*inputs*), um espaço genérico que representa a estrutura comum entre os *inputs* e um espaço para mescla (*Blend*). Ferrari (2016) sintetiza e apresenta a constituição desse processo. Para isso, a autora salienta os seguintes passos:

1. **projeção interdomínios**: projeção parcial entre elementos correspondentes (*contrapartes*) dos *Inputs* 1 e 2.
2. **esquema genérico**: reflete a estrutura e a organização abstrata em comum entre os *inputs*, ou seja, a estrutura compartilhada por esses domínios.
3. **mescla**: os *inputs* são parcialmente projetados nesse quarto espaço. Podem ser projetados elementos que eram *contrapartes* ou não; entidades dos *inputs* podem ser fundidos em um só elemento na mescla ou ser projetados separadamente.
4. **estrutura emergente**: a mescla tem estrutura emergente própria, inexistente nos *inputs*. A estrutura emergente pode ser construída de três maneiras:

- a) por *composição* - os elementos projetados dos *inputs* compõem o espaço-mescla, e as relações que ficam disponíveis não necessariamente existiam nos domínios anteriores à mescla.
- b) por *completamento* - a nova composição de elementos no espaço-mescla pode evocar conhecimento compartilhado de *frames* e modelos cognitivos e culturais ainda não ativados nos *inputs*.
- c) por *elaboração* - em função da nova lógica instaurada, é possível haver novas etapas de trabalho cognitivo dentro da mescla (FERRARI, 2016, p. 121, grifos da autora).

Como dito anteriormente, as expressões linguísticas que refletem e sustentam a metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TEXTIL proposta por Ferrari e Pinheiro (2015) podem ser motivadas por dois tipos de *construals*: i) a conceptualização do discurso como tecido, em expressões como "alinhar/costurar/tecer um texto ou comentário e tricotar", entre outros e; ii) a conceptualização do discurso como ação sobre tecido, em verbos como "alfinetar/tesourar alguém; cortar a palavra, etc". No diagrama abaixo, os autores mostram que nas construções com o verbo *tecer*, a mescla herda estrutura do *input* de tecelagem.

Figura 3 - Mesclagem referente à expressão "tecer um comentário"

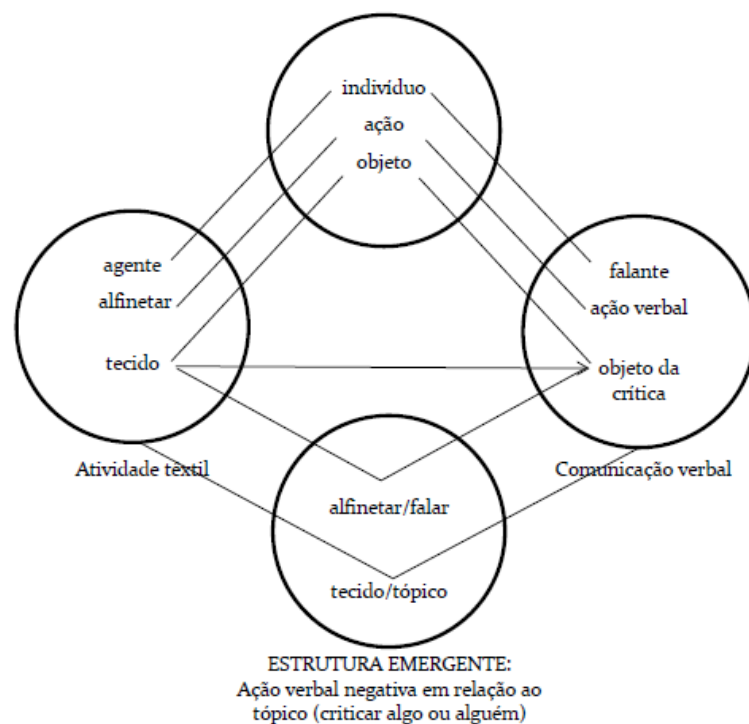


Fonte: Ferrari e Pinheiro (2015, p. 17).

Na estrutura emergente, há uma sequência linguística que é conceptualizada como produto têxtil, algo que pode ser entrelaçado no processo de construção. Por outro lado, em expressões

como "Obama alfineta Trump em entrevista a Harry"²⁵, os elementos do domínio-fonte referente à atividade de corte e costura são projetados para o domínio abstrato referente à comunicação verbal, e, embora na atividade têxtil a ação de alfinetar não cause dor ao tecido, a mescla "produz como estrutura emergente a reconceptualização da ação de falar (mal) como atividade que afeta, ainda que levemente, o objeto da crítica" (FERRARI; PINHEIRO, 2015, p. 19).

Figura 4 - Mesclagem conceptual referente a 'alfinetar'



Fonte: Ferrari e Pinheiro (2015, p. 17).

Como vimos, a expressão metafórica surge na estrutura emergente, na mescla, que, segundo Langacker (1999, p. 81), é a estrutura que permite a elaboração dessas expressões sem que ocorra incompatibilidade semântica, uma vez que "[...] a estrutura mesclada é um tipo de representação virtual criada para especificar indiretamente algo referente à situação real de

²⁵ Veiculada no Jornal A Gazeta, em 28/12/2017.

interesse."²⁶ Em outras palavras, podemos dizer que uma expressão metafórica não se refere diretamente a um domínio fonte ou alvo, a referência a esses domínios é apenas indireta. Observamos que sentenças com o verbo **cortar** envolvem outro tipo de processo cognitivo, além das projeções metafóricas e metonímicas, o movimento virtual ou fictivo.

2.5 MOVIMENTO FICTIVO

Langacker (1999, p. 82) discute outro fenômeno de "não-realidade" importante para nossa pesquisa que é o de "movimento virtual", também denominado "movimento abstrato", "movimento subjetivo" e "movimento fictivo"²⁷, que ocorre em sentenças como "A cordilheira dos Andes se estende desde a Venezuela até a Patagônia, atravessando todo o continente sul-americano, [...]"²⁸. Segundo o autor, esse fenômeno poderia ser caracterizado em termos de metáfora e mesclagem conceituais, no entanto, ele opta por ressaltar sua natureza virtual.

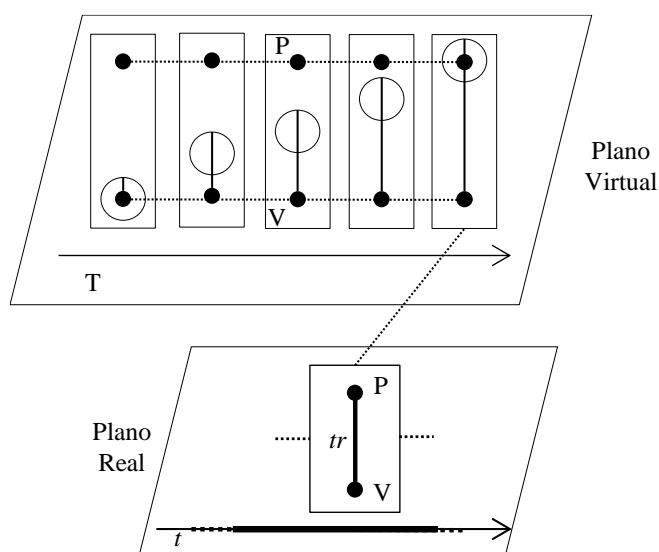
Na sentença descrita no parágrafo anterior, embora o verbo 'estender', associado a 'desde' e 'até', assim como 'atravessar' sejam verbos de movimento, utilizados normalmente para sinalizar que algo se move ao longo de um caminho através do tempo, a cordilheira não se move, ou seja "[...] existe movimento FICTIVO, mas a situação FACTIVA é de estagnação" (LANGACKER, 1999, p. 82, grifos do autor). Dessa forma, há uma aparente incoerência semântica, uma vez que uma cena estática é o tema de um verbo de movimento. Nesses casos, segundo o autor, na caracterização conceitual dessas sentenças há dois planos envolvidos, um componente real e um virtual, como podemos observar na figura 5.

²⁶ The blended structure is a kind of virtual representation created in order to indirectly specify something concerning the actual situation of concern.

²⁷ termo cunhado por Leonard Talmy, segundo Evans (2007).

²⁸<http://www.omundoepequenoparamim.com.br/dica-admirar-cordilheira-dos-andes-no-voosantiago/>

Figura 5 – Planos envolvidos no movimento fictivo



Fonte: Adaptação para o exemplo utilizado em português da figura proposta por Langacker (1999, p 83).

Na figura 5, há as duas localidades geográficas representadas na sentença descrita anteriormente: a Venezuela (V) e a Patagônia (P). No plano virtual, os círculos representam o foco momentâneo de atenção do conceptualizador num dado instante. Langacker (1999) esclarece que cada ponto de localização focalizado leva um segmento adicional do sujeito (*tr*)²⁹, ou sua extensão espacial, à consciência. A configuração completa acessada através deste movimento virtual é identificada com a figura estática única no plano real. A seta representada por 'T', no plano virtual, indica o tempo de processamento como suporte de conceptualização.

No plano real, a seta '*t*' representa o tempo como objeto de conceptualização. Nesse plano, ocorre o perfilamento, a designação, de uma continuação através do tempo de uma situação estável, em que o elemento codificado pelo sujeito, "A cordilheira dos Andes", tem uma extensão espacial que vai de um extremo ao outro, da Venezuela à Patagônia. A relação perfilada continua ao longo de um período de tempo que é indicado na seta '*t*' por uma barra

²⁹ (*tr*) refere-se a TRAJETOR, designação utilizada na Linguística Cognitiva.

grossa. Esse tempo é concebido como ilimitado, tornando o relacionamento imperfectivo³⁰, permitindo que o verbo seja expresso no presente simples. Langacker (1999) destaca que a marcação temporal e aspectual da sentença é determinada pela categorização aspectual básica da relação perfilada no plano real, mas salienta a importância do movimento fictivo para o significado da sentença, uma vez que os outros elementos implicam direcionalidade e não existe nada além dos verbos para explicar tal fato.

Nessas situações, segundo Langacker (1999, p. 82), realizamos um escaneamento mental do caminho, uma vez que "ao conceber que alguma entidade se move ao longo de um caminho, o conceptualizador evoca necessariamente em sequência os vários locais que constituem esse caminho e, ao fazê-lo, move-se subjetivamente ao longo do mesmo"³¹.

Estudos como os de Gallese e Lakoff (2005) e Cacciari et al. (2011) revelam que o substrato neural ativado na compreensão de expressões de movimento, tanto literal, como fictivo e metafórico, correspondem à área cerebral ativada pelo movimento dos músculos da perna.

Dornelas e Rocha (2014) descrevem Construções de Movimento Fictivo no português do Brasil e defendem que, apesar da aparente incoerência semântica, trata-se de uma formação que é utilizada e compreendida perfeitamente pelos usuários da língua, possuindo forma, sentido e usos próprios. Os autores identificam 03 padrões principais e, com base em análise de *corpora* de uso efetivo da língua, constatam que elas apresentam majoritariamente aspecto imperfectivo e uma forte relação com as construções adjetivas.

O verbo **cortar** é identificado pelos autores, juntamente com o verbo "atravessar", como um dos mais produtivos no padrão das Construções de Movimento Fictivo Transitivas, o que os leva a afirmar que seriam verbos convencionalizados na língua para a projeção do movimento

³⁰ ou 'estativo' segundo Langacker (1999).

³¹ In conceiving of some entity moving along a path, the conceptualizer necessarily evokes in sequence the various locations constituting that path, and in so doing moves subjectively along it.

fictivo. Segundo Dornelas e Rocha (2014, p. 145), o verbo **cortar** acarreta a ideia de área, que é o domínio mais evocado pelos outros elementos que compõem a Construção de Movimento Fictivo. A função primordial dessas construções é a de descrever "[...] trajetórias, objetos e imagens, que precisam ser detalhadamente apresentados segundo as necessidades dos ambientes discursivos."

A seguir, nos capítulos 3 e 4, abordaremos o processo cognitivo de categorização e a Gramática de Construções que serão apresentadas em capítulos separados para fins de organização.

3 CATEGORIZAÇÃO

De acordo com Bybee (2016), a categorização é um processo de domínio geral, ou seja, não se restringe apenas à linguagem, e interage com outros processos. É esse processo que nos permite agrupar exemplares em classes específicas, como, por exemplo, "gato e cachorro" na classe dos mamíferos, assim como os nomes "Pedro e avião" na classe dos substantivos e "feliz e bonito" na dos adjetivos.

Como salienta Abreu (2010, p. 21-22), essa aptidão de reconhecer similaridades e diferenças e agrupá-los em semelhantes e dessemelhantes foi fundamental para a sobrevivência de nossa espécie, uma vez que permitia, por exemplo, identificar um animal como perigoso e correlacionar tal identificação entre outros membros da mesma espécie. O autor também aponta para a visão, que prevaleceu de Aristóteles até Wittgenstein, das categorias "como caixas abstratas dentro das quais são depositadas as referências dos seres que compartilham propriedades comuns [...]".

3.1 O QUESTIONAMENTO DA VISÃO CLÁSSICA: SEMELHANÇAS DE FAMÍLIA E PROTOTIPIA

De acordo com Rosch (1975), muitas tradições filosóficas, linguísticas e antropológicas se baseavam numa classificação aristotélica das categorias na natureza como entidades lógicas, claramente delimitadas. Nessa visão, para que um item possa pertencer a uma determinada categoria, ele deve necessariamente possuir os atributos que definem tal categoria.

Wittgenstein (1996, § 23, p. 35), na década de 50, em *Investigações filosóficas*, defendeu que a linguagem não podia ser analisada sob um ponto de vista formalista ou essencialista, assim como a concepção da linguagem como um jogo, ressaltando que o termo "jogo de linguagem" deve "salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de

vida". O autor expõe as dificuldades de categorização de determinadas palavras, numa ótica tradicional de condições necessárias e suficientes, refletindo sobre as similaridades e dissimilaridades entre os jogos, que não possuem uma propriedade que seja compartilhada por todos os membros da categoria. Nesse sentido, Wittgenstein convoca-nos a considerar que:

Considere, por exemplo, os processos que chamamos "jogos". Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos etc. O que é comum a todos eles? Não diga "Algo deve ser comum a eles, senão não se chamariam 'jogos'", — mas veja se algo é comum a eles todos. Pois, se você os contempla, não verá na verdade algo que fosse comum a todos, mas verá semelhanças, parentescos, e até toda uma série deles. Como disse: não pense, mas veja! — Considere, por exemplo, os jogos de tabuleiro, com seus múltiplos parentescos. Agora passe para os jogos de cartas: aqui você encontra muitas correspondências com aqueles da primeira classe, mas muitos traços comuns desaparecem e outros surgem. Se passarmos agora aos jogos de bola, muita coisa em comum se conserva, mas muitas se perdem. — São todos 'recreativos'? Compare o xadrez com o jogo de amarelinha. Ou há em todos um ganhar e um perder, ou uma concorrência entre os jogadores? Pense nas paciências. Nos jogos de bola há um ganhar e um perder; mas se a criança atira a bola na parede e a apanha outra vez, este traço desapareceu. E como é diferente a habilidade no xadrez e no tênis. Pense agora nos brinquedos de roda: o elemento de divertimento está presente, mas quantos dos outros traços desapareceram! E assim podemos percorrer muitos, muitos outros grupos de jogos e ver semelhanças surgirem e desaparecerem. E tal é o resultado desta consideração: vemos uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhanças de conjunto e de pormenor (WITTGENSTEIN [1953], 1996, § 66, p. 52).

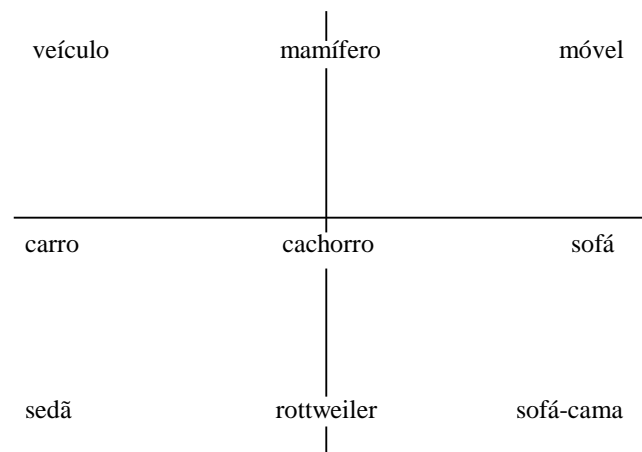
Wittgenstein (1996) caracteriza as semelhanças encontradas com a expressão "semelhanças de família", pois da mesma forma que as semelhanças se cruzam entre os membros de uma família, (estatura, cor dos olhos, cabelo, temperamento) elas se cruzam e se sobrepõem na linguagem.

Rosch (1975), confrontando uma longa tradição que influenciou diversas áreas do saber, realizou uma série de experimentos para investigar o processamento cognitivo das categorias naturais e questionou a natureza lógica das categorias aristotélicas. Segundo a autora, a categoria que mais se contrapõe à lógica aristotélica é a categoria das cores, uma vez que evidências demonstravam que essa categoria, além de ser processada pela mente humana, implicava uma representação cognitiva que não se baseava em critérios claros e definidos, mas sim em relações de prototipia, ou seja, as cores agrupam-se em torno dos melhores

exemplares e, de acordo com o grau de semelhança com o membro mais representativo, elas estão mais próximas ou mais distantes do protótipo.

Rosch (1999) propôs dois princípios gerais e básicos para a formação de categorias, que estão relacionados à economia cognitiva, fornecer um maior número de informações com menor esforço, e à estrutura das informações percebidas no processo de categorização, propondo uma bidimensionalidade no processo de categorização, um nível horizontal e um vertical. O nível vertical refere-se ao nível de inclusão da categoria e o horizontal à segmentação das categorias no nível de inclusão. Na figura 6, reproduzimos a representação visual proposta por Abreu (2010) que exemplifica esses princípios.

Figura 6 - Dimensões categoriais



Fonte: Abreu (2010, p. 22)

A análise desses dois eixos permitiu que Rosch (1999) postulasse um nível básico na formação de categorias, mais inclusivo, e a definição das categorias em termos prototípicos, trazendo implicações tanto para o nível de abstração de categorias formadas em uma dada cultura como para a estrutura interna dessas categorias. A esse respeito, Rosch (1999, p. 253-254) postula que

A implicação dos princípios de categorização para a dimensão horizontal é que, para aumentar a distinção e a flexibilidade das categorias, as categorias

tendem a se tornar definidas em termos de protótipos ou instâncias prototípicas que contenham atributos mais representativos de itens dentro e menos representativos de itens fora da categoria.³²

Com base na Teoria dos Protótipos, a afiliação de um elemento a uma categoria natural não se dá por um único elemento, mas por um leque de características abrangentes. Dessa forma, as categorias exibem efeitos prototípicos, uma vez que a noção de pertencimento é gradiente, ou seja, enquanto alguns exemplares encontram-se mais próximos ao centro categorial, e são mais prototípicos, outros podem afastar-se indo em direção às margens, ou zona fronteira.

Duque (2018b, p. 53) salienta que a abordagem dos protótipos levou inclusive à substituição da noção de "traços" pela de "atributos" na semântica, uma vez que a primeira "parece já estar vinculada a um olhar binário sobre os fenômenos da linguagem". Sem negar a importância da abordagem dos protótipos, o autor aponta as controvérsias³³ em relação à mesma, defendendo um olhar mais moderado sobre os efeitos do conceito "restringindo sua aplicação a campos favoráveis, como em termos de fenômenos de percepção, de espécies naturais e no âmbito dos artefatos, por exemplo" (DUQUE, 2018b, p. 61).

Duque (2018b) ressalta que, em virtude das lacunas existentes na abordagem dos protótipos, muitos estudiosos da cognição passaram a considerar o conceito de semelhança de família levando à focalização dos efeitos ao invés do protótipo. Um dos desdobramentos desses estudos são os Modelos Cognitivos Idealizados, propostos por Lakoff (1987), sobre os quais discutiremos a seguir.

³² The implication of the two principles of categorization for the vertical dimension is that not all possible levels of categorization are equally good or useful; rather, the most basic level of categorization will be the most inclusive (abstract) level at which the categories can mirror the structure of attributes perceived in the world. The implication of the principles of categorization for the horizontal dimension is that to increase the distinctiveness and flexibility of categories, categories tend to become defined in terms of prototypes or prototypical instances that contain the attributes most representative of items inside and least representative of items outside the category.

³³ Para mais informações ver Duque (2018b)

3.2 MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS

Lakoff (1987, p. 6), em *Woman, Fire e Dangerous Things*, salienta que categorizamos todo tipo de coisas, eventos, relações, emoções, ações, teorias científicas, entre outros, e por isso, "qualquer representação adequada da forma como pensamos deve fornecer uma teoria precisa para *todas* as nossas categorias, concretas e abstratas"³⁴ (grifo do autor). Partindo dos estudos de Rosch e Wittgenstein, entre outros, o autor propõe os Modelos Cognitivos Idealizados como fonte de efeitos prototípicos, numa tentativa de descobrir como a categorização é processada na mente. Cabe ressaltar que esses modelos têm em sua base a noção de *frame*, estando ambos, tanto o *frame* como os modelos cognitivos idealizados presentes na Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006).

O *frame* é o ponto central da abordagem semântica desenvolvida por Charles Fillmore conhecida como a Semântica de Frames. Fillmore (1982, p. 111) afirma que *frame* designa "[...] qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que para entender qualquer um deles é preciso entender toda a estrutura em que ele se enquadra [...]"³⁵. Segundo o autor, quando um dos elementos é introduzido no texto, os demais elementos são automaticamente disponibilizados pelo *frame*. Ferrari (2016, p. 50) assegura que o termo "designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência".

De acordo com essa teoria, para que possamos compreender o sentido de um item lexical é necessário acessar o *frame* ao qual se relaciona, que irá fornecer o conhecimento contextual, baseado na experiência, ou seja, o significado não está apenas no léxico. Para ilustrar, utilizamos o exemplo fornecido por Evans (2007, p. 193, destaque da autora) sobre o *frame*

³⁴ Any adequate account of human thought must provide an accurate theory for all our categories, both concrete and abstract.

³⁵ [...] any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits [...].

"EVENTO COMERCIAL", que é acessado quando palavras como "comprar, vender, pagar, custar, cobrar ou trocar" são utilizadas.

Evans (2007) salienta que as palavras fornecem uma "rota" através de um *frame* particular, trazendo implicações diretas para a estrutura argumental, pois "[...] como as palavras se relacionam com 'slots' no *frame*, elas relacionam diretamente certos elementos dentro de um *frame*. Isso se manifesta em termos linguísticos como valência ou **estrutura argumental**³⁶" (EVANS, 2007, p. 103, grifos da autora).

Um dos exemplos mais famosos de Fillmore, citado por Goldberg (1995), é o de *bachelor* (solteirão), que é definido por um *frame* de conhecimento cultural. Isso fica comprovado pelo fato de que sua definição usual, "homem não casado", não seria aplicável a homens solteiros específicos, como o Papa ou um eremita, por exemplo.

Esse exemplo é retomado por Lakoff (1987) para tecer explicações sobre os efeitos prototípicos simples em seu Modelo Cognitivo Idealizado (MCI). Segundo o autor, nosso conhecimento é organizado por meio de estruturas, que são definidas como Modelos Cognitivos Idealizados. Cada MCI é um todo estruturado complexo, uma *gestalt*, que usa quatro tipos de princípios estruturantes: estrutura proposicional, esquema imagético, projeção metafórica e projeção metonímica.

A estrutura proposicional trata da noção de *frame* proposta por Fillmore (1982). Por sua vez, esquema imagético diz respeito às representações que fazemos da nossa interação com o meio físico no qual vivemos, que são ancoradas principalmente em nossas experiências sensoriais, como por exemplo, os esquemas relacionados ao espaço "cima-baixo, esquerda-direita, frente-trás". A projeção metafórica diz respeito ao mapeamento entre domínios conceituais distintos em que aspectos do domínio-fonte são projetados no domínio-alvo, já a projeção metonímica é relacionada com a projeção dentro de um mesmo domínio.

³⁶ That is, as words relate to 'slots' in the frame, they directly relate certain elements within a frame. This manifests itself in linguistic terms as valence or argument structure.

A melhor maneira de compreender como os MCIs trabalham na categorização é por meio de exemplos e, para isso, Lakoff (1987) utiliza a palavra "terça-feira", que só pode ser definida em relação a um modelo idealizado que inclui o ciclo solar, o término de um dia e o início de outro, assim como um ciclo mais amplo no calendário, que em nossa cultura se relaciona a uma semana de sete dias. Acontece que esse modelo de semana não existe na natureza, ele é idealizado por seres humanos e não está presente da mesma forma em todas as culturas, como na Balinesa.

Lakoff (1987, p. 69) afirma que, "em geral, qualquer elemento de um modelo cognitivo pode corresponder a uma categoria conceptual [...]"³⁷, um esquema que interage com outros esquemas, podendo gerar "efeitos prototípicos", ou seja, um MCI pode se ajustar perfeitamente em nosso entendimento do mundo, mas também pode se ajustar muito bem, bem, um pouco mal, muito mal, mal ou de forma alguma. Voltando ao termo *bachelor*, o autor esclarece que o termo é definido em relação a um MCI no qual há uma sociedade com casais tipicamente monogâmicos com uma idade esperada para o casamento, deixando totalmente de fora outras situações, como casais estáveis que não formalizam a união, homossexuais e culturas que permitem que um homem seja casado com mais de uma mulher.

Dessa forma, em alguns segmentos da sociedade, o termo se encaixará bem, e um homem adulto pode ser perfeitamente chamado de *bachelor*. Porém, o termo não se aplicaria a um sacerdote ou a um náufrago e, nesses casos, esses homens adultos não são representativos da categoria de *bachelors*. Todavia, Lakoff (1987, p. 71) destaca que *bachelor* não é uma categoria gradiente,"[...] o MCI caracteriza os solteirões representativos. Um tipo de gradiência surge do grau em que o MCI não classificado se encaixa em nosso conhecimento (ou suposições) sobre o mundo."³⁸

Ao contrário de uma teoria objetivista, não se trata de estabelecer se um conceito corresponde ou não ao mundo, mas de reconhecer a possibilidade de aplicação do conceito, sua adequação

³⁷In general, any element of a cognitive model can correspond to a conceptual category.

³⁸The ICM characterizes representative bachelors. One kind of gradiência arises from the degree to which the ungraded ICM fits our knowledge (or assumptions) about the world.

com o nosso conhecimento de mundo para aplicá-lo ou não. O resultado seria uma gradiência que o autor denomina efeito prototípico simples. Segundo o autor, é muito comum que modelos cognitivos se combinem para formar um modelo complexo, uma categoria radial, à qual ele se refere como modelo *cluster*.

3.2.1 Categorias Radiais

O conceito *Mãe*³⁹ é utilizado pelo autor para ilustrar uma categoria radial. Uma definição tradicional, como, "a mulher que deu à luz uma criança", não se ajusta a todos os casos. Lakoff (1987, p. 74) argumenta que *mãe* é um conceito baseado em um modelo complexo, formado pela combinação dos seguintes modelos cognitivos:

- O modelo de nascimento: a pessoa que dá à luz é a mãe.
O modelo de nascimento é usualmente acompanhado por um modelo genético, embora desde o desenvolvimento do implante de óvulo e embrião, eles nem sempre coincidem.
- O modelo genético: a mulher que contribui com material genético é a mãe.
- O modelo de criação: a mulher que alimenta e cria a criança é a mãe dessa criança.
- O modelo marital: a esposa do pai é a mãe.
- O modelo genealógico: a ancestral mais próxima é a mãe.⁴⁰

Segundo Lakoff (1987), há uma pressão para que se escolha um dos modelos como o que define o conceito de forma "real". No entanto, ele mostra, por meio de exemplos, que evidências linguísticas não corroboram a definição de um único critério para a maternidade

³⁹ Estamos utilizando o itálico para a palavra que indica um conceito neste capítulo em observância ao registrado em Lakoff (1987).

⁴⁰ - The birth model: The person who gives birth is the *mother*.

The birth model is usually accompanied by a genetic model, although since the development of egg and embryo implants, they do not always coincide.

- The genetic model: The female who contributes the genetic material is the *mother*.

- The nurturance model: The female adult who nurtures and raises a child is the *mother* of that child.

- The marital model: The wife of the father is the *mother*.

- The genealogical model: The closest female ancestor is the *mother*.

"real". Por exemplo, "Eu sou adotado e não sei quem é minha mãe verdadeira" e "Eu não sou uma pessoa materna, então eu acho que não poderia ser uma mãe de verdade para nenhuma criança" (LAKOFF, 1987, p. 75)⁴¹.

Na categoria mãe existe uma subcategoria que é considerada central⁴², definida pelo conjunto de modelos cognitivos expostos que são convergentes. Todavia, existem extensões não centrais que não são instâncias especializadas da subcategoria central, mas variantes dela, como mãe adotiva e mãe de aluguel, entre outros. Não existem regras gerais para produzir tais extensões, sua aprendizagem é realizada uma a uma pelos falantes. Lakoff (1987) ressalta, no entanto, que essas extensões não são desestruturadas, ao contrário, elas são determinadas e motivadas pelo modelo central e sua possível relação com os modelos extensionistas.

Este estudo se insere na perspectiva dos modelos construcionais baseados no uso. Nessa abordagem, considera-se que a representação cognitiva da linguagem emerge e é moldada pelo uso da linguagem. Por isso, faz-se necessário refletirmos sobre a natureza das categorias cognitivas.

Lakoff (1987) vale-se de línguas que possuem categorias conceptuais marcadas pela gramática para compreender a natureza das categorias cognitivas de modo geral. Em algumas línguas, como o Dyirbal tradicional, uma língua aborígine da Austrália, os substantivos são marcados como membros de certas categorias. Nessa língua, o substantivo sempre vem precedido por uma das variantes de quatro palavras, *bayi*, *balan*, *balam* e *bala*, e para que um falante possa se expressar corretamente em Dyirbal é necessário que ele utilize o classificador adequado antes do substantivo.

Lakoff (1987) cita Dixon (1982), que estudou a língua Dyirbal e, após elaborar uma listagem sobre a classificação dos objetos nessa língua, que aparentemente não produziria muito sentido para nós, observou que os falantes de Dyirbal não aprendiam os membros da categoria de forma isolada, mas eram guiados por alguns princípios gerais, que levou o autor a propor

⁴¹ - I was adopted and I don't know who my real mother is

- I am not a nurturant person, so I don't think I could ever be a real mother to any child.

⁴² Assim como Goldberg (1995), consideramos esse modelo central de prototípico.

um esquema geral básico, produtivo e simples. Sobre esse esquema, Lakoff (1987, p. 93), esclarece que:

- I. *Bayi*: machos (humanos); animais
- II. *Balan*: fêmeas (humanas); água; fogo; conflito
- III *Balam*: alimento sem carne
- IV. *Bala*: tudo que não está nas outras classes⁴³

De acordo com Lakoff (1987), esse princípio básico permite-nos compreender porque homem, cangurus estão na mesma categoria, assim como porque mulheres, fogo e água estão na classe II. O autor destaca que outros princípios são responsáveis por esse processo de categorização e considera o "princípio de domínio da experiência" como o mais geral. Dessa forma, "se existe um domínio básico de experiência associado a A, então é natural para entidades nesse domínio estarem na mesma categoria que A" (LAKOFF, 1987, p. 93)⁴⁴.

Esse princípio explicaria, por exemplo, porque instrumentos de pesca, como lanças e linha, estão na classe I (*Bayi*: machos (humanos); animais), quando o esperado era que estivessem na classe IV (*Bala*: tudo que não está nas outras classes). Como os peixes estão na classe I, o domínio da experiência faz com que os instrumentos utilizados na pesca também sejam categorizados nessa classe. Outro princípio importante, que explicaria os casos mais esdrúxulos é o "princípio mito-e-crença", de acordo com o qual:

Se algum substantivo tiver a característica X (com base na qual se espera que sua associação à classe seja decidida) mas seja, por crença ou mito, conectado com a característica Y, então geralmente pertencerá à classe correspondente a Y e não àquela correspondente a X⁴⁵(LAKOFF, 1987, p. 94).

De acordo com Lakoff (1987), entre as crenças e mitos existentes na cultura Dyirbal, acredita-se que os pássaros sejam os espíritos de fêmeas humanas mortas, e, por isso, eles estão na

⁴³ I. *Bayi*: (human) males; animals
 II. *Balan*: (human) females; water; fire; fighting
 III. *Balam*: nonflesh food
 IV. *Bala*: everything not in the other classes

⁴⁴If there is a basic domain of experience associated with A, then it is natural for entities in that domain to be in the same category as A.

⁴⁵ If some noun has characteristic X (on the basis of which its class membership is expected to be decided) but is, through belief or myth, connected with characteristic Y, then generally it will belong to the class corresponding to Y and not that corresponding to X.

classe II (fêmeas (humanas); água; fogo; conflito). Há também um mito segundo o qual a lua e o sol formam um casal e, dessa forma, os astros celestes estão em classes distintas, a lua, na classe I com outros maridos, e o sol, na classe II com outras esposas. Outro princípio é o da "propriedade importante", que preconiza que:

Se um subconjunto de substantivos possui alguma propriedade particular importante que o resto do conjunto não possui, então os membros do subconjunto podem ser atribuídos a uma classe diferente do resto do conjunto para "marcar" esta propriedade; a propriedade importante é mais frequentemente "nocividade". (LAKOFF, 1987, p. 95).⁴⁶

Os peixes, em Dyirbal, são categorizados na classe I e as aves na classe II. Com base nesse princípio, os falantes da língua, categorizam peixes nocivos na classe II e falcões, por serem considerados perigosos, na classe I, marcando dessa forma sua nocividade. Lakoff (1987) deixa claro que Dixon não conseguiu explicar todos os princípios responsáveis pela categorização em Dyirbal, pois em alguns casos parece não haver explicação alguma. No entanto, destaca a importância dos estudos do autor, salientando que mesmo que os detalhes da categorização apresentados possam ser exclusivos dessa língua, os princípios gerais são recorrentes no sistema de categorização humana. Segundo Lakoff (1987, p. 95-96), esses princípios são:

Centralidade: O que chamamos de membros básicos da categoria são centrais. [...]

Encadeamento: Categorias complexas são estruturadas por encadeamento; os membros centrais estão ligados a outros membros, que estão ligados a outros membros, e assim por diante. [...].

Domínios Experienciais: Existem domínios básicos de experiência, que podem ser específicos da cultura. Estes podem caracterizar links em cadeias de categorias.

Modelos idealizados: Existem modelos idealizados entre mitos e crenças do mundo - que podem caracterizar elos em cadeias categoriais.

Conhecimento específico: O conhecimento específico (por exemplo, conhecimento da mitologia) sobrepõe-se ao conhecimento geral.

⁴⁶If a subset of nouns has some particular important property that the rest of the set does not have, then the members of the subset may be assigned to a different class from the rest of the set to "mark" this property; the important property is most often 'harmfulness'.

O outro: Borges estava certo sobre isso. Sistemas conceituais podem ter uma categoria "todo o resto". É claro que não tem membros centrais, encadeamento, etc.

Nenhuma propriedade comum: as categorias em geral não precisam ser definidas por propriedades comuns. Não há razão para acreditar que os Dyirbal encontrem algo em comum entre as mulheres, fogo, coisas perigosas, etc. Eles também não assumem, tanto quanto se sabe, que existe algo feminino sobre fogo ou perigo, ou algo ardente ou perigoso sobre as mulheres. Por outro lado, propriedades comuns parecem desempenhar um papel na caracterização dos esquemas básicos dentro de uma determinada categoria planta, homem humano, fêmea humana).

Motivação: Os princípios gerais dados dão sentido à classificação Dyirbal, mas eles não predizem exatamente quais serão as categorias.⁴⁷

Lakoff (1987) também analisa o classificador japonês *hon*, que, em seu uso mais comum, classifica objetos longos e finos, como bengalas, lápis, velas, cordas, entre outros. Ele também é utilizado para classificar cobras mortas e peixes secos, o que segundo o autor não é de causar surpresa, uma vez que esses também poderiam ser considerados representativos, dada a forma que assumem. Porém, o ponto que desperta seu interesse é que *hon* é estendido a casos que parecem ser bem menos representativos.

O bastão de basebol é classificado por *hon*, por ser um objeto longo e fino, como seria de se esperar. Todavia *hon* também é utilizado para classificar o movimento forçado da bola, associado ao bastão, ou seja, quando o rebatedor atinge a bola com sucesso e esta forma uma trajetória reta, longa e fina. De acordo com Lakoff (1987), essa extensão de sentido está no

⁴⁷ Centrality: What we have called the basic members of the category are central. [...]

Chaining: Complex categories are structured by chaining; central members are linked to other members, which are linked to other members, and so on. [...].

Experiential Domains: There are basic domains of experience, which may be culture-specific. These can characterize links in category chains.

Idealized Models: There are idealized models of the world-myths and beliefs among them-that can characterize links in category chains.

Specific Knowledge: Specific knowledge (for example, knowledge of mythology) overrides general knowledge.

The Other: Borges was right about this. Conceptual systems can have an "everything else" category. It, of course, does not have central members, chaining, etc.

No Common Properties: Categories on the whole need not be defined by common properties. There is no reason to believe that the Dyirbal find anything in common among women, fire, dangerous things, etc. Nor do they assume, so far as is known, that there is anything feminine about fire or danger, or anything fiery or dangerous about women. On the other hand, common properties seem to play a role in characterizing the basic schemas within a given category (edible plant, human male, human female).

Motivation: The general principles given make sense of Dyirbal classification, but they do not predict exactly what the categories will be.

domínio da experiência, tratando-se da extensão de um objeto funcional principal do jogo para um objetivo principal. A relação entre a forma de um objeto e uma trajetória é comum entre os esquemas de imagem que formam a base para a extensão de categorias centrais, segundo o autor.

Entre os exemplos em inglês apresentados pelo autor, estão "O homem corre na floresta / A estrada corre na floresta"⁴⁸. No primeiro caso, o verbo é utilizado para um caso em que há uma trajetória (longa e fina) e, no segundo, para um objeto longo e fino, a estrada. Lakoff (1987, p. 106) argumenta que essas relações sugerem a existência de transformação de esquema de imagem, representado da seguinte forma: esquema de trajetória ↔ esquema objeto fino, longo. "Essa transformação de esquema de imagem é um dos muitos tipos de relacionamentos cognitivos que podem formar uma base para a extensão de uma categoria".⁴⁹

Lakoff (1987) nos diz que o entendimento da forma como categorizamos na linguagem natural é imprescindível para a compreensão do processo de categorização em geral. Os Modelos Cognitivos Idealizados são uma tentativa de responder aos questionamentos sobre como nossa mente opera no processo de categorização.

Com base nas análises, que apresentamos brevemente no capítulo 3, ele defende que a estrutura geral das categorias podem ser caracterizadas pelos seguintes modelos cognitivos: proposicionais, esquemas-imagéticos⁵⁰, metafóricos e metonímicos. Eles permitem indicar os membros centrais assim como as ligações no sistema interno. Em relação aos modelos proposicionais, Lakoff (1987) afirma que esses modelos especificam elementos, suas propriedades e as relações entre eles. A esse respeito, o autor nos diz que

[...] Muito da nossa estrutura de conhecimento está na forma de modelos proposicionais. Assim, um modelo de um domínio (como combate em Dyirbal) incluiria elementos que ocorrem nesse domínio (como lutas de combate). Um modelo proposicional que caracteriza nosso conhecimento

⁴⁸The man ran into the woods / The road ran into the woods.

⁴⁹ This image-schema transformation is one of the many kinds of cognitive relationships that can form a basis for the extension of a category.

⁵⁰ Os esquemas imagéticos são estruturas de conhecimento que emergem diretamente da experiência da relação do nosso corpo com o espaço físico (EVANS, 2007).

sobre o fogo incluiria o fato de que o fogo é perigoso. Um modelo taxonômico, como o modelo básico para Dyrbal dado acima, incluiria quatro elementos correspondentes a cada uma das categorias e uma condição declarando que qualquer coisa que não seja um membro das três primeiras categorias está na quarta. (LAKOFF, 1987, p. 113)⁵¹.

Já os modelos esquemas imagéticos especificam imagens esquemáticas, como trajetórias. De acordo com Lakoff (1987, p. 114), “nosso conhecimento sobre arremessos de beisebol inclui um esquema de trajetória. Nosso conhecimento sobre velas inclui um esquema de objeto longo e fino”⁵².

Os modelos metafóricos envolvem os dois esquemas mencionados anteriormente, uma vez que, de acordo com Lakoff (1987), “são mapeamentos de um modelo proposicional ou esquema-imagético em um domínio para uma estrutura correspondente em outro domínio”. Como exemplifica o autor, “a metáfora do CONDUTO para comunicação mapeia nosso conhecimento sobre o transporte de objetos em contêineres para uma compreensão da comunicação como transmitir ideias em palavras”⁵³. (LAKOFF, 1987, p. 114, destaque do autor).

Em relação aos modelos metonímicos, Lakoff (1987) assevera que eles envolvem a compreensão de um todo em termos de uma(s) de suas partes e envolvem os três modelos já mencionados. Em relação aos modelos metonímicos, o autor argumenta que

são modelos de um ou mais dos tipos acima, junto com uma função de um elemento do modelo para outro. Assim, em um modelo que representa uma estrutura parte-todo, esse talvez seja uma função de uma parte para um todo que habilita a parte para suporte do todo. No conhecimento Dyrbal sobre a maria cabeluda, isto é, o conhecimento de sua picada semelhante a uma

⁵¹ Much of our knowledge structure is in the form of propositional models. Thus, a model of a domain (like fighting in Dyrbal) would include elements that occur in that domain (like fighting spears). A propositional model characterizing our knowledge about fire would include the fact that fire is dangerous. A taxonomic model, like the base model for Dyrbal given above, would include four elements corresponding to each of the categories, and a condition stating that anything not a member of the first three categories is in the fourth.

⁵² Our knowledge about baseball pitches includes a trajectory schema. Our knowledge about candles includes a long, thin object schema.

⁵³ *Metaphoric models* are mappings from a propositional or imageschematic model in one domain to a corresponding structure in another domain. The CONDUIT metaphor for communication maps our knowledge about conveying objects in containers onto an understanding of communication as conveying ideas in words.

queimadura de sol, pode representar a própria larva determinando que é um membro da mesma categoria que o sol⁵⁴(LAKOFF, 1987, p. 114).

Como vimos, a categorização é um processo cognitivo extremamente relevante para os seres humanos. De acordo com Bybee (2016), a categorização está na origem das construções juntamente com o *chunking*. Além disso, ele é fundamental para compreendermos a Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006) adotada na presente pesquisa. Por isso, procuramos apresentar as principais ideias de Rosch (1999), Wittgenstein (1996) e Lakoff (1987), com citações e explicações retiradas diretamente das fontes. No capítulo 4, tratamos da Gramática de Construções.

⁵⁴*Metonymic models* are models of one or more of the above types, together with a function from one element of the model to another. Thus, in a model that represents a part-whole structure, there may be a function from a part to the whole that enables the part to stand for the whole. In Dyirbal knowledge about the hairy mary grub, that is, knowledge of its sunburnlike sting, may stand for the grub itself in determining that it is a member of the same category as the sun.

4 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

De acordo com Evans (2007, p. 45), Gramática de Construções designa um conjunto de abordagens que assumem que a construção "é a unidade fundamental da gramática". Todavia, nesse conjunto de abordagens, há variedades distintas de gramáticas de construção, que incluem, entre as citadas por Evans (2007), a Gramática de Construções de Fillmore, Kay e O'Connor (1988), a Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006), a Gramática Radical de William Croft (2001) e a Gramática de Construção Corporificada.

Embora apresentem diferenças, alguns pressupostos são compartilhados por diversos autores, como, por exemplo, a definição de construção como um "pareamento de forma e significado" [Lakoff (1987), Fillmore, Kay e O'Connor (1988), Goldberg (1995, 2006) e Bybee (2016)].

Segundo Bybee (2016), as construções abarcam todos os níveis gramaticais, de morfemas a padrões mais gerais, embora o termo seja aplicado de forma mais usual a uma estrutura morfossintaticamente complexa parcialmente esquemática. A autora defende que as construções representam *chunks* rotinizados da linguagem, armazenados e ativados pelos usuários da língua como um todo.

Neste trabalho, adotamos a Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006), por entendermos que esse é o modelo que mais se ajusta aos nossos objetivos de análise, valendo-nos também das contribuições de Traugott e Trousdale (2013), que aplicam o modelo construcional ao estudo da mudança.

A Gramática de Construções de Goldberg (1995) recebe a influência dos modelos desenvolvidos por Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e Lakoff (1987). Por isso, falaremos brevemente sobre esses modelos.

De acordo com Lakoff (1987) e Fillmore, Kay e O'Connor (1988), a abordagem empregada na Gramática de Construções se diferencia da maioria das versões da gramática gerativa,

aproximando-se muito mais da noção de construção existente nos compêndios tradicionais e escolares, que reconhecem, por exemplo, a existência de construções passivas.

As expressões idiomáticas podem ser vistas como um fator motivacional importante para o surgimento desses trabalhos. Elas são unidades linguísticas convencionais que não podem ser previstas apenas pelo conhecimento que um falante possui sobre as regras gramaticais e o vocabulário de uma língua. São unidades cujo significado não surge da composição de suas partes, sendo necessária a apreensão do todo para que produzam sentido. Como as regras de análise gramaticais existentes até então não davam conta da explicação desse fenômeno, essas expressões eram relegadas a um *status* marginal nos estudos linguísticos.

Fillmore, Kay e O'Connor (1988) defendem que a língua possui um grande repertório de expressões que não podem ser aprendidas pelos falantes de uma dada língua apenas pelo conhecimento do léxico e das regras gramaticais, expressões que precisam ser aprendidas em um bloco único, ou seja, embora as expressões sejam compostas por mais de uma palavra, elas precisam ser aprendidas como um todo e não como a soma de duas ou mais palavras, como por exemplo a sequência “fazer média”. Nesse caso, ainda que o ouvinte saiba que ‘fazer’ é um verbo e o que ele significa, assim como que ‘média’ é um substantivo e seu respectivo significado, tal conhecimento pode não ser suficiente para a compreensão da expressão idiomática “fazer média”, que segundo Urbano (2018, p. 200) significa “procurar agradar, ser aceito, bajular para tirar proveito”.

Esse repertório, em muitas abordagens, é considerado uma extensão do léxico, o que segundo os autores é um erro, uma vez que os mesmos possuem estrutura gramatical e informações sobre padrões gramaticais produtivos. De acordo com Langacker (1987), instâncias de não-composicionalidade não estão confinadas aos domínios da morfologia e composição. Fillmore, Kay e O'Connor (1988) desenvolvem uma tipologia de expressões idiomáticas a partir das seguintes distinções:

(i) codificação x decodificação: uma expressão de codificação é aquela que os usuários da língua podem entender sem experiência prévia, cujo significado pode ser construído a partir da somatória dos itens que a compõem, embora possam não saber que se trata de um modo

convencionalizado de se expressar, como por exemplo, "lamber os beijos" (saborear/provocar vontade de comer determinada comida)". Por outro lado, uma expressão de decodificação precisa ser aprendida no todo, como por exemplo, "bater a caçoleta" (morrer).

(ii) gramaticais x extragramaticais: a diferença entre as duas é que no primeiro caso, como o próprio nome sugere, as expressões obedecem às regras da gramática de determinada língua, como "cortar o coração" que apresenta uma estrutura produtiva em Português, conforme salienta Ferrari (2016), em que o verbo é seguido por um complemento direto. Por outro lado, uma expressão idiomática extragramatical não apresenta uma regra sintática geral da língua, como, por exemplo, "de vento em polpa".

(iii) substantivas x formais: as expressões idiomáticas substantivas são aquelas completamente especificadas, em que as posições previstas na estrutura sintática são lexicalmente preenchidas, como as que encontramos em nossos dados, por exemplo, "cortar o coração/ cortar um dobrado, etc". Por sua vez, as expressões idiomáticas formais representam padrões sintáticos que podem ser preenchidos por diferentes itens lexicais, servindo a propósitos semânticos e pragmáticos, como no caso da construção *let alone*, objeto de estudo de Fillmore, Kay e O'Connor (1988), que podemos traduzir como "quanto mais" em sentenças como "Ana não gosta de alface, quanto mais de jiló / Maria não lava nem o copo que bebe água, quanto mais a louça do almoço".

Lakoff (1987), em seu estudo de caso sobre as "construções-There" argumenta que nenhuma das versões da Gramática Gerativa era adequada para explicar os detalhes complexos dessas construções, assim como as relações entre elas. O autor propõe uma teoria da gramática baseada cognitivamente, que prevê a existência de uma instância prototípica, um núcleo ao qual outras construções estão relacionadas radialmente, em que cada construção emparelha um modelo cognitivo com aspectos correspondentes da forma linguística.

Como Ferrari (2016) afirma, a proposta de Lakoff inaugura uma nova vertente nos estudos gramaticais, aprofundada posteriormente nos trabalhos de Goldberg (1995, 2006). Goldberg (1995) estende a abordagem construcional de Fillmore e seus colaboradores de expressões idiomáticas "irregulares" para construções "regulares", tendo como foco as construções de

estrutura argumental. A abordagem de Goldberg incorpora as ideias recebidas da semântica cognitiva, como a polissemia e a metáfora que podemos relacionar diretamente à influência de Lakoff (1987). A seguir, tecemos considerações mais pormenorizadas sobre o trabalho de Goldberg (1995, 2006).

4.1 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES DE ADELE GOLDBERG

Para Goldberg (1995, 2006), a gramática exibe os mesmos tipos de fenômenos que outras unidades linguísticas, como as palavras. Todas as Construções, independentemente de sua dimensão, complexidade interna, grau de regularidade ou idiosincrasia, são tratadas como "signos", ou seja, como o pareamento de uma forma e de um significado. A definição de construção apresentada pela autora deixa claro que uma nova construção só deve ser postulada, caso uma ou mais de suas propriedades não sejam estritamente previsíveis a partir do conhecimento de outras construções existentes na gramática, uma vez que

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, mesmo os totalmente previsíveis, desde que ocorram de forma suficientemente frequente (GOLDBERG, 2006, p. 5).⁵⁵

As construções são representadas por Goldberg (1995) por meio de matrizes, que mostram um emparelhamento entre os níveis semânticos e sintáticos, como será apresentado ao longo do capítulo. Cabe ressaltar que a representação da construção pode variar de acordo com o autor. Traugott e Trousdale (2013, p. 8), por exemplo, valem-se do seguinte esquema:

⁵⁵Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.

$$[[F] \leftrightarrow [S]]$$

No polo da forma [F] estão os aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos e, por sua vez, no polo do sentido, os aspectos do discurso, da semântica e da pragmática.

Goldberg (1995) defende uma série de argumentos em sua abordagem construcional, dentre os quais, listamos os que mais se destacam:

- (i) A existência de um *continuum* entre léxico e gramática;
- (ii) rejeição à divisão rígida entre semântica e pragmática, haja vista que informações sobre focalização de constituintes, topicalidade e registros são representadas juntamente com as informações semânticas;
- (iii) a gramática de construções é não transformacional, é uma teoria monoestratificada, ou seja, contém apenas um nível de representação sintática ao invés de uma sequência de estruturas ligadas por transformações, ao contrário do previsto nas teorias linguísticas formais como os modelos gerativos de gramática;
- (iv) construções de estrutura argumental são associadas diretamente a estruturas semânticas que refletem cenas básicas da experiência humana.
- (v) as construções possuem significado independentemente dos verbos que as instanciam;
- (vi) diferenças sistemáticas no significado do mesmo verbo em diferentes construções são atribuídas diretamente às construções particulares.

Goldberg (1995) defende que o significado das construções interage com o significado dos verbos particulares que as instanciam. Por isso, ela destaca a necessidade de especificar o tipo de semântica que está sendo utilizada, esclarecendo tratar-se da Semântica de *Frames*⁵⁶. Ela

⁵⁶ A autora também assume os Modelos Cognitivos Idealizados - MCI de Lakoff (1987), abordado no capítulo sobre categorização.

assume, com base em Fillmore, que os significados são definidos em relação a algum contexto particular, *frame* ou cena⁵⁷, que pode ser altamente estruturado, ou seja, que a significação envolve referência a conhecimentos prévios em relação ao mundo ao qual o indivíduo pertence.

O *frame* é o responsável também pela diferenciação de termos muito próximos, como destaca Goldberg (1995) valendo-se do exemplo Fillmoriano "*land x ground*" ("terra x solo"), o primeiro opondo-se a *sea* (mar) e o segundo a *air* (ar), pois esses termos se diferenciam na base dos *frames* em que são definidos.

4.1.1 O item verbal e a construção

De acordo com Goldberg (1995), a designação dos verbos também deve incluir referência a um *frame* enriquecido com conhecimento cultural e de mundo. Verbos como "*renege*" (renegar), "*marry*" (casar), "*languish*" (definhar) são utilizados para salientar a complexidade existente em sua significação, o que implica a necessidade de recorrermos ao *frame* semântico ao qual pertencem para defini-los. A autora aponta que muitas correntes teóricas usam estruturas semânticas decomposicionais, como 'X CAUSA Y RECEBER Z' ou 'X AGE' para definir o significado dos verbos, mas ressalta que elas não são capazes de capturar a totalidade do que intuitivamente compreendemos como o significado dos verbos.

Goldberg (1995) propõe que essas estruturas decomposicionais semânticas correspondem a *significados construcionais* e que, apenas em alguns casos limites, os verbos têm esses significados que ela denomina "esqueletais", como o verbo "*give*" (dar) e "*make*" (fazer). Sendo o verbo uma entrada lexical, sua semântica é associada a um *frame* semântico rico,

⁵⁷ Žanetić (2015, p. 8-9) nos diz que a distinção entre *frame* e cena "é de natureza principalmente prática, pois as cenas se referem à nossa realidade mental e experimental, enquanto os frames fazem parte de um contexto linguístico."

enquanto que, sendo a construção uma "classe-fechada", sua semântica é associada a itens de "classe-fechada" como movimento, causação, ligação e mudança de estado.

A análise das construções de estrutura argumental da autora parte da distinção entre papéis argumentais e papéis participantes. De acordo com Goldberg (1995), a distinção entre as semânticas do verbo e da construção é necessária para explicar novos usos de verbos em construções particulares, como no exemplo fornecido pela autora "*Sam sneezed the napkin off the table*" ("Sam espirrou o guardanapo da mesa"⁵⁸). Esse exemplo demonstra que uma decomposição lexical do verbo "espirrar" como "X AGIR" não é suficiente para explicar o significado do verbo na oração.

As construções não possuem um único sentido abstrato fixo, ao contrário elas são associadas a uma família de sentidos intimamente relacionados, ou seja, possuem uma natureza polissêmica. Isso é retratado por meio da construção ditransitiva do inglês, objeto de estudo de Goldberg (1995). As expressões ditransitivas tipicamente implicam ao argumento agente a realização da ação para causar transferência de um objeto a um beneficiário. Esse sentido de transferência real bem sucedida é considerado o "sentido básico da construção".

Ocorre que nem todas as expressões ditransitivas acarretam estritamente a transferência do argumento paciente com sucesso para o beneficiário em potencial. Ela observa que expressões ditransitivas envolvendo verbos de criação, de permissão, de recusa, entre outros, criam um conjunto de sentidos relacionados sistematicamente e que, dessa forma, a "construção ditransitiva" pode ser vista como um caso de *polissemia construcional* em que uma mesma forma é emparelhada com sentidos relacionados, embora diferentes, como listados a seguir:

A. Sentido central: Agente causa com sucesso que o beneficiário receba o paciente.

*ex: Ana deu um presente para Bia*⁵⁹.

⁵⁸ Tradução livre.

⁵⁹ Exemplos criados pela autora com base em Goldberg (1995).

B. Condições de satisfação acarretam que o agente cause que o beneficiário receba o paciente.

ex: Ana prometeu dar um presente para Bia.

C. Agente causa ao beneficiário não receber o paciente.

ex: Ana se recusou a dar o presente para Bia.

D. Agente age para causar ao beneficiário receber o paciente num tempo futuro.

ex: Ana reservou o presente para Bia na loja de brinquedos.

E. Agente permite que o beneficiário receba o paciente.

ex: Lucia permitiu que Bia recebesse o presente.

F. Agente pretende causar ao beneficiário receber o paciente.

ex: Ana fez/construiu/confeccionou um presente para Bia.

A transferência real bem-sucedida é o sentido central da construção e os outros sentidos são extensões que têm como domínio de origem o sentido central. Todavia, a autora destaca que esses sentidos não são previsíveis e devem ser associados à construção.

As construções de estrutura argumental são relacionadas diretamente a estruturas semânticas que refletem cenas básicas da experiência humana. Essa afirmação compõe a Hipótese de codificação de cena, postulada por Goldberg (1995, p. 39), segundo a qual "Construções que correspondem a tipos sentenciais básicos codificam como seu sentido central tipos de eventos que são básicos para a experiência humana⁶⁰."

De acordo com Goldberg (1995), espera-se que as línguas utilizem um conjunto delimitado de tipos de eventos possíveis, tais como: alguém causando alguma coisa, alguém experienciando

⁶⁰*Scene Encoding Hypothesis*: Constructions which correspond to basic sentence types encode as their central senses event types that are basic to human experience.

alguma coisa, alguém movendo-se, alguém tornando-se em um estado, alguém possuindo algo, alguém causando uma mudança de estado ou localização, alguém sofrendo uma mudança de estado ou localização, alguém experienciando algo e algo tendo efeito sobre alguém. São tipos de eventos abstratos, ou seja que não possuem sentidos básicos semânticos, como alguém pinta o cabelo, alguém corre, algo é cortado, etc.

Não se espera encontrar tipos sentenciais básicos distintos que codifiquem esses casos. Segundo a autora, a ideia da hipótese de codificação de cena é remanescente da motivação original de Fillmore para a existência dos casos, "[...] que identificam certos tipos de julgamentos que os seres humanos são capazes de fazer acerca dos acontecimentos que ocorrem a seu redor [...]" (FILLMORE (1977, p. 299).

Os papéis de caso são associados com as construções de estrutura argumental. Evidências que apoiam a Hipótese da codificação de cenas são encontradas em estudos sobre aquisição da linguagem, conforme Goldberg (1995) aponta. Porém, nem todas as construções codificam cenas básicas da experiência humana, sendo que algumas são designadas para fornecer uma estrutura informacional alternativa da sentença, possibilitando a topicalização ou a focalização de determinados argumentos.

Goldberg (1995) separa a semântica do verbo da semântica da construção, fazendo a distinção entre papéis argumentais e papéis participantes. Os papéis participantes dizem respeito ao verbo e são associados aos papéis específicos do *frame*, sendo instâncias dos papéis argumentais. Por sua vez, as construções são associadas aos papéis mais gerais, como de agente e paciente. Esses papéis passam por um processo de integração, com veremos no decorrer do capítulo.

Os verbos determinam lexicalmente quais aspectos do *frame* semântico serão perfilados. Sobre os papéis perfilados, Goldberg (1995, p.44) salienta que "[...] são entidades no *frame* semântico associadas com o verbo que são obrigatoriamente acessadas e funcionam como um

ponto focal dentro da cena, alcançando um grau especial de proeminência [...]."⁶¹ A diferença associada a verbos que invocam um mesmo *frame* semântico pode ser explicada com base na perfilagem dos papéis participantes, como acontece no caso de *rob* e *steal*, exemplo utilizado pela autora.

Ambos os verbos podem ser traduzidos para o português como "roubar" e são associados a três papéis participantes⁶² <ladrão alvo bens>, mas não são idênticos, como podemos perceber na perfilagem dos papéis, marcada em negrito a seguir.

rob <ladrão **alvo** bens> / *steal* <ladrão **alvo** **bens**>

O foco de *steal* recai sobre o objeto roubado, pois em *steal* os papéis perfilados são 'ladrão' e 'bens'. Por outro lado, o foco de *rob* recai sobre a pessoa ou o lugar roubado, 'o alvo', que passa a ser perfilado ao invés de 'bens'. Dessa forma, a escolha entre um dos dois implica diferenças semânticas e pragmáticas.

De acordo com Goldberg (1995), todos os papéis participantes expressos numa construção são perfilados. Os papéis participantes perfilados são aqueles normalmente expressos em sentenças finitas, ou seja, em sentenças com verbo flexionado. A ressalva tem por objetivo permitir exceções como nos casos em que o verbo ocorre em uma construção cujo propósito é o de evitar a expressão explícita de um argumento ou nos casos em que o verbo lexicalmente especifica que o papel pode ser não expresso com uma interpretação definida. A autora reconhece que essa discussão é ampla, mas devido ao recorte necessário, apresenta de forma sumária os casos nos quais os papéis participantes perfilados podem não ser expressos, que são:

- i) construções que sombream (*shades*), cortam (*cuts*) ou mesclam (*merges*) papéis. O primeiro caso diz respeito ao processo no qual um participante particular é "colocado nas sombras", é retirado de cena, deixando de ser perfilado, como no caso da passiva,

⁶¹ are entities in the frame semantics associated with the verb that are obligatorily accessed and function as focal points within the scene, achieving a special degree of prominence [...].

⁶² A autora destaca que rótulos específicos para esses papéis não têm significância teórica, pois são destinados a identificar participantes particulares no *frame* semântico do verbo.

que muitas vezes é utilizada para omitir o agente responsável pela ação. O segundo refere-se a construções em que o papel não pode ser expresso, como na construção média inglesa. O terceiro tem por finalidade mesclar papéis participantes associando-os a uma função gramatical única, como no caso da construção reflexiva.

ii) no caso dos *complementos nulos (definidos e indefinidos)*. Nesses casos, o verbo pode lexicalmente especificar que um determinado papel pode deixar de ser expresso. Se a identidade de referência do papel participante é desconhecida ou irrelevante, então o papel não expresso recebe uma interpretação indefinida (como pode ser observado em exemplos do português com o mesmo verbo utilizado para exemplificação no inglês "*drink*" ("beber"), "João bebeu até de madrugada"). Embora o objeto, o que foi bebido, seja um papel participante do verbo beber, ele pode não ser perfilado lexicalmente por não ter proeminência na expressão. Como podemos observar no exemplo, o complemento nulo é inferível: líquido com algum teor alcoólico. Por sua vez, o *complemento nulo definido* precisa ser recuperável no contexto para que sua identificação aconteça, sendo, portanto, considerado perfilado.

Em relação à perfilagem dos papéis argumentais da construção, a autora assevera que as construções também especificam os papéis a serem perfilados. Porém, para que um determinado papel argumental seja perfilado é preciso que ele seja expresso como relação gramatical direta⁶³, ou seja, ele precisa estar interligado ao (SUJEITO OBJETO₁ OBJETO₂). No caso da construção ditransitiva, associada à semântica "X CAUSA Y RECEBER Z" a representação ocorre da seguinte forma: CAUSA-RECEBE <agente beneficiário paciente>.

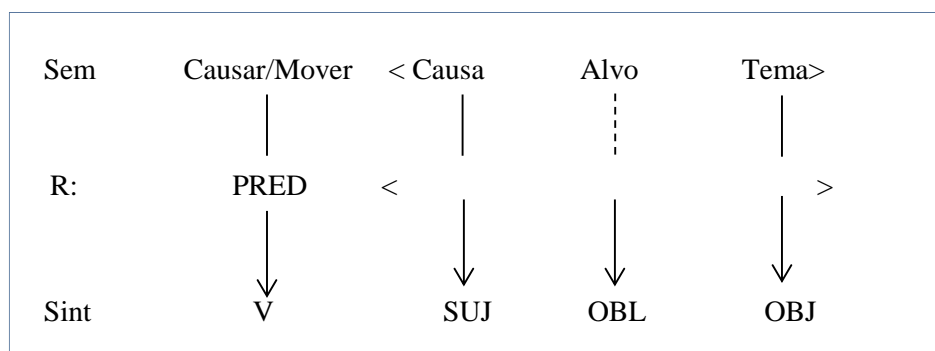
No processo de integração, os papéis participantes perfilados devem ser fundidos com papéis argumentais realizados como funções gramaticais diretas. Para que ocorra a fusão dos papéis participantes com os papéis argumentais é preciso que haja compatibilidade entre os papéis, o que é determinado por dois princípios: 1) O *Princípio da coerência semântica*, que estabelece que apenas papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos; 2) o *Princípio da*

⁶³ Como podemos observar, nem todas as funções sintáticas são consideradas relações gramaticais diretas. Os elementos referentes às funções 'oblíquas' como designado pela autora não são perfilados pela construção.

correspondência, que determina que cada papel participante lexicalmente perfilado e expresso deve ser fundido com um papel argumental da construção. Porém, nos casos em que o verbo possui três papéis participantes perfilados, um deles pode ser fundido com um papel argumental não perfilado da construção.

As construções são representadas por Goldberg (1995) por meio de matrizes, que mostram um emparelhamento entre os níveis semânticos e sintáticos, como ilustrado na figura 7.

Figura 7 - Construção de Movimento Causado



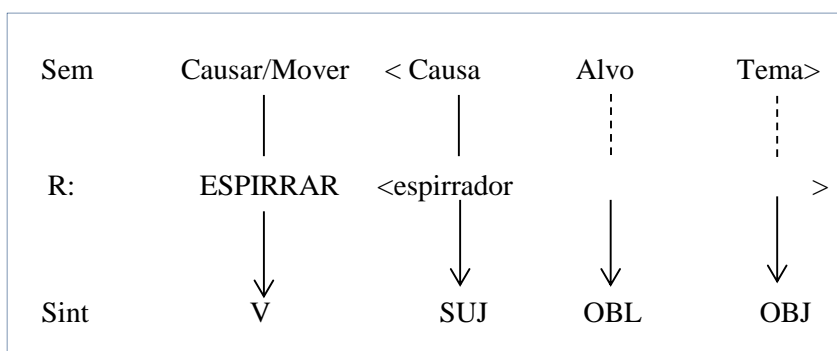
Fonte: Goldberg (1995, p. 52)

Na primeira linha da figura 7, temos a semântica da construção e os papéis argumentais. A segunda linha está reservada para o preenchimento com verbos específicos e seus papéis participantes. Na terceira linha, estão as funções gramaticais atribuídas à fusão dos papéis argumentais e participantes na expressão sintática. A linha tracejada indica que o papel argumental "alvo" da construção não é perfilado, segundo a autora, por estar ligado a uma função "oblíqua", ou seja, por não estabelecer uma relação gramatical direta com o verbo.

Assim como um papel participante perfilado (no caso de verbo com três participantes perfilados) pode ser fundido com um papel argumental não perfilado, um papel participante não perfilado pelo verbo pode ser perfilado quando integrado numa construção que profile os três papéis argumentais, como no caso da construção ditransitiva do inglês. Nesses casos, o papel participante herda o *status* perfilado do papel argumental com o qual se funde.

Além disso, não é necessário que cada papel argumental da construção corresponda aos participantes do verbo, uma vez que a construção pode adicionar papéis não disponibilizados pelo verbo. Durante a análise do *corpus* essas discussões serão retomadas, quando necessário, com exemplificações. No momento, apresentamos o exemplo fornecido por Goldberg (1995, p. 54), sobre a composição da Construção de Movimento Causado + "espirrar", que licencia expressões como "He sneezed the napkin off the table" ("Ele espirrou o guardanapo da mesa").

Figura 8 - Estrutura composta: Movimento Causado + espirrar



Fonte: Goldberg (1995, p. 54)

Um dos motivos apresentados por Goldberg (1995) para a especificação de uma nova construção é a necessidade de explicar certos casos em que a interpretação semântica não pode ser plausivelmente atribuída ao verbo principal, como ocorre com a Construção de Movimento Causado.

Goldberg (1995, p. 152) define a Construção de Movimento Causado estruturalmente, na voz ativa, como [Suj [V Obj Obl]], com as seguintes ressalvas: o verbo é não-estativo e o oblíquo corresponde a um sintagma direcional (um complemento oblíquo). Apesar dessa especificação, a autora reconhece que o *slot* destinado ao oblíquo, que corresponde ao papel semântico 'alvo'⁶⁴, permite em geral um locativo. A autora atribui tal fato a um processo

⁶⁴ Alvo é aqui definido como a entidade para onde algo se move, tanto no sentido literal como no sentido metafórico, em consonância com Caçado (2018).

particular de acomodação “pelo qual a construção é capaz de coagir o termo locativo a uma leitura direcional”⁶⁵ e “o local codificado pela frase locativa é interpretado como o ponto final de um caminho para esse local”⁶⁶ (GOLDBERG, 1995, p. 159).

A autora define a semântica básica dessa construção da seguinte forma: argumento causa faz com que o argumento tema⁶⁷ se mova ao longo de um caminho designado pela frase direcional; isto é, 'X CAUSA Y MOVER Z'. Esse é considerado o sentido central da construção que envolve causação manipulativa e movimento real. Extensões desse sentido, que se relacionam por meio de herança polissêmica, são propostas, a saber:

- A) X CAUSA Y MOVER Z.
Exemplo: Frank chutou o cachorro para o banheiro⁶⁸.
- B) Condições de satisfação implicam X CAUSA Y MOVER Z
Exemplo: Sam ordenou que ele saísse de casa⁶⁹.
- C) 'X permite Y MOVER Z
Exemplo: Sam deixou Bill entrar na sala⁷⁰.
- D) X impede Y de mover Comp (Z)
Exemplo: Harry trancou Joe no banheiro.⁷¹
- E) X ajuda Y MOVER Z.
Exemplo: Sam o ajudou a entrar no carro⁷².

Além desses sentidos, a autora também levanta a possibilidade de uma extensão adicional, uma vez que existem verbos que não se encaixam nesses padrões, como o verbo

⁶⁵ What needs to be recognized to account for these cases is a particular process of accommodation (cf. Talmy 1977; Carter 1988) or coercion (Moens & Steedman 1988; Croft 1991; Pustejovsky 1991b; Sag & Pollard 1991) by which the construction is able to coerce the locative term into a directional reading.

⁶⁶ The relationship between the meaning of the locative term and the directional interpretation it receives is one of endpoint focus (Brugman 1988). That is, the location encoded by the locative phrase is interpreted to be the endpoint of a path to that location.

⁶⁷ Tema é aqui definido como a entidade deslocada por uma ação, em consonância com Caçado (2018).

⁶⁸ Frank kicked the dog into the bathroom (Goldberg, 1995, p. 161).

⁶⁹ Sam ordered him out of the house (Goldberg, 1995, p. 161).

⁷⁰ Sam allowed Bob out of the room (Goldberg, 1995, p. 161).

⁷¹ Harry locked Joe into the bathroom (Goldberg, 1995, p. 162).

⁷² Sam helped him into the car (Goldberg, 1995, p. 162).

‘acompanhar’ cujo sujeito não é interpretado para causar, permitir ou impedir o movimento do tema.

Para os propósitos deste trabalho, interessa-nos particularmente a classe de expressões em D, por entendermos que ela se aproxima de uma construção que será proposta no capítulo 8. Goldberg (1995, p. 162) descreve essa classe “em termos do esquema força-dinâmica de imposição de uma barreira, fazendo com que o paciente permaneça em um local, apesar de sua tendência inerente a se mover”⁷³, que incluiria verbos como “bloquear” e “reter”. O argumento Comp (Z) codifica o complemento do movimento potencial e, dessa forma, o exemplo fornecido pela autora implica que Harry impediu Joe de sair do banheiro. Embora a autora utilize o termo ‘paciente’ nessa explicação, vale-se do papel argumental tema para descrever o esquema da construção de movimento causado. Sendo o ‘tema’ concebido como a entidade deslocada por uma ação, entendemos tratar-se de uma definição mais específica para a entidade afetada pela ação verbal em virtude da semântica da construção.

Goldberg (1995, p. 165) argumenta que a construção de movimento causado apresenta restrições semânticas, sendo uma delas a restrição no argumento causador que implica que o argumento ‘causa’ pode ser um agente ou uma força natural, mas não um instrumento. Dessa forma, o papel argumental da construção ‘causa’, proposto por Goldberg (1995) não deve ser confundido com o papel temático com o mesmo nome, uma vez que abarca também o ‘agente’. As demais restrições são associadas ao tema de “causa direta” ou princípio de “um evento por cláusula” que Goldberg (1995, p. 174) resume por meio das seguintes generalizações:

- I. Nenhuma decisão cognitiva pode mediar entre o evento causador e o movimento envolvido.
- II. Se o movimento causado não for estritamente vinculado, deve-se presumir como uma implicação *ceteris paribus*.
- III. Cenários convencionalizados podem ser cognitivamente empacotados como um evento único, mesmo que exista uma causa interveniente (Shibatani 1973).

⁷³ D. ‘X PREVENTS Y from MOVING Comp(Z)’. This class of expressions, by contrast to the one above, can be described in terms of the force-dynamic schema of imposition of a barrier, causing the patient to stay in a location despite its inherent tendency to move.

IV. Se o verbo é um verbo de mudança de estado (ou um verbo de efeito), de modo que a atividade que causa a mudança de estado (ou efeito), quando realizada de maneira convencional, afeta algum movimento incidental e, além disso, é executada com a intenção de causar o movimento, o caminho do movimento pode ser especificado.

V. O caminho do movimento deve ser completamente determinado pela ação indicada pelo verbo.

A terceira generalização é extremamente importante para nossas análises, uma vez que em sua discussão Goldberg (1995) remete a expressões que ocorrem em nosso *corpus*. Tal generalização diz respeito aos casos que, de acordo com a autora, parecem desconsiderar a restrição geral da não existência de uma causa intermediária para a Construção de Movimento Causado. A esse respeito, Goldberg (1995, p. 168-169) argumenta que⁷⁴:

[...] como Shibatani (1973) notou, as atividades que são convencionalmente realizadas de uma maneira particular podem ser expressas como causativos simples, mesmo quando a causa é indireta, na medida em que na realidade existe uma causa intermediária. Por exemplo, considere (84 -87):

(84) O proprietário inválido correu seu cavalo favorito (na corrida).

(85) Chris cortou o cabelo no salão da University Avenue.

(86) Ela pintou sua casa (quando na verdade os pintores fizeram a pintura)

(87) O agricultor Joe aumentou essas vinhas.

Um modo convencional de cortar o cabelo é ir a um salão, um modo convencional de pintar a casa é que os pintores profissionais o façam e assim por diante. Ou seja, causativas simples podem ser usadas para implicar causalidade convencionalizada que, na realidade, pode envolver uma causa intermediária. Parece que cenários convencionalizados podem ser “empacotados” cognitivamente de tal maneira que sua estrutura interna é ignorada.⁷⁵

⁷⁴ Na citação foi mantida a numeração atribuída aos exemplos por Goldberg (1995).

⁷⁵ As Shibatani (1973) noticed, activities which are conventionally accomplished in a particular way may be expressed as simple causatives, even when the causation is indirect insofar as there is in actuality an intermediate cause. For example, consider (84 -87):

(84) The invalid owner ran his favorite horse (in the race).

(85) Chris cut her hair at the salon on University Avenue.

(86) She painted her house, (when in fact the painters did the painting)

(87) Farmer Joe grew those grape vines.

It is a conventional way to have one's hair cut to go to a salon, a conventional way to have one's house painted to have professional painters do it, and so forth. That is, simple causatives can be used to imply conventionalized causation that may in actuality involve an intermediate cause. It seems that conventionalized scenarios can be cognitively “packaged” in such a way that their internal structure is ignored.

Com base nessa discussão, a autora argumenta que sentenças que expressam movimento causado indireto, mas convencional, também são permitidas na construção do movimento causado, como, por exemplo, “A empresa a levou de avião para Chicago para uma entrevista”⁷⁶, uma vez que pagar e organizar uma passagem para outra pessoa é uma maneira convencional de alguém viajar para entrevistas. Feitas as considerações sobre a Construção de Movimento Causado, voltamos a discorrer sobre o processo de integração entre os papéis do verbo e da construção.

Segundo Goldberg (1995), casos típicos são aqueles em que os papéis participantes associados ao verbo podem ser colocados em uma correspondência um a um com os papéis argumentais associados à construção, gerando um significado construcional redundante em que o significado do verbo e o verbo em si acrescentam informação ao evento designado pela construção. Porém, muitas vezes, a estrutura composta corresponde ao que é considerado normalmente um significado adicional ou derivado do verbo principal.

Entre as relações que verbos e construções podem estabelecer, ela destaca que o mais comum é que o tipo de evento designado pelo verbo seja uma instância do tipo de evento mais geral designado pela construção, ou seja, o verbo denota diretamente o significado associado à construção. Todavia, alguns verbos podem denotar apenas o meio pelo qual a ação é realizada ou o resultado associado com a construção.

As relações entre verbos e construções não podem ocorrer de qualquer maneira, por isso, Goldberg (1995, p. 62) apresenta a "*Hipótese Relacional Causal*"⁷⁷: O significado designado pelo verbo e o significado designado pela construção devem se integrar por meio de uma relação causal (temporalmente contígua).⁷⁸ Porém, algumas construções particulares permitem violações dessa hipótese. Nesses casos, não ocorre alteração no significado da construção, mas a relação entre o significado do verbo e da construção é diferente.

⁷⁶ The company flew her to Chicago for an interview (Goldberg, 1995, p. 169).

⁷⁷ Goldberg (1995) ressalta que essa hipótese é baseada na proposta de Croft (1991) para uma restrição geral sobre possíveis padrões de confluência.

⁷⁸ *Causal Relation Hypothesis*: The meaning designated by the verb and the meaning designated by the construction must be integrated via (temporally contiguous) causal relationship.

O evento designado pelo verbo deve relacionar-se ao evento designado pela construção em um dos seguintes modos:

- a) como um subtipo do evento da construção;
- b) designando o modo do evento da construção;
- c) designando o resultado do evento da construção;
- d) designando uma pré-condição do evento da construção;
- e) Numa extensão muito limitada, designando o modo, o meio ou o resultado pretendido do evento da construção.

Além disso, o evento da construção e o evento do verbo devem compartilhar pelo menos um participante.

Goldberg (1995) defende que as construções compõem uma rede ligada por relações de herança responsáveis pela motivação de propriedades de construções particulares. A natureza dessas relações decorre de 04 princípios psicológicos referentes à organização da linguagem, os *Princípios da Motivação Maximizada, da Não Sinonímia, do Poder Expressivo Maximizado e da Economia Maximizada*. Goldberg (1995) apresenta esses princípios em termos de construções, mas destaca que eles tem análogos diretos em abordagens funcionalistas diversas. Sobre esses princípios, Goldberg (1995, p. 67-68) apresenta as seguintes considerações

I. *O Princípio da Motivação Maximizada*: Se a construção A é relacionada à construção B sintaticamente, então a construção A é *motivada* de acordo com o grau em que está relacionada à construção B semanticamente (cf. Haiman 1985a; Lakoff 1987). Tal motivação é maximizada.

II. *O Princípio da Não Sinonímia*: Se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semanticamente ou pragmaticamente distintas (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989). Aspectos pragmáticos de construções envolvem detalhes/informações de estrutura informativa, incluindo tópico e foco, e além disso aspectos estilísticos [...].

Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e S(semanticamente)-sinônimas, então elas não devem ser P(pragmaticamente)-sinônimas.

Corolário B: Se duas construções são sintaticamente distintas e P-sinônimas, então elas não devem ser S-sinônimas.

III. *O Princípio do Poder Expressivo Maximizado*: O inventário de construções é maximizado para propósitos comunicativos.

IV. *O Princípio da Economia Maximizada*: O número de construções distintas é minimizado tanto quanto possível, dado o Princípio III (Haiman 1985a)⁷⁹.

Os Princípios do Poder Expressivo Maximizado e da Economia Maximizada se restringem de forma recíproca. Enquanto o primeiro age no sentido de criar significados/funções para formas distintas, o segundo atua para restringir a multiplicidade de construções. Conforme Goldberg (1995) salienta, são princípios de base funcionalista, e, em apoio aos mesmos, ela menciona dois princípios mais gerais, o isomorfismo e a motivação.

O princípio do isomorfismo preconiza que diferenças na forma acarretam diferenças no significado ou pragmática e vice-versa. Por sua vez, a motivação captura um *insight* estruturalista fundamental, segundo o qual "[...] elementos em um sistema influenciam uns aos outros, mesmo quando eles não interagem literalmente" (GOLDBERG, 1995, p. 72).

A autora tece diversas considerações sobre o princípio da *motivação*, tanto apontando a origem do termo em Saussure, no Curso de Linguística Geral, que o situa entre previsibilidade e arbitrariedade⁸⁰, como citando outros trabalhos que tratam da importância da motivação para a gramática. Todavia, a definição de *motivação* utilizada pela autora vem da sugestão de Lakoff (1987), para quem o termo é extremamente caro. Dessa forma, Goldberg (1995, p. 70)

⁷⁹ I. The Principle of Maximized Motivation: If construction A is related to construction B syntactically, then the system of construction A is motivated to the degree that it is related to construction B semantically (cf. Haiman 1985a; Lakoff 1987). Such motivation is maximized.

II. The Principle of No Synonymy: If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989). Pragmatic aspects of constructions involve particulars of information structure, including topic and focus, and additionally stylistic aspects [...].

Corollary A: If two constructions are syntactically distinct and S(semantically)-synonymous, then they must not be P(pragmatically)-synonymous.

Corollary B: If two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous.

III. The Principle of Maximized Expressive Power: The inventory of constructions is maximized for communicative purposes.

IV. The Principle of Maximized Economy: The number of distinct constructions is minimized as much as possible, given Principle III (Haiman 1985a).

⁸⁰Embora Saussure (2012, p. 180) defenda o princípio da arbitrariedade do signo, ele reconhece que "[...] o signo pode ser relativamente motivado." Dessa forma, enquanto 'vinte' é imotivado, 'dezenove' não possui o mesmo grau de imotivação, uma vez que o todo evoca as partes que o compõe.

afirma que "uma dada construção é *motivada* na medida em que sua estrutura é herdada de outras construções na linguagem"⁸¹.

Em seu estudo de casos sobre as Construções-*there*, Lakoff (1987) propõe a existência de uma instância prototípica para a construção que se relaciona a outras subconstruções radialmente. Na discussão sobre as categorias radiais, o autor argumenta que as extensões do centro categorial, ou seja, da construção prototípica no caso, não são previsíveis nem arbitrárias, mas sim motivadas.

De acordo com o modelo de herança assumido por Goldberg (1995), uma informação é herdada do nó dominante desde que não conflite com a informação especificada pelos nós mais baixos na cadeia hierárquica. A partir de agora, usaremos o termo "construção dominante" para a construção motivadora e "construção dominada" para a construção que herda as propriedades da dominante. Cabe destacar que uma dada construção pode ser motivada por mais de uma construção, recebendo heranças múltiplas.

Goldberg (1995) propõe quatro tipos de elos de herança: os elos polissêmicos (Hp), os elos por subparte (Hs), os elos por instanciação (Hi) e os elos de extensão metafórica (Hm), cujas diferenças podem ser observadas nas definições a seguir.

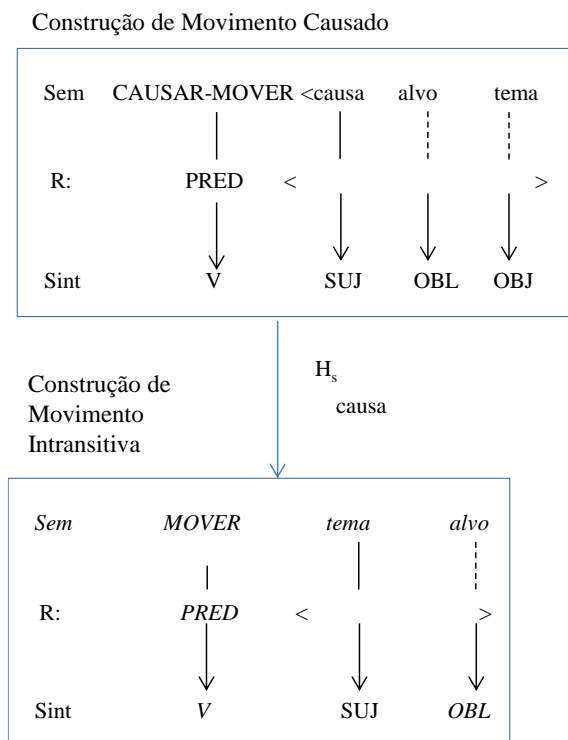
- **Herança polissêmica (Hp):** reflete-se nas extensões do sentido particular de uma determinada construção, em que as especificações sintáticas do sentido central são herdadas por extensões da construção dominante, conforme exemplificado anteriormente quando abordamos a polissemia construcional da Construção *ditransitiva* inglesa, que a partir de seu sentido central 'X CAUSA Y RECEBER Z', é associada a uma família de sentidos relacionados: 'Condições de satisfação implicam 'X CAUSA Y RECEBER Z', 'X PERMITE Y RECEBER Z', etc. Cada uma das extensões constituiu uma construção minimamente diferente do sentido central, mas motivada por ele. Goldberg (1995) salienta que a Construção

⁸¹ A given construction is *motivated* to the degree that its structure is inherited from other constructions in the language.

de Movimento Causado possui um padrão polissêmico semelhante ao da Ditransitiva e ressalta a importância de se observar o padrão de cada construção individualmente.

- **Herança por Subparte (H_s):** ocorre quando uma construção é uma parte da construção dominante, ou seja, as especificações sintáticas e semânticas da construção dominada são uma subparte das especificações sintáticas e semânticas da construção dominante. De acordo com Goldberg (1995, p. 160) a Construção de Movimento Causado motiva a Construção de Movimento Intransitiva por uma relação de herança por subparte, como podemos observar na figura 9.

Figura 9 - Construção de Movimento Intransitiva



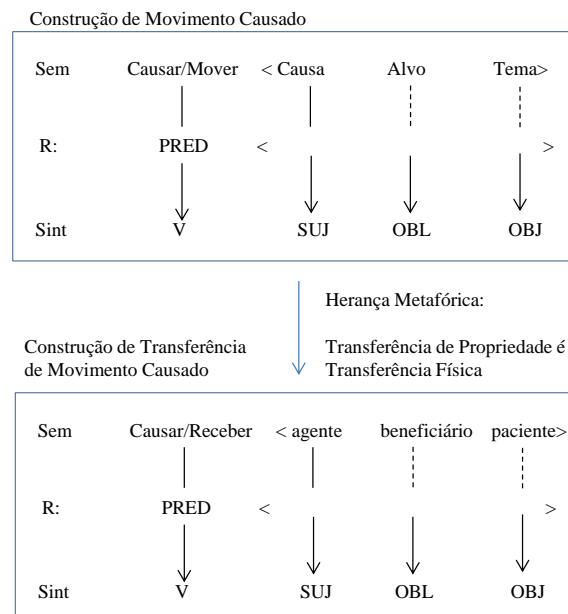
Fonte: Goldberg (1995, p. 160).

- **Herança por Instanciação (H_i):** ocorre quando uma construção particular é um caso especial de outra construção, sendo uma versão específica e mais completa da construção dominante. São os casos tratados como "instâncias preenchidas da construção". Para exemplificar esse tipo de herança, Goldberg (1995, p. 79) aponta um sentido específico de

“drive” (conduzir, dirigir, incitar) que ocorre em sentenças, como, “Kim drove Pat mad” (Kim deixou Pat louco). Esse sentido específico de “drive” ocorre quando o verbo é recrutado na Construção Resultativa e restringe o argumento alvo-resultante para significar “crazy” dando origem a uma nova construção que possui um elo por instanciação com a Construção Resultativa.

Herança por extensão metafórica (H_M): ocorre quando uma construção é motivada por projeção metafórica da construção dominante. Nesse caso, a metáfora constitui o modo pelo qual a semântica da construção dominante é projetada na semântica da construção dominada. De acordo com Goldberg (1995), a Construção de Movimento Causado e a Construção Ditransitiva se relacionam por meio de um laço de herança metafórica, conforme podemos observar na representação da Figura 10.

Figura 10 - Extensão metafórica da construção de movimento causado



Fonte: Goldberg (1995, p. 90).

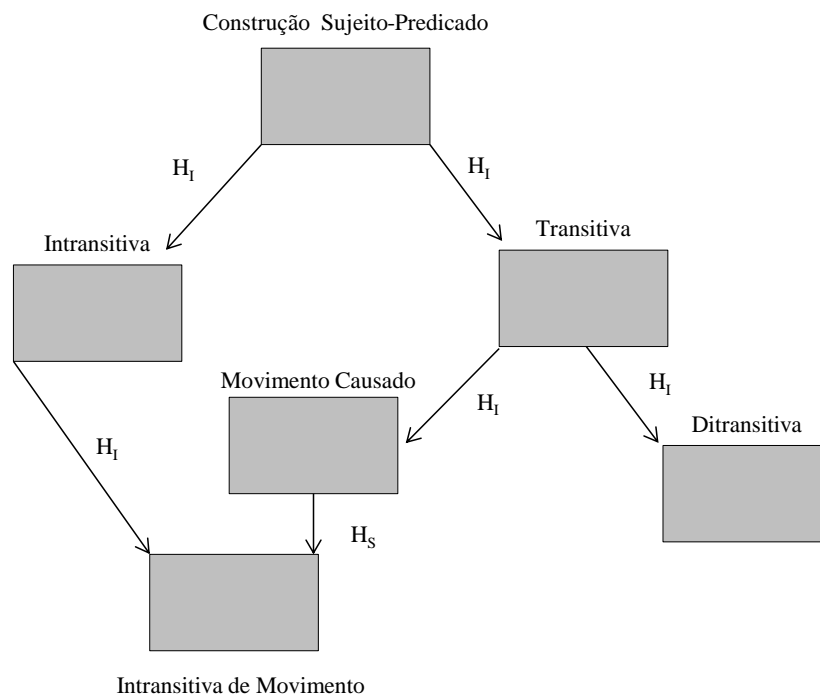
A metáfora "Transferência de Propriedade como Transferência Física" permite que a Construção de Transferência de Movimento Causado seja utilizada para codificar a

transferência de posse, que é a semântica associada à Construção Ditransitiva. Essa extensão licencia expressões como "Eunice deu seu sítio para o sobrinho".

Pelo princípio da Não Sinonímia, Corolário A, as duas construções não podem ser pragmaticamente sinônimas (uma vez que são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas), mas como a autora destaca, há uma diferença entre a Construção Ditransitiva e a extensão metafórica da Construção de Movimento Causado. A primeira é utilizada para focar o objeto transferido enquanto a segunda foca o beneficiário.

Como vimos, as construções se interconectam formando uma rede hierárquica que podemos visualizar no diagrama, proposto pela autora, que exclui polissemia e extensões metafóricas. Nessa figura, as relações de herança por instanciação são indicadas por H_I e a relação de herança por sub-parte por H_S .

Figura 11 - Rede hierárquica de construções



Fonte: Goldberg (1995, p. 90)

Goldberg (2006, p. 5) ressalta que todos os níveis de análise gramatical envolvem construções e apresenta diversos exemplos de construções do inglês que variam em complexidade e esquematicidade, que vai de morfemas e palavras, passa por estruturas frasais mais complexas até padrões abstratos, como a Construção Ditransitiva e a Passiva, configurando um contínuo entre léxico e gramática. No quadro 1, reproduzimos os exemplos apresentados pela autora.

Quadro 1 - Exemplos de construções que variam em tamanho e complexidade

Morpheme	e.g. <i>pre-</i> , <i>-ing</i>
Word	e.g. <i>avocado</i> , <i>anaconda</i> , <i>and</i>
Complex word	e.g. <i>daredevil</i> , <i>shoo-in</i>
Complex word (partially filled)	e.g. [N-s] (for regular plurals)
Idiom (filled)	e.g. <i>going great guns</i> , <i>give the Devil his due</i>
Idiom (partially filled)	e.g. <i>jog <someone's> memory</i> , <i>send <someone> to the cleaners</i>
Covariational Conditional	The Xer the Yer (e.g. <i>the more you think about it, the less you understand</i>)
Ditransitive (double object)	Subj V Obj ₁ Obj ₂ (e.g. <i>he gave her a fish taco</i> ; <i>he baked her a muffin</i>)
Passive	Subj aux V _{PPP} (PP _{by}) (e.g. <i>the armadillo was hit by a car</i>)

Fonte: Goldberg (2006, p. 5)

Na presente pesquisa, valemo-nos também das contribuições de Traugott e Trousdale (2013). Os autores apontam três dimensões para as construções: tamanho, especificidade fonológica e conceptualização e afirmam que na maior parte dos casos uma construção pode ser caracterizada nas três dimensões. A seguir apresentamos o quadro, que sumariza e exemplifica as três dimensões. Tal quadro é uma adaptação realizada por Rosário e Oliveira (2016) para o português do proposto originalmente em Traugott e Trousdale (2013, p. 13) para o inglês.

Quadro 2 - Dimensões das Construções

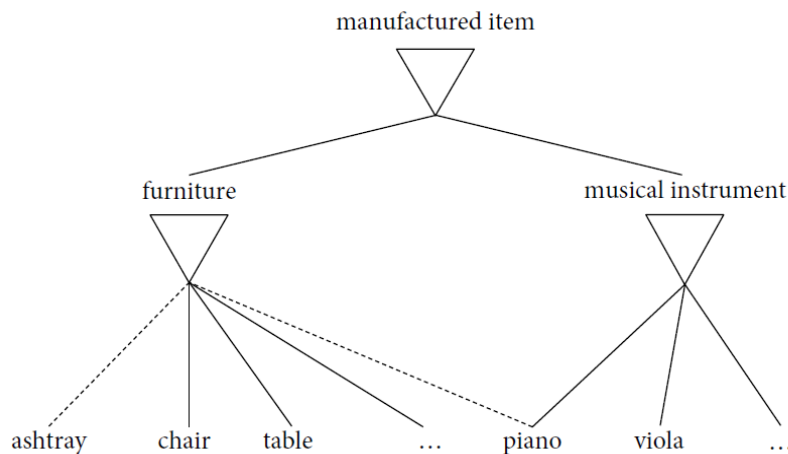
Tamanho	Atômica <i>café, -s (pl)</i>	Complexa <i>sei lá, por isso</i>	Intermediária <i>pós-graduação</i>
Especificidade fonológica	Substantiva <i>café, -eiro</i>	Esquemática <i>SV, Sprep</i>	Intermediária <i>Adj -mente</i>
Conceptualização	Conteudista <i>café, SV</i>	Procedural <i>-s (pl), por isso</i>	Intermediária <i>poder (modal)</i>

*

Fonte: Rosário e Oliveira (2016, p. 240).

Traugott e Trousdale (2013) defendem que a língua, assim como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós que se interconectam, ou seja, as construções se relacionam umas com as outras, e para demonstrar como isso ocorre, os autores apresentam a rede conceitual ilustrada na figura 12.

Figura 12 - Rede conceitual proposta por Traugott e Trousdale



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 10).

Traugott e Trousdale (2013) demonstram com esse esquema a associação entre conceitos de níveis mais básicos e os conceitos em níveis mais esquemáticos que generalizam sobre eles. A base do triângulo aponta a supercategoria enquanto o ápice indica a subcategoria. No nível mais alto, temos a categoria ‘item manufaturado’ (manufactured item) à qual estão associadas as categorias ‘móveis’ (furniture) e ‘instrumentos musicais’ (musical instrument). As linhas representam as associações entre os conceitos. Nessa rede, ‘chair’ (cadeira) está associada à

categoria ‘móveis’ por uma linha ininterrupta, isso porque, segundo os autores ela é um membro central dessa categoria, diferentemente de ‘ashtray’ (cinzeiro), que seria um membro mais periférico. Por sua vez, ‘piano’ transmite o conceito de herança múltipla. Os autores destacam que ele possui características associadas à categoria ‘móveis’, mas sua associação à categoria ‘instrumentos musicais’ é mais forte e, por isso, a linha que o une a essa categoria é ininterrupta.

Partindo dessa visão, Traugott e Trousdale (2013, p. 14) propõem três níveis hierárquicos para as construções: os *esquemas*, os *subesquemas* e as *microconstruções*. Os esquemas correspondem a generalizações mais abstratas, “grupos de construções semanticamente gerais”, situados no nível mais alto da rede, que são instanciadas por *subesquemas*. No nível dos *subesquemas* situam-se os grupos de construções com mais especificidade semântica. Na visão dos autores, os esquemas são padrões rotinizados da experiência que são entrincheirados cognitivamente e não devem ser vistos como representações mentais. A esse respeito, eles nos dizem que

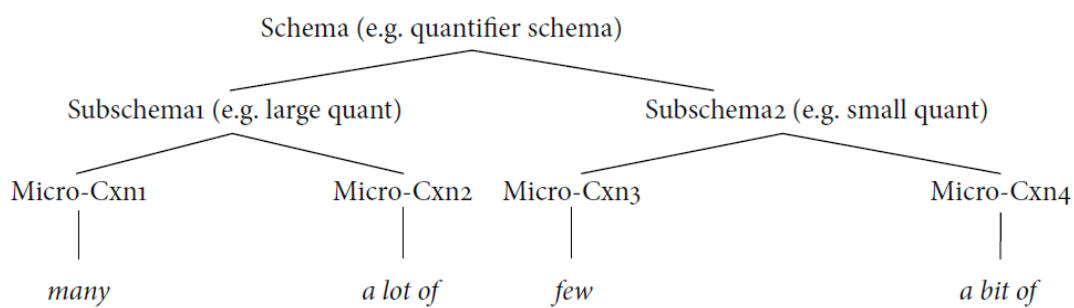
[...] esquemas e subesquemas são as subpartes do sistema linguístico que o linguista escolhe para discussão e análise. Elas não são representações mentais, embora nada impeça a sobreposição entre tais representações e as categorias linguísticas⁸² (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14).

Os autores defendem que os esquemas e subesquemas não devem ser vistos como representações mentais. No entanto, talvez haja um certo descompasso entre essa posição e a hipótese de codificação de cena proposta por Goldberg (1995). Segundo a autora, as construções de estrutura argumental são relacionadas diretamente a estruturas semânticas que refletem cenas básicas da experiência humana. Entendemos que tais construções possam estar situadas no nível dos subesquemas e, se tal entendimento for correto, acreditamos ser pouco provável, ao menos para o analista, não identificar os padrões que estão sendo investigados, como, por exemplo, a Construção de Movimento Causado, com uma representação mental que já possua, como a de alguém causando o movimento de algo.

⁸² In our view schemas and subschemas are the subparts of the linguistic system that the linguist picks out for discussion and analysis. They are not meant to be mental representations, though nothing prevents there being an overlap between such representations and linguists’ categories.

No nível das *microconstruções* estão situados os tipos específicos de construção. De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 17), “apenas as microconstruções podem ser especificadas de forma substantiva e fonológica”⁸³. Elas são instanciadas por *construtos*, que são as ocorrências empiricamente testadas, as instâncias reais da construção. Os autores argumentam que os usuários da língua que conhecem um determinado conjunto de *microconstruções* percebem, de forma inconsciente, os subesquemas e esquemas que as instanciam. Os autores resumizam e exemplificam tais distinções por meio da construção quantificadora do inglês, que reproduzimos a seguir

Figura 13 - Relações hierárquicas entre as construções proposta por Traugott e Trousdale



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 17).

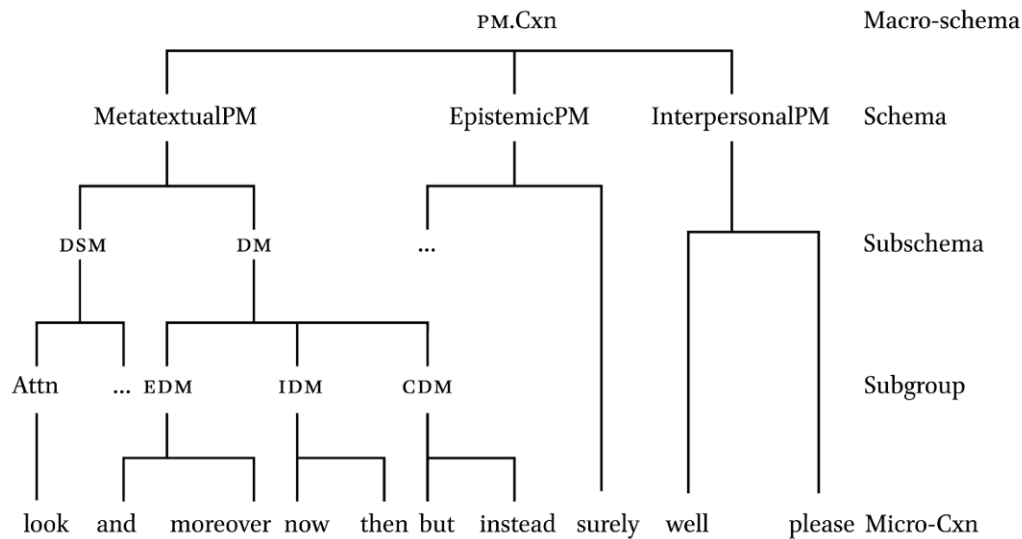
No nível mais alto está a classe dos quantificadores, em nível intermediário, os autores especificam dois esquemas: o subesquema dos quantificadores que indicam grande quantidade e o subesquema dos que representam pequena quantidade. No nível mais baixo, as microconstruções ‘many’, ‘a lot of’, ‘few’ e ‘a bit of’.

Convém salientar que Traugott (2018) prevê a expansão dessa hierarquia com a possibilidade de outros níveis na rede⁸⁴, como podemos observar na figura 14.

⁸³ Only microconstructions may be substantive and phonologically specified.

⁸⁴ A autora discute a combinação de três modelos de rede (horizontal, vertical e multidimensional) na explicação das mudanças dos marcadores pragmáticos em inglês, mais especificamente marcadores discursivos. Como a discussão ultrapassa o escopo do presente trabalho, não vamos explorá-la aqui.

Figura 14 Rede parcial de marcadores pragmáticos em inglês



Fonte: Traugott (2018, p. 28).

Retomando as discussões apresentadas na Gramática de Construções de Goldberg (2006), cabe lembrar que as construções são padrões abstratos e, conforme salienta a autora, uma expressão usual, como uma sentença, envolve a combinação de várias construções distintas, como podemos observar no exemplo "O bolo foi cortado pelos noivos". Nessa expressão, temos:

- Construções Lexicais: *bolo, ser, cortar, noivos*
- Construção Transitiva: *SN V SN*;
- Construção de Sintagma Nominal: *D N*;
- Construção Passiva: *Suj Vaux Vp (SP)*⁸⁵.

⁸⁵ Como uma das funções da passiva é a omissão do responsável pela ação (agente), o sintagma preposicionado pode ser omitido.

As construções não precisam necessariamente especificar uma ordem de palavras fixa e são combinadas livremente para formar expressões "reais" desde que não estejam em conflito. Assim, a Construção Transitiva pode estar envolvida em expressões declarativas, topicalizadas, clivadas, passivas ou interrogativas. Os falantes são livres para combinar criativamente as construções e alcançar seus objetivos de comunicação.

Em *Constructions at work*, Goldberg (2006) volta a pontuar a distinção entre os papéis desempenhados pelo verbo e pela construção, salientando que a interpretação global de uma expressão só será obtida a partir da integração dessas duas estruturas, levando em consideração ainda o contexto pragmático em que a expressão é proferida. Ao explicar as relações de paráfrase entre construções distintas com um mesmo verbo, Goldberg (2006, p. 41) ressalta que "[...] Construir os papéis do verbo como instâncias de diferentes papéis argumentais é o que resulta nos diferentes *construals* semânticos de duas construções."

Conforme observamos, um mesmo padrão construcional pode ser preenchido por palavras diferentes, alterando assim o significado das expressões, sem que isso interfira no significado da construção. Goldberg (2006) destaca que as construções, mesmo as idiomatizadas, apresentam algum nível de variabilidade, ainda que reduzido, que pode se refletir no preenchimento dos argumentos da construção ou na flexão do verbo, dentre outros.

Goldberg (1995) assegura que os rótulos particulares atribuídos tanto aos papéis participantes como aos papéis argumentais não possuem significância teórica, uma vez que funcionam como *slots* relacionais semanticamente restritos ao significado associado à construção ou ao verbo. De acordo com Goldberg (2006), eles correspondem, muitas vezes, aproximadamente aos papéis temáticos tradicionais como agente, paciente, instrumento, tema, etc. Porém, por serem definidos em termos dos requisitos semânticos de construções particulares, são mais específicos e numerosos do que os tradicionais, não havendo suposição de que eles sejam extraídos de um conjunto universal ou limitado. Considerando que não há uma definição unânime sobre os papéis temáticos, abordamos na sequência de forma breve o assunto.

Os papéis temáticos podem ser definidos como as funções, os papéis, que o verbo atribui a cada argumento (sujeito e complementos) numa sentença. Todavia, cabe salientar que o verbo

não é o único a atribuir papel temático a seus complementos, nomes, adjetivos, alguns advérbios e preposições que exigem complemento também são considerados atribuidores, mas o verbo sempre teve papel proeminente nos estudos, que surgem, principalmente, a partir da constatação de que as funções sintáticas de sujeito, complemento e adjunto não dão conta de explicar todas as relações existentes em algumas sentenças.

A função sintática de sujeito, por exemplo, não pode ser confundida com a função semântica do papel temático, visto que vários papéis temáticos podem ser atribuídos a função sintática sujeito, como podemos perceber nos exemplos a seguir de nossa autoria:

- (a) Camila cortou o bolo com a faca. (*agente*)
- (b) Camila recebeu um pedaço de bolo. (*beneficiário*)
- (c) Camila viu que o bolo ia cair da mesa. (*experienciador*)

Segundo Borba (1996, p. 28), os papéis temáticos são noções relacionais que se apresentam como configurações estruturais e, dessa forma, "[...] as possibilidades de inferência estão diretamente ligadas à estrutura na qual os sintagmas nominais que suportam as funções temáticas estão inseridos [...]".

De acordo com Cançado e Amaral (2016), não há na literatura um consenso sobre o nome atribuído a essas relações tampouco ao número. Dependendo do autor, ela pode receber o nome de "relações temáticas", "casos semânticos profundos", "papéis participantes", "papéis semânticos" e "papéis temáticos". Observamos que além de não existir um consenso sobre os papéis temáticos na literatura, a proposta pode variar um pouco em relação ao mesmo autor, a depender da publicação da obra [conf. Fillmore (1977), Chafe (1979), Borba (1996), Ignácio (2002), Cançado e Amaral (2016) e Cançado (2018)].

Algumas discussões em relação aos papéis temáticos envolvem a possibilidade do argumento instrumento poder ocupar ou não a posição de sujeito. Em relação a esse fato, Alexiadou e Schäfer (2006) destacam que Fillmore (1968, p. 47) já previa a possibilidade do instrumento

ocupar a posição de sujeito “*The key opened the door*”⁸⁶ (“A chave abriu a porta”). Todavia, ressaltam que nem todos os instrumentos estão aptos a ocupar essa função.

A partir da análise do comportamento de instrumentos que ocupam a posição de sujeito no Inglês, Holandês, Alemão e Grego, Alexiadou e Schäfer (2006) defendem que eles são aceitáveis apenas sob duas condições: se expressam a causa (Causadores) ou uma interpretação agentiva do instrumento (Agente). Os autores também apresentam uma distinção dos instrumentos em dois tipos: puros (auxiliares estritamente necessários para a ação de um agente que os utiliza) e causadores (que tem a capacidade de agir por conta própria uma vez que tenham sido introduzidos ou aplicados pelo agente).

Outras discussões envolvem situações em que um argumento mantém relações que implicam tanto agentividade como afetação. De acordo com Ignácio (2007, p. 82, grifos do autor), as relações entre os papéis temáticos e as posições que ocupam na estrutura sintática são prototípicas e não há impedimento para que um determinado argumento seja ao mesmo tempo agente e paciente como na sentença “*Dona Marisa só faz as unhas com uma manicure francesa [...]*”.

Em relação ao papel temático ‘agente’, esclarecemos que Fillmore (1977), que estabelece uma gramática de casos em estudo basilar sobre o assunto, considera o *Agentivo* o caso relacionado a um instigador “tipicamente” animado, porém, em nota, destaca que em alguns contextos o agente é representado por nomes “inanimados”, como robô, ou “instituição humana” ou nação.

Como a discussão sobre os papéis temáticos ultrapassa o escopo desta pesquisa, limitamo-nos a apresentar uma lista mais abrangente, proposta por Cançado (2018, p. 127-129), que se embasa em autores como Chafe e Fillmore, entre outros.

⁸⁶ Exemplo utilizado pelos autores retirado de Fillmore (1968, p. 47).

Agente: o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle (*O João lavou o carro*)⁸⁷.

Causa: o desencadeador de alguma ação, sem controle. (*As provas preocupam a Maria*).

Instrumento: o meio pelo qual a ação é desencadeada (*O João colou o vaso com cola*).

Paciente: a entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado. (*O João quebrou o vaso*).

Tema: a entidade deslocada por uma ação (*O João jogou a bola para a Maria*).

Experienciador: ser animado que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico (*O João pensou em Maria*).

Beneficiário⁸⁸: a entidade que é beneficiada pela ação descrita (*O João deu um presente para a Maria*).

Objetivo (ou objeto estativo): a entidade à qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo ou seja afetada por algo (*O João ama a Maria*).

Locativo: o lugar em que algo está situado ou acontece (*Eu nasci em Belo Horizonte*).

Alvo: a entidade para onde algo se move, tanto no sentido literal como no sentido metafórico (*A Sara jogou a bola para o policial*).

Fonte: a entidade de onde algo se move, tanto no sentido literal como no sentido metafórico (*O João voltou de Paris*).

Como vimos, na proposta de Goldberg (1995, 2006) tem que haver sempre um pareamento sintático-semântico e, muitas vezes, os papéis argumentais da construção podem corresponder

⁸⁷ Destacamos que todas as sentenças utilizadas para exemplificar os papéis são de Cançado (2018) e que o itálico é utilizado pela autora para apontar os papéis temáticos.

⁸⁸ Cançado e Amaral (2016) salientam que alguns autores alegam que o nome beneficiário não deveria ser atribuído a alguém que sofre uma perda, uma vez que tem conotação positiva, sendo um 'malefício'. Todavia, a autora destaca que isso levaria a uma lista não finita de papéis. Como os autores nos quais nos baseamos convergem para o mesmo ponto de vista, de alguém que se beneficia ou é afetado pela ação ou processo, estamos utilizando o termo com a mesma definição.

aos papéis temáticos, mas não estão restritos necessariamente a um conjunto finito, por isso, no processo de análise do *corpus* essas definições podem ou não ser utilizadas.

Finalizamos o presente capítulo enfatizando o principal motivo da adoção da Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006) no presente trabalho. Para a autora, não há necessidade de se postular uma multiplicidade de sentidos para um mesmo verbo, uma vez que o significado que emerge no uso real da língua, no *construto*, não é restrito apenas ao verbo, ele resulta da contribuição da semântica da construção, da semântica do verbo e de fatores pragmáticos. Os itens lexicais, como o verbo **cortar**, preenchem *slots* previstos na construção. Ao assumir uma posição no esquema, ele interage tanto com a semântica da construção que instancia, assim como com os outros elementos que formam o *construto*, o que nos permite compreender os diferentes usos do verbo **cortar** no *corpus* em análise.

No capítulo 5, apresentamos o verbo **cortar**, sua etimologia e os registros das acepções associadas a esse verbo nos dicionários da atualidade e discorreremos brevemente sobre as possibilidades de análise sob diferentes abordagens.

5 O VERBO CORTAR

O verbo **cortar** origina-se do latim *curtare* que etimologicamente podia significar: encurtar, mutilar, dividir. Todavia, cabe ressaltar que o significado etimológico comum presente nos dicionários pesquisados é "encurtar", conforme podemos observar no quadro 3.

Quadro 3 - Acepções etimológicas do verbo **cortar**

Acepções no Dicionário etimológico	Fonte
Cortar - Lat. <i>curtare</i> , mutilar, diminuir de tamanho.	BUENO (1968)
CORTAR – Do lat. <i>curtare</i> , encurtar; esp. <i>cortar</i> .	NASCENTES (1969)
<i>curtō</i> , <i>ās</i> , <i>āre</i> , <i>āvi</i> , <i>ātum</i> (<i>curtus</i>), v.tr. 1. Encurtar, diminuir, cortar. 2. Reduzir, desfalcar.	FERREIRA (1983)
<i>Cūrtō</i> , <i>ās</i> , <i>āvi</i> , <i>ātūm</i> , <i>ārē</i> , , v. trans. Encurtar, cercear, tornar menor, diminuir. <i>Curtatæ</i> radices. PAIJ. Raizes diminuídas. § Fig. <i>Curtare</i> rem. PERS. Reduzir a menos os haveres de alguém. - <i>aliquid summæ</i> . HOR. Tirar alguma coisa d'uma <i>somma</i> .	SARAIVA (2006)
lat. <i>cūrto,as,āvi, ātum, āre</i> 'encurtar, reduzir, cortar'	HOUAISS; VILLAR; FRANCO (2009)
cortar vb. 'fazer incisão em' 'separar, dividir' XIII. Do lat. <i>cūrtāre</i> .	CUNHA (2010)

Fonte: a autora.

Como podemos observar, os dicionários etimológicos registram até 05 acepções para o verbo **cortar**. Nos dicionários de Borba (2002), Houaiss, Villar e Franco (2009) e Michaelis (2018) identificamos 40 acepções para o verbo⁸⁹.

1) dividir; separar;

2) Abater ou derrubar com ferramenta cortante, como serra ou machado;

⁸⁹ Podemos perceber, na lista apresentada a seguir, que, em alguns casos, uma expressão idiomática é incluída na lista de acepções sem menção ao fato.

- 3) Cortar ou abater cereais ou ervas; ceifar;
- 4) Fazer incisão;
- 5) Fazer cirurgia em (paciente); operar;
- 6) Cortar ou amputar parte de um todo com golpe de objeto cortante; decepar;
- 7) Afeiçãoar (tecido, papel ou semelhantes) a um modelo, mediante ferramenta cortante (tal como tesoura ou faca apropriada); talhar;
- 8) Tirar, com instrumento cortante, parte de; aparar;
- 9) apresentar lâmina afiada; realizar bom corte;
- 10) descarnar;
- 11) fechar após ultrapassagem;
- 12) suprimir; eliminar;
- 13) Privar alguém de emprego ou cargo; demitir, dispensar;
- 14) Reduzir em quantidade; diminuir;
- 15) Deixar de usar ou consumir algo;
- 17) interromper; sustar;
- 18) Dificultar o curso de; obstruir;
- 19) fazer cessar; anular, interromper;
- 20) deixar de fazer uso de; recusar, rejeitar;
- 21) Atalhar o progresso ou o efeito de algo;
- 22) dividir antes do carteamto;
- 23) rasgar, sulcar (determinada superfície);
- 24) passar ao longo de; atravessar; cruzar; avançar dentro de;
- 25) Navegar ou seguir caminhos nas águas; singrar;

- 26) colocar-se no meio de (cortar fila);
- 27) interromper a amizade; ficar de mal;
- 28) estar situado em posição transversal;
- 29) diminuir (caminho, distância etc.);
- 30) dar cortadas (V.I. desportivo);
- 31) Dar cortada na bola, para que caia no campo do adversário;
- 32) driblar ou ultrapassar (jogador adversário);
- 33) transferir (trecho selecionado de texto ou imagem do documento ativo) para a área de transferência, removendo-o do documento ativo;
- 34) GEOM Dividir em segmentos;
- 35) Causar ou sofrer fenda; fender, gretar;
- 36) Colocar travanca ou obstáculo; atravancar, impedir, obstruir;
- 37) Interromper ou impedir a fala de alguém;
- 38) Fazer malograr; frustrar;
- 39) Causar impressão dolorosa a (alma, coração); atormentar (cortar o coração);
- 40) Diminuir a acridez ou o grau de álcool.

Uma das vantagens da Gramática de Construções é a redução da necessidade de se postular novos sentidos para um dado verbo a cada vez que ele surge em um enunciado com um significado diferente, uma vez que a construção também contribui com o significado global das expressões.

Como vimos no capítulo 4, os significados dos verbos correspondem a uma estrutura conceitual enriquecida pelo nosso conhecimento de mundo. Perek (2015, p. 16) nos diz que os verbos possuem argumentos em função do tipo de conhecimento conceitual que evocam, o que nos leva a crer que o “próprio predicado verbal desempenha um papel central no conhecimento linguístico dos falantes” e “fornece motivação para a visão comum de que a

realização de argumentos é uma projeção de requisitos lexicais”. Segundo o autor, essa visão está no cerne das abordagens projecionistas. Em relação a essas abordagens, Perek (2015, p. 16) esclarece que

[...] As abordagens projecionistas são essencialmente "centradas no verbo", na medida em que tentam explicar a realização do argumento, concentrando-se exclusivamente no verbo, e assumem a premissa fundamental de que todos os aspectos da forma e do significado da cláusula dependem de informações lexicais.⁹⁰

Segundo Perek (2015), essas abordagens podem conduzir a uma polissemia verbal ‘desenfreada’. Numa abordagem construcional, “a realização de múltiplos argumentos é uma manifestação do fato de que um verbo é semanticamente compatível com mais de uma construção, não da polissemia verbal.” (PEREK, 2015, p. 27). Vale destacar que o autor rejeita a abordagem projecionista, mas também questiona alguns aspectos da proposta de Goldberg (1995), como a defesa do menor número possível de entradas lexicais para o verbo.

Perek (2015, p. 43) defende uma abordagem baseada no uso para a valência verbal e argumenta que “se um verbo ocorre frequentemente em uma construção, ele adquirirá uma nova entrada lexical congruente com essa construção, com o número correspondente de papéis participantes”.⁹¹ Cabe ressaltar aqui, que o dicionário de usos de Borba registra um número mais restrito de acepções para o verbo **cortar** se comparado ao dicionário Michaelis (2018), por exemplo. Borba (2002, p. 413-414) apresenta o seguinte registro para o verbo

Cortar V ★ [Ação-processo] [±Compl: nome] **1** dividir; separar: *o garçom cortou um limão pelo meio* (SE); *uma linda mulher será cortada ao meio como um abacaxi* (OE) **2** fazer incisão ou talho: *corto a cara dela com gilete* (NC); *eu te corto a goela* (SA); *faca que corta dá talho sem dor* (CJ) **3** aparar; desbastar: *estou cortando a unha da mão* (FO) **4** descarnar: *de vez em quando cortava uma rês ou consertava uma sela* (ML) **5** fechar após ultrapassagem: *o carro corria pela São João cortando ônibus, podando bondes* (DE) **6** suprimir; eliminar: *vai ver que a Tatiana me cortou [do número de balé]* (BB); *terá que ser cortada toda aquela cena em que eles se acariciam na cama* (CPO) **7** interromper; sustar: *Alô! Alô!... Cortaram a*

⁹⁰ Projectionist approaches are essentially “verb-centric”, in that they attempt to account for argument realization by focusing exclusively on the verb, and take the fundamental assumption that all aspects of the form and meaning of the clause depend on lexical information.

⁹¹ if a verb frequently occurs in a construction, it will acquire a new lexical entry congruent with that construction, with the corresponding number of participant roles.

ligação (PF); a aproximação de outra companheira corta o diálogo (CCI) [Compl: **baralho**] 8 dividir antes do carteamto: *Quem dos senhores deseja cortar o baralho?* (RIR) ★ [Ação] [Compl: nome] 9 atravessar; passar por: *Uma garça branca, assustada, cortou os céus da vila* (J); *ele passou a viajar de preferência à noite cortando mato adentro* (SA) [Compl: **fila**] 10 colocar-se no meio de: *O porteiro olhou demorado a minha permanente ao nos ver cortar a fila, que era grande* (DE) [Compl: **com** + nome humano] 11 interromper a amizade; ficar de mal: *desde o dia da pantomima ela resolvera cortar definitivamente com padre Luís* (A) ★ [Estado] [±Compl: nome locativo] 12 estar situado em posição transversal: *a estrada-mestra corta aqui perto, aí mais adiante* (SA); *separados por um rio que corta a rodovia* (ESP) → **cortar caminho** abreviar distância: *cortaria caminho atravessando o parque do leste* (GRE); *puderam passar pela trilha do Apianu e cortar caminho pelo mato* (VPB) **cortar (o) coração** causar pena: *Voz para cortar o coração. Voz de quem sofria como a velha Josefina* (CA); *O que aconteceu ontem aqui é de cortar o coração* (MP) **cortar o mal pela raiz** eliminar algo pela base: *é preferível cortar o mal pela raiz* (BN) **cortar os naipes** (Coloq) frustrar uma expectativa: *É claro que sia Bela haveria de querer cortar-lhe os naipes* (G) **cortar relações** interromper relações de amizade: *eram capazes de cortar relações com a gente* (AU) **cortar o saco** (Ch) no discurso direto masculino, usada para atestar a veracidade do que se declara; apostar: *Por aí é que vocês se enganam. O problema é de serviço; corto meu saco como é!* (RE) **cortar voltas** enfrentar dificuldades: *Palmer cortava voltas para traduzir* (CRU) **corta essa** (Coloq) pára com isso, deixa (d) isso: *Credo! Corta essa de fossa. Vamos tomar café* (CNT); *Mamãe, corta essa!* (TB).

Consideramos relevante especificar as diferentes possibilidades de uso para o verbo **cortar**, uma vez que, em determinados contextos, como numa situação de tradução, por exemplo, conhecer os diversos usos pode ser útil para os que não são falantes nativos da língua. Por isso, levamos em consideração as informações obtidas junto às obras citadas, embasando-nos principalmente em Borba (2002), para formular nossa chave de codificação (Apêndice A) e analisar o significado que emerge para o verbo **cortar** no *corpus*.

Conforme abordado no capítulo 4, que trata da Gramática de Construções, a definição dos papéis participantes do verbo é realizada a partir do *frame* semântico evocado pelo mesmo. Na página do FRAMENETBRASIL⁹², encontramos a seguinte especificação para o verbo **cortar**: "*cutting*: um agente corta um item em pedaços usando um instrumento". De fato, "dividir/separar" é a primeira acepção apresentada no Dicionário de usos do português do Brasil, de Borba (2002). O critério adotado pelo autor para organizar a ordem das acepções

⁹² Projeto de inovação tecnológica que tem por objetivo aplicar as teorias da Semântica de *Frames* e da Gramática das Construções ao desenvolvimento de produtos de TI.

está diretamente ligado ao número de ocorrências, o que significa dizer que o verbo **cortar** nos dados de Borba (2002) ocorreu muito mais vezes como ‘dividir; separar’.

Se pararmos para refletir sobre a Hipótese da Codificação de Cenas, de Goldberg (1995), podemos concordar que a Construção Transitiva envolvendo um agente que se utiliza de um instrumento para dividir ou separar algo (cortar o pão, cortar a carne, cortar a fruta, cortar um galho que atrapalha o caminho) relaciona-se diretamente a um evento básico da nossa experiência e, dessa forma, concordamos que o *frame* semântico evocado para o verbo **cortar** é o descrito pelo FRAMENETBRASIL. Dessa forma, o verbo **cortar** possui 03 papéis participantes <cortador cortado instrumento de corte>.

Antes mesmo de analisar o *corpus*, podemos dizer com base nas acepções encontradas em Borba (2002) que o verbo **cortar** funciona prototipicamente como um verbo de ação-processo e, dessa forma, nos termos de Chafe (1979) designa um FAZER ACONTECER, ou seja, uma ação executada pelo agente incide sobre o paciente (X AGIR SOBRE Y), que codifica semanticamente as construções agentivas de ação-processo. No entanto, Borba (1991, 2002) identificou usos do verbo em sentenças que denotam apenas ação, "Uma garça branca, assustada, cortou os céus da vila", e estado, "separados por um rio que corta a rodovia".

Conforme Borba (1996) assegura, uma ação-processo sempre atinge um complemento implicando sua mudança de estado, condição, posição (afetados) ou na criação deste (efetuado), ou seja, um FAZER ACONTECER. Uma ação, por sua vez, indica um FAZER por parte do sujeito em que seu complemento, caso exista, caracteriza-se por não sofrer mudança. Os verbos de estado por sua vez expressam uma propriedade (estado, condição ou situação) localizada no sujeito.

Os diversos empregos do verbo **cortar** registrados nos dicionários pesquisados, sob a perspectiva construcional assumida nesta pesquisa, podem ser analisados a partir da observação das características das construções nas quais esse verbo é instanciado. Na introdução desta pesquisa, apresentamos o exemplo retomado a seguir.

EMPADAS SÃO IMPORTANTES

[...] É que ele e sua esposa, Lucilene Correa, vendem o salgado há aproximadamente cinco meses e parte do dinheiro arrecadado vai ajudar na concretização do desafio de cortar o Estado de Norte a Sul. (A Gazeta, 04/03/2017 - Esportes, p. 36, grifo nosso).

Esse é um exemplo do recrutamento do verbo **cortar** na Construção de Movimento Transitiva⁹³. Essa construção corresponde a um *frame* que evoca alguém movendo-se, e pode ser descrita como X MOVER. O significado que emerge para o verbo na sentença é ‘atravessar, percorrer’. Observe que, no exemplo a seguir, o verbo **cortar** é instanciado em uma outra construção juntamente com o item lexical ‘cordão umbilical’, que ocupa o *slot* destinado ao objeto direto.

Polícia abre inquérito para investigar abandono de bebê

RESGATE

Segundo os médicos que atenderam o bebê, o cordão umbilical tinha sido cortado poucas horas antes, o que é um indício de que foi abandonado logo após o parto. (A GAZETA, 12/07/2017 - Cidades, p. 12).

Nesse exemplo, o verbo **cortar** é instanciado na Construção Transitiva de Afetação, que pode ser associada à representação da seguinte cena ‘alguém causando uma mudança de estado’ e ser descrita como X AFETAR Y. Essa construção, assim como a anterior, pode ser considerada uma construção mais esquemática, na qual diferentes itens lexicais podem ocupar os *slots* destinados ao verbo e ao objeto direto. Nessa mesma construção, o verbo **cortar** pode ser instanciado com diferentes sintagmas nominais relacionados ao corpo humano, fazendo emergir nas sentenças significados para esse verbo que denotam uma afetação concreta sobre o objeto direto, ou seja, a realização de um corte físico. Imagine, por exemplo, que a ocorrência policial tenha sido de um assassinato, então, poderíamos encontrar: “o braço/a perna/a garganta/a cabeça foi cortado(a) poucas horas antes”, e o significado que emerge para o verbo pode ser ‘dividir, separar, ferir, mutilar, decaptar’ dependendo dos itens lexicais que venham a ocupar o *slot* destinado ao objeto direto e do contexto.

Como vimos no exemplo, um sujeito agente, omitido pela coocorrência com a Construção Passiva, utilizou um instrumento cortante e efetuou um corte concreto no cordão umbilical,

⁹³ As construções mencionadas no presente capítulo serão apresentadas de forma detalhada no capítulo 8.

separando a mãe e o bebê. No excerto a seguir, o verbo **cortar** ocorre novamente com o mesmo item lexical, cordão umbilical, ocupando o *slot* destinado ao objeto direto, porém, o significado que emerge no texto é diferente.

QUANDO É A HORA DE SAIR DA CASA DOS PAIS?

LAÇOS

Para além das questões práticas, como contas pagas e roupas arrumadas, os laços familiares também deixam saudades. “O cordão umbilical não foi cortado”, diz Leia. (A Gazeta, 02/07/2017 - Cidades, p. 110 – grifo nosso).

Nesse exemplo, temos uma construção formada com o verbo **cortar** seguida de complemento nominal que está mais próxima do polo lexical. Essa construção representa um “caso especial” da Construção Transitiva de Afetação, uma instância preenchida (GOLDBERG, 1995, p 79), um novo par de forma e significado: [[cortar + cordão umbilical] ↔ amadurecer, eliminar vínculos que tornam uma pessoa dependente da outra]]. Nesse caso, assim como em outros envolvendo construções dessa natureza com **cortar**, o significado da construção representa o resultado da incorporação de sentidos dos contextos nos quais a sequência de palavras ocorreu que levou a sua convencionalização em determinado momento, em decorrência da frequência de uso dessa sequência nos mesmos contextos, que foi reforçando o *chunk* e levou a sua categorização como uma nova construção.

Enquanto no primeiro exemplo, o significado da associação do verbo **cortar** + o substantivo ‘cordão umbilical’ é mais composicional, no segundo exemplo, a composicionalidade é enfraquecida. Esses exemplos indicam que o verbo **cortar** é instanciado em construções que parecem formar dois grupos com particularidades distintas, um composto por construções esquemáticas e outro por construções substantivas, que serão abordados no capítulo 7. Antes, porém, apresentamos a metodologia e os procedimentos de análise.

6 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

No capítulo 6, discorremos sobre o processo de composição do *corpus*, as dificuldades encontradas e a constatação da necessidade de ampliação dos dados, questões que nos levaram a compor um *corpus* heterogêneo, com amostras de fala e de escrita. Em seguida, falamos sobre o processo de tratamento e análise dos dados e, por fim, caracterizamos os diferentes *corpora* que compõe nosso objeto de estudo.

6.1 COMPOSIÇÃO DO *CORPUS*

A pesquisa foi motivada pela observação de ocorrências do verbo **cortar**, que permitiam a apreensão do significado ‘falar/comunicar-se’, durante entrevistas realizadas no período de junho a agosto de 2017, no município de Domingos Martins (na sede do município e na vila de Santa Isabel). Não encontramos registros do verbo **cortar** com esse significado nos dicionários pesquisados. Esse fato, associado ao nosso desconhecimento de tal uso, levou-nos a pensar que se tratava de um novo uso do verbo restrito à região de realização das entrevistas, o município de Domingos Martins, e que poderia ter recebido a influência da língua falada na região, o hunsrückisch.

No entanto, a frequência desse uso foi muito limitada (06 ocorrências), sendo que apenas 03 dos 11 entrevistados na ocasião utilizaram o verbo na acepção motivadora. Um dos caminhos possíveis para a composição do *corpus* seria o direcionamento do foco do trabalho para o uso motivador e a realização de novas entrevistas na região. Por isso, valendo-nos da metodologia utilizada nas entrevistas sociolinguísticas, com viés do contato linguístico, entrevistamos 05 novos informantes em março de 2018. Esse trabalho revelou-se infrutífero, uma vez que o verbo não foi mencionado em nenhuma acepção.

Conforme salientado por Lopes (2014) e Foeger (2014), são muitas as dificuldades encontradas para a realização de uma amostra de fala, principalmente em regiões que se afastam das capitais, como é o caso de Santa Leopoldina e Domingos Martins, cidades do Espírito Santo. No anexo A, disponibilizamos o mapa do estado do Espírito Santo para situar o leitor quanto à localização dessas regiões. Além da necessidade de encontrar pessoas que se ajustem ao perfil definido pelo entrevistador, é necessário que o entrevistado tenha interesse em participar da pesquisa e consinta formalmente com a assinatura de um termo de compromisso, fato que é visto, muitas vezes com desconfiança pelo entrevistado.

Considerando essas dificuldades, assim como o fato de que a realização de entrevistas demandam muito tempo, e tendo em vista que nosso objetivo não era compor uma amostra de fala, mas identificar e analisar expressões formadas com o verbo **cortar**, valemo-nos apenas de *corpora* de fala já existentes e não restringimos nosso foco para o uso motivador, optando por analisar o verbo **cortar** em suas várias possibilidades de uso.

Embora tenha apresentado baixa frequência, acreditamos que esse uso não possa ser ignorado. Por isso, incluímos em nosso *corpus* de análise os trechos das entrevistas realizadas com os três informantes de Domingos Martins nos quais o verbo **cortar** ocorre. A transcrição dos áudios foi realizada por nós, de forma livre, na qual buscamos manter a fidelidade da fala dos entrevistados⁹⁴.

O *corpus* também é composto pela Amostra do Português Falado na Zona Rural de Santa Leopoldina, desenvolvido por Camila Candeias Foeger e Lays Joel de Oliveira Lopes⁹⁵, sob a coordenação das professoras Dra. Lilian Coutinho Yacovenco e Dra. Maria Marta Pereira Scherre. A amostra é constituída por 48 (quarenta e oito) entrevistas orais, com duração entre 50 a 60 minutos, coletadas no período de novembro de 2011 a janeiro de 2013.

⁹⁴ Num primeiro momento, a entrevista foi ouvida na íntegra. Num segundo momento, foram identificados os trechos em que apareciam o verbo **cortar**. Esses trechos foram repassados por, no mínimo, 05 vezes, com as interrupções que se fizeram necessárias, para a realização da transcrição. Após a transcrição do trecho, o áudio era novamente repassado para conferência.

⁹⁵ Mestre em Estudos Linguísticos e Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo PPGEL-UFES, respectivamente. Na época da coleta dos dados, eram alunas-pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo.

Utilizamos ainda na composição do *corpus*, 46 (quarenta e seis) entrevistas gravadas, entre 2001 e 2003, com pessoas nascidas em Vitória, que fazem parte do Projeto Português Falado na Cidade de Vitória – PortVix⁹⁶, organizado e coordenado pela professora Dra. Lilian Coutinho Yacovenco. Assim como a Amostra do Português Falado na Zona Rural de Santa Leopoldina, o PortVix é um projeto de orientação variacionista.

Uma primeira análise do *corpus* revelou que de fato o verbo **cortar** não é tão frequente na fala, ao menos nas entrevistas utilizadas, pois foram encontradas apenas 54 (cinquenta e quatro) ocorrências no PortVix e 77 (setenta e sete) ocorrências na Amostra do Português Falado na Zona Rural de Santa Leopoldina, não sendo nenhuma delas com o significado de ‘falar/comunicar-se’.

Numa tentativa de ampliação dos dados, buscamos ocorrências do verbo **cortar** no *corpus*⁹⁷ do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Todavia, identificamos poucas ocorrências desse verbo no *corpus* e nenhuma relacionada ao uso que nos motivou. Por isso, optamos por trabalhar apenas com as entrevistas realizadas no Estado do Espírito Santo, embora não tenhamos a pretensão de fazer uma análise do português falado nesse estado.

Para ampliar nosso material de pesquisa, optamos por buscar ocorrências do verbo **cortar** em textos escritos, veiculados no jornal A Gazeta, no período compreendido entre 01 janeiro a 31 de dezembro de 2017. A escolha de textos veiculados em jornais deve-se à sua função social, uma vez que ele alcança um número considerável de leitores e possui uma diversidade de gêneros e tipos textuais⁹⁸. Além disso, encontramos nesse veículo de comunicação um número expressivo de autores e uma grande variedade de itens lexicais e de estruturas

⁹⁶ Para mais informações sobre o PortVix, consultar Yacovenco *et al.* (2012).

⁹⁷ Mais informações disponíveis em: <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/>.

⁹⁸ Tipo textual designa uma espécie de construção teórica [...] definida pela natureza de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como seqüências linguísticas (seqüências retóricas) do que como textos materializados; [...] conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção* [...] Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas [...] (MARCUSCHI, 2008, p. 154-155).

oracionais, o que propicia ao analista ter uma noção mais realista da língua em uso num contexto mais formal (SPERANÇA; IGNÁCIO, 2009).

Em síntese, compusemos nosso *corpus* com dados de:

Tabela 1 - Amostras que compõem o *corpus* nas modalidades oral e escrita.

Textos orais retirados de entrevistas realizadas no estado do Espírito Santo		Textos escritos e imagens coletados do jornal A Gazeta	
Município	Total de ocorrências	Período	Total de ocorrências
Domingos Martins	07 ocorrências	01/01/2017 a 31/12/2017	978
Vitória	54 ocorrências		
Santa Leopoldina	77 ocorrências		

Fonte: a autora.

Como exposto na tabela 1, o *corpus* constituído é heterogêneo e possui um número de ocorrências muito maior na modalidade escrita. Entendemos que a heterogeneidade não deve ser vista como um problema e sim como uma possibilidade de observar a língua em diferentes situações concretas de uso. Todavia, alguns cuidados são necessários no tratamento dos dados e, por isso, eles serão divididos e analisados separadamente e quantificados em termos percentuais.

Para atestar a hipótese postulada no capítulo 1, de que o uso do verbo **cortar** com o significado de ‘falar/comunicar-se’ representa um novo uso desse verbo, realizamos buscas em periódicos capixabas veiculados em séculos anteriores. Ressaltamos que as ocorrências identificadas nesse procedimento não serão classificadas, analisadas e quantificadas em termos percentuais, como serão os dados que constituem nosso *corpus* de análise, composto pelas entrevistas sociolinguísticas e por textos veiculados no jornal A Gazeta, mencionado anteriormente. Conseguimos ter acesso a textos veiculados nos séculos XIX e XX graças ao

"Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros", que disponibiliza esses periódicos digitalizados no *site* da Biblioteca Nacional - BNDigital⁹⁹.

A opção por nos debruçar sobre *corpora* do nosso estado buscou: (i) valorizar o trabalho realizado por outros pesquisadores¹⁰⁰ da Universidade Federal do Espírito Santo, que, além de revelar o enorme campo de estudos linguísticos que nosso estado oferece, apresenta a complexidade e importância sócio-histórica das diferentes regiões, muitas vezes desconhecida pelos próprios capixabas; (ii) dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelo Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES) na preservação e disponibilização de documentos e publicação de obras, de importância crucial para pesquisadores de diversas áreas; (iii) despertar o interesse de outros pesquisadores para o campo de estudos linguísticos que o Espírito Santo oferece e incentivá-los a utilizar *corpus* do português falado no Espírito Santo, como o PortVix, e até mesmo a composição de novos *corpora*. Nas próximas subseções, apresentamos as amostras que compõem nosso *corpus*.

6.1.1 Português Falado na Cidade de Vitória – PortVix

O Projeto Português Falado na Cidade de Vitória – PortVix foi organizado e coordenado pela professora Dra. Lilian Coutinho Yacovenco. A amostra é composta por 46 (quarenta e seis) entrevistas gravadas, entre 2001 e 2003, com pessoas nascidas em Vitória, distribuídas conforme tabela 2.

⁹⁹ O material completo pode ser consultado no Arquivo Público do estado do Espírito Santo ou no site Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

¹⁰⁰ Neste trabalho estão sendo citados apenas Lopes (2014) e Foeger (2014), mas diversos outros trabalhos foram realizados sob a orientação da sociolinguística variacionista, coordenados pelas professoras já citadas no corpo do texto, assim como trabalhos realizados sob a orientação da sociolinguística voltada para o contato linguístico, coordenados pela professora Edenize Ponzo Peres, entre os quais destacamos Cominotti (2015) e Bremenkamp (2014). Os trabalhos estão disponíveis na página eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - www.linguistica.ufes.br.

Tabela 2 - Distribuição do perfil dos entrevistados por sexo, faixa etária e escolaridade

	(idade [→])		07-14		15-25		26-49		50-...		
	(sexo [→])		H	M	H	M	H	M	H	M	
<i>Ensino Fundamental</i>	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	=20
<i>Ensino Médio</i>			3	3	2	2	2	2	2	2	=14
<i>Ensino Universitário</i>			2	2	2	2	2	2	2	2	=12
<i>Número total de entrevistados</i>											=46

Fonte: Yacovenco *et al.* (2012, p. 777).

Em relação à metodologia adotada na realização das entrevistas, Yacovenco *et al.* (2012) informam que elas foram realizadas na grande maioria por dois entrevistadores de um grupo de seis a oito pessoas treinadas para a tarefa. Segundo os autores, buscou-se registrar o vernáculo, “[...] o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008, p. 244). No entanto, conforme Yacovenco *et al.* (2012, p. 777) destacam, “[...] as entrevistas registram não o vernáculo, mas, sim, a fala monitorada (*careful speech*) [...]”. Por isso, foram adotados procedimentos para viabilizar a emergência do vernáculo, sendo um deles a busca do envolvimento emocional com o próprio fato enunciado, como, por exemplo, com a realização de perguntas sobre experiências pessoais do entrevistado com situações envolvendo risco de vida.

O mesmo procedimento foi adotado na composição da Amostra de Fala do Português de Santa Leopoldina. Foeger (2014) destaca também que, seguindo os preceitos metodológicos labovianos, era informado aos sujeitos que participaram da pesquisa que o objetivo da entrevista era levantar informações sobre a realidade local (costumes, crenças, atividades agrícolas, entre outros). Além disso, as entrevistadoras, mesmo sendo uma delas nascida e criada na região, eram sempre acompanhadas de uma espécie de ‘guia’, uma pessoa já conhecida e aceita na comunidade.

Durante as entrevistas realizadas em Domingos Martins, também foram adotados procedimentos semelhantes para viabilizar a emergência do vernáculo, no entanto, o objetivo principal das entrevistas era o levantamento da sócio-história do contato linguístico na região. Além disso, cabe ressaltar que a orientação desse trabalho não era variacionista.

Foeger (2014), que realizou uma análise da primeira pessoa do plural na fala dos moradores da área rural de Santa Leopoldina e estabeleceu uma comparação entre o comportamento linguístico dos leopoldinenses e dos capixabas moradores de Vitória, destaca que Vitória era à época o único município do Espírito Santo com 100% de urbanização, segundo resultados do censo demográfico de 2010. Foram identificadas nas entrevistas do Portvix 54 (cinquenta e quatro) ocorrências do verbo **cortar**.

6.1.2 Amostra do Português Falado na Zona Rural de Santa Leopoldina

A Amostra do Português Falado na Zona Rural de Santa Leopoldina foi desenvolvida por Camila Candeias Foeger e Lays Joel de Oliveira Lopes, sendo constituída por 48 (quarenta e oito) entrevistas orais, com duração entre 50 e 60 minutos, coletadas no período de novembro de 2011 a janeiro de 2013. Foram entrevistadas pessoas de 04 faixas etárias distintas como podemos observar na tabela 3.

Tabela 3 - Distribuição do perfil dos entrevistados por sexo, faixa etária e escolaridade referente à amostra do Português Falado na Zona Rural de Santa Leopoldina

	<i>(idade[→])</i>		<i>15-25</i>		<i>26-49</i>		<i>50-...</i>		
	<i>F</i>	<i>M</i>	<i>F</i>	<i>M</i>	<i>F</i>	<i>M</i>	<i>F</i>	<i>M</i>	
<i>Ensino Fundamental I</i>	2	2	2	2	2	2	2	2	=16
<i>Ensino Fundamental II</i>	2	2	2	2	2	2	2	2	=16

Número total de informantes entrevistados = 32

Fonte: Foeger (2014, p. 68).

Fundado em 1856, o município de Santa Leopoldina está situado na região central serrana do estado do Espírito Santo, a aproximadamente 46 km da capital Vitória. Em seus primórdios, Santa Leopoldina foi uma das maiores colônias imperiais que recebeu um grande contingente de imigrantes de diversas nacionalidades, entre os quais se destacam: pomeranos, holandeses, luxemburgueses, austríacos e italianos (FOEGER, 2014). Segundo a autora, em 2010, Santa

Leopoldina era o município com a maior proporção de população rural do Espírito Santo (78,6%).

Assim como Domingos Martins, Santa Maria de Jetibá, Alfredo Chaves, entre outros, Santa Leopoldina é um dos municípios do Espírito Santo em que ocorreu o contato linguístico decorrente do processo de colonização. Todavia, como podemos observar no Anexo B, que contém o roteiro base para a realização das entrevistas em Santa Leopoldina, as perguntas direcionadas aos entrevistados não abordavam aspectos relacionados às línguas faladas no município pelos entrevistados ou outras pessoas da região e seus antepassados. Diferentemente do ocorrido durante as entrevistas realizadas no município de Domingos Martins, conforme podemos observar no Apêndice B.

6.1.3 Entrevistas realizadas em Domingos Martins

O município de Domingos Martins está localizado a 45km da capital do estado do Espírito Santo, Vitória, e faz divisa com os municípios de Afonso Cláudio, Santa Maria de Jetibá e Santa Leopoldina. A fundação remonta a 1847, ano da criação da primeira colônia oficial no estado do Espírito Santo, Santa Isabel.

Como dito na introdução, as entrevistas realizadas tinham por objetivo realizar um levantamento da sócio-história do contato linguístico na região. Para isso, foram realizadas entrevistas no período de junho a agosto de 2017, posteriormente ampliadas em março de 2018, com descendentes de imigrantes alemães da faixa etária entre 52 e 93 anos, nascidos e/ou residentes em Santa Isabel e na sede de Domingos Martins, consideradas áreas urbanas do município.

A grande maioria dos entrevistados nasceu e morou em zonas rurais do município de Domingos Martins, mas se mudou para uma das comunidades há pelo menos 12 anos. Foram entrevistados 13 (treze) mulheres e 03 (três) homens. Em relação à escolaridade, 02 (dois)

entrevistados cursaram o ensino superior, 06 (seis) tinham o equivalente ao ensino médio, 01 (um) concluiu o ensino fundamental e 07 (sete) cursaram, no máximo, até o 5º ano. O verbo **cortar** foi identificado apenas em 03 (três) entrevistas totalizando 07 (sete) ocorrências.

6.1.4 A imprensa capixaba e o jornal A Gazeta

A imprensa nasce oficialmente no Brasil em 1808 com a chegada da família real ao país. No entanto, no Espírito Santo, o primeiro periódico foi publicado apenas em 1840 (O Estafeta) com a finalidade de tornar públicas as decisões do poder executivo, conforme aponta Mattedi (2010).

Segundo o autor, os militares estavam entre os pioneiros da imprensa capixaba e tiveram importante participação na vida social do estado durante o século XIX, uma vez que a Coroa Portuguesa tinha instalado fortes e quartéis no Espírito Santo na tentativa de proteger as minas de ouro do estado vizinho. Essa decisão, entre outras, teve um impacto muito grande sobre o Espírito Santo, influenciando também a imprensa capixaba. Mattedi (2010, p. 25) observa que o foco principal dos periódicos capixabas até o início do século XX era a propaganda política e que durante esse período "os jornais capixabas divulgavam tudo, 'até' notícia." De acordo com Lindemberg (2010, p. 123), o jornal A Gazeta diferenciou-se dos demais jornais brasileiros da época de sua fundação quanto a esse aspecto. A esse respeito, ela informa que

A história de A Gazeta, ao contrário da maioria dos jornais brasileiros da época que eram fundados como instrumento de sustentação política, iniciou-se em 1928 quando Ostílio Ximenes, dono da Imobiliária Cambury juntou-se ao jornalista Thiers Vellozo para fundar um periódico com o propósito de vender lotes na área que hoje recebe o mesmo nome. O loteamento não foi à frente, mas o jornal teve grande aceitação do público e seguiu o seu caminho.

Segundo a autora, o jornal A Gazeta sempre teve sua sede na capital do estado do Espírito Santo, Vitória, e foi veiculado pela primeira vez, em 11 de setembro de 1928, ganhando

impulso, em 1960. Em 1994, a redação do jornal foi informatizada (LINDENBERG, 2010). Atualmente, além da versão impressa, o jornal também é disponibilizado em meio digital¹⁰¹.

Trata-se de um dos maiores jornais publicados diariamente no Espírito Santo, segundo informações do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Para a composição do *corpus* de análise, foram consultadas todas as edições veiculadas, no ano de 2017, e identificadas 978 (novecentas e setenta e oito) ocorrências do verbo **cortar**.

6.2 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Buscamos verificar a correlação entre as diferentes construções com **cortar** e as propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas que elas apresentam, uma vez que a observação desses parâmetros pode fornecer informações sobre padrões produtivos de interação, como destacam Dornelas e Rocha (2014). Além disso, buscamos observar a natureza dos sintagmas nominais que correspondem aos argumentos verbais (sujeito e objeto), assim como as áreas temáticas em que ocorrem os textos. Para elaborar esses parâmetros, disponibilizados no apêndice A, valemo-nos das obras mencionadas no capítulo que trata dos papéis temáticos, do dicionário gramatical de verbos de Borba (1991), do Dicionário de Usos do Português do Brasil de Borba (2002), e do dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss, Villar e Franco (2009) e das contribuições de Bybee (2016).

Procedemos a uma análise quantitativa para identificar as correlações das propriedades analisadas com cada uma das construções consideradas. Para otimizar a análise e quantificação dos dados, realizamos algumas adaptações, como a codificação dos dados para

¹⁰¹ Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/>.

termos valores discretos e dessa forma, passíveis de contagem. O programa utilizado para o registro e tratamento dos dados foi o *Microsoft Excel*, versão 2010.

Na classificação e codificação dos dados, utilizamos uma coluna para cada fator a ser analisado e aplicamos a fórmula 'cont se' para obtenção dos totais gerais. Elegemos a acepção como nossa variável dependente e como variáveis independentes, entre outras, o padrão construcional, o tipo sintático da oração, a forma, a voz, o modo e o tempo verbal. Dessa forma, utilizamos a coluna destinada à acepção para classificação do arquivo, o que nos permitiu individualizar os valores de cada acepção.

Como dito no capítulo 5, identificamos dois conjuntos de construções com **cortar**, um composto por construções mais esquemáticas e outro por construções mais próximas do polo lexical, as construções substantivas com **cortar**. A análise do grau de composicionalidade das construções substantivas levou em consideração, além de outros fatores, a averiguação da possibilidade de alterações na forma, a saber: i) a possibilidade de topicalizar o sintagma nominal complemento do verbo **cortar**, ii) a possibilidade de substituição do determinante que antecede o sintagma nominal; iii) a possibilidade de inserção de itens lexicais entre o verbo e o nome.

O número de ocorrência das construções substantivas com **cortar** identificadas no *corpus* é reduzido. Por isso, valemo-nos em alguns momentos de consultas rápidas realizadas na rede mundial de computadores, por meio da ferramenta de busca do *google*, para exemplificar as análises com exemplos do verbo em uso e observar as possibilidades de alteração na forma. Quando não identificamos tais exemplos, aplicamos testes com essa finalidade realizando as devidas adequações nas sentenças a partir de ocorrências do verbo **cortar** no *corpus*.

A seguir, no capítulo 7, apresentamos a análise dos dados e retomamos em alguns momentos as discussões apresentadas no referencial teórico.

7 ANÁLISE DOS DADOS

No capítulo 7, analisamos o uso do verbo **cortar** a partir das ocorrências identificadas no *corpus*, composto de 978 ocorrências na modalidade escrita e 138 na modalidade oral, numa abordagem construcional. Foram excluídas da análise 53 ocorrências na modalidade escrita e 04 ocorrências na modalidade oral por serem formas participiais adjetivas do verbo em tela.

Como mencionado no capítulo 5, o verbo **cortar** é instanciado em construções mais esquemáticas, que permitem sua associação com diferentes sintagmas nominais, como podemos observar nos exemplos de 01 a 03¹⁰²:

1) Protesto de “acorrentado” afeta 25 mil passageiros

[...] Cerca de 200 funcionários da empresa estavam no local. [...] Membros do Sindirodoviários que estavam na Viação Sanreno usaram um alicate do tipo turquesa para cortar as correntes. [...]. (A Gazeta, 10/03/2017 – Cidades, p. 12, grifo nosso).

2) BALEIA AZUL: MAIS CASOS EM INVESTIGAÇÃO

[...] “Eles se cortam no próprio quarto ou na escola, escondido.” (A Gazeta, 26/04/2017 – Cidades, p. 41, grifo nosso).

3) Bancos se preparam para cortar juros neste ano

[...] Assim que o Copom reduziu a Selic para 14% ao ano em outubro, a Caixa Econômica saiu na frente e cortou os juros do crédito habitacional. (A Gazeta, 10/01/2017 - Economia, p. 25, grifo nosso).

Podemos observar nas sentenças (1, 2 e 3) que o verbo **cortar** está relacionado sintaticamente a um sujeito e a um objeto direto e semanticamente a um agente e um paciente. Essas sentenças também compartilham a seguinte generalização: alguém causa uma afetação em algo, ou seja, são todas instâncias de uma mesma construção ocorrendo uma variação dos sintagmas nominais que complementam o verbo nos 03 excertos, gerando significados mais específicos, ‘separar/dividir’, ‘ferir/mutilar’ e ‘reduzir’.

¹⁰² A numeração atribuída aos exemplos diz respeito apenas ao presente capítulo, tendo sido desconsiderado na contagem os exemplos constantes nos capítulos anteriores.

Constatamos no *corpus* que o verbo **cortar** também ocorre em construções substantivas, que representam casos especiais de outras construções (GOLDBERG, 1995), instâncias preenchidas de construções mais gerais, como podemos observar nos exemplos de 04 a 06.

4) Moradora reclama do choro da bebê de vizinha

Imagine a cena: uma mãe de primeira viagem sozinha em casa e desesperada com o bebê que não para de chorar. É de cortar o coração de qualquer um, certo? Bem, não foi essa a reação que teve uma vizinha da mulher [...] (A Gazeta, 03/11/2017 – Cidades, p. 9 – grifo nosso).

5) Partiu happy hour?

"Vamos lá duas ou até mesmo três vezes por semana", conta o estudante [...] que apesar de morar na Praia da Costa, do outro lado da ponte, prefere curtir o happy hour por Vitória.

Aliás, não é querendo cortar o barato da dupla, mas caso Eduardo decida mudar um pouquinho de ares e opte dar um rolê pela Praia da Costa [...] sugerimos algumas boas opções pertinho da casa dele. (A Gazeta, 03/12/2017 – C2, prazer&cia p. 35 – grifo nosso).

6) “Temos que encontrar uma solução para isso sem mexer no dinheiro da Saúde, da Educação. E, sim, usar dinheiro que já é gasto na política. Chegou a hora de os políticos cortarem na própria carne”. (A Gazeta, 20/09/2017 – Política, p. 24 – grifo nosso).

Nesses exemplos, o significado que emerge para o uso do verbo **cortar** e seu respectivo complemento é muito específico e não pode ser atribuído à soma de suas partes constituintes, sendo respectivamente: ‘dar pena’, ‘interromper o que alguém quer dizer ou fazer’ e ‘submeter-se a sacrifícios ou restrições para dar exemplo’ (URBANO, 2018).

Considerando as particularidades de cada conjunto de construções identificadas no *corpus*, dividimos este capítulo em 03 seções: na primeira, apresentamos as construções esquemáticas que foram identificadas durante a análise; na segunda, abordamos as construções substantivas e; na terceira, as discussões sobre o uso que motivou a pesquisa, **cortar** com o significado de ‘falar/comunicar-se’.

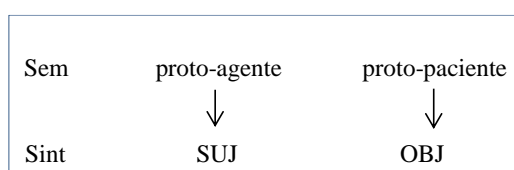
7.1 CONSTRUÇÕES ESQUEMÁTICAS

Na análise do *corpus*, identificamos as seguintes construções esquemáticas com o verbo **cortar**: Construção Transitiva de Afetação, Construção Transitiva de Situação, Construção de Movimento Interceptado, Construção de Movimento Transitiva, Construção de Movimento Fictivo Transitiva e Construção de Afetação por Movimento.

Ressaltamos que nos valemos, sempre que possível, de classificações já utilizadas por outros autores [cf. Goldberg (1995), Duarte e Oliveira (2010) e Dornelas e Rocha (2014)]. Nos casos em que não localizamos trabalhos que nos ajudassem a identificar algumas construções observadas durante o processo de análise nas quais o verbo **cortar** foi instanciado, atribuímos nomes distintos a tais construções, guiados por nosso conhecimento de mundo e intuição, que podem ou não terem sido reconhecidas em outros trabalhos com nomes semelhantes.

Como dito no capítulo 5, assumimos que o *frame* semântico evocado pelo verbo **cortar** está associado a uma estrutura transitiva que envolve um agente e um paciente. Goldberg (1995) representa a Construção Transitiva de forma “esquelética” como uma estrutura semântica composta por dois “proto-papéis” abstratos, o Proto-Agente e o Proto-Paciente.

Figura 15 - Construção Transitiva



Fonte: Goldberg (1995, p. 17)

Segundo Goldberg (1995, p. 116), esses proto-papéis são dois tipos de macro-papéis gerais, definidos como conceitos prototípicos, propostos por Dowty (1991), cuja lista “detalha muitas propriedades associadas com Sujeito e Objeto translinguisticamente”, resumidas no quadro 4.

Quadro 4 - Lista de propriedades do Proto-Agente e Proto-Paciente

Propriedades associadas ao Proto-Agente	Propriedades associadas ao Proto-Paciente
1. envolvimento volicional no evento ou estado 2. senciência (e/ou percepção) 3. desencadeia um evento ou mudança de estado em outro participante 4. tem movimento (em relação à posição de outro participante) 5. tem existência independente do evento nomeado pelo verbo. ¹⁰³	1. Sofre uma mudança de estado. 2. é um tema incremental. 3. é causalmente afetado por outro participante. 4. está estacionário (em relação ao movimento de outro participante). 5. não existe independentemente do evento. ¹⁰⁴

Fonte: Dowty (1991, p. 572).

Com base em tais definições, Dowty (1991, p. 576) propõe o Princípio da Seleção Argumental segundo o qual, em predicados com sujeito e objeto gramaticais, será lexicalizado como sujeito o argumento para o qual o predicado acarrete o maior número de propriedades do proto-agente e como objeto direto o argumento para o qual o predicado acarreta o maior número de propriedades do proto-paciente. Essa associação sintática é revertida para línguas ergativas em que o sujeito em cláusulas transitivas é o argumento com mais propriedades proto-paciente.

De acordo com Goldberg (1995, p. 117), a vinculação proposta por Dowty é explicada naturalmente na abordagem construcional e o princípio de seleção argumental “é relevante apenas se a construção transitiva é envolvida”¹⁰⁵ e a generalização é capturada pelas regras de ligação existente dentro de uma construção transitiva esquelética.

Segundo Goldberg (1995, p. 117), a construção transitiva tem a ligação reversa em línguas ergativas, assim como permite um número limitado de exceções lexicais, como na proposta de Dowty. Essas exceções “são casos que não herdam de (ou seja, não são motivadas pela)

¹⁰³ Proto-Agent properties: 1. volitional involvement in the event or state / 2. sentience (and/or perception) / 3. causing an event or change of state in another participant 4. movement (relative to the position of another participant) / 5. exists independently of the event named by the verb.

¹⁰⁴ Proto-Patient properties: 1. undergoes change of state / 2. incremental theme 3. causally affected by another participant 4. stationary relative to movement of another participant / 5. does not exist independently of the event, or not at all.

¹⁰⁵ It turns out that Dowty’s linking generalizations are naturally accounted for in the presente framework. Notice the domain of application of Dowty’s principle: “In predicates with grammatical subject and object...” Clearly the principle is only relevant if the transitive construction is involved.

construção transitiva, ou casos que herdaram apenas a forma, mas substituem o significado da construção.”¹⁰⁶ Todavia, a autora salienta que o número de exceções é limitado em função do Princípio da Motivação Maximizada e enfatiza que as línguas diferem quanto à forma em que a construção transitiva é estendida para expressar cenas transitivas não prototípicas, como, por exemplo, com os predicados de posse.

Embora apresente a construção transitiva como uma estrutura com um significado abstrato, Goldberg (1995, p. 118) argumenta que essa construção pode ser interpretada como uma construção de estrutura argumental com um significado central que remete a uma cena prototípica, um evento causativo em que um ator volitivo afeta um paciente inanimado, que pode se relacionar a uma família de significados. Acreditamos que as construções com **cortar** identificadas no *corpus*, entre as quais, a Construção Transitiva de Afetação, a Construção Transitiva de Situação, a Construção de Movimento Interceptado, a Construção de Movimento Transitiva, a Construção de Movimento Fictivo Transitiva e a Construção de Afetação por Movimento são relacionadas à Construção Transitiva.

As construções esquemáticas com **cortar** ocorrem simultaneamente com outras construções que são designadas para fornecer uma estrutura informacional alternativa para as sentenças (a Construção Passiva e a Construção Resultativa). Para exemplificar a discussão que será apresentada, valemo-nos de exemplos que não fazem parte do *corpus*, uma vez que optamos por sentenças que apresentam o mesmo item lexical ocupando o *slot* destinado ao objeto direto, cabeça, como podemos observar em 7. Cabe ressaltar que, no exemplo 7, não há coocorrência com nenhuma estrutura informacional alternativa.

7) Homem corta cabeça da namorada grávida e bota foto no Facebook!¹⁰⁷

Na sentença em 7, o verbo **cortar** é instanciado na Construção Transitiva de Afetação, que pode ser descrita como X AFETAR Y, designando uma mudança de estado realizada por

¹⁰⁶ Exceptions are cases which do not inherit from (i.e., are not motivated by) the transitive construction, or cases which inherit only the form but override the meaning of the construction.

¹⁰⁷ Disponível em: <http://www.deolhone.com.br/homem-corta-cabeca-da-namorada-gravida-e-bota-foto-no-facebook-veja/>. Acesso em: 06/11/2019.

meio de alteração na forma física do paciente. No excerto “Homem corta cabeça da namorada”, temos o sintagma nominal ‘homem’ [SN₁], ocupando o *slot* destinado ao sujeito sintático, seguido do verbo **cortar** e do objeto direto, numa ordem direta. Observe que o segundo sintagma nominal, que ocupa o *slot* destinado ao objeto direto é complexo [SN₂ de SN₃], ou seja, o paciente afetado diretamente ‘a cabeça’ pertence a alguém.

Com base nesse e em outros exemplos do *corpus*, acreditamos que nos casos em que o verbo **cortar** é instanciado em uma sentença cujo paciente está relacionado diretamente ao ser humano, o indivíduo em si ou partes do corpo, há uma ampliação do *frame* semântico associado a esse verbo, tão importante como ‘quem corta’ (cortador) e o que se corta (cortado) é de quem se corta (possuidor¹⁰⁸). Os dois últimos mantêm uma relação de posse indicada pela preposição ‘de’. Cabe destacar que na Construção Transitiva de Afetação, o ‘cortado’ e o ‘possuidor’ ocupam o mesmo *slot*, aquele destinado ao objeto direto.

Goldberg (1995) destaca que algumas construções são designadas para fornecer uma estrutura informacional alternativa da sentença, como é o caso da Construção Passiva. A passiva configura-se num padrão construcional em que o sujeito sintático recebe a ação verbal. Por conseguinte, o sujeito chama-se, do ponto de vista semântico, paciente e quem pratica a ação, agente da passiva. A Construção Passiva é muitas vezes utilizada para retirar um dos papéis participantes da cena e um dos papéis temáticos deixa de ser perfilado, o agente responsável pela ação, o ‘cortador’, como podemos observar no exemplo 8.

8) Quando a cabeça da Medusa é cortada, nascem de seu pescoço Pégaso, o cavalo alado, e Crisaor, filhos de Poseidon. [...] ¹⁰⁹

Nessa sentença, temos o seguinte padrão:

SN (Sintagma Nominal)	Verbo Auxiliar + Vparticípio	[SP]
Y Paciente	SER + cortado afetado	por X agente da passiva

¹⁰⁸ Termo utilizado por Cançado (2010).

¹⁰⁹ Disponível em: <https://www.infoescola.com/mitologia-grega/mito-medusa/>. Acesso em: 06/11/2019.

A sentença a seguir apresenta outro padrão, envolvendo a forma participial do verbo "cortar" e o verbo 'ter'.

9) mulher tem a cabeça cortada por traficantes¹¹⁰

O particípio é classificado como uma das formas nominais do verbo por ser incapaz de exprimir por si o tempo e o modo, que dependem do contexto no qual o verbo está inserido. Segundo Ryan (2007, p. 26), o particípio pode ser utilizado com ou sem verbo auxiliar. Com os verbos auxiliares 'ter' e 'haver' o particípio forma tempos compostos da voz ativa (O governo *tem cortado* os benefícios dos servidores nos últimos meses / *Havíamos alertado* a todos sobre esse problema) e com os verbos auxiliares 'ser' e 'estar' gera a voz passiva de ação e de estado respectivamente (Nosso carro *foi roubado* em plena luz do dia / O responsável pelo roubo *está preso*). Quando usado sem auxiliar, o "particípio exprime, essencialmente, o estado resultante de uma ação concluída" e quando o particípio "exprime apenas o estado, sem estabelecer relação temporal, confunde-se com o adjetivo".

Observe que, na sentença em 9, "cortada" parece incidir diretamente sobre o substantivo "cabeça", o que acarretaria um funcionamento adjetival do particípio. Porém, nesse exemplo, há um agente expresso e, em outros exemplos do *corpus*, agente presumível.

Borba (2002, p. 1532, grifos nosso) apresenta exemplo semelhante, "Nando *teve* as entranhas *varadas* pela ponta lancinante de uma dor", e registra que, nesse caso, o verbo 'ter' funciona como auxiliar que, com predicativo do complemento, indica voz passiva. No entanto, essa sentença, assim como outras, apresenta um padrão diferente da passiva:

SN	TER	SN	V _{particípio}	[SP]
X	TER	Y	cortado	[por Z]

Buscando explicações para o fenômeno, encontramos o trabalho de Duarte e Oliveira (2010) que se volta para os particípios no português e avalia a aplicabilidade ao português da

¹¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X0hvw9ZXWF8>. Acesso em: 06/11/2019.

tipologia tripartida de participios proposta em Embick (2004), citado por Duarte e Oliveira (2010, p. 398), que permite distinguir participios eventivos, resultativos e estativos.

As autoras também tratam de construções resultativas e ressaltam que em português essa construção "é mais produtiva com predicados complexos encabeçados pelos verbos leves *fazer, pôr e tornar* do que com verbos plenos" (DUARTE; OLIVEIRA, 2010, p. 405, grifos das autoras). Uma das características da construção resultativa ressaltada é a interpretação atribuída ao verbo. A esse respeito, as autoras enfatizam que

Na construção resultativa, a interpretação do verbo pleno e a do verbo leve que constitui o primeiro membro do predicado complexo é a de **meio** através do qual a entidade relevante, designada pelo argumento interno directo, entra no estado denotado pelo predicado secundário (cf. Levin & Rappaport Hovav 1995, Embick 2004) (DUARTE; OLIVEIRA, 2010, p. 405, grifo das autoras).

Um dos exemplos apresentados pelas autoras para mostrar tais construções é “O cozinheiro fez o guisado queimado”. Nessa construção, a forma participial é “estativa”, ou seja, adjetival, o que seria demonstrado pelo fato de que com participios duplos, apenas a forma irregular seria possível.

Interessa-nos particularmente no trabalho das autoras a identificação de uma construção resultativa encabeçada pelo verbo 'ter'. Segundo Duarte e Oliveira (2010, p. 405), nessa construção, não existe a interpretação de “meio”, característica de outras construções resultativas do português, além disso, ela não aceita formas participiais “estativas”. Na construção resultativa encabeçada pelo verbo 'ter' “o argumento interno direto entra num estado resultante de um evento prévio”. Essa construção é exemplificada com a seguinte sentença "O aluno tem os exercícios corrigidos". As autoras não exploram tal construção, o que nos levou a buscar outras fontes para subsidiar a análise.

Castilho (2016, p. 425, grifos do autor) apresenta exemplo semelhante ao das autoras quando trata da questão do aspecto verbal “A gente **tem** uma série de dados **levantados**”. Segundo o

autor, esse exemplo recupera a história do pretérito perfeito¹¹¹ composto e codifica o perfectivo resultativo. Castilho (2016, p. 419) nos diz que o aspecto resultativo “configura uma predicação que vai da ação ao seu resultado, representando-se gramaticalmente apenas este último” e o dispõe como um subtipo do perfectivo. De acordo com Castilho (2016, p. 425), o perfectivo resultativo possui as seguintes propriedades:

(1) ocorre nas predicções estático-dinâmicas, associando uma ação a um estado; (2) a ação, necessariamente tomada no passado, é pressuposta; (3) o estado presente decorre dessa ação; (4) há relações entre o resultativo e a voz passiva.

Castilho (2016, p. 406), citando Salvi (1988), informa que no latim, na estrutura precursora dos tempos compostos nas línguas românicas, como no exemplo *Habeo epistolam scriptam*, o particípio é ambíguo sintaticamente, podendo ser interpretado como verbo, tendo sentido de uma passiva, ou adjetivo, expressando um estado.

Trabalhos que abordam o processo de gramaticalização do verbo ‘ter’ (CARDOSO; PEREIRA (2003), WACHOWICZ (2006) e PEIXOTO (2018)) indicam a ocorrência desse verbo em construções resultativas na origem do surgimento dos tempos compostos nas línguas românicas. De acordo com Peixoto (2018), o uso do verbo ‘ter’ em construções resultativas teria ocorrido num estágio intermediário do processo de gramaticalização, entre seu uso como verbo pleno e auxiliar. A esse respeito, a autora destaca que

No que tange especificamente a *ter*, o verbo teria sido pleno, primeiramente, com a noção de posse, como em: *Mário tem uma casa*, em que *uma casa* é o objeto do núcleo *tem*. A seguir, *ter* teria sido envolvido em construções predicativas, resultativas, como em: *Mário tem uma casa pintada*, em que *pintar* não é o verbo nuclear; é o complemento de *tem* e assume o papel de predicativo do objeto *uma casa*, denotando um estado de coisas resultativo. Adiante, num estágio mais avançado de mudança, *ter* teria começado a ser usado como auxiliar, assumindo funções gramaticais e formando construções perifrásticas codificadoras de aspecto, tempo e modalidade, como em: *Mário*

¹¹¹ Grosso modo, o pretérito perfeito composto derivou dos verbos *haver/tenere* nos casos em que os mesmos selecionam um objeto direto seguido do predicativo desse objeto, expresso por um particípio passado, como no exemplo *Habeo epistolam scriptam* (tenho uma carta escrita) cujo significado era de posse no presente, resultante de uma ação no passado, que codificava o aspecto resultativo, expresso no indo-europeu e no latim por uma forma redobrada. Com a perda do pretérito redobrado estruturas passaram a desempenhar esse papel e foram sofrendo transformações até chegar ao pretérito perfeito composto (tenho escrito uma carta). Para mais informações, consultar Castilho (2016, p. 405-407).

tem pintado uma casa, Mário tinha pintado uma casa, e Mário tem que pintar uma casa, respectivamente (PEIXOTO, 2018, p. 595).

Wachowicz (2006, p. 61) destaca que o verbo ‘ter’, apesar de sua produtividade em perífrases de participio do português, ainda ocorre em construções resultativas. Como já foi dito, a forma participial pode ser sintaticamente ambígua nessa construção e o exposto até o momento indica que a construção resultativa com o verbo ‘ter’ identificada no *corpus* requer um estudo aprofundado que ultrapassa os limites desta tese e, por isso, não temos a pretensão de encerrar o assunto nesta pesquisa.

A partir da análise dos dados identificados no *corpus*, assumimos aqui que a forma participial na construção resultativa com o verbo ‘ter’ identificada na tese funciona como verbo, posição que pode ser revista em estudos posteriores, e defendemos que essa construção fornece uma estrutura informacional alternativa da sentença, assim como a passiva.

A construção passiva, além de permitir a retirada de cena de um dos papéis participantes, também permite a focalização do papel argumental paciente que passa a ocupar a posição sintática de sujeito. Observamos que a Construção Resultativa com o verbo ‘ter’ permite a focalização do segundo elemento do sintagma nominal complexo, como podemos observar no exemplo 10.

10) Além de ter a testa marcada, o adolescente revelou que teve o cabelo cortado e teve os pés e as mãos amarradas por Ronildo e Maycon. "Eu comecei a puxar o cabelo para a frente para tentar esconder e eles então cortaram meu cabelo. (A Gazeta, 12/06/2017 - Cidades, p. 7, grifo nosso).

Se a coocorrência fosse com a construção passiva, a focalização não recairia sobre o adolescente, que seria lexicalizado em posição de adjunção, mas sobre as partes de seu corpo, uma vez que a passiva promove a inversão entre o sujeito sintático e o objeto direto da ativa, fazendo com que o sintagma nominal, ainda que complexo, que ocupa o *slot* reservado ao objeto, seja redirecionado para o *slot* destinado ao sujeito em sua totalidade sem nenhum desmembramento. Por sua vez, a Construção Resultativa com o verbo ‘ter’ inverte apenas o adjunto adnominal, o genitivo, para a posição de sujeito, mantendo o núcleo do sintagma nominal que corresponde ao paciente na posição de objeto.

Na Construção Resultativa mais geral, conforme Goldberg (1995), o sujeito é agentivo e responsável pelo estado resultante no qual o paciente se encontra, como ocorre em “Ela me deixa louco”. De acordo com Duarte e Oliveira (2010), no português, a Construção Resultativa é mais produtiva com predicados complexos encabeçados pelos verbos leves *fazer*, *pôr* e *tornar* do que com verbos plenos, e, nesses casos, o sujeito também é agentivo.

Isso não ocorre com a Construção Resultativa com o verbo ‘ter’ identificada na tese. Além de expressar um estado resultante de um acontecimento anterior, como a construção fornece uma estrutura informacional alternativa da sentença, focalizando o ‘associativo’¹¹², o sujeito deixa de ser agentivo e pode se tornar paciente da ação verbal em função da relação que estabelece com o objeto direto, o paciente afetado ‘diretamente’ pela ação realizada anteriormente designada pela forma participial, o que nos leva a crer que a Construção Resultativa identificada na tese seja motivada pela Construção Passiva.

A relação entre a Construção Resultativa com o verbo ‘ter’ e a Construção Passiva é percebida por Borba (2002) e Castilho (2016), como já vimos. Essa construção pode ser esquematizada da seguinte forma, com base em Goldberg (2006).

Função: FOCALIZAR ASSOCIATIVO (Associativo Paciente [Agente])
 Verbo Ter (| | V_{particípio})
 Sujeito Objeto [Obl]

Os excertos a seguir, retirados do *corpus*, são exemplos da instanciação do verbo **cortar** na Construção Transitiva de Afetação nos quais podemos observar a coocorrência com a Construção Resultativa com o verbo ‘ter’, doravante designada neste trabalho como Construção Resultativa.

11) CONFUSÕES E AGRESSÕES NA POSSE DE AUDIFAX

¹¹² Associativo é um rótulo atribuído neste trabalho ao papel argumental que recobre noções de forte associação entre dois elementos, como a noção de posse, assim como aquelas presentes nos casos temáticos, constantes em Borba (1996, p. 31), ‘origem’, que apresenta os atributos *afetado e transição* e expressa o ponto de partida e ‘comitativo’ que tem como característica principal a associação, sendo sempre afetado.

O vereador Nacib Hadad (PDT) tentou repercutir o fato, mas teve os microfones cortados por Galinhão. (A Gazeta, 02/01/2017 - Caderno Política, p. 10, grifo nosso).

12) Índios têm mãos decepadas durante ataque

A entidade informou que 13 pessoas ficaram feridas, todos baleados em várias partes do corpo e dois chegaram à unidade com membros decepados.

Um teve as mãos retiradas a golpes de facão, na altura do punho. Outro, além das mãos, teve os joelhos cortados nas articulações. (A Gazeta, 02/05/2017 - Caderno Cidades, p. 7, grifo nosso).

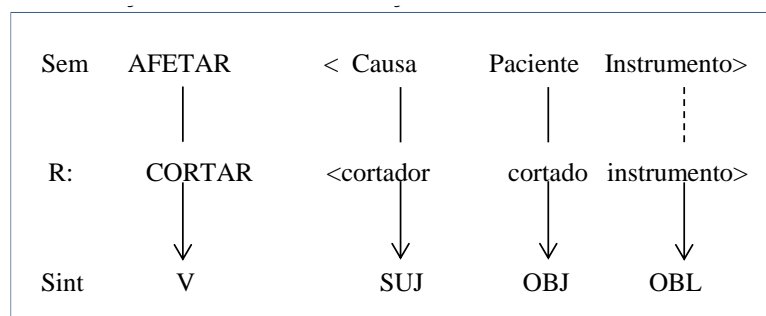
Quando o verbo **cortar** ocorre com essa construção, ocupando o *slot* destinado à forma participial, o papel argumental ‘associativo’ funde-se com o papel participante ‘possuidor’ e o papel argumental ‘paciente’ funde-se com o papel participante ‘cortado’. O papel argumental ‘agente’ não é obrigatoriamente lexicalizado.

Feitas essas considerações, apresentamos, a seguir, a Construção Transitiva de Afetação, assim como as acepções associadas à mesma e a distribuição dos dados obtidos nas análises. Salientamos que nos casos em que foram encontradas menos de 05 ocorrências para cada acepção, optamos por apresentar apenas o quadro com os aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados a tais acepções.

7.1.1 Construção Transitiva de Afetação

Podemos dizer que essa construção está associada à representação da seguinte cena ‘alguém causando uma mudança de estado’, que de acordo com Goldberg (1995) constitui uma cena básica da experiência humana. Os papéis argumentais associados a essa construção são ‘causa’, ‘paciente’ e ‘instrumento’, como podemos observar no esquema proposto na figura 16. Assumimos aqui o papel argumental ‘causa’ com as mesmas especificações apontadas por Goldberg, ou seja, tanto um argumento ‘agente’, que implica intencionalidade, como uma força natural, como, por exemplo, ‘rio’, ‘córrego’, ‘vento’, são comportados no papel argumental ‘causa’.

Figura 16 - Construção Transitiva de Afetação



Fonte: esquema proposto pela autora com base em Goldberg (1995).

Padrão construcional: SN V SN [SP]¹¹³
 X CORTA Y [com W]

Os papéis participantes do verbo **cortar** <**cortador cortado** instrumento> alinham-se isomorficamente com os papéis dessa construção, indo ao encontro do princípio da coerência semântica que controla a compatibilidade entre verbos e construções e estabelece que apenas papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos. Na próxima subseção, essa construção será abordada em mais detalhes.

No seu sentido mais básico, **cortar** é um verbo de ação-processo que designa, nos termos de Chafe (1979), um FAZER ACONTECER (X AGIR SOBRE Y) e, dessa forma, podemos dizer que o tipo de evento designado pelo verbo representa uma instância do tipo de evento mais geral designado pela Construção Transitiva de Afetação.

Em nosso *corpus*, observamos que o verbo **cortar** quando instanciado nessa construção pode designar, além da mudança de estado realizada por meio de alteração na forma física e/ou quantidade (exemplos 13 e 14), a interferência num processo em andamento, como atesta o exemplo 15.

¹¹³ Os colchetes indicam que o sintagma preposicionado não é obrigatório.

13) [...] Quando chegamos em casa ele viu uma mensagem no meu celular, era uma amiga. Eu peguei o celular para responder, ele começou a gritar, brigar, pegou o meu carregador e cortou o fio com os dentes [...]. (A Gazeta, 24/09/2017 - Cidades, p. 10, grifo nosso).

14) Bancos se preparam para cortar juros neste ano

[...] Assim que o Copom reduziu a Selic para 14% ao ano em outubro, a Caixa Econômica saiu na frente e cortou os juros do crédito habitacional. (A Gazeta, 10/01/2017 - Economia, p. 25, grifo nosso).

15) RESUMO DAS NOVELAS

[...] Joyce corta a mesada de Ivana por ela querer dinheiro para pagar pela cirurgia que vai lhe tirar os seios. (A Gazeta, 03/09/2017 - C2, p. 7, grifo nosso).

O primeiro papel argumental dessa construção foi definido como ‘causa’ uma vez que assim como a Construção de Movimento Causado, esse argumento pode ser tanto um agente como ‘uma força natural’, como podemos observar nos exemplos 16 e 17.

16) No mesmo instante ouviu-se um trovão ensurdecedor. Um raio atingiu a sala, cortando no centro a linda mesa de mogno [...].(A Gazeta, 08/10/2017 – Revista AG, p. 28, grifo nosso).

17) Enquanto hoje motoristas e comerciantes contam os dias para o fim das obras de ampliação da Avenida Leitão da Silva, em Vitória, o canal que corta os dois sentidos da via usufrui de seus últimos meses com luz solar e ventilação disponível. (A Gazeta, 19/06/2017 – série especial, águas passadas, p. 20, grifo nosso).

No entanto, observamos em nossos dados que o papel argumental instrumento pode ocupar o *slot* destinado ao sujeito, embora não seja recorrente, implicando sua manipulação por um agente, como podemos observar em 18.

18) Em vez de atirar pedras em Temer, o “mercado” deveria reconvocar os çábios, consultores e especialistas que lhe venderam a ideia da viabilidade do pacotão. Na sua versão original, a proposta cortava 50% do valor de todas as pensões por morte do INSS. (A Gazeta, 12/11/2017 – Política, p. 33, grifo nosso).

O verbo **cortar** também é instanciado nessa construção com usos metafóricos, mantendo mesmo assim a moldura sintática e semântica da construção, como podemos observar nos exemplos 19 e 20.

19) Atropelos e autoproteção marcam texto da reforma

[...] O pesquisador considera que a cláusula de desempenho e o fim das coligações como pontos positivos, visto que podem asfixiar partidos que atuam com fisiologistas. [...].

"A proliferação de partidos faz com que deputados de baixa qualidade e pouca experiência, acabem sendo eleitos. [...]".

Além disso, a medida é necessária para facilitar a governabilidade. "[...]

Resende aponta, contudo, que o problema é que a mesma foice pode cortar também a cabeça de partidos que têm alguma história e atuação programática. [...].(A Gazeta, 06/10/2017 – Política, p. 20, grifo nosso)

20) A tesoura do Planalto cortou verbas do PAC e da Polícia Federal, mas em apenas 50 dias Temer liberou R\$ 3,9 bilhões para emendas parlamentares. (A Gazeta, 30/07/2017 – Opinião, p. 23, grifo nosso).

Verificamos que o papel participante <cortador> muitas vezes deixa de ser perfilado, tanto pela coocorrência com as Construções Passiva e Resultativa com o verbo ‘ter’, mencionadas anteriormente, como pelo uso do verbo **cortar** na forma de infinitivo na oração subordinada substantiva subjetiva, que também ‘sombreia’ o agente, nos termos de Goldberg (1995), retirando-o de cena, uma vez que essa oração é o sujeito oracional da sentença, como, podemos observar no excerto em 21.

21) Passagem vai custar R\$ 26,60 a mais por mês

[...]

Segundo o economista Antônio Marcus Machado, os primeiros três meses de 2017 serão difíceis e será necessário cortar gastos para conseguir administrar as contas. [...] (A Gazeta, 03/01/2017 - Cidades, p. 6, grifo nosso).

Outro forma de ‘sombreamento’ do agente identificada foi pela indeterminação do sujeito, como podemos observar em 22.

22) [...] Uma escopeta calibre 12 e uma metralhadora ponto 40 foram levadas da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), em Jucutuquara, Vitória. Cortaram o sistema de alarme e serraram grades no local. (A Gazeta, 01/09/2017 - Cidades, p. 4, grifo nosso).

Por sua vez, o papel participante <cortado> é passível de ser recuperado no texto ou no contexto, mesmo quando não está expresso na sentença, sendo considerado nesses casos como um complemento nulo definido.

No processo de análise, verificamos no *corpus* que a instanciação do verbo **cortar** nessa construção, dependendo do contexto e do campo semântico do substantivo que ocupa o *slot* destinado ao paciente, faz emergir, nas sentenças, significados específicos, não raro atribuídos

ao próprio verbo como ocorre de forma geral nos dicionários. Esses significados são tratados mais detalhadamente nas seções seguintes, iniciando pela acepção considerada mais prototípica do verbo **cortar** (BORBA, 2002).

7.1.1.1 Acepção 'separar/dividir'

Nos dicionários pesquisados, a acepção 'separar/dividir' é a primeira apresentada, indicando ser a acepção mais utilizada para o verbo **cortar**, estando presente também na etimologia desse verbo, conforme registra Cunha (2010). Em nosso *corpus*, na modalidade oral, foi a segunda acepção mais recorrente e, na modalidade escrita, a terceira. Em ambas as modalidades, ela ocorreu em textos que abordavam assuntos diversos relacionados ao ambiente em que vivemos, tais como, brincadeiras, lavoura, experiência com animais, crimes, acidentes, com predominância na culinária. Os sintagmas nominais que preenchem o *slot* destinado ao paciente são relacionados a alimentos, objetos concretos, entre outros, como podemos observar nos exemplos 23 e 24.

23) [...]

Informante: e nos Estados Unidos... Estados Unidos não no:: Japão também eles comem muito pol::vo

Entrevistador: [comem ... comem a::i]

Informante: [mas vivo ...eles pegam assim pequenininho] eles cortam assim no prato colocam um limãozinho e comem [...].(excerto de entrevista retirada do Portvix, célula 12, grifo nosso).

24) [...]

Entrevistador: E esseessa sopa de mandioca? A sopa? É sopa que fala mesmo?

Informante: Mingau.

Entrevistador: Como que é feito?

Informante: Coloca...tira o aimpim e coloca corta ele em cubinho e...e coloca na água pra poder molecer. Fica três dias a... na...água. Aí quando molece faz mingau. [...].(excerto de entrevista retirada do *corpus* de Santa Leopoldina, célula 17, grifo nosso).

Apresentamos as propriedades identificadas nas sentenças, em ambas as modalidades, no quadro 5.

Quadro 5 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à aceção 'separar/dividir'

Separar uma parte de um todo / dividir em duas ou mais partes		
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO
Ação-processo	Agente/Força natural/Instrumento	Paciente nome concreto
	<ul style="list-style-type: none"> ● pronomes ● nomes designativos de pessoas ● instituições ● instrumento (facão, foice, etc.) ● elementos da natureza (córrego, canal, raio, etc.) 	<ul style="list-style-type: none"> ● alimentos (incluindo aves e outros animais relacionados à alimentação) ● objetos concretos de pequeno ou grande porte ● veículo ● produtos da ação humana (via, avenida, asfalto, etc.)
Área temática:		
Modalidade escrita	predominância de ocorrência em textos que abordam culinária e alimentação - 42,85%. Os demais tratam de assuntos diversos (entretenimento, crimes de forma geral, acidentes, trânsito, entre outros).	
Modalidade oral	predominância de ocorrência em textos que abordam a culinária - 35,48% das ocorrências. Os demais tratam de assuntos diversos (lavoura, experiência com animais, brincadeiras, acidentes, entre outros).	

Fonte: a autora.

Como podemos observar no quadro 5, nessas sentenças um argumento instrumento ocupou o *slot* destinado ao sujeito, todavia em número muito reduzido. Em geral, essa posição é ocupada por argumentos agentes e forças naturais. Quanto à natureza dos sintagmas nominais que se associam ao objeto, são nomes que designam entidades concretas relacionadas a cenas que fazem parte do nosso cotidiano. Em relação à área temática, há uma predominância de ocorrência em textos que abordam a culinária e alimentação, em ambas as modalidades.

Na tabela 4, apresentamos a distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração nas modalidades oral e escrita.

Tabela 4 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção ‘dividir/separar’ nas modalidades oral e escrita.

Número de ocorrências	Mod. escrita	Mod. oral	Valor percentual	Mod. escrita	Mod. oral
	70	31		7,57% do total	23,13% do total
Forma	Mod. escrita	Mod. oral	Tempo	Mod. escrita	Mod. oral
flexionado	28	17	presente	42	22
Infinitivo	28	12	pret. imperfeito	05	05
Gerúndio	03	02	pret. perfeito	22	04
Particípio	11	0	futuro do pretérito	0	0
Modo					
Indicativo	57	31	futuro	01	0
imperativo	13	0	pretérito	0	0
subjuntivo	0	0	perfeito		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre				Mod. escrita	Mod. Oral
Oração principal				36	15
Oração subordinada substantiva subjetiva				0	01
Oração subordinada substantiva objetiva direta				07	01
Oração subordinada substantiva objetiva indireta				06	02
Oração subordinada substantiva predicativa				01	0
Oração subordinada substantiva completiva nominal				01	01
Oração subordinada substantiva apositiva				01	0
Oração subordinada adjetiva restritiva				02	0
Oração subordinada adverbial final				07	02
Oração subordinada adverbial modal				01	0
Oração subordinada adverbial temporal				02	0
Oração subordinada adverbial causal				01	0
Oração coordenada aditiva				05	09
TOTAL				70	31

Fonte: a autora.

É possível observar pela distribuição dos dados na tabela 4 que há uma ocorrência muito maior do verbo **cortar** na acepção ‘dividir, separar’ na modalidade oral, em termos percentuais, em 23,13% do total. Na modalidade escrita o percentual corresponde a 7,57% do total. Na sequência, apresentamos a acepção ‘fazer cair ou derrubar, ceifar e podar’.

7.1.1.2 Acepção 'fazer cair ou derrubar / ceifar / podar'

Essa acepção também apresenta como ideia subjacente a separação, a divisão de um todo. No entanto, como o verbo **cortar** ocorre acompanhado por sintagmas nominais, que preenchem o *slot* destinado ao paciente, relacionados a um mesmo campo semântico, plantas e árvores, emergem significados mais específicos para o verbo, como podemos observar nos exemplos 25 e 26.

**25) "Precisamos de alguma ousadia",
diz ministro do STF sobre maconha**

[...] No ano passado, ele foi filmado cortando pés de maconha com um facão, no Paraguai. (A Gazeta, 29/03/2017 - Cidades, p. 14, grifo nosso).

26) [...]

Informante: aí eu peguei pelo pulso dele mas eu peguei nessa mão essa mão não tem muita força... ele até me machucou... forçou... menina eu gritei "V. V.!"... ele lá fora... ele falou que virou as costas pra tirar uma flor que tava... murcha... já (inint) o garoto... se (me) ajudasse... ajudasse:: e::le que ele pediu pra pegar umas lenha pra ele porque ele cortou uma árvore ali... e disse assim "deixa:: a:: os galho ali que eu vou usar como lenha"... eu liguei uma coisa com a outra... mentira que ele não tava nem:: mexendo lenha... o garoto passou por aqui ele não viu... V. "vai embora seu moleque safado" o garoto que entrou aqui... [...].(Excerto de entrevista retirada do Portvix, célula 33, grifo nosso).

No quadro 6, apresentamos as propriedades identificadas nas sentenças, em ambas as modalidades.

Quadro 6 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'fazer cair ou derrubar/ceifar/podar'

Fazer cair ou derrubar / ceifar / podar		
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO
Ação-processo	Agente	Paciente nome concreto
	<ul style="list-style-type: none"> ● pronomes ● nomes designativos de pessoas ● instituições 	<ul style="list-style-type: none"> ● alimentos (frutas, etc.) ● árvores, plantas, lenha, grama, etc.
Área temática:		
Modalidade escrita	assuntos diversos sem predominância para textos que tratem de assuntos específicos.	
Modalidade oral	predominância para textos que abordam o trabalho na lavoura.	

Fonte: a autora.

No *corpus*, identificamos nessa acepção, apenas argumentos agentes na posição do sujeito, conforme descrito no quadro 6. Todavia, seria possível também que uma ‘força natural’ ocupasse tal *slot*, como ocorre, por exemplo, em “Raio corta árvore ao meio”¹¹⁴. Cabe ressaltar que nos casos em que o sintagma nominal representa uma instituição ocorre uma projeção metonímica que toma a instituição pelos responsáveis (LAKOFF; JOHNSON, 2002), como podemos observar no exemplo em 27.

27) CAMINHO LIVRE

A Prefeitura de Vitória cortou a árvore que ameaçava cair sobre carros e pedestres na Rua Agenor dos Santos, em Jardim Camburi, conforme mostrou a coluna. Agora todo mundo pode seguir em frente, mas é proibido entrar à esquerda, certo? (A Gazeta, 04/08/2017 – Cidades, p. 14, grifo nosso).

Novamente, temos sintagmas nominais associados ao paciente de natureza concreta e uma predominância de ocorrência em textos que abordam o trabalho na lavoura, na modalidade oral, mais especificamente nas entrevistas realizadas na zona rural de Santa Leopoldina. Na modalidade escrita não foi observada nenhuma predominância temática nos textos. Na tabela 5, apresentamos a distribuição do verbo **cortar** nessa acepção, de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração nas modalidades oral e escrita.

¹¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ojshw2CKCGM>. Acesso em: 27/07/2020.

Tabela 5 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção ‘fazer cair ou derrubar/ceifar/podar’ nas modalidades oral e escrita.

Número de ocorrências	Mod. escrita	Mod. oral	Valor percentual	Mod. escrita	Mod. oral
	17	20		1,84% do total	14,93% do total
Forma	Mod. escrita	Mod. oral	Tempo	Mod. escrita	Mod. oral
flexionado	05	10	presente	06	09
Infinitivo	07	07	pret. imperfeito	02	06
Gerúndio	03	03	pret. perfeito	07	05
Particípio	02	0	futuro do pretérito	0	0
Modo	Mod. escrita	Mod. oral			
Indicativo	17	20	futuro	01	0
imperativo	0	0	pretérito	01	0
subjuntivo	0	0	perfeito		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre				Mod. escrita	Mod. Oral
Oração principal				03	08
Oração subordinada substantiva subjetiva				01	0
Oração subordinada substantiva objetiva direta				02	0
Oração subordinada substantiva objetiva indireta				01	01
Oração subordinada adjetiva restritiva				01	0
Oração subordinada adjetiva explicativa				01	01
Oração subordinada adverbial final				04	02
Oração subordinada adverbial modal				0	02
Oração subordinada adverbial temporal				01	01
Oração subordinada adverbial condicional				01	0
Oração subordinada adverbial causal				01	0
Oração coordenada aditiva				0	04
Oração coordenada explicativa				0	01
Oração coordenada alternativa				01	0
TOTAL				17	20

Fonte: a autora.

Em termos proporcionais, essa acepção é muito mais recorrente na modalidade oral, sendo a terceira com o maior número de *tokens* nessa modalidade, tendo pouca relevância em termos numéricos na modalidade escrita. Na próxima subseção, apresentamos a acepção ‘fazer incisão / ferir / mutilar / decaptar’.

7.1.1.3 Acepção 'fazer incisão / ferir/ mutilar / decaptar'

Essa acepção também faz parte da etimologia do verbo **cortar** e destaca principalmente atributos associados à ação de atingir alguém com um objeto cortante, como podemos observar nos exemplos 28 e 29.

28) [...] Anderson contou que teria tomado a faca dela, matou Ruthileia e depois cortou os membros e a cabeça. (A Gazeta, 22/04/2017 - Cidades, p. 11, grifo nosso).

29) [...]

Entrevistador: Você acredita em Deus?

Informante: Acredito.

Entrevistador: Mas como que você acredita em Deus se não acredita no diabo?

Informante: Eu não.

Entrevistador: Você acha que não/ não:: não tem poder assim::

Informante: Não ... ele não tem poder.

Entrevistador: Mas você:: acredita que ele existe?

Informante: Mais ou menos... né? Não (inint) existir... existir (inint)

Entrevistador: Você já ouviu falar:: (inint)

Informante: Já...

Entrevistador: Você acha que é verdade ou mentira?

Informante: Mentira aquilo.

Entrevistador: Você acha que é tudo teatro?

Informante: Não:: falta de vergonha na cara mesmo.

Entrevistador: Mas o quê explica se cortarem ali às vezes... se machucarem?

Informante: chamar atenção.

Entrevistador: porque ninguém é louco de sair assim se machucan::do.

[...] (excerto de entrevista retirada do portvix, célula 9, grifo nosso).

As propriedades associadas a essa acepção são apresentadas no quadro 7.

Quadro 7 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'fazer incisão / ferir / mutilar / decaptar'

fazer incisão/ferir/mutilar/decaptar		
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO
Ação-processo	Agente/Instrumento	Paciente nome concreto / animado
	<ul style="list-style-type: none"> ● pronomes ● nomes designativos de pessoas ● instituições (Estado Islâmico) ● instrumento (vidro, facão, etc.) 	<ul style="list-style-type: none"> ● nome designativo de pessoa ● partes do corpo (ainda que metafórico, como, por exemplo, 'cabeça').
Área temática:		
Modalidade escrita	predominância de ocorrência em textos que abordam crimes de forma geral. Também ocorre em textos que tratam de assuntos diversos (economia, política, esportes, comportamento, entre outros).	
Modalidade oral	predominância para textos que abordam acidentes, ferimentos e crimes. Também ocorre em textos que tratam de assuntos diversos (experiência com animais, brincadeiras, saúde, religião, entre outros).	

Fonte: a autora.

Em ambas as modalidades, a acepção 'fazer incisão, ferir, mutilar, decaptar' ocorre em textos que abordam assuntos diversos. Na modalidade oral, ela ocorre predominantemente (44,44%) quando o tema é acidentes, ferimentos e crimes. Na modalidade escrita, ocorre predominantemente (63%) em textos que abordam crimes, sendo 39% relacionados a crimes que ocorreram na realidade e 24% a crimes cometidos em obras de ficção. Os sintagmas nominais que preenchem o *slot* destinado ao paciente são relacionados a nomes designativos de pessoas e partes do corpo humano.

Na tabela 6, apresentamos a distribuição do verbo **cortar** nessa acepção.

Tabela 6 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'fazer incisão / ferir / mutilar / decaptar' nas modalidades oral e escrita.

Número de ocorrências	Mod. escrita	Mod. oral	Valor percentual	Mod. escrita	Mod. oral
	33	36		3,57% do total	26,87% do total
Forma	Mod. escrita	Mod. oral	Tempo	Mod. escrita	Mod. oral
flexionado	12	25	presente	10	11
Infinitivo	11	05	pret. imperfeito	04	05
Gerúndio	02	0	pret. perfeito	14	19
Particípio	08	06	futuro do pretérito	02	01
Modo	Mod. escrita	Mod. oral	futuro	03	0
Indicativo	31		pretérito	0	0
imperativo	0		perfeito		
subjuntivo	02				
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre				Mod. escrita	Mod. Oral
Oração principal				07	19
Oração subordinada substantiva subjetiva				02	01
Oração subordinada substantiva objetiva direta				06	02
Oração subordinada substantiva objetiva indireta				04	01
Oração subordinada substantiva completiva nominal				01	0
Oração subordinada adjetiva restritiva				02	0
Oração subordinada adjetiva explicativa				0	02
Oração subordinada adverbial final				01	0
Oração subordinada adverbial modal				01	0
Oração subordinada adverbial temporal				02	01
Oração subordinada adverbial concessiva				01	0
Oração subordinada adverbial causal				01	0
Oração coordenada aditiva				05	06
Oração coordenada adversativa				0	03
Oração coordenada alternativa				0	01
TOTAL				33	36

Fonte: a autora.

Essa acepção é muito mais recorrente na modalidade oral, sendo a primeira com o maior número de *tokens* nessa modalidade, 26,87% do total. Por sua vez, na modalidade escrita, ela não ocorre de forma expressiva, representando apenas 3,57% do total. A próxima acepção ocorreu em número reduzido no *corpus* como veremos na próxima subseção.

7.1.1.4 Acepção 'Afeiçoar a um modelo'

Essa acepção também destaca atributos associados ao manuseio de um objeto cortante. Embora seja comum o uso do verbo em sentenças que fazem emergir esse significado, tais como 'cortar o vestido / a blusa / círculos / quadrados', entre outras, identificamos apenas 02 ocorrências do verbo **cortar** nessa acepção no *corpus*, ambas na modalidade oral, apresentadas em 30 e 31.

30) [...] Informante: O que fazia na sua infância... e tal..aí..ela me perguntou o que eu fazia na minha infância...aí eu falei ...olha...a minha infância foi brincar ..é nós mesmo fazia nossos brinquedo..que nossos pai num tinha condições de comprar brinquedo pra nós...e nós fazia aqueles carrinho de...a cabinezinha de lata de...de lata de óleo ...tinha as lata de óleo na época era quadrada..óleo de cozinha ..né

Entrevistador: Ah é?

Informante: Era quadrada...hoje tudo é redondo...

Entrevistador: Aham..

Informante: De plástico até...naquele tempo era de lata..né...quadrada..nós fazia a cabinezinha ..fazia aqueles carrinho...e os pneuzinho era de quê? era de chinelo velho!

Entrevistador: Oh..

Informante: nós fazia/nós fazia..esse chinelo velho assim ..a gente botava uma coisa ..e riscava..e cortava a rodinha pra poder botar as rodinha nos carrinho..

[...].(Excerto retirado de entrevista do *corpus* de Santa Leopoldina, célula 45, grifo nosso).

31) [...] **Entrevistador:** e nessas épocas de Natal... semana santa... vocês costumam fazer algumas coisa de especial?

Informante: é... torta mesmo... torta e:: biscoitos... biscoitos caseiros que minha mãe faz... é... são as duas coisas

Entrevistador: e como que ela faz os biscoitos?

Informante: o biscoito ela usa trigo mesmo... e:: fermento e algumas outras coisas lá... aí ela faz a massa... pega e estica a massa... vai cortando em/em retângulo assim... aí depois ela coloca na forma e coloca no forno [...]. (Excerto retirado de entrevista do *corpus* de Santa Leopoldina, célula 16, grifo nosso).

Como podemos observar nesses exemplos, temos na posição do sujeito argumentos agentes e na posição de objeto, sintagmas nominais que designam objetos concretos como pacientes. Na subseção seguinte, apresentamos a acepção 'aparar, tirar parte de, reduzir de tamanho'.

7.1.1.5 Acepção 'aparar, tirar parte de, reduzir de tamanho'

Essa acepção destaca os efeitos do corte sobre o objeto cortado, a redução, mais especificamente a redução de tamanho, como podemos observar nos exemplos 32 e 33.

32) [...] Amaral corta os cabelos de Gustavo. (A Gazeta, 30/04/2017 - C2, p. 7, grifo nosso).

33) Entrevistador: e como que foi assim com seu pai o momento que?

Informante: papai ele sempre reclamava de cansaço... falta de ar... e:: um certo dia cortando grama... é:: cortando¹¹⁵ grama aí pegou e sentiu forte dor no peito e foi levado pro hospital aonde foi feito a di/diagnóstico que era infarto... e:: fez todos os exame depois que ele melhorou e quarenta e três dias depois ele veio a falecer com problema de coração mesmo [...]. (Excerto retirado de entrevista do *corpus* de Santa Leopoldina, célula 31, grifo nosso).

No quadro 8, apresentamos as propriedades associadas a essa acepção no *corpus*.

Quadro 8 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'Aparar, tirar parte de, reduzir de tamanho'

Aparar, tirar parte de, reduzir de tamanho		
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO
Ação-processo	Agente	Paciente nome concreto / não animado
	<ul style="list-style-type: none"> ● pronomes ● nomes designativos de pessoas 	<ul style="list-style-type: none"> ● cabelo ● barba ● unha
Área temática:		
Modalidade escrita	predominância para textos que tratam de questões relacionadas ao entretenimento, tais como cultura, arte, novela, etc.). Ocorre também e textos que abordam assuntos diversos (beleza, moda, esportes, entre outros).	
Modalidade oral	assuntos diversos (experiência com animais, brincadeiras, questões relacionadas à aptidão com o trabalho, entre outros).	

Fonte: a autora.

¹¹⁵ As ocorrências 'duplicadas' do verbo **cortar** identificadas nas entrevistas como esta não foram computadas na análise, uma vez que entendemos que a repetição do verbo nesse caso decorre de uma ruptura na fala do entrevistado. Por isso, nesse excerto computamos apenas 01 ocorrência do verbo **cortar**.

Em nossos dados, os sintagmas nominais que preenchem o *slot* destinado ao agente possuem o atributo animacidade e os substantivos associados ao sintagma nominal que preenchem o *slot* paciente são cabelo, barba e unha, ou seja, relacionados ao campo semântico de cuidados com o corpo. Em ambas as modalidades, os textos nos quais localizamos as ocorrências com essa acepção tratavam de assuntos diversos.

Nessa acepção, o verbo **cortar** ocorre em algumas sentenças que suscitam dúvidas quanto à agentividade do sujeito, como podemos observar em 34 e 35.

34) [...]

O carregador Diosney Ramos, de 28 anos, gravou um vídeo que mostra o descarte de livros. [...]

Como você descobriu que havia livros sendo descartados?

Eu estava cortando cabelo e saí também para lavar a moto, quando eu vi uma caçamba tentando entrar na escola. [...].(A Gazeta, 30/05/2017 - Cidades, p. 8, grifo nosso).

35) [...]

Informante: eu conheço um cara de Meia Léguas lá... ele fez uma promessa lá... e o cabelo dele tá grande

Entrevistador: você sabe qual foi a promessa que ele fez?

Informante: não sei não... eles falam que [inint]

Entrevistador: ele prometeu que se acontecesse alguma coisa ele não ia cortar o cabelo foi isso

Informante: é...

[...]. (Excerto retirado de entrevista do *corpus* de Santa Leopoldina, célula 21, grifo nosso).

Em 34, não podemos afirmar com certeza se o sujeito da sentença, Diosney Ramos, retomado na anáfora pronominal, é o agente ou não da ação, uma vez que em geral o ato de cortar o cabelo é realizado por outra pessoa, o que faria com que o sujeito fosse não agentivo, situação que se repete em 35.

Na linguagem cotidiana, é comum escutar alguém dizer que ‘cortou/pintou/escovou o cabelo’ ainda que seja do conhecimento dos interlocutores que o falante não efetivou a ação, mas apenas a desencadeou, indo ao cabelereiro, por exemplo. Abordando casos semelhantes, Ignácio (2007, p. 82) defende a possibilidade de determinado argumento ser ao mesmo tempo agente e paciente em sentenças como "Dona Marisa só faz as unhas com uma manicure francesa [...]", sendo que, nesses casos, "[...] não há dúvida de que Dona Marisa seja Paciente

da ação praticada pelo Agentivo *manicure francesa*, mas que também seja Agentivo, pois controla a ação de "mandar fazer".

Assumimos que o *frame* semântico evocado para o verbo **cortar** perfila três papéis participantes <**cortador cortado** instrumento de corte>. No processo de integração dos papéis participantes do verbo com os papéis argumentais da Construção Transitiva de Afetação, em sua maioria, ocorre a fusão do cortador com o agente (desencadeador da ação, capaz de agir com controle) e do cortado com o paciente (que recebe a ação verbal ou sofre os resultados do processo, caracterizando-se por ser afetado pela ação ou processo), sendo que o instrumento de corte nem sempre é expresso na construção.

No entanto, como dito anteriormente, quando o elemento que corresponde ao '**cortado**' é relacionado ao ser humano (um indivíduo ou partes do seu corpo, assim como o cabelo) o *frame* semântico é ampliado. Tão importante como quem corta e o que se corta é de quem se corta neste novo quadro. É de se esperar que esse novo elemento apareça em posição de adjunção, encabeçado pela preposição "de", marcando a posse, delineando dessa forma o "possuidor" do "cortado", como salienta Cançado (2010). Sua representação passa a ser então SN CORTAR (SN de SN) [SPr], como podemos observar no exemplo "Marido é preso após espancar e cortar os cabelos da própria esposa"¹¹⁶.

Cançado (2010) comparando alternâncias verbais no português, propõe dois tipos de alternâncias: agente-possuidor / causa-possuidor. Adotando uma proposta "mais fina de papéis temáticos", em seus termos, argumenta que sentenças como "Ana cortou o cabelo" representam um caso de alternância do tipo agente-possuidor com sentenças básicas como "Débora cortou o cabelo de Ana". Como o sujeito nesse tipo de alternância expressa certa agentividade, "[...] existe uma possível interpretação em que um agente indireto licencia outro agente a praticar a ação em seu lugar. Portanto, poderíamos propor que esse tipo de fenômeno linguístico [...] permite a presença de 'dois agentes' em uma mesma sentença" (CANÇADO 2010, p. 37-38).

¹¹⁶ Disponível em: <https://d.emtempo.com.br/policia/131532/marido-e-presos-apos-espancar-e-cortar-os-cabelos-da-propria-esposa>. Acesso em: 20/07/2019.

A autora destaca que, na maioria das línguas, o agente ocupa preferencialmente a posição de sujeito na sentença, como podemos perceber nos exemplos¹¹⁷ "O cabelereiro cortou o cabelo do João / *The hairdresser cut John's hair* / *Le coiffeur a coupé les cheveux de Jean*". A estrutura sintática dessas sentenças pode ser descrita da seguinte forma: SN₁ V [SN₂ de SN₃].

Segundo Cançado (2010, p. 49), a preposição "de" estabelece uma relação de posse entre o segundo e o terceiro sintagmas, por isso SN₃ é o "possuidor". Ela nos diz que a maioria das línguas se vale de marcas gramaticais para promover o possuidor para a posição sintática de sujeito, como podemos observar nos exemplos transcritos a seguir:

- 1) João *had* his hair cut. (inglês)
João teve seu cabelo cortado
- 2) Juan *se* cortó el pelo. (espanhol)
Juan se cortou o cabelo.
- 3) Jean *s'est fait* couper les cheveux. (francês)
Jean se fez cortar o cabelo.
- 4) a) Gianni *si è fatto* tagliare i capelli. (italiano)
Gianni se fez cortar o cabelo.
b) Gianni *si è tagliato* i capelli. (italiano coloquial)
Gianni se cortou o cabelo.

De acordo com Cançado (2010), no português do Brasil, realizamos um tipo de reorganização da estrutura argumental de alguns verbos, gerando a estrutura alternada SN₃ V SN₂. Cabe ressaltar que a autora defende que o papel temático de possuidor atribuído à estrutura básica SN₁ V [SN₂ de SN₃] é o mesmo atribuído ao sujeito da forma alternada SN₃ V SN₂. Cançado (2010, p. 35-36) afirma que o fenômeno é "responsável pela violação de certas regras seletivas de alguns verbos, pois encontramos um possuidor na posição de sujeito de verbos estritamente agentivos, mesmo com a presença dos agentes dessas sentenças, em posição de adjunção[...]", como, por exemplo, na sentença "O João cortou o cabelo (com o cabeleireiro)".

¹¹⁷ Todos os exemplos citados neste final de capítulo foram retirados de Cançado (2010, p. 35-36), sendo apresentados tal como registrados pela autora.

Sabemos que a discussão envolvendo a questão dos papéis temáticos é ampla e não é nosso objetivo, no presente trabalho, dar conta dessa empreitada. Atendo-nos aos dados analisados, defendemos que a sentença tal como é proferida ou escrita deve ser analisada em si mesma, sem falarmos em alçamento de possuidor à posição de sujeito, pois reconhecemos apenas um nível de análise. Nesses casos, assumimos com base em Goldberg (1995) que a Construção Transitiva de Afetação permite a instanciação de uma causativa simples que implica uma causalidade convencionalizada que pode envolver uma causa intermediária. Defendemos ainda a ampliação do *frame* semântico do verbo **cortar** nos casos em que é instanciado em uma sentença cujo paciente está relacionado diretamente ao ser humano, o indivíduo em si ou partes do corpo.

É fato que as pessoas podem causar ferimentos a si próprias ou cortar o próprio cabelo, mas não são esses os casos que trazem dúvida. Acreditamos que, na sociedade em que vivemos, qualquer ação denotada pelo verbo **cortar** realizada em um indivíduo sem sua vontade manifesta, seja minimamente uma imposição, como nos casos das crianças que são levadas pelos pais para cortar o cabelo e de indivíduos que ingressam na carreira militar ou que são submetidos ao regime de encarceramento e são submetidos a cortes específicos de cabelo. Nos casos mais graves, temos uma situação de agressão, ainda que envolva apenas o corte de cabelo. Em situações normais, o indivíduo cujo cabelo é cortado, e conseqüentemente afetado pela ação, é o responsável pelo desencadeamento da ação verbal, tanto cortando o próprio cabelo como autorizando ou solicitando que alguém o faça.

Os dados analisados nos mostram que, nos casos em que se configura uma situação de agressão, a autoria da ação é obrigatoriamente atribuída, na sentença¹¹⁸, ao indivíduo que realiza a ação verbal no mundo real, caracterizando-o na sentença como agente da ação verbal e o indivíduo que possui o cabelo como paciente da ação denotada pelo verbo.

Nos demais casos, em que o corte é realizado por livre arbítrio do possuidor do cabelo, concordamos com Ignácio (2007) que o paciente da ação praticada por outro indivíduo

¹¹⁸ Exceto nos casos em que o agente é omitido, por desconhecimento ou para preservar sua identidade, por meio da coocorrência com a construção passiva, por exemplo.

também seja agentivo, uma vez que age volitivamente para desencadear o processo verbal. No entanto, trata-se de uma instância menos prototípica do agente que é sempre afetado pela ação denotada pelo verbo.

A esse respeito, salientamos que o agente é concebido neste trabalho como o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle. Acreditamos que a omissão do indivíduo responsável pela ação no mundo real nas sentenças revela que é dada maior importância ao ser humano relacionado ao papel participante "cortado" do que ao "cortador", reforçando nosso entendimento da ampliação cultural do *frame* semântico nesse caso. Como Goldberg (2006) pontua, um papel participante perfilado do verbo pode ser expresso pelo que normalmente é considerado para ser uma frase adjunta, como ocorre nos casos em que o agente da ação verbal "cortador" ocorre em posição de adjunção.

Apresentamos a distribuição do **verbo** cortar na acepção 'aparar, tirar parte de, reduzir de tamanho' na tabela 7.

Tabela 7 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'aparar / tirar parte de / reduzir de tamanho' nas modalidades oral e escrita.

Número de ocorrências	Mod. escrita	Mod. oral	Valor percentual	Mod. escrita	Mod. oral
	25	13		2,70% do total	9,70% do total
Forma	Mod. escrita	Mod. oral	Tempo	Mod. escrita	Mod. oral
flexionado	13	08	presente	08	05
Infinitivo	06	04	pret. imperfeito	06	01
gerúndio	02	01	pret. perfeito	10	06
particípio	04	0	futuro do pretérito	0	01
Modo	Mod. escrita	Mod. oral			
indicativo	23	13	futuro	01	0
imperativo	02	0	pretérito	0	0
subjuntivo	0	0	perfeito		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre				Mod. escrita	Mod. Oral
Oração principal				11	03
Oração subordinada substantiva objetiva direta				05	03
Oração subordinada substantiva objetiva indireta				01	01
Oração subordinada substantiva apositiva				02	0
Oração subordinada adjetiva explicativa				01	0
Oração subordinada adverbial final				01	0
Oração subordinada adverbial modal				01	01
Oração subordinada adverbial temporal				01	0
Oração coordenada aditiva				02	04

Oração coordenada adversativa	0	01
TOTAL	25	13

Fonte: a autora.

Essa acepção, assim como a anterior, apresenta um percentual maior de ocorrência de *tokens* na modalidade oral, 9,70% do total, enquanto na modalidade escrita elas correspondem apenas a 2,70%. Na próxima subseção, apresentamos a acepção ‘reduzir / tirar alguma coisa de uma soma’.

7.1.1.6 Acepção 'reduzir / tirar alguma coisa de uma soma'

De acordo com Saraiva (2006), 'tirar alguma coisa de uma soma' faz parte da etimologia do verbo **cortar**. Essa acepção destaca aspectos relacionados à redução de quantidade, como podemos observar nos exemplos 36 e 37.

36) Bancos se preparam para cortar juros neste ano

[...] Assim que o Copom reduziu a Selic para 14% ao ano em outubro, a Caixa Econômica saiu na frente e cortou os juros do crédito habitacional. (A Gazeta, 10/01/2017 - Economia, p. 25, grifo nosso)

37) BALANÇO DE 2016

Vitória tem superávit de R\$ 51 milhões

[...]

Hoje, Luciano deve anunciar os detalhes da reforma administrativa de seu segundo mandato. Conforme A GAZETA informou na sexta-feira, será necessário cortar pelo menos R\$ 30 milhões em despesas até dezembro para que a Capital feche as contas de 2017 no azul. (A Gazeta, 09/01/2017 - Política, p. 20, grifo nosso)

No quadro 9, apresentamos as propriedades relacionadas à acepção em tela.

Quadro 9 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'reduzir / tirar alguma coisa de uma soma'

Reduzir / tirar alguma coisa de uma soma		
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO
Ação-processo	Agente/Instrumento	Paciente nome concreto / nominalização (atividade)
	<ul style="list-style-type: none"> ● pronomes ● nomes designativos de pessoas ● instituições ● instrumentos (operação, pesquisa, projeto, entre outros). 	<ul style="list-style-type: none"> ● relacionados à experiência com o dinheiro (gastos, juros, despesas, investimento, custo, salário, valores específicos, verba, orçamento) ● relacionados à experiência com o trabalho (cargos, comissionados, funcionários, contratos, serviços, privilégios, entre outros) ● diversos (combustível, emissões de gás, etc).
Área temática:		
Modalidade escrita	predominantemente em textos que tratam de assuntos relacionados à política e economia.	
Modalidade oral	01 ocorrência em texto que abordava movimento grevista ligado à situação política.	

Fonte: a autora.

Alguns aspectos associados a essa acepção chamaram nossa atenção, como a especificidade dos sintagmas nominais que ocupam os *slots* destinados ao sujeito e objeto, e que se fundem respectivamente com agente e paciente. Em 78 (setenta e oito) ocorrências, ou seja, em 43% do total, o agente é representado por instituições gerenciadas por seres humanos, como banco, país, prefeitura, condomínio, etc. Em alguns casos, temos sintagmas nominais compatíveis com o papel argumental instrumento ocupando a posição de sujeito, que necessariamente é implicado na ação. Como o campo semântico dos sintagmas nominais que preenchem o *slot* destinado ao objeto está relacionado à nossa experiência com o trabalho e dinheiro, os instrumentos utilizados também estão ligados a essa área, tais como operação, pesquisa, projeto, entre outros, como podemos observar em 38.

38) Pesquisa pode cortar gasto até pela metade

Essa é a diferença de preço encontrada para um mesmo produto entre os supermercados. (A Gazeta, 07/08/2017 – Economia, p. 25).

Esse significado emerge para o verbo **cortar** majoritariamente na modalidade escrita quando o assunto é economia (53,04%) e política (41,44%). Na modalidade oral, identificamos somente 02 ocorrências com o verbo **cortar** nessa acepção, uma das quais transcrita em 39.

39) [...]

Entrevistador 2: mas por que operação tartaruga?

Informante: eu não sei né?... é eles falaram com os pa::is não com a gente mas... é eles estão querendo aumento no salário... é que volta a verba anti::ga... das esco::las

Entrevistador 2: é tipo uma greve só uma greve... por meio expediente só?

Informante: é

Entrevistador 1: e você sabe de quanto era a verba? e porque o governo... cortou assim?

Informante: não

Entrevistador 1: você só sabe que era mais e que agora diminuiu

Informante: é... ficou mínima [...].(Excerto retirado de entrevista do Portvix, célula 8, grifo nosso).

A seguir, apresentamos a distribuição do verbo **cortar** nessa acepção na modalidade escrita.

Tabela 8 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'reduzir / tirar alguma coisa de uma soma' na modalidade escrita.

Número de ocorrências: 181		Valor percentual: 19,57% do total	
Distribuição da forma verbal		Distribuição do tempo verbal	
Flexionado	37	Presente	86
Infinitivo	103	pretérito imperfeito	04
Gerúndio	16	pretérito perfeito	48
Particípio	25	futuro do pretérito	04
Distribuição do modo verbal:		Futuro	39
Indicativo	179	pretérito mais que perfeito	0
Imperativo	01		
Subjuntivo	01		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre			
Oração principal			58
Oração subordinada substantiva subjetiva			15
Oração subordinada substantiva objetiva direta			29
Oração subordinada substantiva objetiva indireta			03
Oração subordinada substantiva predicativa			02
Oração subordinada substantiva completiva nominal			09
Oração subordinada substantiva apositiva			01
Oração subordinada adjetiva restritiva			09
Oração subordinada adjetiva explicativa			03
Oração subordinada adverbial final			10
Oração subordinada adverbial modal			08

Oração subordinada adverbial temporal	05
Oração subordinada adverbial locativa ¹¹⁹	03
Oração subordinada adverbial condicional	02
Oração coordenada aditiva	22
Oração coordenada adversativa	01
Oração subordinada adverbial coordenada alternativa	01
TOTAL	181

Fonte: a autora.

Essa é a acepção com o maior número de ocorrências do verbo **cortar** na modalidade escrita se desconsiderarmos o uso recorrente desse verbo na oração das 13 almas, sobre a qual falaremos posteriormente. Isso pode ser atribuído ao veículo jornal, que disponibiliza espaços fixos para colunas econômicas e políticas, assim como ao grave cenário de crise econômica que o país atravessava na época, ou seja, no ano de 2017.

Destacamos também na presente acepção a ocorrência de modalizadores junto ao verbo **cortar**. Em 43 ocorrências, ou seja, em 23,75%, verificamos a presença de locuções (PODER + CORTAR, QUERER + CORTAR, IR + CORTAR) e expressões (SER + NECESSÁRIO + CORTAR, SER + PRECISO + CORTAR, TER + QUE + CORTAR, TER + DE + CORTAR), como podemos observar em 40.

40) O desemprego é o pior efeito da crise econômica e já atinge 13,5 milhões de brasileiros. Planejamento vê o país em uma encruzilhada: ou faz reformas e cresce, ou afunda novamente na crise

[...] A questão fiscal mostrou esta semana como permanece sendo um terreno minado no qual o país tenta se equilibrar para retomar o crescimento. Era preciso mais investimento e está sendo necessário cortar. [...].

Com menos recursos em caixa, o governo tem que cortar para cumprir a lei e a meta, e isso mantém o ambiente gelado da economia no qual os empregos não retornam. [...]. (A Gazeta, 01/04/2017 – grifos nossos).

Identificamos nessa acepção o maior índice de ocorrência do futuro, em 39, ou seja, em 21,55% do total. Há uma correlação entre esse tempo e os modalizadores. De um universo de 39 ocorrências no futuro, em 23 delas encontramos os seguintes modalizadores (SER +

¹¹⁹ Essa nomenclatura não é prevista pela NGB e foi proposta neste trabalho em função da natureza locativa das sentenças nas quais o verbo cortar ocorreu, como em: “Conseguiu vitórias importantes no Congresso [...] Cortou gasto público onde podia cortar [...]. (A Gazeta, 05/10/2017 – Opinião, p. 17).

NECESSÁRIO + CORTAR, IR + CORTAR, TER + DE + CORTAR, TER + QUE + CORTAR).

Os modalizadores são utilizados quando o responsável pela formulação da sentença não possui autoridade para executá-la, embora não tenha dúvida quanto à necessidade de sua realização, ou quando busca atenuar a responsabilidade do agente, apresentando uma razão para a realização do corte, como podemos observar em 41 e 42.

41) Andar de bicicleta faz bem para a saúde e para o bolso

[...]

Segundo economistas, os primeiros três meses de 2017 serão difíceis e será necessário cortar gastos para conseguir administrar as contas com o novo preço das passagens. [...] (A Gazeta, 08/01/2017 - Caderno Vida & família, p. 6, grifo nosso).

42) Em entrevista publicada ontem no "Estado de S. Paulo", a secretária do Tesouro, Ana Paula Vescovi, foi clara e direta. "Se deu para um grupo, vai faltar para o outro." Explicava por que não se pode fazer concessões corporativas e fisiológicas. [...] Se for para manter o aumento do funcionalismo, o governo terá que cortar em outra área. [...] (A Gazeta, 27/12/2017 - Caderno Economia, p. 26, grifo nosso).

Por outro lado, a locução IR + CORTAR costuma ser empregada, na acepção 'reduzir / tirar alguma coisa de uma soma', quando o responsável pela formulação possui autoridade para realizar a ação, indicando firme intenção de executá-la, como podemos observar no excerto a seguir.

43) Universidade fará o possível para não cortar as bolsas

"Vamos cortar primeiro os serviços, o programa de bolsas e as assistências estão em último plano", garantiu Centoducatte¹²⁰. (A Gazeta, 05/09/2017 - Caderno Cidades, p. 9, grifos nossos).

A acepção 'suprimir/eliminar' que apresentamos, na subseção a seguir, também está relacionada à 'reduzir / tirar alguma coisa de uma soma', destacando os efeitos de uma redução em grau máximo.

¹²⁰ Fala atribuída ao reitor da Universidade Federal do Espírito Santo na época da publicação.

7.1.1.7 Acepção 'suprimir/eliminar'

Consideramos essa acepção muito próxima a 'reduzir / tirar alguma coisa de uma soma'. Em alguns casos, as nuances que separam as duas são muito tênues, levando-nos a recorrer a porções maiores de texto para classificação. Parece-nos que elas formam zonas fronteiriças, como podemos observar em 44 e 45.

44) O melhor da música nordestina anima o sábado em Guarapari

[...] Segundo o colunista do jornal "O Globo", Ancelmo Gois, Alceu Valença teria reclamado que cortaram músicas suas da apresentação e houve bate-boca no camarim. Elba Ramalho teria até ameaçado deixar o grupo, como fez Zé Ramalho.

Apesar de questionada sobre o assunto, a cantora prefere não falar sobre; ela apenas conta como a volta dos três músicos aos palcos para comemorar 20 anos do projeto quase não aconteceu. (A Gazeta, 27/01/2017, C2, p. 56, grifo nosso).

45) Em dezembro, houve um saldo negativo de 7.450 postos de trabalho no Espírito Santo. Os segmentos mais impactados foram os de serviços, com um fechamento de 2.939 vagas [...].

Enquanto isso, no Brasil, todos os setores da economia fecharam vagas, sendo serviços o segmento que mais cortou empregos: 390.109 [...].(A Gazeta, 21/01/2017, Economia, p. 25, grifo nosso).

Em 44, o texto aborda uma polêmica que envolveu a apresentação dos músicos Alceu Valença, Elba Ramalho e Geraldo Azevedo, que fazia parte do projeto 'O Grande Encontro'. Segundo o colunista, um dos músicos sentiu-se prejudicado ao constatar que algumas músicas de sua autoria não constavam mais na programação, ou seja, elas faziam parte do programa, mas foram suprimidas, eliminadas da programação, o que acarreta ao mesmo tempo a redução do número de músicas do artista no evento.

Em 45, o texto trata do aumento crescente do número de desempregados no estado do Espírito Santo e no Brasil, ressaltando que nos meses anteriores o número de demissões nos diversos setores da economia vinha crescendo na medida em que o número de contratações era reduzido, e, dessa forma, muitos postos de trabalho deixaram de existir, ao menos naquele momento. Na sentença em que o verbo **cortar** ocorre, consta que o setor de serviços foi o segmento que mais 'fechou' vagas de trabalho 390.109 vagas, ou seja, se não fosse a crise, provavelmente essas vagas estariam 'abertas' e seriam preenchidas novamente, porém, com a

crise, não são contratados novos funcionários e essas vagas são suprimidas, ou seja, deixam de existir, o que novamente acarreta numa redução do número de vagas do total disponível.

Outras ocorrências suscitam menos dúvida e parecem representar exemplos mais centrais dessa acepção, como podemos observar em 46 e 47.

46) [...]

Informante: Ha E precisa de/ de perguntar isso no meio de uma/ da entrevista, rapaz, aí eu fico ruim na fita (risos)

Entrevistador: Realmente

Informante: Eu fico ruim na fita Não, e isso não vai ser editado não, vai ser na íntegra (risos) Não vai ser editado, como que vai [inint] cê corta, né? (risos)

Externo: Eu falei que não presta [inint]

Entrevistador: Ai, ai

Informante: Voltou o clima bom (risos)

Entrevistador: Não, presta sim, isso é importante [...]. (Excerto retirado de entrevista do Portvix, célula 28, grifo nosso)

47) SEM AÇÚCAR, COM AFETO

Bela Gil lança desafio para cortar item por um mês e faz sucesso no Instagram

Os comentários postados no Instagram de Bela Gil para uma foto em que a apresentadora propõe o desafio de cortar o açúcar da alimentação durante 30 dias fazem lembrar uma sessão de terapia [...].

"O radicalismo é importante para ajudar a encontrar o equilíbrio e o bem-estar" afirma Bela.

Para ela - que já criou outros desafios como o de suspender a carne e o leite -, o mais difícil é "cortar o docinho". O próximo tema, Bela ainda não fechou, mas diz que não vai ser sobre alimentação [...].

"**Você pode substituir**".... Seguidores publicam fotos de receitas sem o ingrediente com o #desafiodabelaaçúcar [...]. (A Gazeta, 02/07/2017 - Revista AG, p. 35, grifos nossos).

No quadro 10, apresentamos as propriedades associadas a essa acepção.

Quadro 10 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'suprimir/eliminar'

suprimir/eliminar		
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO
Ação-processo	Agente	Paciente: nome concreto / nominalização (atividade)
	<ul style="list-style-type: none"> ● pronomes ● nomes designativos de pessoas ● instituições 	<ul style="list-style-type: none"> ● alimentos, cigarro ● consumo ● pessoas ● internet/pacotes de tv ● objetos de pequeno ou grande porte ● música, texto, palavra ● emissões de gás, combustível ● relacionados à experiência com dinheiro (contas,

		recursos, incentivos, verba, gastos, despesa, investimento, supérfluo, valores específicos em dinheiro, etc.) ● relacionados à experiência com o trabalho (postos / vagas de trabalho, empregos, comissionados, cargos, contratos, serviços, projetos, direitos, secretaria, etc.)
Área temática:		
Modalidade escrita	Ocorre com predominância em textos que tratam de economia. Foram identificados também em textos que abordam assuntos diversos (política, esportes, alimentação, saúde, doença, entretenimento entre outros).	
Modalidade oral	saúde e comportamento.	

Fonte: a autora.

Observamos que o sintagma nominal que ocupa o *slot* destinado ao sujeito é preenchido praticamente na mesma proporção tanto por nomes designativos de pessoas, como de instituições, representando no último uma projeção metonímica como já mencionado neste capítulo, como podemos observar no exemplo 48.

48) RESTAURANTE

Ufes corta suco e muda cardápio para economizar. (A Gazeta, 20/07/2017 - Capa – grifo nosso).

Nessa acepção, na modalidade escrita, o verbo **cortar** ocorreu predominantemente em textos que tratavam de economia, em 34,91%. Nos demais casos, ele foi identificado em textos que abordavam assuntos diversos, porém com um número mais acentuado nos relacionados à alimentação (22,64%) e política (20,75%). Na modalidade oral, ocorre em textos que versam sobre saúde e comportamento.

Na tabela 9, apresentamos a distribuição do verbo **cortar** nessa acepção nas modalidades oral e escrita.

Tabela 9 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'suprimir/eliminar' nas modalidades escrita e oral.

Número de ocorrências	Mod. escrita	Mod. oral	Valor percentual	Mod. escrita	Mod. oral
	106	06		11,46	4,47%
Forma	Mod. escrita	Mod. oral	Tempo	Mod. escrita	Mod. oral
flexionado	43	02	presente	54	01
Infinitivo	40	03	pret. imperfeito	03	0
Gerúndio	13	01	pret. perfeito	37	04
Particípio	10	0	futuro do pretérito	04	0
Modo	Mod. escrita	Mod. oral			
Indicativo	103	06	futuro	08	01
imperativo	01	0	pretérito	0	0
subjuntivo	02	0	perfeito		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre				Mod. escrita	Mod. Oral
Oração principal				39	04
Oração subordinada substantiva subjetiva				08	0
Oração subordinada substantiva objetiva direta				11	0
Oração subordinada substantiva objetiva indireta				04	0
Oração subordinada substantiva predicativa				01	0
Oração subordinada substantiva completiva nominal				05	0
Oração subordinada substantiva apositiva				02	0
Oração subordinada adjetiva restritiva				04	0
Oração subordinada adjetiva explicativa				02	0
Oração subordinada adverbial final				05	0
Oração subordinada adverbial modal				07	0
Oração subordinada adverbial temporal				01	0
Oração subordinada adverbial condicional				02	0
Oração subordinada adverbial consecutiva				01	0
Oração coordenada aditiva				13	02
Oração coordenada adversativa				01	0
TOTAL				106	06

Fonte: a autora.

Como podemos observar na tabela, quando usado nessa acepção, o número de ocorrências do verbo **cortar** é restrito na modalidade oral e, por outro lado, proeminente na modalidade escrita. Na sequência, apresentamos a acepção 'interromper/suspender o fornecimento'.

7.1.1.8 Acepção 'interromper / suspender o fornecimento'

Essa acepção destaca um dos efeitos da ação de cortar, de separar um todo em uma ou mais partes, a ruptura, como podemos observar nos exemplos 49 e 50.

49) REBELIÕES CONTAGIOSAS

[...] Para a surpresa de muitas pessoas, não cortaram a água, nem a luz ou a alimentação nos presídios, o que se constituiria efetivamente em uma tentativa de dissuadi-los dessa ação beligerante. (A Gazeta, 31/01/2017 - Opinião, p. 15, grifo nosso).

50) [...]

Entrevistador: conta pra gente... como / o que normalmente você:: faz / no / aos fins de semana... em Vitória

Informante: fim de semana? puxar pela memória né?

Entrevistador: vão

Informante: da sexta-feira né? logo que a gente / que a gente saía da escola a gente ia pra pracinha que tem no Sesc... né? lá tem eu acho que... mais de três anos que funciona... essa pracinha começar com um:: pagode né? tinha uns pagodinhos lá... aí depois cortou agora só:: praci::nha tem barraqui::nhas... ah é:: pro pessoal se reunir mesmo né... e música dos:: dos carros... ah no Sábado as vezes ele... é VARIA::DO né? nunca tem assim:: um:: uma coisa certa pra fazer né? as vezes eu fico na casa das cole / eu vou pra casa das cole::gas... [...].
(Excerto retirado de entrevista do Portvix, célula 24).

No quadro 11, apresentamos as propriedades relacionadas à acepção em tela.

Quadro 11 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'interromper / suspender o fornecimento'

interromper / suspender o fornecimento		
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO
Ação-processo	Agente/Instrumento	Paciente: concreto / nominalização (atividade)
	<ul style="list-style-type: none"> ● pronomes ● nomes designativos de pessoas ● instituições ● instrumento (sirene de ambulância, palavras) 	<ul style="list-style-type: none"> ● água/luz/internet/telefone/pacotes de TV ● combustível / emissões de gás ● pensões / dinheiro / auxílio / suprimento ● pessoas ● silêncio ● amamentação ● comentários / atmosfera / palavras / serviços
Área temática:		
Modalidade escrita	predominância em textos que tratam de economia e política. Nos demais casos, os textos abordam assuntos diversos (esportes, ocupações, etc.).	
Modalidade oral	assuntos diversos (comportamento, entretenimento e comunicação).	

Fonte: a autora.

Identificamos certa predominância da ocorrência do verbo **cortar** na acepção 'interromper, suspender o fornecimento' em textos que tratam de política (30,95%) e economia (23,80%), na modalidade escrita. Por sua vez, na modalidade oral, essa acepção ocorre em textos diversos sem predominância de assunto.

O *slot* destinado ao objeto direto é preenchido em 35% dos casos por sintagmas nominais associados ao fornecimento de água, luz, telefone, internet e pacotes de tv. Em 25% do total, o sintagma nominal está associado a nomes diversos relacionados à experiência com o dinheiro, como auxílio e pensões. Os demais sintagmas, como, por exemplo, palavras, nomes de pessoa e silêncio apontam um uso metafórico para o verbo **cortar**, como podemos observar nos exemplos a seguir.

51) A energia foi cortada pela Escelsa por falta de pagamento (A Gazeta, 09/06/2017 – Cidades, p. 4).

52) [...] Até agora, 1.129 perícias já foram realizadas, com 143 benefícios cancelados, 175 benefícios convertidos em aposentadoria por invalidez, sete transformados em auxílio-acidente e com 50 encaminhamentos para a reabilitação profissional. Entre os convocados até agora, outros 1.140 tiveram os auxílios cortados por não atenderem ao chamamento feito pelo INSS. (A Gazeta, 29/07/2017 - Economia, p. 26, grifo nosso).

53) As ruas foram interditadas entre as regiões de Vauxhall e Embankment, deixando o centro de Londres isolado e mergulhado num silêncio que só era cortado pela sirene de ambulâncias e carros policiais. [...]. (A Gazeta, 23/03/2017 - Mundo, p. 32, grifo nosso).

54) *Performance do coronel*

Presumivelmente, a pergunta teria sido sobre o fato de ele então se encontrar entre a cruz e a espada, isto é, na delicada posição de ter que representar o posicionamento institucional do governo (pelo fim do movimento paredista) e, ao mesmo tempo, apoiar as reivindicações e necessidades da categoria (por reajuste salarial e melhores condições operacionais). "Teria sido." Antes que o repórter pudesse completar a formulação da pergunta, o coronel o cortou, engrossou a veia do pescoço, elevou o tom de voz e, visivelmente exaltado, retrucou: [...]. (A Gazeta, 28/02/2017 - Política, p. 22, grifo nosso).

Enquanto a distribuição de água, luz, telefone, internet e pacotes de tv pode ser interrompida pela utilização de um instrumento cortante, como, por exemplo, o corte de cabos de energia ou o rompimento de canos, o silêncio, uma pessoa, entre outros, não são interrompidas por um instrumento de corte.

Em contextos de guerra, por exemplo, os cabos de transmissão de energia e telefone eram cortados por tropas inimigas para dificultar a comunicação na região do conflito. Alguns filmes exibem cenas de uma pessoa cortando os cabos que conduzem eletricidade e, assim, interrompe-se o fornecimento de energia e a luz se apaga. Essas situações concretas fazem com que o verbo **cortar**, pelo processo de analogia, seja estendido para outras situações em que, embora um corte físico não tenha sido de fato realizado por instrumento cortante, algo é interrompido, como o silêncio, como demonstra o exemplo 55.

55) PARLAMENTARES REFÊNS DO MEDO

Reação policial mergulha cidade no silêncio

As ruas foram interditadas entre as regiões de Vauxhall e Embankment, deixando o centro de Londres isolado e mergulhado num silêncio que só era cortado pela sirene de ambulâncias e carros policiais [...]. (A Gazeta, 23/03/2017 – Mundo, p. 32).

Na tabela 10, apresentamos a distribuição do verbo nessa acepção.

Tabela 10 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'interromper / suspender o fornecimento' nas modalidades escrita e oral.

Número de ocorrências	Mod. escrita	Mod. oral	Valor percentual	Mod. escrita	Mod. oral
	42	06		4,54% do total	4,48% do total
Forma	Mod. escrita	Mod. oral	Tempo	Mod. escrita	Mod. oral
flexionado	17	05	Presente	08	01
Infinitivo	08	01	pret. imperfeito	04	01
Gerúndio	0	0	pret. perfeito	28	04
Particípio	17	0	futuro do pretérito	02	0
Modo	Mod. escrita	Mod. oral			
Indicativo	42	06	Futuro	0	0
imperativo	0	0	pretérito	0	0
subjuntivo	0	0	perfeito		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre				Mod. escrita	Mod. Oral
Oração principal				15	04
Oração subordinada substantiva subjetiva				01	0
Oração subordinada substantiva predicativa				01	0
Oração subordinada substantiva completiva nominal				02	0
Oração subordinada substantiva objetiva direta				10	01
Oração subordinada substantiva objetiva indireta				01	0
Oração subordinada substantiva apositiva				01	0
Oração subordinada adjetiva restritiva				01	0
Oração subordinada adjetiva explicativa				01	0
Oração coordenada aditiva				04	01
Oração coordenada adversativa				01	0

Oração subordinada adverbial temporal	03	0
Oração subordinada adverbial final	01	0
TOTAL	42	06

Fonte: a autora.

Como podemos observar na tabela, apesar de não representarem números expressivos em relação ao total de ocorrências em cada modalidade, nessa acepção, o verbo **cortar** ocorre na mesma proporção, em termos percentuais, nas modalidades oral e escrita. Na próxima subseção, apresentamos a acepção 'impedir o progresso ou efeito / fazer cessar'.

7.1.1.9 Acepção 'impedir o progresso ou efeito / fazer cessar'

Essa acepção também está relacionada à noção de ruptura, todavia, como os sintagmas nominais associados ao paciente são, em geral, relacionados a um mesmo campo semântico, reações provocadas por doença ou desequilíbrio no organismo, emerge para o verbo **cortar** um significado mais específico nas sentenças, como podemos observar em 56.

56) MORTE SILENCIOSA

A SILICOSE, TAMBÉM CHAMADA DE "PULMÃO DE PEDRA", É UMA DOENÇA GRAVE QUE AFETA TRABALHADORES E NÃO TEM CURA

[...]

"Meu marido tinha uma tosse que nada cortava. Até que deu uma crise e levarem ele para o hospital. Como melhorou, voltou a trabalhar, sempre andando devagar e reclamando da cansa. [...]. (A Gazeta, 31/01/2017 - Economia, p. 26)

Nos dicionários que pesquisamos, apenas o de Houaiss, Villar e Franco (2009, p. 558) registra a acepção e abona com o seguinte exemplo "o remédio cortou a febre". Com base em nosso conhecimento de mundo, como falantes nativos da língua, podemos dizer que, no uso, valemo-nos de sentenças como 'o remédio cortou a febre / o vômito / a dor de cabeça, o enjoo', embora não tenha ocorrido em quantidade considerável no *corpus*, sendo 03 (três) na modalidade escrita e 02 (duas) na modalidade oral. Por isso, não apresentamos nem o quadro com as propriedades, nem a tabela com a distribuição dos dados. Optamos por apresentar todas as ocorrências e discorrer sobre as mesmas ao longo da subseção.

Como vimos no referencial teórico, Alexiadou e Schäfer (2006) defendem que o argumento instrumento pode ocupar a posição de sujeito sob duas condições, quando expressam a causa (Causadores) ou admitem uma interpretação agentiva do instrumento. Segundo os autores, os medicamentos estariam incluídos num subgrupo desse argumento que tem a capacidade de agir por conta própria uma vez que tenham sido introduzidos ou aplicados pelo agente. Com base nesse argumento, consideramos que os exemplos apresentados até o momento nessa subseção indicam que essa acepção permite que o argumento instrumento ocupe a posição de sujeito. O exemplo 57 apresenta a mesma situação, diferentemente do que ocorre em 58.

57) Entrevistador: e foi:: normal? ...

Informante: normal ...

Entrevistador: todos? ...

Informante: cinco normal ... quando chegou na úl::tima... que eu engravidei dela foi assim:: eu engravidei assim:: ... foi foi ... que eu peguei:: ... deu malá::ria né? aquela febre amarela ...

Entrevistador: a ta...

Informante: então:: a gente... eu comecei a tomar uns remédio muito for::te.. que eles passaram né? pra poder tratar:: né? ... e eu tomava anticoncep/concepcional:: ... e nisso ele cortou:: né? o efeito ... naquele meio tempo eu engravidei e nem sabia que eu tava grávida dela... [...].

(Excerto retirado de entrevista do *corpus* de Santa Leopoldina, célula 40, grifo nosso).

58) Informante: É, vários acidentes, assim, pequenos. É, já poquei os lábios e eu bati de bicicleta, já quebrei joelho/ não desloquei o joelho e algumas coisas assim.

Entrevistador: – Então você também foi atendido aí, foi no hospital?

Informante: No hospital.

Entrevistador: No seu bairro?

Informante: Hospital Infantil.

Entrevistador: E você teve um bom atendimento, você acha que lá também...

Informante: Ótimo atendimento, assim, quando eu cheguei lá, eles com certeza foram me atender primeiro, porque eu tava cheio de sangue com a cabeça pocada, a prioridade é pra quem está pior estado, eu creio/lá eles estavam atendendo assim, então, eu cheguei lá, eles já encaminharam lá pra dentro já/já foi me dando anestesia, eu acho que o meu rosto todinho, na minha perna, pra me dar uns pontos, pra eu parar de sangrar, né? Pra cortar o fluxo e tive atendimento ótimo, uns (inint) depois, aí, eu tive que ser transferido por causa da/eu tinha/tinha idade, mas eu não tinha como eu tinha dito a estrutura minha mão era de uma criança já era assim de/do jeito assim, de um adolescente então, eu cabeí indo pra/prá Clínica Dos Acidentados [...]. (Excerto retirado de entrevista do Portvix, célula 10, grifo nosso).

Em 58, podemos inferir, com base no texto, que um argumento agente ocupa a posição de sujeito, que se vale de um instrumento, ‘os pontos’, para fazer cessar o sangramento. Podemos

observar nesses exemplos que os sintagmas nominais que preenchem o *slot* destinado ao objeto direto não estão relacionados a entidades concretas, mas a atividades (tosse, enjôo, febre, efeito, fluxo sanguíneo) associadas a uma mesma ambiência, a medicina. Acreditamos que isso colabore para a utilização do verbo **cortar**, nessa acepção, a atividades envolvendo outros ambientes (o futebol e artístico) como podemos observar em 59 e 60.

59) Mas vale a pena falar do jogo. E sobre o Vasco de Zé Ricardo. O Vasco cortava a pressão corintiana, marcava e, principalmente, acertava passes na saída para o jogo. (A Gazeta, 31/01/2017 - Economia, p. 26, grifo nosso).

60) SAMPAIO, SETENTA

Obra do compositor cachoeirense que faria 70 anos inspira livro de contos

"O Sergio tinha esse talento absurdo, uma musicalidade muito forte e, ao mesmo tempo, tinha essa coisa de ir além, de transgredir. [...] Acho engraçado isso de ele ter alimentado o desejo de ser gravado pelo Roberto Carlos. O Roberto, apesar da obra fabulosa, parece que vai dar a mão e na verdade está cortando, Tim Maia sofreu isso. O Roberto é um caretão, compete pelo sucesso. [...] (A Gazeta, 08/04/2017 – Caderno 2, p. 41, grifo nosso).

Em nosso *corpus*, o maior número de ocorrência do verbo **cortar**, na modalidade escrita, se dá na oração das 13 almas (Anexo C). Essa oração evoca um contexto de súplica, como podemos perceber no seguinte excerto:

61) Segue meus inimigos para que os olhos do mal não me vejam, cortai as forças do meu inimigo, minhas 13 almas benditas, sabidas e entendidas. Se me fizerem alcançar esta graça, ficarei devoto de vós e mandarei rezar uma missa e também publicar esta oração. Reza-se 13 Pai-Nosso e 13 Ave-Maria 13 dias (A Gazeta, 09/04/2017 - Classificações, p. 7, grifos nosso).

Foram identificadas 244 ocorrências do verbo **cortar** nessa oração, o que representa 26,38% do total na modalidade escrita. Nesse contexto, o significado que emerge para o verbo **cortar** poderia ser ‘fazer cessar’, assim como ‘eliminar’. Por tratar-se de um uso que ocorre em contexto específico, cujo número elevado de ocorrências pode ser atribuído à recomendação de publicação no final da oração, optamos por registrá-lo em separado sem associá-lo a nenhuma acepção em específico, caso contrário essa acepção teria um número muito maior do que as demais em virtude de um uso motivado e sem qualquer tipo de alternâncias dos elementos que compõe a sentença.

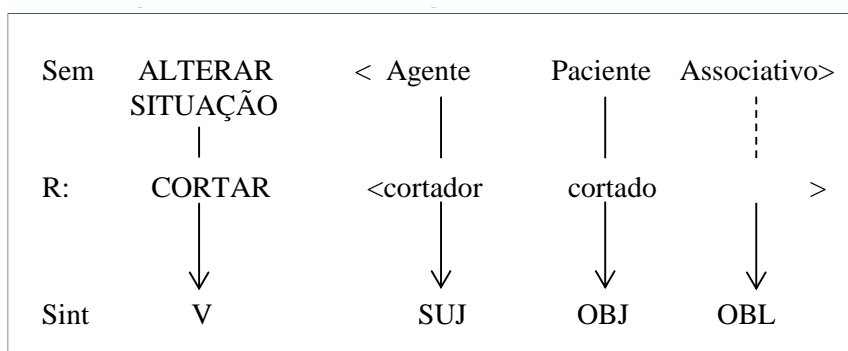
Esse foi o último uso do verbo **cortar** identificado no *corpus* quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação. Duas outras acepções 'dispensar de grupo, cargo ou função' e 'romper relações' são muito próximas de acepções apresentadas nesta sub-seção. A primeira (dispensar de grupo, cargo ou função), por exemplo, está associada à ideia básica de redução e a segunda (romper relações), à ideia de interrupção. No entanto, a especificidade dos elementos que complementam o verbo nos leva a crer que o verbo **cortar** nesses casos não é instanciado na Construção Transitiva de Afetação, mas na Construção Transitiva de Situação, apresentada em 7.1.2.

7.1.2 Construção transitiva de situação

Essa construção está associada à experiência humana com as relações, tanto as pessoais e afetivas, como as contratuais e diplomáticas. Na vida em sociedade, estabelecemos vínculos com as pessoas, com os animais, com o trabalho, com grupos, entre outros, ou seja, 'alguém se relaciona com alguém ou faz parte de algo'.

Quando algo ocorre e incide sobre essa relação, não há uma afetação física do objeto, mas uma alteração na situação, no *status* desse relacionamento, sendo assim, ocorre um outro tipo de afetação 'alguém deixa de fazer parte de algo ou de se relacionar com alguém'. Tanto o estabelecimento como a ruptura ou manutenção de uma relação implicam em agentividade por parte do sujeito e, dessa forma, temos nessa construção apenas agentes e como terceiro papel argumental um associativo e não mais um instrumento. Dessa forma, essa construção possui diferenças na forma se comparada à Construção Transitiva de Afetação, o que implica em diferenças no significado.

Figura 17 - Construção Transitiva de Situação



Fonte: esquema proposto pela autora com base em Goldberg (1995).

Padrão construcional: SN V SN [SP]
 X CORTA Y [de/com W]

Evento: alterar a situação/o *status*

Exemplos:

62) THIAGO SILVA

O experiente zagueiro do PSG ganha a vaga de Miranda, que foi cortado após sofrer uma concussão no último domingo. (A Gazeta, 05/09/2017 - Esportes, capa, grifo nosso).

63) [...] Este incômodo, inclusive, fez com que Martin Silva fosse cortado da seleção uruguaia para os dois últimos jogos das Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2018, contra Venezuela e Bolívia. (A Gazeta, 03/10/2017 - Esportes, capa, grifo nosso).

64) [...] "Nós nunca buscamos uma guerra com a Coreia do Norte, e até hoje não buscamos. Se a guerra vier, será por causa de seus atos contínuos de agressão como o que testemunhamos ontem", disse Haley. [...].

Haley também pediu que todos os países cortem relações com a Coreia do Norte. (A Gazeta, 30/11/2017 - Mundo, p. 30, grifo nosso).

O evento designado pela Construção Transitiva de Situação é 'alterar a situação, o *status*', que não deixa de ser um tipo de afetação, e o evento designado pelo verbo **cortar** é 'agir sobre algo/afetar'. Dessa forma, acreditamos que a relação que o verbo **cortar** estabelece com a construção seja pela designação de uma pré-condição do evento designado pela construção.

Assim como a Construção Transitiva de Afetação, a Construção Transitiva de Situação é motivada pela Construção Transitiva por uma herança por instanciação, ou seja, representa uma instância mais específica dessa construção. Quando o verbo **cortar** é recrutado pela construção em tela, emergem para o mesmo as acepções ‘dispensar de grupo, cargo ou função’ e ‘romper relações’ que apresentamos nas próximas subseções.

7.1.2.1 Acepção 'Dispensar de grupo, cargo ou função'

Essa acepção realça um dos efeitos causados pela ruptura de um vínculo social que ligava o indivíduo a algo. Nesses casos, os efeitos desencadeados pela ação verbal que afetam o paciente incidem especificamente na noção de pertencimento, ou seja, o paciente deixa de fazer parte de um determinado grupo ou ocupar determinado cargo ou função, definitivamente ou não, como podemos observar nos exemplos a seguir.

65) EXTRACAMPO PESOU PARA ATACANTE SER BARRADO

A ausência do atacante Sassá foi uma das surpresas da lista de inscritos do Botafogo na pré-Libertadores. Os repetidos excessos extracampo, como noitadas e fotos polêmicas nas redes sociais, pesaram na decisão de cortar o atacante da relação final. [...])A Gazeta, 01/02/2017 – Esportes, p. 40, grifo nosso).

66) Aliado de Audifax admite: nomeação de Neidia para cargos menores na prefeitura também pode ter entrado no acordo. O prefeito cortará 550 comissionados. Mas voltará a preencher 440... (A Gazeta, 04/01/2017 - Política, p. 20, grifo nosso).

As propriedades dessa acepção são especificadas no quadro 12.

Quadro 12 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'dispensar de grupo, cargo ou função'

Dispensar de grupo, cargo ou função			
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO	COMPLEMENTO
Ação-processo	Agente	Paciente animado	associativo (apagável)
	<ul style="list-style-type: none"> ● nomes designativos de pessoas ● instituições 	<ul style="list-style-type: none"> ● nomes próprios ● nomes designativos de pessoas (atacante, medalhões, comissionados, assessores, jogadores) 	grupo, relação, viagem, lista, seleção, quadro.
Área temática			
modalidade escrita	ocorre predominantemente em textos esportivos.		
modalidade oral	não ocorreu.		

Fonte: a autora.

Nos casos em que o papel participante < cortador > é perfilado, o sintagma nominal refere-se a nomes designativos de pessoas ou de instituição. Em relação ao paciente, o sintagma nominal é sempre associado a pessoas, tanto a nomes próprios como a nomes designativos de pessoas, como, por exemplo, jogadores, atacantes, assessores, etc. No entanto, nessa acepção, predomina o apagamento do agente graças à Construção Passiva, em 73,68% dos casos e, dessa forma, ocorre uma inversão na ordem dos elementos apresentados no quadro 12, fazendo com que o paciente ocupe o *slot* destinado ao sujeito sintático. Os textos nos quais o verbo **cortar** ocorre nessa acepção são majoritariamente esportivos, em 78,94% dos casos.

Acreditamos que o "sombreamento", nos termos de Goldberg (1995), do papel argumental agente, pela utilização da construção passiva, possa estar relacionado, em grande parte, à importância maior que recai sobre o afetado pela ação verbal, o paciente (o jogador). Além disso, como os leitores para os quais são dirigidos tais textos possuem, em princípio, conhecimento sobre a identidade do agente responsável pela ação, uma vez que esses atletas são dispensados de um grupo, de uma lista, da seleção, entre outros, talvez essa informação não seja considerada importante no momento da produção textual. De qualquer forma, temos o sombreamento intencional do papel argumental 'agente', como podemos observar em 67 e 68.

67) Convocada para defender as cores da seleção brasileira de futebol feminino em dois amistosos, a capixaba Gabi Zanotti está lesionada e foi cortada das duas partidas [...]. (A Gazeta, 08/07/2017 – Esportes, p. 34, grifo nosso).

68) “Já o atacante Caio Monteiro, que foi convocado para a seleção brasileira para o Sul-Americano sub-20, no Equador, não começa o ano com o pé direito: foi cortado do grupo por causa de uma lesão no músculo adutor da coxa. (A Gazeta, 02/01/2017 - Esportes, p. 39, grifo nosso).

Não identificamos em nosso *corpus*, na modalidade oral, o uso do verbo **cortar** nessa acepção. Na tabela 11, apresentamos a distribuição de **cortar** nessa acepção na modalidade escrita.

Tabela 11 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'dispensar de grupo, cargo ou função' na modalidade escrita.

Número de ocorrências: 19		Valor percentual: 2,05% do total	
Distribuição da forma verbal		Distribuição do tempo verbal	
Flexionado	02	Presente	03
Infinitivo	03	pretérito imperfeito	01
Gerúndio	0	pretérito perfeito	11
Particípio	14	futuro do pretérito	0
Distribuição do modo verbal:		Futuro	04
Indicativo	18	pretérito mais que perfeito	0
Imperativo	0		
Subjuntivo	01		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre			
Oração principal		09	
Oração subordinada substantiva completiva nominal		02	
Oração subordinada substantiva objetiva direta		01	
Oração subordinada substantiva apositiva		02	
Oração subordinada adjetiva explicativa		03	
Oração coordenada aditiva		01	
Oração subordinada adverbial temporal		01	
TOTAL		19	

Fonte: a autora.

O número de ocorrências identificadas na modalidade escrita não é expressivo em termos percentuais, o que pode indicar um uso menos recorrente do verbo **cortar** nessa acepção. A seguir, apresentamos a acepção ‘romper relações’.

7.1.2.2 Acepção 'romper relações'

Essa acepção, 'romper relações', assim como a acepção 'interromper / suspender o fornecimento', também ressalta um dos efeitos da ação de separar um todo em uma ou mais partes, a ruptura, como podemos observar em 69 e 70.

69) CONTRATO DE IMIGRANTE AFASTA ALIADO DE TRUMP

[...] "Quando eu tomei conhecimento do *status* dela, imediatamente cortei o vínculo com ela e ofereci assistência em sua legalização". (A Gazeta, 16/02/2017 - Mundo, p. 33, grifo nosso).

70) [...] Cortar o laço com um animal representa um sofrimento incomparável, pois não existe a relatividade numa alma canina. (A Gazeta, 28/05/2017 - Revista AG, p. 7, grifo nosso).

As propriedades dessa acepção podem ser observadas no quadro 13.

Quadro 13 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'romper relações'

romper relações			
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO	COMPLEMENTO
Ação	Agente	Paciente nome abstrato	Associativo
	<ul style="list-style-type: none"> ● nomes designativos de pessoas ● instituições. 	<ul style="list-style-type: none"> ● vínculo, relacionamento, relações e laços. 	<p>pessoa, animal, corrupção, instituição</p>
Área temática			
modalidade escrita	Predominância em textos políticos, ocorrendo também em textos que versam sobre entretenimento, entre outros assuntos.		
modalidade oral	Comportamento.		

Fonte: a autora.

Os sintagmas nominais que preenchem o *slot* destinado ao sujeito referem-se a nomes de pessoas e instituições e os sintagmas nominais que preenchem o *slot* destinado ao objeto são nomes abstratos, tais como vínculo, relacionamento, relações e laços. Os assuntos abordados nos textos nos quais foram identificadas essas ocorrências, na modalidade escrita, tratavam em sua maioria de política, em 57,14% dos casos, como podemos observar em 71.

71) EUA PRESSIONAM BRASIL A ROMPER COM A COREIA

Vice-presidente quer que latinos cortem laços com norte-coreanos (A Gazeta, 17/08/2017 - Mundo, p. 31, grifo nosso).

Na modalidade oral, identificamos apenas 01 (uma) ocorrência do verbo **cortar** nessa acepção que transcrevemos a seguir.

72) Informante: te::nho... até pouco tempo eu tinha:: uma amiga de infância só que a gente:: por causa de:: desentendimentos a gente:: cortou relacionamento né? hoje ela nem mora mais a:: ali na piedade ela morava né? agora ela mora:: em tabuazeiro... mas eu tenho ainda:: a minha colega daiane... conheço ela desde dos:: que eu fui morar mais pra baixo né? que eu descii... fui morar mais... pra da esqui::na... desde dos:: ela tinha o que? sete anos... eu tinha uns treze... até hoje a nossa amizade é FORTE ainda ela é minha vizinha né? a gente eu ia pra casa de::la passava:: as tardes na casa de::la. [...]. (Excerto retirado de entrevista do Portvix, célula 24, grifo nosso).

Apresentamos a distribuição do verbo nessa acepção, na modalidade escrita, na tabela a seguir.

Tabela 12 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'romper relações' na modalidade escrita.

Número de ocorrências: 07		Valor percentual: 0,76% do total	
Distribuição da forma verbal		Distribuição do tempo verbal	
Flexionado	03	Presente	05
Infinitivo	04	pretérito imperfeito	01
Gerúndio	0	pretérito perfeito	01
Particípio	0	futuro do pretérito	0
Distribuição do modo verbal:		Futuro	0
Indicativo	06	pretérito mais que perfeito	0
Imperativo	0		
Subjuntivo	01		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre			
Oração principal		01	
Oração subordinada substantiva subjetiva		01	
Oração subordinada substantiva objetiva direta		03	
Oração subordinada adverbial final		01	
Oração coordenada adversativa		01	
TOTAL		07	

Fonte: a autora.

Novamente, verificamos um número de ocorrências reduzido, o que nos leva a crer que o verbo **cortar** não seja recrutado com frequência na Construção Transitiva de Situação.

Na análise do *corpus*, identificamos que esse verbo também é recrutado em construções que se distinguem da Construção Transitiva de Situação, assim como da Construção Transitiva de Afetação. Essas construções remetem a cenas que implicam movimento.

Goldberg (1995, p. 62) assevera que as relações entre verbos e construções não podem ocorrer de qualquer maneira, sendo que "o significado designado pelo verbo e o significado designado pela construção devem se integrar por meio de uma relação causal". Sendo assim, precisamos refletir sobre a relação que o verbo **cortar** possui com as construções de movimento.

Como vimos no capítulo 03, os esquemas imagéticos são estruturas cognitivas formadas a partir da experiência que temos da relação do nosso corpo com o espaço físico. Como destacam Dornelas e Rocha (2014, p. 134, grifos dos autores), o esquema imagético trajetória ou FONTE-PERCURSO-ALVO "[...] envolve elementos como fonte, alvo, percurso, área, ponto de referência e direcionalidade. [...]". Segundo os autores, a ideia de área é subjacente ao verbo **cortar**.

O verbo **cortar**, em seu sentido mais básico, funciona como um verbo de ação-processo, que nos termos de Chafe (1979) designa um FAZER ACONTECER em que uma ação executada pelo agente incide sobre o paciente. O afetamento de um elemento (cortado) causado pela ação verbal é o que em geral associamos ao verbo **cortar**, porém, ele representa o resultado que em seu processo acarreta um movimento e evoca o esquema TRAJETÓRIA, afinal, na realização concreta do corte, uma superfície é percorrida, por um instrumento de um ponto A (origem) a um ponto B (destino).

No referencial teórico, falamos sobre a íntima relação que temos com a territorialidade e a necessidade de demarcar até mesmo ambientes naturais, apontada por Lakoff e Johnson (2002, p. 81), por nos concebermos como superfícies demarcadas, recipientes, com orientação dentro-fora, e projetarmos essa orientação a outros elementos.

É fato em nossas vidas a demarcação espacial dos territórios em metros, quilômetros, alqueires, ou seja, concebemos o solo, como algo que pode ser mensurado, percorrido e dividido, como podemos observar nos exemplos retirados do *corpus*.

73) [...]

Entrevistador: e tem algum no::me esse rio? ...

Informante: não esse aqui não tem nome não...

Entrevistador: e porque que esse lugar se chama Rio do Meio você sabe? ...

Informante: i::xe agora não sei ... acho que até eu também to querendo pegar saber porque que [inint] ... acho que é porque:: porque o rio ... porque o ri::o corta a comunida::de no me::io ... eu acho ...[...]. (excerto retirado de entrevista do *corpus* de Santa Leopoldina, célula 22, grifo nosso).

74) PMV quer cortar Praça do Cauê para acesso à 3ª Ponte

A Prefeitura de Vitória começou a fazer um estudo de viabilidade para construir uma pista, no meio da Praça do Cauê, que ligará a Reta da Penha à Praça do Pedágio da Terceira Ponte. [...].(A Gazeta, 25/08/2017 - Cidades, p. 6, grifo nosso).

Em 73 e 74, o verbo **cortar** é utilizado para indicar uma divisão territorial, causada, no primeiro, por uma força natural, um elemento da natureza, o rio. Semanticamente, o rio possui força para causar a ação denotada pelo verbo, embora não possua volição, ou seja, não age por vontade própria. Por outro lado, no segundo exemplo, a prefeitura pretende "dividir" a praça, separando-a em duas partes, para a construção de uma pista. Dessa forma, caso o projeto seja executado, teremos como resultado a divisão da praça por um produto da ação humana.

Apesar de identificarmos casos como o exemplificado na sentença "PMV quer cortar Praça do Cauê para acesso à 3ª Ponte", em que o verbo denota uma divisão territorial por ser instanciado na Construção Transitiva de Afetação, é mais comum que o verbo **cortar**, quando acompanhado por nomes designativos de lugar, seja instanciado em construções que indicam movimento.

Acreditamos que a noção de área subjacente ao verbo **cortar** oriunda do esquema imagético trajetória associada à realização concreta do corte possa, numa extensão limitada, designar o modo do evento associado a construções de movimento, permitindo dessa forma sua instanciação nas mesmas. A partir desse momento, apresentamos as construções de movimento identificadas na análise do *corpus*, sendo a primeira delas a Construção de Movimento Transitiva.

7.1.3 Construção de Movimento Transitiva

Essa construção está associada a uma cena básica da nossa experiência, alguém movendo-se (GOLDBERG,1995). Diferentemente da Construção de Movimento Causado, em que o sujeito causa o movimento de algo, nessa construção o movimento é realizado pelo próprio sujeito, que se desloca por uma superfície, como podemos observar nos exemplos a seguir.

75) EMPADAS SÃO IMPORTANTES

[...] É que ele e sua esposa, Lucilene Correa, vendem o salgado há aproximadamente cinco meses e parte do dinheiro arrecadado vai ajudar na concretização do desafio de cortar o Estado de Norte a Sul. (A Gazeta, 04/03/2017 - Esportes, p. 36, grifo nosso).

76) [...]

Entrevistador: aham... e:: o que mais... o que que você costuma fazer assim... nos finais de semana... o que que você?

Informante: agora na ép/nessa época do verão aí eu tô trabalhando na portaria... aí nos out/ aí quando chega mais no inverno aí final de semana sai pras festa... forró [init]

Entrevistador: aham... e:: tem muita festa assim por aqui ou?

Informante: ah! Santa Maria... Domingos Martins... corto isso tudo!

Entrevistador: ah [init] e vai quem? Cês juntam uma galera?

Informante: ah! tem vez que vai sozinho... tem vez que vai em dois... três

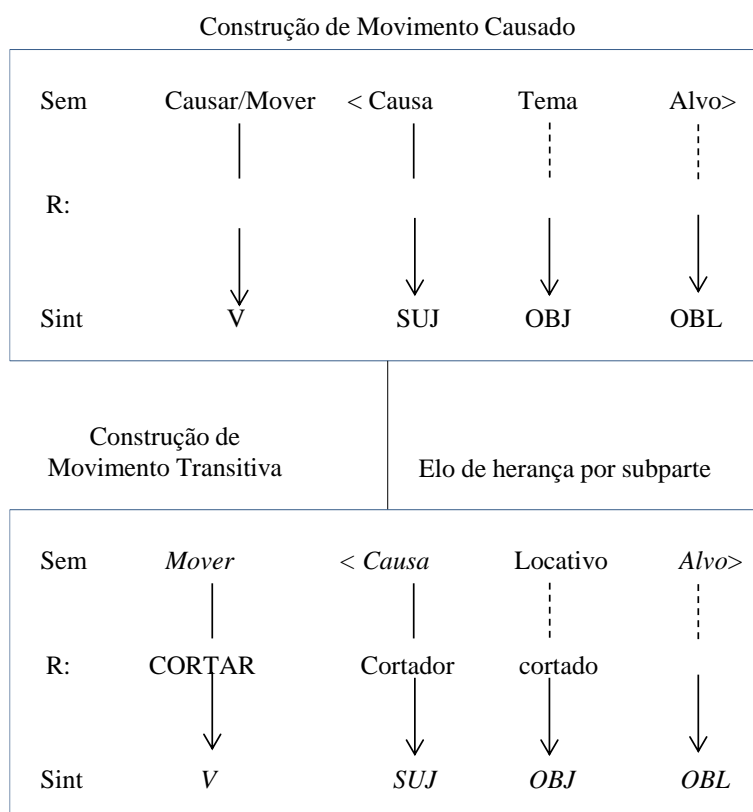
Entrevistador: aham... aí cês vão de moto

Informante: de moto... de carro... cavalo [riso] [...]. (Excerto retirado de entrevista do *corpus* de Santa Leopoldina, célula 20, grifo nosso).

77) [...] "O nosso principal problema dos nossos rios é que há muito esgoto bruto lançado neles. Tem o discurso de que a população não se liga à rede. Mas a cobertura é deficiente. Os rios urbanos cortam áreas que têm coleta e tratamento e áreas que não têm", destaca o pós-doutor em engenharia sanitária Ricardo Franci Gonçalves. (A Gazeta, 18/07/2017 - série especial, ÁGUAS PASSADAS, p. 24, grifo nosso).

Com base na análise dos dados, propomos que essa construção é motivada pela Construção de Movimento Causado (Goldberg, 1995) por um elo de herança por subparte, conforme figura 18.

Figura 18 - Esquemática da Construção de Movimento Transitiva



Fonte: esquema proposto pela autora com base em Goldberg (1995).

Padrão construcional: SN V SN [SP]
 X CORTA Y Z

Evento: mover-se.

Nesse caso, as especificações sintáticas são as mesmas, assim como parte das especificações semânticas. O primeiro e o terceiro papéis argumentais são os mesmos, ‘causa’ e ‘alvo’. No entanto, o segundo papel argumental possui natureza locativa indicando o local em que o deslocamento ocorre.

Quando o verbo **cortar** é instanciado nessa construção, o papel participante <cortador> funde-se com o papel argumental ‘causa’, que permite tanto a ocorrência de um agente como uma ‘força natural’, e o papel participante <cortado> com o papel argumental ‘locativo’ e a

acepção que emerge para o verbo **cortar** é ‘atravessar/percorrer’, como demonstram os exemplos 75, 76 e 77. No quadro 14, apresentamos as propriedades associadas à acepção.

Quadro 14 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção ‘percorrer/atravessar’

percorrer/atravessar		
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO
Ação	Agente/força natural	Locativo Nome concreto indicativo de lugar
	<ul style="list-style-type: none"> ● nomes designativos de pessoas ● elementos da natureza (rio, córrego canal, etc.) 	<ul style="list-style-type: none"> ● municípios, estados, cidades e outros nomes designativos de lugar tais como via, cidade, bairro, caminho, etc.
Área temática:		
Modalidade escrita	assuntos diversos (política, economia, esportes, entretenimento, acidentes, fenômenos naturais, entre outros).	
Modalidade oral	comportamento e questões relacionadas à aptidão para o trabalho.	

Fonte: a autora.

Não há predominância quanto aos assuntos abordados nos textos nos quais o verbo **cortar** ocorreu nessa acepção. Os sintagmas nominais que ocupam o *slot* destinado ao objeto são sempre designativos de nomes concretos de lugar. Por sua vez, os sintagmas nominais que preenchem o *slot* destinado ao sujeito são, em sua maioria, (62,50%), associados a elementos da natureza, como rio, córrego, canal, entre outros.

Uma das ocorrências do verbo **cortar** nessa acepção despertou nossa atenção pela especificidade do sintagma nominal que ocupa o *slot* destinado ao sujeito, que se refere a um evento, como podemos observar em 78.

78) CAPIXABAS EM AÇÃO NA BAHIA

O rally cortará três cidades baianas em quase 300 quilômetros

[...] Nos dois dias de competição eles vão percorrer cerca de 300 quilômetros, com largada e chegada em Senhor do Bonfim (BA). [...] (A Gazeta, 01/04/2017 - Esportes, p. 36, grifo nosso).

Como vimos no capítulo 2, valemo-nos de metáforas ontológicas para entender os eventos, assim como as ações, atividades e estados. De acordo com Lakoff e Johnson (2002), conceptualizamos metaforicamente os eventos e as ações como objetos. O exemplo fornecido

para esclarecer a questão é o da corrida, que é um evento visto por nós como uma entidade discreta. A esse respeito, os autores enfatizam que:

[...] A corrida existe no tempo e no espaço e tem demarcações bem definidas. Assim, nós a vemos como um OBJETO RECIPIENTE, tendo dentro de si participantes (que são objetos), eventos como o início e o fim (que são objetos metafóricos) e a atividade de correr que é uma substância metafórica). Então, podemos dizer de uma corrida:
 Você está na corrida no Domingo [...] (corrida como OBJETO RECIPIENTE)
 Você viu a corrida? [...] (corrida como OBJETO) [...] (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 83, destaques dos autores).

Acreditamos que, no exemplo 78, o rally seja conceptualizado como uma entidade discreta, assim como a corrida, e, neste caso, a sentença perfila os participantes envolvidos no evento. O exemplo a seguir reforça esse entendimento.

79) Rally Mercosul percorre quatro estados do Brasil até Argentina em busca de belas paisagens.¹²¹

Na modalidade oral, identificamos apenas 03 ocorrências do verbo nessa acepção, uma das quais já apresentada no exemplo 76. A seguir, transcrevemos as demais.

80) [...]

Informante: e lá em Domingos Martins nós fomo uma vez ... eu mais o M... um menino lá em cima... nós fumo em:: não sei aonde... o nome do lugar lá... tinha um boi no rolete... ele me chamou... cheguelo lá tinha pouca gente... aí tinha um cara lá que falou: vão pra Campinho! Forró da terceira idade... fomo pra lá... saímo duas hora da manhã.

Entrevistador: gente! isso porque era de terceira idade né? [riso].

Informante: é... cheguelo::/ cheguelo em casa nove hora do dia no outro dia... na segunda-feira.

Entrevistador: nossa senhora!

Informante: e o frio pra cortar de moto?

Entrevistador: é verdade

Informante: cê passava lá naquelas baixada chegava tá igualzinho um frigobar assim... branco assim [...]. (Excerto retirado de entrevista do *corpus* de Santa Leopoldina, célula 20, grifo nosso).

81) [...]

Informante: sempre trabalhei na roça... pretendo um dia parar... mas

Entrevistador: e pretende fazer o que depois?

¹²¹ Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/rally-mercosul-percorre-quatro-estados-do-brasil-ate-argentina-em-busca-de-belas-paisagens.ghtml>. Acesso em: 26/10/2019.

Informante: talvez ser motorista... quando chegar mais tarde um pouquinho e tiver mais velho um pouquinho... motorista de transporte escolar talvez quem sabe...porque é um serviço perto... ou talvez quem sabe até cortar o Brasil né? quem sabe amanhã ou depois ter o próprio caminhão... sonho em ter um caminhão ainda... e:: trabalhar de motorista... quem sabe [...]. (Excerto retirado de entrevista do *corpus* de Santa Leopoldina, célula 31, grifo nosso).

A distribuição do verbo na modalidade escrita é apresentada na tabela 13.

Tabela 13 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'percorrer/atravessar' na modalidade escrita.

Número de ocorrências: 16		Valor percentual: 1,73% do total	
Distribuição da forma verbal		Distribuição do tempo verbal	
Flexionado	11	Presente	14
Infinitivo	01	pretérito imperfeito	0
Gerúndio	01	pretérito perfeito	0
Particípio	03	futuro do pretérito	0
Distribuição do modo verbal:		Futuro	02
Indicativo	16	pretérito mais que perfeito	0
Imperativo	0		
Subjuntivo	0		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre			
Oração principal		06	
Oração subordinada substantiva completiva nominal		01	
Oração subordinada adjetiva restritiva		05	
Oração subordinada adjetiva explicativa		03	
Oração coordenada aditiva		01	
TOTAL		16	

Fonte: a autora.

Em termos percentuais, o verbo **cortar** ocorre com pouca frequência nessa acepção tanto na modalidade oral como na escrita. Observamos que o verbo **cortar** não ocorreu no tempo verbal pretérito nessa construção, sendo 14 (quatorze) no presente e 02 (duas) no futuro de um total de 16 ocorrências, e, dessa forma, temos uma predominância do aspecto imperfectivo.

Como dito anteriormente, quando o verbo **cortar** é instanciado nessa construção, os sintagmas nominais que preenchem o *slot* destinado ao sujeito são, em sua maioria, associados a elementos da natureza, como córrego e rio, que são uma 'uma força natural' e

podem desencadear a ação denotada pelo verbo. Dessa forma, não há nenhuma incoerência semântica na associação dos mesmos com um verbo não-estativo, de movimento.

Ocorre que o verbo **cortar** também é utilizado em sentenças cujo objeto designa nomes concretos de lugar, mas o sintagma nominal que preenche a posição sintática de sujeito representa um produto estático da ação humana (estrada, BR, plano, obra, ferrovia). Sendo assim, eles não podem executar a ação denotada por um verbo não-estativo que a Construção de Movimento Transitiva requer, uma vez que não são nem ‘agentes’ nem uma ‘força natural’, como podemos observar no exemplo 82.

82) O MAPA DAS MORTES NAS RODOVIAS FEDERAIS BRS na Serra, em São Mateus e Ibatiba concentram mais vítimas

[...]

As BRs 101 e 262 somam mais de 85% das mortes ocorridas em rodovias que cortam o Estado e concentram aproximadamente três mil acidentes, segundo o Balanço 2016 da Polícia Rodoviária Federal (PRF) no Espírito Santo. (A Gazeta, 27/03/2017 - Cidades, p. 3, grifo nosso).

O uso do verbo **cortar** com complemento locativo é registrado nos dicionários que pesquisamos, como podemos observar nos trechos dos verbetes transcritos a seguir.

CORTAR: [...] II. Indica ação com sujeito **agente** e com complemento expresso por nome **concreto** indicativo de lugar. Significa *atravessar, caminhar por*. Já cortei vales e montes em todas as direções; A caravana tinha de cortar uma região desértica; Manadas cortam a nado rios caudalosos. III. Indica estado com sujeito **inativo** e com complemento expresso por nome **designativo de lugar**, significa cruzar com, atravessar. A Avenida Brigadeiro Luís Antonio corta a Paulista; O Danúbio corta vários países da Europa (BORBA, 1991, p. 350, grifos do autor).

Cortar: [...] [Ação] [Compl: nome] 9 atravessar; passar por: *Uma garça branca, assustada, cortou os céus da vila (J); ele passou a viajar de preferência à noite cortando mato adentro (SA) [...] ★[Estado] [±Compl: nome locativo] 12* estar situado em posição transversal: *a estrada-mestra corta aqui perto, aí mais adiante (SA); separados por um rio que corta a rodovia (ESP)→cortar caminho* abreviar distância (BORBA, 2002, p. 413, grifos do autor).

cortar v. [...] 15 t.d. fig. passar ao longo de; atravessar <o regato cortava toda a extensão do sítio> <um arripio cortou-lhe a espinha> (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009 p. 558).

cortar [...] 20 FIG Passar ao longo de; atravessar: O rio corta a nossa fazenda. O trânsito estava impedido e tive de cortar por outro bairro para chegar ao meu destino. (MICHAELIS, 2018).

Pela análise de parte desses verbetes, parece-nos que Houaiss, Vilar e Franco (2009) e Michaelis (2018) atribuem a acepção ‘atravessar’ tanto a agentes como a ‘uma força natural’, mas não arrolam nenhum exemplo em que ocorra um elemento estático na posição sintática de sujeito.

Por sua vez, Borba (1991, 2002) atribui a acepção 'atravessar', que pertence à classe semântica de ação, apenas para os casos em que um agente figura na posição sintática de sujeito, sendo que nos exemplos em que ocorre a presença de uma ‘força natural’, rio, na posição sintática de sujeito, assim como de elementos estáticos, a estrada e a avenida, a classe semântica associada ao verbo é a de estado. Borba (1991) atribui o significado ‘cruzar com/atravessar’ para o verbo **cortar** com sujeito inativo e complemento expreso por nome designativo de lugar e posteriormente a acepção para o verbo **cortar** com esses complementos é alterada para ‘estar situado em posição transversal’ (BORBA, 2002).

De acordo com Borba (1996, p. 60, grifo do autor), os verbos de estado expressam "[...] uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito que é, pois, mero suporte dessa propriedade ou, então, seu experimentador ou beneficiário [...]". Segundo o autor, os verbos de estado têm obrigatoriamente um argumento "[...] que é um inativo, na medida em que não é agentivo, nem causativo, nem paciente".

De fato, a presença de um elemento estático, ou seja, um ‘inativo’ nos termos de Borba (1996), em sentenças como "A BR 262 corta os municípios de Domingos Martins, Viana e Cariacica" acarretaria uma classificação semântica verbal estativa para o verbo cortar. No entanto, antes de assumirmos que o verbo **cortar** funciona nesses casos como um verbo de estado, devemos levar em consideração que o significado que emerge no construto, na sentença, pode ser atribuído à semântica da construção, conforme postula Goldberg (1995, 2006), o que nos leva a crer que o verbo **cortar** nesses casos é instanciado na Construção de Movimento Fictivo Transitiva, proposta por Dornelas e Rocha (2014), apresentada na subseção 7.1.4.

7.1.4 Construção de movimento fictivo transitiva

De acordo com Dornelas e Rocha (2014, p. 129-130), as Construções de Movimento Fictivo possuem uma aparente incoerência, uma vez que um verbo de movimento faz parte da descrição de uma cena estática, como podemos perceber nos exemplos arrolados pelos autores "Essa estrada vai para o Rio de Janeiro" e a "A ferrovia percorre várias cidades".

Dornelas e Rocha (2014, p. 130) afirmam que em "todas elas há um verbo de movimento que tem como argumento externo algo estático: extensões ou outros objetos conceptualizados como trajetória." Os autores ressaltam que a aparente incoerência semântica dessas construções não se sustenta no uso, uma vez que são utilizadas pelos falantes "possuindo forma, sentido e usos próprios."¹²² A principal função dessas construções é a de descrever "[...] trajetórias, objetos e imagens, que precisam ser detalhadamente apresentados segundo as necessidades dos ambientes discursivos" (DORNELAS; ROCHA, 2014, p. 145).

Três padrões são propostos pelos autores para as Construções de Movimento Fictivo. As sentenças identificadas em nosso *corpus* enquadram-se no padrão que tem relação com ação transitiva possuindo um sintagma nominal após o verbo, seguido ou não de um ou mais sintagmas preposicionais, como podemos observar nos exemplos apresentados pelos autores "A ciclovia, que percorre toda a extensão do parque..." e "A marginal Tietê, que corta a cidade de leste a oeste...", sendo que "a maioria das construções desse padrão, 83,54%, apresenta somente o SN após o verbo, que evoca domínios relacionados à área e percurso, indicando a localização e dimensão da extensão." (DORNELAS; ROCHA, 2014, p. 139), como podemos observar nos exemplos identificados no *corpus*:

83) Casal morre após bater picape em ônibus

¹²² Para mais informações sobre as Construções de Movimento Fictivo, ver Dornelas e Rocha (2014).

Durante o feriadão prolongado de Finados, que teve início na quarta-feira (1º), foram registrados 36 acidentes nas rodovias que cortam o Espírito Santo [...]. (A Gazeta, 07/11/2017 – Cidades, p. 14, grifo nosso).

84) Projetos que viraram lendas urbanas

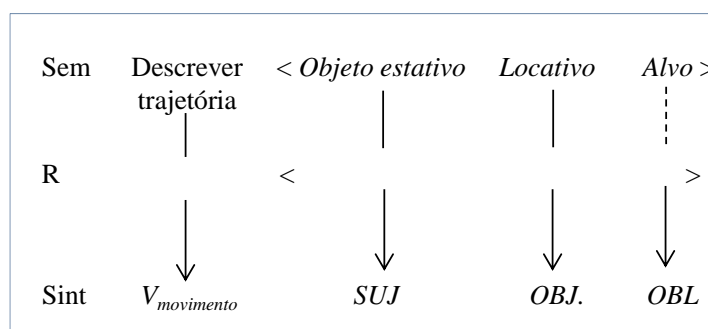
Já imaginou um túnel cortando as montanhas de Vitória para garantir acesso entre as avenidas Serafim Derenzi e Fernando Ferrari? [...](A Gazeta, 08/10/2017 – Bom dia, p. 3, grifo nosso).

85) Paredes, varandas, salas e casas rachadas em Laranja da Terra

[...] A casa dele chegou a ficar dividida ao meio, com uma parte mais alta do que a outra. As rachaduras atravessam a residência e continuam do lado de fora, cortando a plantação (A Gazeta, 04/11/2017 - Cidades, p. 14, grifo nosso).

Com base na proposta de Dornelas e Rocha (2014) e Goldberg (1995), a Construção de Movimento Fictivo Transitiva poderia ser esquematizada como proposto na figura 19.

Figura 19 - Construção de Movimento Fictivo Transitiva



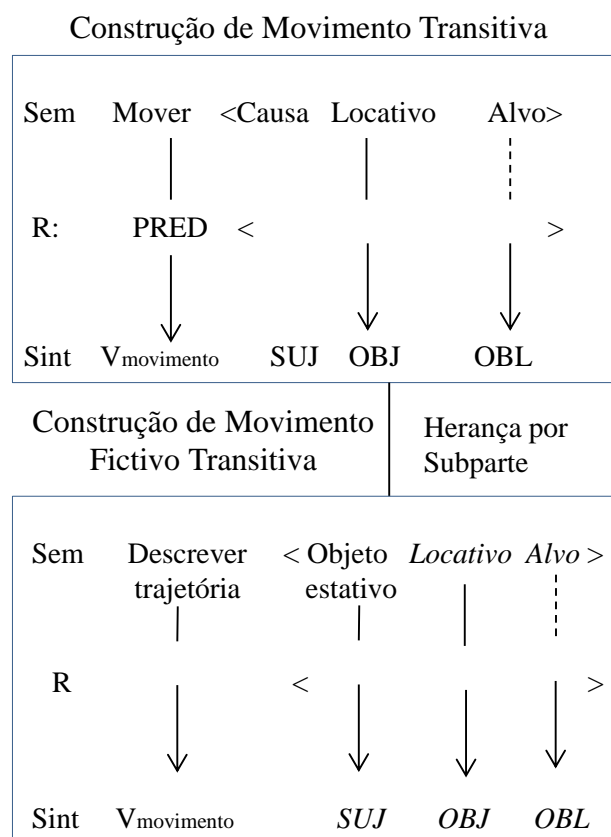
Fonte: esquema proposto pela autora com base em Goldberg (1995).

Padrão construcional: SN V SN [SP]
 X CORTA Y Z

Evento: fornecer uma descrição detalhada de trajetórias, objetos e imagens.

Embora os autores não apresentem uma rede hierárquica explicitando as relações entre as construções, acreditamos que essa construção se relacione com a Construção de Movimento Transitiva, conforme esquema proposto na figura 20.

Figura 20 - Esquematisação da Construção de Movimento Fictivo Transitiva e relação estabelecida com a Construção de Movimento Transitiva.



Fonte: esquema proposto pela autora com base em Goldberg (1995).

A Construção de Movimento Fictivo Transitiva mantém as especificações sintáticas da Construção de Movimento Transitiva, incluindo a especificação do verbo de movimento e parte da especificação semântica, como os papéis argumentais ‘locativo’ e ‘alvo’ e a noção ‘virtual’ de movimento. Por sua vez, o papel argumental ‘objeto estativo’ não pode ser associado à Construção de Movimento Transitiva. O termo ‘objeto estativo’ é utilizado neste trabalho para designar a entidade à qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo ou seja afetada por algo (Cançado, 2018). Dessa forma, a Construção de Movimento Fictivo Transitiva se distancia do evento prototípico da Construção Transitiva, representando uma exceção, conforme previsto por Goldberg (1995).

Considerando que o evento previsto pela Construção de Movimento Fictivo "descrever trajetórias" está associado a uma noção subjacente ao verbo **cortar**, acreditamos que o papel participante "cortado" funde-se ao papel argumental "locativo", representando a área, a trajetória, recoberta pela construção humana do elemento associado ao papel argumental "objeto estativo" (estrada, BR, rodovia, etc.). Como o predicado prevê o preenchimento do *slot* reservado ao verbo por um verbo de movimento, o verbo **cortar** pode ser instanciado na mesma, causando a impressão de que o elemento associado ao papel argumental "objeto estativo" ao fundir-se com o papel participante 'cortador', realiza um movimento, embora não existente no plano factivo.

Retomando a discussão apresentada no referencial teórico, realizamos um escaneamento mental do caminho, uma vez que “ao conceber que alguma entidade se move ao longo de um caminho, o conceptualizador evoca necessariamente em sequência os vários locais que constituem esse caminho e, ao fazê-lo, move-se subjetivamente ao longo do mesmo” (LANGACKER, 1999, p. 82).

Assumimos que o verbo **cortar** é instanciado nesses casos na Construção de Movimento Fictivo Transitiva, em que um verbo de movimento faz parte da descrição de uma cena estática, com base em Dornelas e Rocha (2014). Por isso, em nossa chave de codificação sintático-semântica, atribuímos ao verbo **cortar**, quando instanciado nessa construção, a acepção 'atravessar/cobrir uma área territorial' e a classe semântica 'ação', reconhecendo que há sim um movimento virtual implícito, embora na situação factiva, real, a cena descrita seja estática, como podemos observar nos exemplos 86 e 87.

86) Uma rota de história

Um caminho repleto de belezas naturais, religiosidade e oportunidades de negócios. Assim é a Rota Imperial, que corta o Espírito Santo e parte de Minas Gerais. Aberta por ordem da Coroa Portuguesa, a obra foi concluída há 200 anos, em 1816, ligando a cidade mineira de Ouro Preto a Vitória, no Espírito Santo. [...]. (A Gazeta, 27/01/2017 - Opinião, p. 19, grifo nosso).

87) NOVA FERROVIA NO ESTADO EM PACOTE DE CONCESSÃO

Trecho deve conectar Vitória a Presidente Kennedy, no Sul

[...]

Serão 160 quilômetros a mais de ferrovia, uma obra de grande porte que deve cortar ao menos dez municípios capixabas, caso a companhia consiga firmar o acordo com o Planalto. (A Gazeta, 07/03/2017 - Economia, p. 31, grifo nosso).

No quadro a seguir, apresentamos as propriedades associadas à acepção 'atravessar/cobrir uma área territorial'.

Quadro 15 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'atravessar/cobrir uma área territorial'

Atravessar / cobrir uma área territorial		
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO
Ação	Objeto Estativo	Locativo Nome designativo de lugar.
	<ul style="list-style-type: none"> • estrada, BR, rodovia, túneis, obras, quilômetros, avenidas, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> • estados, municípios e outros nomes relacionados ao espaço geográfico, como floresta, montanha, plantação, via, asfalto, cidade, bairro, áreas, caminho, dunas, etc.
Área temática		
Modalidade escrita	predominância em textos que tratam de acidentes automobilísticos e ambientais, assim como de contratos e concessões. As demais ocorrências distribuem-se em textos que abordam assuntos diversos (economia, política, trânsito, ocorrências policiais, entre outros).	
Modalidade oral	identificamos apenas 01 ocorrência em texto que abordava questões ambientais.	

Fonte: a autora.

Os sintagmas nominais que preenchem o *slot* destinado ao sujeito são majoritariamente (89,39%) associados a produtos da ação humana, como estradas, BR, obra, ferrovia, túnel, etc. Quanto ao sintagma nominal que preenche o *slot* destinado ao objeto, verificamos que de um total de 66 (sessenta e seis) ocorrências: 06 (seis) referem-se a município, nome específico ou não; 46 (quarenta e seis) a nomes de estado, nome específico ou não; 01 (uma) a nome de país; e 13 (treze) a outros nomes designativos de lugar, tais como via, asfalto, cidade, bairro, caminho, etc.

Os textos nos quais foram identificadas essas ocorrências abordavam assuntos diversos, como economia, política, trânsito, ocorrências policiais, entre outros. Todavia, observamos certa predominância em textos que mencionavam acidentes automobilísticos e ambientais (36,36%) e contratos e concessões (21,21%).

Na modalidade oral, identificamos apenas 01 ocorrência do verbo **cortar** nessa construção, que transcrevemos em 88:

88) [...]

Entrevistador: E você acha que Santa Leopoldina é uma cidade limpa? Assim, os rios são bem-cuidados...?

Informante: Ó, o... os rio num são bem-cuidado não purquê tem muitos esgoto aí dentro dos rio, né? se eis andasse, capaz... pelo interior, alguns ponto, fazenda, se todo mundo tivesse a fossa, pra num i tudo pra dentro do rio, mas dentro da cidade mesmo ali você vê muitos esgoto dentro do rio né? então aqui num pode dizê que é... que é limpo, e isso e aquilo... purquê... as estrada mêmoo... num deixa que a água seja limpa, purquê é asfalto, corta aí pra dentro dos córrego, e se corre pra dentro do córrego, vai pra dentro do rio. E aí a água... Como limpá, né? [...] (Excerto retirado de entrevista do *corpus* de Santa Leopoldina, célula 32, grifo nosso).

Na tabela 14, apresentamos a distribuição do verbo **cortar** nessa acepção na modalidade escrita.

Tabela 14 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'atravessar / cobrir uma área territorial' na modalidade escrita.

Número de ocorrências: 66		Valor percentual: 7,14% do total	
Distribuição da forma verbal		Distribuição do tempo verbal	
Flexionado	57	presente	59
Infinitivo	03	pretérito imperfeito	01
Gerúndio	03	pretérito perfeito	02
Particípio	03	futuro do pretérito	01
Distribuição do modo verbal:		futuro	03
Indicativo	66	pretérito mais que perfeito	0
Imperativo	0		
Subjuntivo	0		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre			
Oração principal		03	
Oração subordinada adjetiva restritiva		52	
Oração subordinada adjetiva explicativa		09	
Oração subordinada adverbial modal		01	
Oração coordenada aditiva		01	
TOTAL		66	

Fonte: a autora.

Ressaltamos a forte relação dessa construção com as adjetivas, sendo que em 78,78% dos casos o verbo **cortar** ocorreu no tipo sintático da oração subordinada adjetiva restritiva e em 13,63% na oração subordinada adjetiva explicativa. Outro fator de destaque é o aspecto

imperfectivo do verbo, sendo que em 89,39% do total de ocorrências o verbo estava no tempo presente. Esses resultados vão ao encontro da proposta de Dornelas e Rocha (2014).

Em nosso *corpus*, o verbo **cortar** foi instanciado em outras duas construções associadas a movimento, Construção de Movimento Interceptado e Construção de Afetação por Movimento, que focalizamos nas seções seguintes.

7.1.5 Construção de movimento interceptado

Essa construção remete a cenas relacionadas principalmente ao ambiente esportivo em que algo é lançado por alguém para determinado lugar (a bola), mas esse movimento causado é interrompido e/ou desviado por outro alguém. É o que ocorre, por exemplo, nos jogos de basquete e de beisebol e no futebol, como podemos observar em 89 e 90.

89) JEFFERSON BRILHA, PORÉM O FOGÃO NÃO

[...]

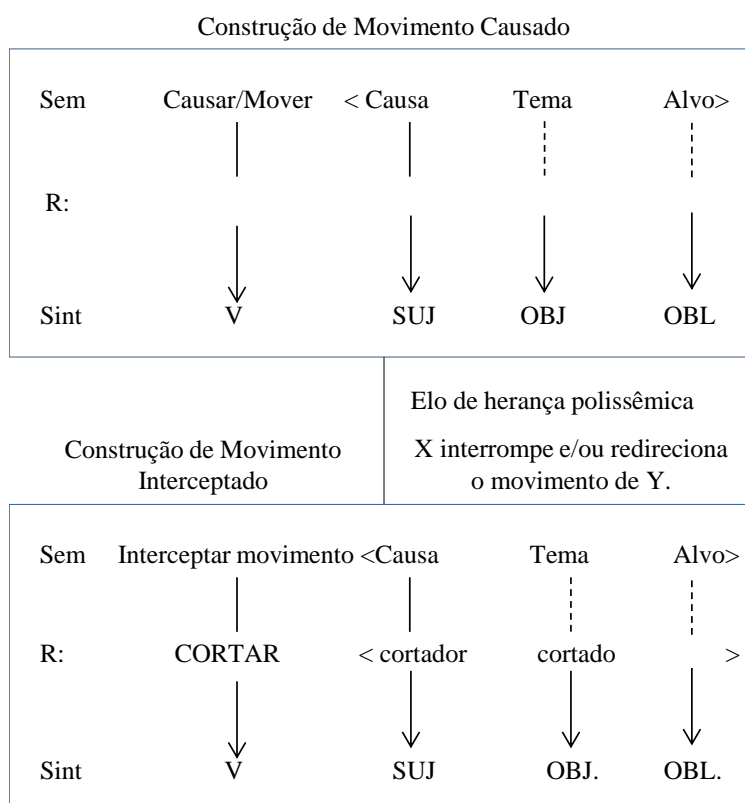
Aos 22 minutos, Rafael Carioca alçou a bola na área com perigo, mas Jefferson saiu muito bem do gol. No entanto, no lance seguinte, aos 23 minutos, Marlone fez ótima jogada pela esquerda, cortou para dentro e disparou de perna direita. A bola desviou levemente na cabeça do zagueiro Emerson Silva e enganou Jefferson, morrendo no canto esquerdo da meta botafoguense: 1 a 0. (A Gazeta, 10/07/2017 - Esportes, p. 38).

90) [...] O lindo gol do holandês Robben, nos 5 a 1 que o Bayern de Munique sapecou no Arsenal. E que suscitou uma questão: Como pode o Robben fazer sempre a mesma jogada - cortando da direita para o meio e colocando num ângulo inalcançável para o goleiro - e tantas delas terem o mesmo resultado, que é o gol? (A Gazeta, 17/02/2017 - Esportes, p. 38, grifo nosso).

Como dito anteriormente, a Construção de Movimento Causado possui três papéis argumentais, uma causa (SUJ), um tema (OBJ) e um alvo (OBL). Verificamos que na construção mencionada no parágrafo anterior também temos os mesmos papéis sintáticos e semânticos, todavia como a semântica associada a essa construção não é 'causar movimento', mas 'interceptar movimento causado', entendemos tratar-se de uma extensão do sentido

central da Construção de Movimento Causado, com a qual mantém uma relação por herança polissêmica, à qual atribuímos a nomenclatura Construção de Movimento Interceptado. Nesse caso, as especificações sintáticas são as mesmas, mas as especificações semânticas se diferem, como podemos observar no esquema representado na figura 21.

Figura 21 - Esquemática da relação polissêmica estabelecida entre a Construção de Movimento Causado e Construção de Movimento Interceptado



Fonte: esquema proposto pela autora com base em Goldberg (1995).

Padrão construcional: SN V SN [SP]
 X CORTA Y [de/para/com W]

Evento: interceptar e/ou redirecionar uma trajetória.

De acordo com Goldberg (1995), na Construção de Movimento Causado, o argumento causa pode ser um agente ou uma força natural. Na Construção de Movimento Interceptado, identificamos que o verbo **cortar** ocorre apenas com agentes preenchendo o *slot* destinado ao sujeito sintático que se funde com o papel argumental 'causa'. A acepção que emerge para o

verbo **cartar** quando instanciado nessa construção é ‘interceptar / dificultar ou impedir o curso’, como podemos observar nos exemplos retirados do *corpus* em 89 e 90, já apresentados, e 91, exposto a seguir.

91) [...] Para eles, é permitido fazer faltas propositais, parar jogadas, agarrar o adversário com as mãos, puxar a camisa, cartar os contra-ataques de forma ilegal e outras coisas mais deste nível [...]. (A Gazeta, 16/10/2017 - Esportes, p. 31, grifo nosso).

As propriedades associadas a essa acepção são apresentadas no quadro 16.

Quadro 16 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'interceptar / dificultar ou impedir o curso'

interceptar / dificultar ou impedir o curso.			
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO	ADJ. ADVERBIAL
Ação-processo	Agente	Tema com complemento, apagável, expresso por nome concreto ou abstrato de ação	Alvo, apagável.
	<ul style="list-style-type: none"> ● nomes designativos de pessoas ● instituição 	bola cruzamento jogadas / contra-ataque passe / chute / caminho	da direita para o meio para o meio para dentro para a frente da área
Área temática			
Modalidade escrita	Esportes.		
Modalidade oral	não ocorreu.		

Fonte: a autora.

Verificamos uma predominância de nomes próprios preenchendo o *slot* destinado ao sujeito, em 80,55% do total. Quanto aos elementos que preenchem o *slot* destinado ao objeto direto, de um total de 36 (trinta e seis) ocorrências, 05 (cinco) correspondiam ao sintagma nominal 'cruzamento', 01 (um) a 'chute', 01 (um) a 'passe', 02 (dois) a 'contra-ataque', 01 (um) a 'caminho' e 26 (vinte e seis) a 'bola'. Quando se trata deste último, o núcleo 'bola' é apagado em 65,38% dos casos, embora seja inferível.

Outro ponto a destacar é que em 91,66% do total, ou seja, em 33 (trinta e três) de um total de 36 (trinta e seis) ocorrências, os textos eram relacionados aos esportes, sendo que as outras 03 (três) ocorrências foram identificadas em textos políticos que se valem de metáforas que são estruturadas no domínio fonte no ambiente esportivo, como podemos observar em 92 e 93.

92) Hecho en Paraguay

Ontem, durante a sessão da CPI da Sonegação, o deputado Marcelo Santos (PMDB) resolveu fazer graça com o presidente do Idaf, José Maria de Abreu Júnior, e perguntou se ele tinha a nota fiscal da tinta que usou para pintar o cabelo. O deputado Enivaldo dos Anjos (PSD), presidente da CPI, entrou cortando a bola levantada: "Não pergunta. Essa é do Paraguai". (A Gazeta, 17/05/2017 - Coluna Victor Hugo, Cidades, p. 6, grifo nosso).

93) Carneirobol

Daqui pra frente, o esporte principal de Roberto Carneiro, novo secretário estadual de Esportes e Lazer, será o de levantar a bola para os deputados estaduais cortarem. (A Gazeta, 09/08/2017 - Coluna Victor Hugo, Cidades, p. 8).

Não identificamos nenhuma ocorrência do verbo **cortar** nessa acepção na modalidade oral.

Na tabela 15, apresentamos a distribuição do verbo na modalidade escrita.

Tabela 15 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'interceptar / dificultar ou impedir o curso' na modalidade escrita.

Número de ocorrências: 36		Valor percentual: 3,89% do total	
Distribuição da forma verbal		Distribuição do tempo verbal	
Flexionado	19	Presente	03
Infinitivo	13	pretérito imperfeito	0
Gerúndio	02	pretérito perfeito	32
Particípio	02	futuro do pretérito	0
Distribuição do modo verbal:		futuro	01
Indicativo	35	pretérito mais que perfeito	0
imperativo	0		
Subjuntivo	01		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre			
Oração principal			08
Oração subordinada substantiva objetiva direta			07
Oração subordinada substantiva objetiva indireta			01
Oração subordinada substantiva completiva nominal			01
Oração subordinada adjetiva restritiva			01
Oração subordinada adjetiva explicativa			01
Oração subordinada adverbial modal			02
Oração subordinada adverbial final			03
Oração coordenada aditiva			08
Oração coordenada adversativa			04
TOTAL			36

Fonte: a autora.

Na modalidade escrita, o verbo **cortar** não apresenta um percentual de ocorrência significativo nessa acepção. Verificamos que ele foi utilizado no pretérito perfeito em 88,88% dos casos, indicando a prevalência do aspecto perfectivo.

Além das construções já apresentadas envolvendo movimento, definimos outra construção para dar conta dos casos em que o verbo **cortar** está associado a sentenças que implicam certo grau de afetação no paciente em função do movimento de locomoção que o agente realiza, como demonstra o excerto a seguir.

94) Os times começaram sem muita intensidade, mas nem precisou de tanta rapidez para a equipe da casa abrir o placar. Foi aos cinco minutos que Bruno Silva cortou Henrique e cruzou de esquerda. Roger, de cabeça, não perdeu [...] (A Gazeta, 22/06/2016 - Esportes, p. 40, grifo nosso).

Essa construção foi denominada neste trabalho como Construção de Afetação por Movimento, focalizada na próxima seção.

7.1.6 Construção de afetação por movimento

Essa construção está sendo proposta como uma extensão da Construção Transitiva de Afetação. Conforme Goldberg (1995, p. 75) postula, cada uma das extensões de uma construção constitui uma construção minimamente motivada pelo seu sentido central em que as relações semânticas são capturadas por elos de herança polissêmica e toda a informação sobre as especificações sintáticas é herdada do sentido central. Apresentamos a seguir dois textos retirados do *corpus* que relatam acidentes e apresentam nuances de significado que nos levaram a propor essa extensão.

95) [...]

"Deu outro impacto, e foi quando eu abri os olhos e vi o fogo. Não tive reação nenhuma. Ouvia pessoas gritando, perguntando o que estava acontecendo. Soltei o cinto e consegui sair. As pessoas que eu consegui ver estavam mortas. Elas morreram pelo impacto e não pelo fogo, porque a carga veio cortando o micro-ônibus do lado do

motorista e na altura do banco", lembrou Nathália. (A Gazeta, 12/09/2017 - Cidades, p. 8, grifo nosso).

96) [...]

O que seu irmão contou do acidente?

Eles estavam juntos no show e voltavam juntos. Pelo que contaram, eles viram um carro cortando outro carro e fazendo zigue-zague na pista. [...](A Gazeta, 12/06/2017 - Cidades, p. 08, grifo nosso).

Em 95, temos a explicação de uma das vítimas para a causa das mortes em um trágico acidente ocorrido no ano de 2017 entre um caminhão que transportava granito e um micro-ônibus, que causou a morte de integrantes de um grupo de danças folclóricas do município de Domingos Martins. Segundo o relato, o veículo é literalmente cortado pela carga do caminhão, ou seja, a lataria do micro-ônibus é rompida, dividida, causando a morte instantânea de alguns passageiros.

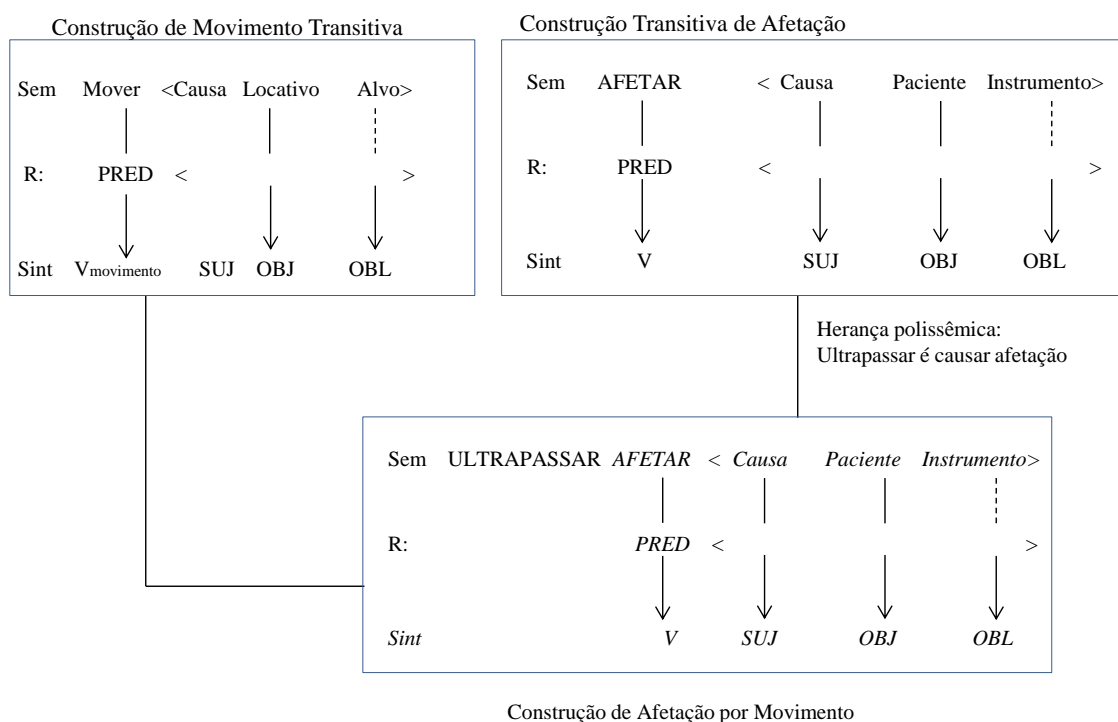
Por sua vez, em 96, embora a ultrapassagem possa causar acidentes, e, dessa forma, uma afetação física dos objetos, não temos como consequência do movimento realizado pelo carro a divisão física do objeto afetado, ou seja, do outro veículo. Por causa dessas nuances de significado, entendemos que a Construção Transitiva de Afetação possa ser vista como um caso de *polissemia construcional* em que uma mesma forma é emparelhada com sentidos relacionados, embora diferentes, como listamos a seguir.

A. Sentido central: Agente/força natural causa mudança de estado no paciente.

B. Agente/força natural ultrapassa o paciente e causa afetação pelo movimento realizado.

Essa construção pode ser esquematizada como proposto na figura 22.

Figura 22 - Construção de Afetação por Movimento



Fonte: esquema proposto pela autora com base em Goldberg (1995).

Evento: ultrapassar um obstáculo.

Padrão construcional:

SN	V	SN
X	CORTA	Y

Quando o verbo **cortar** é instanciado nessa construção, o papel participante 'cortador' funde-se com o papel argumental 'causa' e o 'cortado' com o 'paciente'. Propomos essa esquematização para indicar que a Construção de Afetação por Movimento herda a estrutura [SUJ V OBJ] da Construção Transitiva de Afetação, assim como parte da especificação semântica. Estabelecemos uma ligação entre a Construção de Afetação por Movimento e a Construção de Movimento Transitiva, tendo em vista que a semântica da segunda 'mover-se' também está associada ao significado da construção, uma vez que, ao realizar um movimento

para ultrapassar um obstáculo que está em seu caminho o agente afeta o paciente, como podemos observar em 97, 98 e 99.

97) [...] O Real Madrid passou a apostar na velocidade e contra-ataque, e foi a hora do seu ídolo brilhar Ronaldo avançou pela ponta esquerda, cortou a zaga e chutou no ângulo, Golaço, (A Gazeta, 14/08/2017 - Esportes, p. 34, grifo nosso).

98) "Olheiros" indicam quem está com dinheiro e será assaltado

[...]

"Em agosto, uma Saveiro me cortou e ficou entre eu e outro produtor rural, em Cariacica. [...]" (A Gazeta, 06/11/2017 - Cidades, p. 09, grifo nosso).

99) Informante: Atrapalha, eles atrapalha muito e/ e dê/ ó, além de atrapalhar, os carros deles não dão segurança... é pneu careca, motorista irresponsável. Até e de... s/ escolar aí ó... Cê pode reparar, não é mentira não, cê pode reparar ó, olha nos pneu e olha os vidro da janela dos escolar... a/ a... o limite é dez centímetros, parece. Eu não sei direito não, mas eu acho que é dez centímetro, é isso aqui ó, o limite da janela abrir. Aí abre assim ó, mais ou menos um metro, dá pra criança quase se jogar lá de dentro, então... Eles entram na sua frente, a pressa de/ de/ na hora/ meio dia, cê olha na parada ali, que cê vê, uma velocidade danada, eles anda... a mil por hora, então é... tem esses cara da van, que, pra cortar os ônibus, ele anda também... Então, quem tá dentro do carro, se bater, não vai ter como se ressarcir de n/ lugar nenhum... Agora, na empresa de ônibus tem, se bater com ele, é re/ a empresa é obrigada a arcar com tudo, até indenizar a pessoa que se machucou. [...] (Excerto de entrevista retirada do PortVix, célula 14, grifo nosso).

Identificamos 03 acepções que atribuímos ao verbo **cortar** quando instanciado nessa construção, ‘driblar’, ‘ultrapassar’ e ‘encobrir’. As duas primeiras ocorrem de forma pouco frequente e a última refere-se apenas a 01 (uma) ocorrência em particular, apresentada a seguir.

100) "Acompanhamos a lua entrando, começando a cobrir parte do sol, pouco depois das 10 horas. Por volta do meio-dia, a luz já cortava em torno de 40% do sol. Ela saiu por volta das 13 horas" [...] (A Gazeta, 27/02/2017 - Cidades, p. 10, grifo nosso).

Pelo que observamos no *corpus* e pelo nosso conhecimento linguístico de falantes nativos, em 100, trata-se de fato de um uso inabitual do verbo **cortar** cujo significado atribuímos à construção.

Nos casos em que emerge o significado ‘driblar’, assim como ‘ultrapassar’, o corpo do agente e o/ou o veículo (que representa uma projeção metonímica do condutor), além de serem vistos como desencadeadores da ação verbal, também podem ser concebidos como os próprios

instrumentos necessários para a efetivação da ação, como demonstram os exemplos retirados do *corpus*.

101) EMPATE QUE AGRADA AO FLU

[...] Embora a qualidade dos jogadores do time carioca já sobressaísse, não havia um claro domínio quando Richarlison recebeu um lançamento, passou pelo goleiro Edson e cruzou para a área, onde Wellington Silva teve calma para cortar o zagueiro Diego Giaretta e anotar. (A Gazeta, 10/03/2017 - Esportes, p. 47, grifo nosso).

102) [...] o meia vascaíno – que confessou ter assistido a vídeos do holandês horas antes da partida – repetiu uma de suas jogadas características: na quina da área, pelo lado direito, cortou a marcação com a perna esquerda e chutou no ângulo. Um gol de almanaque. (A Gazeta, 12/10/2017 - Esportes, p. 42, grifo nosso).

103) [...] Marlon tentou cruzar, a bola atravessou toda a defesa do Bahia e caiu nos pés de Gustavo Scarpa, que dominou, cortou a marcação e bateu, de direita, cruzado contra o goleiro Jean. (A Gazeta, 30/10/2017 - Esportes, p. 42, grifo nosso).

As propriedades associadas a essa acepção são apresentadas no quadro 17.

Quadro 17 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'driblar'

driblar jogador adversário		
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO
Ação	Agente	Paciente
	<ul style="list-style-type: none"> ● nomes designativos de pessoas 	<ul style="list-style-type: none"> ● pessoa ● marcação
Área temática:		
Modalidade escrita	esportes.	
Modalidade oral	não ocorreu.	

Fonte: a autora.

Todos os sintagmas nominais que preencheram o *slot* destinado ao agente são nomes próprios e, quanto ao paciente, 02 (dois) foram preenchidos pelo sintagma nominal 'marcação' e 03 (três) por nome designativo de pessoa. Todas as ocorrências na presente acepção ocorreram em textos esportivos.

Não identificamos nenhuma ocorrência nessa acepção na modalidade oral e, na tabela 16, apresentamos a distribuição do verbo **cortar** na modalidade escrita.

Tabela 16 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na acepção 'driblar' na modalidade escrita.

Número de ocorrências: 05		Valor percentual: 0,54% do total	
Distribuição da forma verbal		Distribuição do tempo verbal	
Flexionado	04	Presente	0
Infinitivo	01	pretérito imperfeito	0
Gerúndio	0	pretérito perfeito	05
Particípio	0	futuro do pretérito	0
Distribuição do modo verbal:		Futuro	0
Indicativo	05	pretérito mais que perfeito	0
Imperativo	0		
Subjuntivo	0		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre			
Oração principal		01	
Oração subordinada adverbial final		01	
Oração coordenada aditiva		03	
TOTAL		05	

Fonte: a autora.

Como vimos na tabela 16, o número de ocorrências do verbo **cortar** nessa acepção é bem reduzido e mais uma vez observamos a prevalência do aspecto perfectivo, que parece caracterizar o uso do verbo **cortar** quando utilizado em textos esportivos.

As sentenças nas quais emerge a acepção 'ultrapassar' para o verbo **cortar** são relacionadas à nossa experiência com a atividade de dirigir, como podemos observar nos exemplos a seguir.

104) 16 mil novos motoristas nas ruas do Espírito Santo este ano

[...]

Ele aponta que não lembrar de dar seta ao mudar de faixa, ultrapassar o sinal vermelho e **cortar** o carro na faixa contínua podem ocasionar multa. (A Gazeta, 01/01/2017 - Cidades, p. 12, grifo nosso).

105) [...]

De acordo com o advogado dele, Rafael Wondermuren, no dia do crime o inspetor voltava de um plantão. "A moto vinha cortando vários carros pela direita. Anderson já estava com uma certa cautela com os ocupantes da moto [...]" (A Gazeta, 18/05/2017 - Cidades, p. 12, grifo nosso).

Encontramos apenas 04 ocorrências do verbo **cortar** com essa acepção na modalidade escrita (exemplos 96, 98, 104 e 105) e 01 na modalidade oral (exemplo 99) e, por isso, não apresentamos a distribuição do verbo **cortar** nessa acepção em ambas as modalidades. No quadro 18, temos as propriedades associadas à mesma.

Quadro 18 - Aspectos sintáticos, semânticos e contextuais relacionados à acepção 'ultrapassar'

Ultrapassar		
Classe semântica	SUJEITO	OBJETO
Ação-processo	Agente	Paciente Nome humano ou designativo de veículo
	<ul style="list-style-type: none"> ● nomes designativos de pessoas (motorista) ● veículo (moto/carro) 	<ul style="list-style-type: none"> ● veículo (moto/carro) ● pessoa
Área temática:		
Modalidade escrita	orientações, crimes e acidentes.	
Modalidade oral	trânsito.	

Como dito no início da subseção, as propriedades associadas à acepção se relacionam com nossa experiência com a atividade de dirigir, e, por isso, os sintagmas nominais que preenchem o *slot* destinado ao sujeito referem-se ao condutor, seja diretamente pela utilização de nomes designativos de pessoas ou, indiretamente, via projeção metonímica, por nomes designativos de veículos. O mesmo ocorre com os sintagmas nominais que preenchem o *slot* destinado ao objeto direto. A área temática dos textos nos quais as ocorrências foram identificadas corrobora tal interpretação, uma vez que tratam de acidentes ou orientações relacionadas ao trânsito.

Essa foi a última acepção que emerge para o verbo **cortar** identificada nas construções esquemáticas. Na tabela a seguir, apresentamos os números relacionados ao total de ocorrências em cada uma das construções mencionadas na presente seção.

Tabela 17 - Distribuição das ocorrências do verbo **cortar** por tipo de construção nas modalidades oral e escrita

Construção	Modalidade escrita		Modalidade oral	
	Quantidade	Percentual	Quantidade	Percentual
Construção Transitiva de Afetação	721	82,40%	118	95,16%
Construção Transitiva de Situação	26	2,97%	01	0,81%
Construção de Movimento Transitiva	16	1,83%	03	2,42%
Construção de Movimento Fictivo Transitiva	66	7,54%	01	0,81%

Construção de Movimento Interceptado	36	4,11%	0	0,00%
Construção de Afetação por Movimento	10	1,14%	01	0,81%
TOTAL	875	100%	124	100%

Fonte: a autora.

O verbo **cortar** é instanciado majoritariamente na Construção Transitiva de Afetação, em ambas as modalidades, como era esperado, uma vez que o tipo de evento designado por esse verbo representa uma instância do tipo de evento mais geral designado pela construção. Como podemos observar na tabela 17, a segunda construção com o maior número de ocorrências do verbo **cortar** é a Construção de Movimento Fictivo Transitiva, na modalidade escrita. Na tabela 18, apresentamos as diferentes possibilidades de significado que emergem para o verbo **cortar** quando instanciado nas construções esquemáticas apresentadas nessa seção.

Tabela 18 - Total de ocorrências analisadas no *corpus* com o verbo **cortar** distribuídas por aceção nas modalidades oral e escrita.

Acepção	Modalidade escrita		Modalidade oral	
	Número de ocorrências	Perc.	Número de ocorrências	Perc.
Separar uma parte de um todo / dividir em duas ou mais partes	70	8,00	31	25,00
Fazer cair ou derrubar / ceifar / podar	17	1,94	20	16,13
Fazer incisão / ferir / mutilar / decaptar	33	3,77	36	29,03
Afeiçoar a um modelo	0	0,00	02	1,61
Aparar, tirar parte de, reduzir de tamanho	25	2,86	13	10,48
Reduzir / tirar alguma coisa de uma soma	181	20,69	02	1,61
Suprimir / eliminar	106	12,11	06	4,84
Interromper / suspender o fornecimento	42	4,80	06	4,84
Impedir o progresso ou efeito / fazer cessar	03	0,34	02	1,61
Oração das 13 almas	244	27,89	0	0,00

Dispensar de grupo, cargo ou função	19	2,17	0	0,00
Romper relações	07	0,80	01	0,81
Interceptar / dificultar ou impedir o curso /	36	4,11	0	0,00
Percorrer / atravessar	16	1,83	03	2,42
Driblar	05	0,57	0	0,00
Ultrapassar	04	0,46	01	0,81
Encobrir	01	0,11	0	0,00
Atravessar / cobrir uma área territorial	66	7,54	01	0,81
TOTAL	875	100%	124	100%

Fonte: a autora.

Verificamos que, na modalidade oral, o verbo **cortar** ocorre em maior número em sentenças nas quais emergem significados associados a acepções atribuídas etimologicamente para o verbo, como ‘separar/dividir’, ‘fazer incisão/ferir/mutilar/decaptar’ e ‘aparar/tirar parte de/reduzir de tamanho’. Por outro lado, desconsiderando as ocorrências do verbo **cortar** na oração das 13 almas, na modalidade escrita, a ocorrência é maior nas acepções ‘reduzir/tirar alguma coisa de uma soma’ e ‘suprimir/eliminar’, muito provavelmente em função da área temática associada a essas acepções, política e econômica, que possuem espaços fixos destinados para tratar de tais assuntos no veículo utilizado para a coleta dos dados, o jornal.

Goldberg (1995, 2006) defende que não é necessário o estabelecimento de vários sentidos distintos para um mesmo verbo, uma vez que o significado que emerge no uso real da língua, no *construto*, não é restrito apenas ao verbo, sendo o resultado da contribuição da semântica da construção, da semântica do verbo e de fatores pragmáticos.

Os significados que emergem para o verbo **cortar** no *corpus* resultam da contribuição da semântica do verbo, da semântica das diferentes construções, assim como da especificidade semântica dos elementos que preenchem os *slots* destinados aos sintagmas nominais e/ou preposicionais dessas construções. Além disso, a prevalência da ocorrência de determinados significados em textos que abordavam assuntos de áreas específicas, como a política e a economia (reduzir/ tirar alguma coisa de uma soma; eliminar) e os esportes (interceptar; driblar), sinalizam a importância da área temática no processo de construção do significado atribuído ao verbo. Tal constatação vai ao encontro da proposta de Goldberg (1995, 2006).

As construções de uma língua não estão isoladas uma das outras, mas se interconectam por meio de uma rede. Como vimos na introdução do capítulo, as construções esquemáticas com **cortar** estão ligadas num nível hierárquico superior com a Construção Transitiva. Ao apresentá-las ao longo desta seção, abordamos as relações que se estabelecem entre as mesmas, como o tipo de elo que uma construção dominante mantém com a dominada, assim como os papéis herdados por cada construção.

As construções variam em complexidade e esquematicidade, configurando um *continuum* entre léxico e gramática [conf. Bybee (2016), Goldberg (2006) e Traugott e Trousdale (2013)]. Como vimos ao longo desta seção, identificamos 06 construções esquemáticas nas quais o verbo **cortar** é instanciado em combinação livre com diferentes sintagmas nominais na posição de objeto direto. Podemos dizer que essas construções estão mais próximas do polo gramatical. Como já dito, identificamos também outras construções com esse verbo que estariam mais próximas do polo lexical, que denominamos construções substantivas com **cortar**, focalizadas na seção 7.2.

7.2 CONSTRUÇÕES SUBSTANTIVAS COM O VERBO CORTAR

Traugott e Trousdale (2013, p. 13) apresentam três dimensões para as construções, tamanho, especificidade fonológica e conceptualização. Com base nessa tríade, as construções substantivas identificadas no *corpus* podem ser classificadas conforme quadro a seguir.

Quadro 19 - Dimensões das construções substantivas com **cortar**

Tamanho	Especificidade fonológica	Conceptualização
complexas	substantivas	conteudistas ou lexicais

Fonte: quadro elaborado pela autora com base em Traugott e Trousdale (2013, p. 13).

As construções substantivas com **cortar** são caracterizadas como: i) complexas, na primeira dimensão, por se constituírem de mais de uma palavra; ii) substantivas, na segunda dimensão,

por serem inteiramente ou quase inteiramente lexicalmente preenchidas, o que corresponde a menor esquematicidade virtual e; iii) conteudistas ou lexicais, uma vez que o conceito que ela veicula é mais lexical que procedural.

Essas construções, formadas com o verbo **cortar** seguido de complemento, parecem formar uma única unidade que pode ser acessada como um todo, um *chunk independente*, cujo significado não pode ser associado à soma de suas partes constituintes, como podemos observar em 106.

106) OS PRINCIPAIS PONTOS DA ENTREVISTA DE HARTUNG REAJUSTE NO RIO

"Não fizemos ajuste pelo lado da receita. Fizemos pelo lado da despesa. O Rio não seguiu esse caminho. Não aumentamos ICMS. Cortamos na carne. Fechamos o ano com mais 8% de corte com relação a 2015. [...] A quem o ES deve hoje? A ninguém. Zero de dívida. Acho que o caminho do Rio não é certo". (A Gazeta, 10/02/2017 - Cidades, p. 4, grifo nosso).

A declaração do então governador do estado do Espírito Santo foi realizada em meio a um cenário de crise envolvendo a segurança pública estadual em virtude da greve deflagrada pelos policiais militares, marcada pela participação de familiares que bloqueavam as entradas dos quartéis, que gerou grande repercussão na imprensa nacional. O governo alegava a impossibilidade de conceder o aumento de salário, que fazia parte da reivindicação dos manifestantes, alegando não ter dinheiro suficiente para cobrir os gastos implicados pelo aumento, que só seria possível com a geração de novas receitas, como o aumento de impostos. Ao contrário de outros estados da união, as contas do governo estavam equilibradas naquele momento, o que segundo o governador devia-se não ao aumento de impostos, como o ICMS, mas à realização de ajustes nas contas governamentais. Nesse contexto, ele utiliza o construto “cortamos na carne”.

Trata-se claramente de uma metáfora, uma vez que a ação praticada pelo governador e sua equipe, o ajuste nas contas governamentais por meio da redução de despesas, não pode ser interpretada como capaz de causar um corte físico, assim como um paciente não animado não pode ter ‘carne’. Nesse caso, parece ocorrer também um processo de personificação, em que a instituição governamental é concebida como um ser humano, que pode se ferir. De acordo

com Lakoff e Johnson (2002, p. 87), a personificação é um tipo especial de metáfora ontológica que “nos permite compreender uma grande variedade de experiências concernentes a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.”

Convém destacar que a sequência de palavras “cortar na carne” é registrada por Urbano (2018) como uma expressão idiomática. Segundo o autor, "*expressões tipicamente idiomáticas* são sequências de palavras, que apenas em conjunto e combinadas, expressam um sentido global, não traduzindo, pois, a soma dos seus diversos sentidos literais individuais" (URBANO, 2018, p. 19). O autor assume que a expressão idiomática, doravante EI, é uma sequência de palavras relativamente fixa para enfatizar a possibilidade de variação que ocorre com essas expressões, desmistificando a fixidez absoluta ou cristalizada por vezes atribuída a tais sequências. A esse respeito, Urbano (2018, p. 19) ressalta que

Ao se caracterizar a sequência das expressões idiomáticas como "relativamente fixas" ou de "fixidez relativa" tem-se em mente a queda ou a quebra de alguns mitos ou dogmas sobre as expressões idiomáticas, como a "intraduzibilidade, a indecomponibilidade, a irreversibilidade da ordem, a impossibilidade de substituição sinonímica", e outros, que, naturalmente, só estudos e testes específicos e aprofundados podem delimitar precisamente.

Xatara (1995, 1998) e Riva (2009), em abordagens lexicais, desenvolvem estudos sobre as expressões idiomáticas do português. Xatara (1998, p. 170) define expressão idiomática como "uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural". Essa definição também é assumida por Riva (2009), que esclarece que a indecomponibilidade advém das restritas possibilidades de substituição que podem ser feitas entre os termos constituintes dessas expressões. Riva (2009) reconhece que o significado de uma expressão não se dá pela simples somatória das partes que a constitui, mas ressalta que as partes constituintes podem, em alguns casos, direcionar ou auxiliar a compreensão da EI.

Xatara (1995) destaca que as EI assumem valores expressivos (assertivo, eufemístico, enfático, irônico), além de serem utilizadas em processos de literalização, quando são empregadas em sentido literal em textos publicitários e jornalísticos para despertar a atenção dos leitores, pois são rapidamente assimiladas pelos mesmos o que garante uma maior eficácia na transmissão da mensagem.

A esse respeito, cabe destacar que há um consenso entre diversos autores, de diferentes perspectivas, de que uma expressão idiomática pode ser utilizada e/ou interpretada tanto em seu uso idiomático como literal [LANGACKER (1977, 1987), CHAFE (1979), XATARA (1995), FILLMORE, KAY E O'CONNOR (1988), RIVA (2009), BYBEE (2016) e URBANO (2018)].

Em relação às características sintáticas, Xatara (1995, p. 203), citando Gross (1982), salienta que as EI não podem variar da mesma forma que outras expressões da língua sem alterações em seu significado. Em geral, o verbo ou o objeto direto não podem sofrer variação. No entanto, a autora detectou que existem possibilidades de variações em relação aos seguintes fatores: sujeito, tempo verbal, modo verbal, advérbio de tempo, inserções de advérbio entre verbo e complemento, permuta lexical, modalidade de asserção, presença facultativa de artigo ou variação entre definido e indefinido, levando-a a concluir que existe uma simetria de estruturas entre as EI e expressões não idiomáticas.

Conforme Riva (2009) destaca, assim como outras unidades linguísticas, as EI estão sujeitas a mudanças e podem inclusive mudar completamente de sentido ao longo do tempo em virtude de fatores extralinguísticos, sociais e culturais. Segundo o autor, elas podem ficar restritas a determinadas regiões ou, dependendo de sua divulgação e circulação nos meios de comunicação, alcançar o âmbito nacional.

Como vimos no capítulo 4, as expressões idiomáticas também foram estudadas por Fillmore, Kay e O'Connor (1988) que, assim como Langacker (1987), defendem que instâncias de não-composicionalidade não estão confinadas aos domínios da morfologia.

De acordo com Bybee (2016, p. 56), as expressões idiomáticas são instâncias de construções mais gerais que requerem representação direta, dada a imprevisibilidade de seu significado. Elas surgem de construções existentes mais gerais, e, em função dos contextos de uso nos quais são utilizadas "tomam novas implicações pragmáticas, significados ou formas." Todavia, a autora reconhece que embora tenham um sentido metafórico específico, ela não deixa de ser associada às palavras que a compõem.

Em relação ao papel do contexto no processo de significação, Bybee (2016, p. 91-96) nos diz que as inferências realizadas frequentemente a partir do contexto¹²³ podem tornar-se parte do significado de expressões ou construções e, dessa forma, "não há uma divisão clara entre os aspectos do significado que são derivados do contexto e os que são inerentes ao item lexical ou construção". Além disso, o significado "é sempre situado no contexto" que é determinado social e cognitivamente.

É consenso entre os autores citados que a frequência de uso é que vai levar à convencionalização da expressão idiomática. De acordo com os pressupostos de Bybee (2016), quando uma cadeia de palavras é utilizada junta, de forma frequente, ela desenvolve a relação sequencial de *chunking*. Os *chunks* podem ser de diversos tamanhos, de morfemas a provérbios e são acionados pela repetição, o que contribui tanto para sua compreensão quanto para a produção. De acordo com Bybee (2016, p. 66), "todos os tipos de expressões convencionalizadas, das pré-fabricadas às idiomáticas e às construções, podem ser considerados *chunks* para fins de processamento e análise".

O fato de ser não composicional não implica que uma EI ou uma expressão pré-fabricada não possa ser analisável, isso porque a analisabilidade e a composicionalidade são medidas distintas, sendo a analisabilidade uma noção sutil "[...] que não se refere à complexidade intrínseca de uma estrutura, mas sim à consciência das pessoas sobre certos aspectos dessa complexidade"¹²⁴ (LANGACKER, 1987, p. 457). Enquanto a analisabilidade está associada à contribuição que cada estrutura componente faz para o todo composto, a composicionalidade está relacionada ao grau em que o valor do todo é previsível a partir dos valores de suas partes (Langacker, 1987, p. 448), como já discutido no capítulo 2.

¹²³O contexto no presente trabalho é concebido como sendo parte constituinte e constituído no processo de interação, que integra [...] duas entidades que se justapõem: um evento focal e um campo de ação no qual o evento se desenrola. Esses eventos englobam diversas dimensões, como a situação de enunciação [...], recursos extralinguísticos; [...] Os próprios atos de fala ou textos já produzidos [...] os conhecimentos de mundo compartilhados entre os participantes e a situação que ultrapassa o evento local. (KOCH E CUNHA-LIMA, 2004, p. 288).

¹²⁴The notion of analyzability is subtle. It does not refer to the intrinsic complexity of a structure, but rather to person's awareness of certain aspects of this complexity.

Cabe destacar que a maioria das expressões, mesmo as composicionais, possuem um significado convencionalizado mais específico do que seu valor composicional, como aponta Langacker (1987, p. 455) ao afirmar que:

praticamente todas as expressões linguísticas, quando construídas pela primeira vez, são interpretadas com referência a um contexto situacional ricamente especificado, e grande parte desse contexto é retido à medida que se aglutinam para formar unidades estabelecidas¹²⁵.

Dessa forma, nem toda sequência de palavras cujo significado é mais abrangente que a simples soma de suas partes constituintes pode ser considerada uma “expressão idiomática”. A esse respeito, Urbano (2018, p. 20) nos diz que “entre as expressões idiomáticas típicas e expressões de vários outros tipos, abre-se muitas vezes um campo contínuo sem fronteiras nítidas, em que muitas expressões podem ser consideradas apenas ‘parcialmente’ figuradas ou idiomáticas.”

Segundo o autor, a sequência “*matar a sede*” seria menos idiomática do que “*matar o tempo*”, uma vez que o sintagma nominal ‘sede’ “mantém o sentido literal, diferentemente de matar o tempo, em que ambas as palavras jogam com sentidos figurados” (URBANO, 2018, p. 20). Bybee (2016) considera as sequências de palavras que funcionam como uma única unidade como expressões pré-fabricadas “*prefab*”. No entanto, destaca que as “expressões idiomáticas” constituem um tipo mais específico, uma vez que seu significado em geral depende de metáfora, metonímia ou hipérbole.

Diante do exposto, entendemos que as construções idiomáticas fazem parte de um conjunto maior de construções que pode abarcar unidades linguísticas que não são reconhecidas como idiomáticas. Além disso, conforme Urbano (2018, p. 19) destaca, o termo ‘idiomático’ não é de aceitação conceitual pacífica. Por isso, neste trabalho, nos referimos às construções mais próximas do polo lexical identificadas no *corpus* com o verbo **cortar** como construções substantivas, sejam elas reconhecidas e registradas como idiomáticas ou não.

¹²⁵Virtually all linguistic expressions, when first constructed, are interpreted with reference to a richly specified situational context, and much of this context is retained as they coalesce to form established units

Adotamos a caracterização dada por outros autores às construções idiomáticas e definimos as construções substantivas com **cortar** identificadas no *corpus* como unidades linguísticas convencionalizadas que podem ser consideradas *chunks independentes* para fins de processamento e análise, cujo significado não é previsível a partir da soma de suas partes constituintes, envolvendo em geral metáfora, hipérbole ou metonímia. Essas unidades podem ser analisáveis e admitem, de certa forma, variação [conf. Langacker (1977, 1987), Goldberg (2006), Bybee (2016) e Urbano 2018].

Como vimos no capítulo 5, os itens lexicais que compõe essas construções, verbo **cortar** + item lexical, podem também ser instanciados em outras construções numa associação livre para a qual emerge um significado mais composicional.

Observamos em nosso *corpus* que nem todas as construções substantivas formadas com o verbo **cortar** seguida de complemento possuem o mesmo grau de composicionalidade, o que nos leva a postular a existência de um *continuum* para a distribuição das mesmas, conforme figura 23.

Figura 23 - *Continuum* de composicionalidade



Fonte: *continuum* proposto pela autora com base em Langacker (1987).

Como mencionado no capítulo 6, seção 6.2, para distribuir as construções nesse *continuum*, observamos no processo de análise possibilidades de alteração na forma que podem indicar um maior grau de analisabilidade, assim como de composicionalidade, uma vez que as partes internas da construção podem ser mais facilmente reconhecidas em separado. Essas

possibilidades de alteração são: i) a possibilidade de topicalizar o sintagma nominal complemento do verbo **cortar**; ii) a possibilidade de substituição do determinante que antecede o sintagma nominal; iii) a possibilidade de inserção de itens lexicais entre o verbo e o nome.

Quanto ao significado, verificamos o grau de transparência, entendido neste trabalho como a possibilidade de reconhecer, de alguma forma, a contribuição do significado mais básico associado aos itens lexicais para o significado da construção, assim como os processos cognitivos envolvidos, que podem indicar um maior ou menor grau de analisabilidade e composicionalidade.

Nas próximas subseções, abordamos cada uma das construções, salientando que o quadro resumido com a distribuição do verbo **cortar** só será apresentado para a construção que apresentou um número de ocorrências acima de 05 em pelo menos uma das modalidades. A seguir, focalizamos a construção ‘cortar (o) ponto’.

7.2.1 Cortar (o) ponto

Num primeiro momento tivemos dúvidas se essa sequência de palavras deveria ser considerada uma construção substantiva ou se deveria ser analisada como mais um caso de instanciação do verbo **cortar** na Construção Transitiva de Afetação para o qual emerge a acepção ‘descontar’. Para subsidiar essa discussão, apresentamos o excerto em 107.

107) **Temer vai cortar ponto de servidor**

O presidente Michel Temer decidiu que cortará o salário dos servidores que participarem da greve geral convocada para amanhã [...]. (A Gazeta, 27/04/2017 - Economia, p. 26, grifos nossos).

Nesse exemplo, o significado que emerge para o verbo **cortar** seguido do sintagma nominal ‘ponto’ pode ser descrito como ‘descontar percentual referente a dia de trabalho do salário mensal’, que é ratificado pela segunda ocorrência do verbo **cortar** no texto. Destacamos que

não identificamos nos dicionários pesquisados registro de ‘cortar o ponto’ como expressão. Observe que em 107, ‘cortar o salário’ não pode ser interpretado como ‘reduzir o salário’, uma vez que a redução de salário implica em uma consequência que afetará de forma permanente o salário, enquanto o ‘desconto’ é pontual e gradativo, como podemos observar em 108.

108) O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), decidiu cortar por inteiro o salário de Maluf, que começou a cumprir pena na última quarta-feira. (A Gazeta, 22/12/2017 – Política, p. 16 – grifo nosso).

Na modalidade oral, identificamos duas ocorrências nas quais emerge esse significado para o verbo **cortar** conforme podemos observar em 109.

109) Entrevistador: Essa última greve do correio que teve, o senhor sabe pelo que que eles tavam lutando se foi boa, foi bom ter feito essa greve?

Informante: Olha, nós nunca fizemo uma greve que desse bem. Teve uma vez que nós fizemos uma greve que eu tava em Carapina nessa época. É: nessa época eu fui... eu/nós paramos/eu parei. Só que não restou em nada. Restou três dias perdido. Eles cortaram nosso dia, entendeu? Foi considerado ilegal. A vez passada eu parei. Fiquei... o tempo que a greve permaneceu eu parei.

Entrevistador: Durou um tempão, né?

Informante: É.

Entrevistador: Foi semanas, quase um mês.

Informante: Só que nós ganhamo/eu não/hoje eu até tava comentado isso. Eles não descontaram o dia. Não cortaram nada nosso, tá? (Excerto retirado de entrevista do Portvix, célula 17, grifos nosso).

Nesse caso, o sintagma nominal que segue o verbo **cortar** é ‘dia’, o que parece indicar que ‘ponto’ pode ser interpretado, na sequência ‘cortar o ponto’, como percentual de remuneração equivalente ao total de horas correspondente a um dia de trabalho. Na segunda ocorrência temos uma generalização por meio do pronome indefinido ‘nada’ que destaca que a greve não acarretou consequências financeiras.

Na modalidade escrita, foram 14 ocorrências, cuja distribuição apresentamos na tabela 19.

Tabela 19 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração construção substantiva ‘cortar o ponto’ na modalidade escrita.

Número de ocorrências: 14	Valor percentual: 1,51% do total
Distribuição da forma verbal	Distribuição do tempo verbal

Flexionado	02	Presente	03
Infinitivo	04	pretérito imperfeito	03
Gerúndio	0	pretérito perfeito	0
Particípio	08	futuro do pretérito	0
Distribuição do modo verbal:		Futuro	08
Indicativo	14	pretérito mais que perfeito	0
Imperativo	0		
Subjuntivo	0		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre			
Oração principal			01
Oração subordinada substantiva objetiva direta			11
Oração coordenada aditiva			01
Oração subordinada adverbial condicional			01
TOTAL			14

Fonte: a autora.

Nos casos em que emerge o significado ‘descontar percentual referente a dia de trabalho do salário mensal’ para o verbo **cortar**, o sintagma nominal associado ao agente diz respeito a chefes em geral. Em relação ao paciente, a palavra 'ponto' é utilizada de forma majoritária, de um total de 16 ocorrências (nas duas modalidades), ela ocorre em 75% dos casos. Isso nos leva a crer que 'cortar o ponto' pode ser considerado um *chunk independente*, uma sequência de palavras que é mais facilmente acessada e reconhecida como um todo. Embora não tenhamos identificado registro dessa sequência nos dicionários pesquisados, acreditamos que o valor do todo é menos previsível a partir do valor de suas partes constituintes e, por isso, trata-se de uma construção substantiva. No *corpus*, ‘cortar o ponto’ ocorre predominantemente em textos que tratam de política, sendo algumas ocorrências identificadas em textos que tratam de greves e manifestações.

Observamos que a topicalização do sintagma nominal acarretaria problemas na estrutura da sentença, como podemos observar no teste a seguir:

Teste 1) *¹²⁶ “Temer vai ponto cortar de servidor”.

Só identificamos a inversão entre o sintagma nominal e o verbo com a coocorrência da Construção Resultativa com o verbo ‘ter’, utilizada em 08 das 12 ocorrências, que fornece uma estrutura informacional alternativa da sentença, topicalizando o ‘possuidor’ do ponto, os policiais, como podemos observar em 110:

110) Os policiais que participaram do movimento vão ter seus pontos cortados nos dias não trabalhados, o que causará impacto em seus salários [...]. (A Gazeta, 15/02/2017 – Cidades, p. 10, grifo nosso).

A Construção ‘cortar o ponto’ não permite a substituição do artigo definido pelo indefinido, sem implicar alterações no significado, porém aceita a substituição do determinante pelo possessivo, “seus pontos cortados”, como vimos em 110. Não identificamos nenhum exemplo de inserção de itens lexicais entre o verbo e o nome no *corpus*, tampouco em busca rápida realizada na internet. No entanto, a aplicação de teste com essa finalidade parece não acarretar problemas na estrutura da sentença, como podemos observar a seguir:

Teste 2) “Temer vai cortar enfim o ponto dos servidores que faltarem ao trabalho”.

Todavia tal inserção parece exigir um contexto bem específico para tornar-se aceitável, como o de uma longa batalha entre governo e servidores sobre o assunto. Em relação ao significado, a contribuição do verbo **cortar**, em seu sentido mais básico, não nos parece clara, levando-nos a crer que há um esvaziamento semântico desse verbo na construção. Parece-nos que o significado metafórico possa ter como base a acepção ‘reduzir’ associada ao verbo **cortar**. Quanto ao sintagma nominal, de acordo com Borba (2002, p. 1233), uma das acepções atribuídas ao mesmo é “livro, cartão, folha, onde se registra a entrada e saída diária do trabalho”. Dessa forma, um dos usos concretos associado ao nome, serve de base para a projeção metafórica.

¹²⁶ A presença do asterisco antes da sentença indica que há problemas em sua estruturação.

Toda a sequência parece refletir a metáfora TEMPO É DINHEIRO (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 51, destaque dos autores). De acordo com os autores, essa metáfora está associada ao conceito que se desenvolveu na cultura ocidental moderna “em que o trabalho é normalmente associado ao tempo que toma, ele é quantificado com precisão, tornou-se hábito pagar as pessoas pela hora, semana, mês ou ano”. Ao concebermos o ‘ponto’ como uma entidade capaz de regulamentar o dia de trabalho, somos capazes de lidar de forma mais racional com ela e, dessa forma, agir sobre ela, como indicam as construções ‘cortar (o) ponto’ e ‘bater o ponto’.

Não encontramos indícios no *corpus*, tampouco em nosso conhecimento de mundo, de que ‘cortar (o) ponto’ seja utilizada em outros contextos além daqueles relacionados a ausências do trabalho, ou seja, o contexto de uso é mais restrito, ao contrário do que ocorre, por exemplo, com 'bater o ponto', que, segundo Urbano (2018, p, 251, grifos do autor) significa "ir a um lugar habitualmente fazer algo, fazer sexo com a esposa. Depois de uma viagem longa, a primeira coisa que fez foi bater o ponto com a esposa saudosa".

A construção em tela pode ser representada da seguinte forma: [[cortar + (o)¹²⁷ ponto] ↔ [descontar percentual referente a dia de trabalho do salário mensal]]. O significado da construção foi proposto por nós com base na análise do *corpus*. Na sequência, apresentamos a construção ‘cortar (o) caminho’.

¹²⁷ Os parênteses indicam que o item lexical não é obrigatoriamente instanciado no construto.

7.2.2 Cortar (o) caminho

Identificamos 05 ocorrências com ‘cortar caminho’ na modalidade escrita e 02 na modalidade oral, sendo que, nessa última, as duas ocorrências estão em uma única entrevista, cujo excerto transcrevemos a seguir¹²⁸.

111) [...]

Entrevistador: eu não sabia não que ali não saia na Serra ...

Informante: sai sai ... você sai lá em Rio Bonito ...

Entrevistador: em Fundão ...

Informante: é em Fundão ... em Fundão depois sai na Serra ...

Entrevistador: eu sei que eles falam naquela fazen::da ali do :: ... do B. ... ali em algum lugar eu sei que vaza lá:: no meio desses canto aí não sei se é Fundã::o ...

Informante: é que de Santa Leopoldina pra baixo ali:: .. Colina Verde você entrando ali sai perto da Serra também

Entrevistador: ah sim eu passei uma vez lá ... sai lá no contorno eu acho ...

Informante: isso pra baixo::... perto do Posto Fiscal:: também tem uma entrada que sai da Serra também ...

Entrevistador: tem muita gente que corta caminho ...

Informante: corta caminho ...

Entrevistador: só que é só estrada de chão né? ... (Excerto de entrevista retirado do *corpus* de Santa Leopoldina, célula 25 – grifos nosso).

Em nossos dados, o complemento do sintagma nominal não estava precedido do artigo definido ‘o’, como podemos observar no exemplo a seguir, retirado da modalidade escrita.

112) Motorista que invadiu posto vai se apresentar à polícia hoje

Em alta velocidade, o condutor não obedeceu a ordem de parada dos policiais e fugiu, no sentido Praia de Camburi.

Com o fluxo de veículos menor no sentido Centro de Vitória, o motorista tentou cortar caminho por dentro do posto, para fugir. [...]. (A Gazeta, 02/02/2017 - Cidades, p. 15, grifo nosso).

Todavia, Urbano (2018) registra a possibilidade de alternância entre essas duas formas, como também demonstram os exemplos 113 e 114:

¹²⁸ Embora não seja usual a utilização de dados do entrevistador, optamos por considerá-los no presente trabalho, uma vez que o *corpus* do qual faz parte não teve nenhum envolvimento da autora do presente trabalho, assim como nenhuma pretensão de identificar usos do verbo **cortar** por parte dos entrevistadores responsáveis por sua composição.

113) “Cortar o caminho, mudar de rumo ou retornar, as vezes é melhor do que seguir e perder-se numa obscuridade sem volta!”¹²⁹

114) “To atrasadão vou cortar o caminho!”¹³⁰

Essa construção não permite a topicalização do sintagma nominal, a substituição do determinante, tampouco a inserção de itens lexicais. Os testes a seguir, demonstram que tais alterações na forma implicariam mudança de significado ou problemas na estrutura da sentença.

Teste 1) * O caminho ele vai cortar.

Teste 2) Ele vai cortar *um* caminho [cortar = atravessar].
Ele vai cortar *seu* caminho [cortar = atravessar].

Teste 3) * Ele vai cortar *de vez* caminho.

Essa construção pode ser representada da seguinte forma [[cortar + (o) caminho] ↔ [utilizar atalho para encurtar o espaço a vencer]]¹³¹. A impossibilidade de alterações na forma não inviabiliza o reconhecimento de certa contribuição do verbo para a construção, pois ‘encurtar/reduzir’ é um significado que emerge para o verbo **cortar** em contextos concretos de uso, quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação, como vimos no presente capítulo. O mesmo pode ser dito em relação ao sintagma nominal, haja vista que entre os usos concretos registrados para ‘caminho’ constam “[...]1 qualquer faixa de terreno destinada ao trânsito; estrada; [...] 4 espaço em que se caminha; distância [...]” (BORBA, 2002, p. 265). Porém, o significado do todo envolve uma projeção metafórica do verbo **cortar**, uma vez que não ocorre nenhum tipo de modificação no ‘caminho’, o trajeto original (A) que o indivíduo percorreria se não optasse por uma rota alternativa, um atalho, o trajeto (B), ou seja, o caminho não será, e nem poderia ser, cortado concretamente.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 170), concebemos os caminhos como superfícies “(imagine um tapete desenrolando-se à medida que você caminha, criando, assim, um

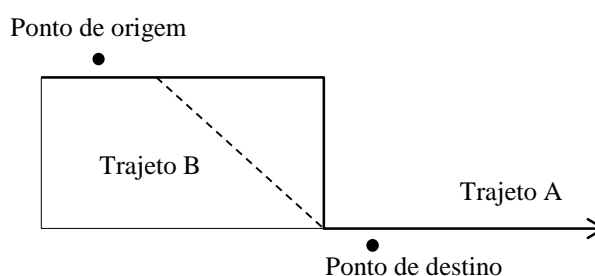
¹²⁹ Fonte: <https://www.pensador.com/frase/OTQ2OTg2/>

¹³⁰ <http://www.videosnowhats.com/zap/to-atrasadao-vou-cortar-o-caminho!/>

¹³¹ significado proposto por Urbano (2018).

caminho atrás de você)”. Acreditamos que a Construção idiomática ‘cortar (o) caminho’ pode levar-nos a: i) realizar uma demarcação física¹³² do trajeto original (A), o caminho que seria percorrido normalmente, concebendo-o como um recipiente com uma orientação dentro-fora; ii) em seguida, por meio do esquema trajetória, a conceptualizar o ‘atalho’, o caminho alternativo que ‘atravessa’ o caminho associado ao trajeto original, como uma área de corte nessa superfície, como sugere a figura 24.

Figura 24 - Processo de conceptualização de ‘atalho’ como área de corte associado à Construção idiomática ‘cortar caminho’.



Fonte: a autora.

A linha contínua grossa representa o trajeto original (A), a linha pontilhada, o atalho (B), e a linha contínua fina, os limites impostos pela demarcação projetada metaforicamente (que concebe o trajeto original como um recipiente com orientação dentro-fora). Ao optar pelo trajeto B, reduzimos não o caminho, mas o deslocamento espacial. Apesar do significado dessa construção idiomática envolver um dos significados que emerge para o verbo **cortar** quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação, ‘reduzir/encurtar’, ela é motivada pela Construção de Movimento Transitiva e, dessa forma, a ação que o agente realiza não envolve a afetação de um paciente, mas um movimento e todos esses significados são incorporados na projeção metafórica, ou seja, o ‘caminho’ é reduzido pelo movimento que o agente realiza.

¹³² A esse respeito, cabe lembrar que segundo Lakoff e Johnson (2002), temos a necessidade de impor fronteiras, ou seja, demarcar fisicamente, graças ao instinto da territorialidade.

Em nosso *corpus*, essa construção foi utilizada para se referir a um caminho físico. Todavia, o sintagma nominal ‘caminho’ pode representar qualquer tipo de distância, ou seja, etapas a serem vencidas para que um determinado objetivo seja alcançado, ampliando os contextos de uso, como vimos em 113, assim como na crônica intitulada “Cortando caminho”, que transcrevemos a seguir:

Trânsito parado, atrasado para a reunião, olho para o cruzamento à direita pensando numa alternativa de cortar caminho e reduzir meu atraso.
Cortar caminho. Tem hora que é a única alternativa que resta para não perder mais tempo. Enquanto a gente pensava em cortar caminho apenas dos nossos trajetos de ir e vir, tudo bem, racionalizar sempre é bom. Mas parece que estamos nos especializando na “cultura” do corte de caminho. Cabral foi o primeiro que pensou em cortar e caiu aqui. O Xará dele está preso de tanto cortar caminho, sangrar as contas públicas e encher o bolso.
Cortar caminho nos estudos, na escalada profissional, nas conquistas pessoais, até mesmo nos games que jogamos nas horas vagas.
 Em uma maratona de Sioux, EUA, um sudanês venceu a prova quebrando o recorde do percurso. Venceu? Não. Os fiscais desconfiaram do tempo da prova, checaram e descobriram que ele cortou caminho. Vitória cancelada [...] (CASTANHARI JÚNIOR, 2017).

As reflexões instauradas pelo autor da crônica vão ao encontro da constatação de Lakoff e Johnson (2002) de que a metáfora está entranhada na forma como pensamos e agimos e, portanto, na linguagem.

Na próxima subseção, apresentamos a construção ‘cortar as asas’.

7.2.3 Cortar as asas

Identificamos apenas uma ocorrência com a instanciação da construção ‘cortar as asas’ que demonstra a possibilidade de substituição do determinante do sintagma nominal pelo possessivo, como podemos observar em 115.

115) FALA, LEITOR

A pergunta

O que você acha que vai mudar nas relações dos Estados Unidos com o mundo, principalmente o Brasil, com a posse de Donald Trump?

[...] O Congresso, mesmo sendo fortemente republicano, saberá amenizar suas bravatas, vai deixá-lo brincar de presidente malvado, mas pode cortar suas asas se necessário. [...]. (A Gazeta, 23/01/2017 - Bom dia, p. 2, grifo nosso).

Os testes a seguir indicam que ela não permite a substituição do determinante pelo artigo indefinido, mas aceita a topicalização do sintagma nominal.

Teste 1) O Congresso [...] vai deixá-lo brincar de presidente malvado, mas pode suas asas cortar se necessário.

Teste 2) * O Congresso [...] vai deixá-lo brincar de presidente malvado, mas pode cortar uma asa se necessário.

O exemplo de topicalização encontrado no uso envolve o aspecto resultativo numa sentença estativa, como podemos observar em 116:

116) Com as asas cortadas

05/08/2017 - O Congresso americano impõe sanções contra a Rússia e reduz o poder de atuação de Trump em política externa.¹³³

Essa construção parece permitir a inserção de itens lexicais, como podemos observar no teste 3:

Teste 3) O Congresso pode cortar de vez as asas do presidente.

As possibilidades de alteração na forma indicam que as partes constituintes dessa construção são mais analisáveis se comparada a ‘cortar caminho’, por exemplo. Podemos reconhecer a contribuição da semântica do verbo para a construção, uma vez que na construção substantiva, o uso metafórico do verbo **cortar** pode ter como base o resultado obtido a partir do uso concreto desse verbo associado ao mesmo sintagma nominal, como podemos observar no exemplo retirado de um manual disponibilizado na internet intitulado "Como cortar as asas de uma galinha".¹³⁴

Na associação livre entre o verbo **cortar** e o sintagma nominal ‘asas’, instanciados na Construção Transitiva de Afetação, no exemplo anterior, temos uma situação em que um

¹³³ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/revista-veja/com-as-asas-cortadas>. Acesso em: 01/10/2019.

¹³⁴ Disponível em: <https://pt.wikihlow.com/Cortar-as-Asas-de-uma-Galinha>. Acesso em: 08/08/2019.

agente, ao realizar o corte físico das asas de um pássaro, limita o alcance de voo do mesmo, evitando que o animal fuja de determinado lugar, fazendo emergir para o verbo **cortar** o significado ‘aparar, tirar parte de, reduzir de tamanho’. Essa cena concreta possivelmente serve de base para a projeção metafórica do significado verbal na construção substantiva que pode ser representada como segue: [[cortar + as asas] ↔ [tirar a liberdade de ação]]¹³⁵.

O sintagma nominal ‘asa’, que em seu significado mais básico designa “membro das aves guarnecido de penas” (BORBA, 2002. p. 407), é reinterpretado como uma entidade que estrutura um conceito abstrato, a liberdade. Essa interpretação não está restrita à construção ‘cortar as asas’, mas pode ser identificada também na construção ‘bater (as) asas’, cujo significado é “fugir, desaparecer” (URBANO, 2018, p. 61). Acreditamos que a associação entre ‘asas’ e ‘liberdade’ faça parte de nossa cultura e nos ajuda a lidar com algumas situações, como o aprisionamento e, possivelmente existe em nosso sistema conceitual a metáfora ‘ter asas é ter liberdade’.

Essa construção pode ocorrer em diferentes contextos, como, por exemplo, para tratar de:

- i) relações políticas, como identificado no *corpus*;
- ii) relacionamentos amorosos, como nos versos da música Ciumeira¹³⁶, “Vou cortar as suas asas / Seu molequinho magrelo / Namorado do seu tipo / Eu acabo é no seu chinelo”;
- iii) relacionamentos entre pais e filhos:
 “A criança não deve ser controlada, porque educar não é asfixiar e nem mesmo cortar as asas de nossos filhos que, no dia de amanhã, devem ser adultos capazes de tomar decisões e serem responsáveis pelas suas vidas”.¹³⁷
- iv) enfim, de relacionamentos de forma geral: “se você cortar as minhas asas, eu usarei a vassoura, mas vou voar”¹³⁸.

¹³⁵ Não encontramos registro dessa construção em Urbano (2018), por isso, o significado atribuído à construção em tela foi retirado do dicionário *online* Michaelis (2018).

¹³⁶ Canção gravada por Sandy e Júnior. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/sandy-e-junior-musicas/339287/>. Acesso em: 15/10/2019.

¹³⁷ Disponível em: <https://www.asomadetodosafetos.com/2016/07/a-superprotecao-e-um-modo-de-dar-ao-mundo-filhos-infelizes.html>. Acesso em: 15/10/2019.

¹³⁸ Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/cortar-as-minhas-asas-vou-voar/>. Acesso em: 15/10/2019.

Em 7.2.4, apresentamos a construção substantiva com o maior número de ocorrências identificadas no *corpus*, ‘cortar na (própria) carne’.

7.2.4 Cortar na (própria) carne

Conforme Urbano (2018) registra, essa construção permite uma alternância entre ‘cortar na carne’ e ‘cortar na própria carne’. No *corpus*, identificamos 21 ocorrências, todas na modalidade escrita, sendo 12 com a presença do adjetivo. Em nossos dados, essa construção ocorre predominantemente em textos que tratam de política. A seguir, apresentamos a distribuição do verbo **cortar** na construção.

Tabela 20 - Distribuição do verbo **cortar** de acordo com o modo, tempo e forma verbal e tipo de oração na construção substantiva ‘cortar na carne’ na modalidade escrita.

Número de ocorrências: 21		Valor percentual: 2,27% do total	
Distribuição da forma verbal		Distribuição do tempo verbal	
Flexionado	08	Presente	13
Infinitivo	09	pretérito imperfeito	0
Gerúndio	04	pretérito perfeito	05
Particípio	0	futuro do pretérito	01
Distribuição do modo verbal:		Futuro	02
Indicativo	17	pretérito mais que perfeito	0
Imperativo	0		
Subjuntivo	04		
tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre			
Oração principal			04
Oração subordinada substantiva subjetiva			01
Oração subordinada substantiva predicativa			01
Oração subordinada substantiva completiva nominal			02
Oração subordinada substantiva objetiva indireta			03
Oração subordinada substantiva apositiva			01
Oração subordinada adverbial final			02
Oração subordinada adverbial modal			04
Oração coordenada aditiva			01
Oração coordenada adversativa			01
Oração subordinada adverbial condicional			01
TOTAL			21

Fonte: a autora.

O número de ocorrências do verbo **cortar** identificadas nessa construção (21 ocorrências) não representa um valor percentual relevante se comparado ao número total de ocorrências identificadas no *corpus*, apenas 2,27% do total. Todavia, cabe ressaltar que esse número confere à construção ‘cortar na (própria) carne’ o maior valor percentual de ocorrências entre as construções substantivas com **cortar** identificadas no *corpus*, 38,88%, como veremos adiante. Na tabela 20, podemos observar que há uma prevalência do aspecto imperfectivo no uso desse verbo nessa construção.

Essa construção não admite a substituição do determinante pelo artigo indefinido, sem implicar em alterações no significado, mas poderia admitir o possessivo em determinados contextos, como podemos observar nos testes 1 e 2 apresentados a seguir. O teste 3 indica que essa construção não permite a topicalização do sintagma nominal.

Teste 1) * O clima no Congresso não é dos melhores para ‘cortar uma carne’

Teste 2) O clima no Congresso não é dos melhores para ‘cortar na sua própria carne’.

Teste 3) * O clima no Congresso não é dos melhores para ‘na carne cortar’.

Não identificamos no *corpus* nenhuma coocorrência com construções que pudessem fornecer uma estrutura informacional da sentença, como a passiva e a resultativa com o verbo ‘ter’. O exemplo em 117 demonstra a possibilidade de inserção de itens lexicais e, em 118, podemos observar a pluralização do sintagma nominal.

117) [...] “Lula e Aécio não conseguem se reerguer para disputar a Presidência em 2018. Estarem os dois no mesmo balaio das investigações da Lava Jato acaba com o racha entre duas trincheiras que dividem o país. Isso acabou, e agora tem de vir a solução política”. Só que ninguém garante estar vivo no dia seguinte para cortar, de véspera, na própria carne em nome de acordos suprapartidários. E segue o baile... (A Gazeta, 20/06/2017 – Política, p. 25, grifo nosso).

118) Eunício pede apuração "profunda e sem vaziar"

O presidente do Senado Eunício Oliveira (PMDB-CE), defendeu que as investigações relacionadas às delações da JBS sejam profundas e cortem "na carne" de quem praticou "atos adversos". [...] "Quando aconteceram as primeiras delações, eu vim dizer que era contra os vazamentos. [...] Espero que as investigações sejam verdadeiramente aprofundadas. E se tiver que cortar, que corte nas carnes de quem praticou atos adversos à moral e à boa prática pública", afirmou o senador. (AE). (A Gazeta, 06/09/2017 – Política, p. 21, grifo nosso).

Em relação ao significado da construção, podemos reconhecer uma parcela de contribuição do verbo **cortar** e do sintagma nominal, uma vez que um dos usos concretos registrados por Borba (2002, p. 286) para ‘carne’ é “o corpo; o físico”. Tanto o verbo como o sintagma nominal podem ser invocados em sentenças que descrevem cenas de automutilação, como em 119:

119) BALEIA AZUL: MAIS CASOS EM INVESTIGAÇÃO

[...] "Eles se cortam no próprio quarto ou na escola, escondido." (A Gazeta, 26/04/2017 - Cidades, p. 41, grifo nosso).

O excerto apresentado descreve as consequências de um dos desafios impostos no jogo conhecido como Baleia Azul, que teve grande repercussão em 2017 em função da morte de adolescentes associadas ao mesmo. Esse jogo induz os participantes a praticarem desafios que acarretam sacrifícios que vão desde assistir filmes de terror, passando pela automutilação, até a sugestão de suicídio. No exemplo apresentado, o verbo **cortar** é instanciado na Construção Transitiva de Afetação e os agentes envolvidos efetuam um corte físico no próprio braço, no tecido muscular do seu corpo, submetendo-se ao sacrifício imposto pelo jogo, fazendo emergir para o verbo **cortar** o significado ‘ferir/mutilar’. Cenas concretas como a descrita servem de base para a projeção metafórica do significado da construção substantiva em tela.

Na Construção substantiva ‘cortar na (própria) carne’, o agente que está envolvido na ação não realiza nenhum corte físico, mas precisa tomar medidas que lhe afetam ou ao grupo ao qual pertence, como a redução das próprias despesas por parte do governo, como identificado no *corpus*. Dessa forma, o sintagma nominal é reinterpretado como uma entidade, um organismo, um corpo, do qual o agente do verbo **cortar** faz parte. A ação que o verbo denota, nos contextos em que essa sequência ocorre, é considerada extremamente necessária pelos interlocutores para que a situação envolvida possa ser resolvida, uma vez que o sacrifício realizado serve como exemplo. Isso atribui à sequência uma conotação positiva, dando origem a um novo par de forma e significado [[cortar + na (própria) carne] ↔ [submeter-se a sacrifícios ou restrições para dar exemplo]].

Parece-nos que essa construção ocorre, em geral, em textos que tratam de política e economia, como vimos na análise do *corpus* e em buscas realizadas na internet, todavia, ela também

pode ocorrer em outros contextos que envolvam relações de poder, como podemos observar em 120 e 121.

120) O inimigo era outro

“Quem quer rir tem que fazer rir”, dizia o corrupto sargento Rocha, em "Tropa de Elite 2". Na obra, após ser promovido a subsecretário de Segurança do Rio de Janeiro, o coronel Nascimento consegue o improvável: eliminar o tráfico de drogas! Nascimento imaginava que, assim, a paz estaria garantida. Foi aí, então, que descobriu que o verdadeiro inimigo era outro. [...]Eis, então, que a vida imitou a arte e, sete anos após o filme, uma megaoperação reuniu 800 agentes e 110 delegados na última quinta para prender 96 PMs varejistas do crime no Rio. [...].

Cortar na própria carne: essa é a necessidade em todos os espaços de poder e política no Brasil de hoje. A cadeia alimentar social é grande, o topo é estreito e a mente é a principal riqueza a ser dominada. [...]. (A Gazeta, 01/07/2017 – Opinião, p. 15, grifos nosso).

121) O ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, classificou como “lamentável e triste incidente” a ação de militares no Rio de Janeiro que resultou em 80 disparos contra um veículo onde estava uma família. “Lamentável incidente. Foi um incidente, vamos apurar e cortar na própria carne”, disse o ministro durante audiência pública na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara dos Deputados.¹³⁹

Na sequência, focalizamos a construção ‘cortar o cordão umbilical’.

7.2.5 Construção ‘cortar o cordão umbilical’

Identificamos apenas duas ocorrências com essa construção, ambas na modalidade escrita, uma apresentada no capítulo 5 e a outra transcrita no excerto 122.

122) Gandini, a aposta de Luciano

Politicamente gerado no útero de Luciano, Gandini também terá o desafio de criar vida política própria e cortar o cordão umbilical, mas sem renegar a identidade genética com o prefeito.[...]. (A Gazeta, 24/02/2017 - Política, p. 26, grifo nosso).

¹³⁹ Disponível em: <https://www.montedo.com.br/2019/04/10/vamos-apurar-e-cortar-na-propria-carne-diz-ministro-sobre-musico-morto-no-rio/>. Acesso em: 15/10/2019.

A topicalização do sintagma nominal, que ocorre em 106, se dá pela coocorrência com a Construção Passiva. Não conseguimos encontrar no uso a topicalização do sintagma nominal na ativa e tampouco nos parece intuitivamente usual, como sugere o teste 1:

Teste 1) * Gandini também terá o desafio de criar vida política própria e o cordão umbilical cortar.

Essa construção não admite a substituição do determinante pelo artigo indefinido, sem que ocorra alteração no significado, e parece não aceitar a alternância com o possessivo, como sugerem os testes 2 e 3:

Teste 2) * Gandini também terá o desafio de criar vida política própria e cortar um cordão umbilical.

Teste 3) * Gandini também terá o desafio de criar vida política própria e cortar seu cordão umbilical.

Todavia, outro tipo de alteração na forma é possível, a inserção de item lexical, como podemos visualizar no exemplo a seguir.

123) Os homens precisam cortar de vez o cordão umbilical que os unem as suas mães e caírem na realidade!¹⁴⁰ (grifo nosso).

Em relação ao significado, podemos reconhecer a contribuição do verbo **cortar** e do sintagma nominal como base para a projeção do significado metafórico da construção. Como demonstrado anteriormente, os dois itens lexicais também são instanciados na Construção Transitiva de Afetação, evocando um uso concreto, fazendo emergir para esse verbo seu significado mais básico ‘dividir/separar’. De acordo com Meldau (2019), “o cordão umbilical consiste em um anexo encontrado exclusivamente nos mamíferos que permite a comunicação entre o feto e a placenta”¹⁴¹, sendo o responsável pelo transporte de nutrientes e pelas trocas gasosas entre a mãe e o feto que garantem a oxigenação. O cordão umbilical é necessariamente cortado após o parto, rompendo a simbiose inicial entre mãe e filho, ou seja,

¹⁴⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=EaNmEqPqFkA9>

¹⁴¹ Esta é a primeira acepção registrada por Borba (2002, p. 407), indicando ser o uso mais recorrente do sintagma nominal.

o laço físico. Porém, isso não significa completa autonomia, pois sabemos que uma criança não terá chances de sobreviver se não receber cuidados de um adulto, seja a mãe ou não.

Para além das questões biológicas, em geral, os laços existentes entre pais e filhos surgem na gestação e se intensificam após o nascimento. As etapas de separação também, como a interrupção da amamentação, o início da vida escolar, entre outros, e, por fim, a independência financeira. Porém, em alguns casos, esse processo de separação não ocorre como deveria e muitos continuam dependentes mesmo na vida adulta, seja em termos financeiros ou emocionais.

Na Construção substantiva ‘cortar o cordão umbilical’, o sintagma nominal é reinterpretado como uma entidade que estrutura um conceito abstrato, a dependência emocional. Cabe ressaltar que esse elo de ligação, esse laço, não é visto positivamente, o que confere à construção uma conotação positiva e gera um novo par de forma e significado [[Cortar + o cordão umbilical] ↔ [amadurecer, eliminar vínculos que tornam uma pessoa dependente da outra]].

Parece-nos que essa construção é utilizada principalmente em contextos que tratam desse processo de dependência entre pais e filhos, como vimos no exemplo 122. O autor do texto que trata de questões políticas refere-se ao então vereador, Fabrício Gandini, como “politicamente gerado no útero de Luciano”, prefeito de Vitória, ou seja, postula metaforicamente um vínculo gestacional entre os dois antes de utilizar o construto “cortar o cordão umbilical”. Mesmo se a sentença “politicamente gerado no útero de Luciano” não estivesse expressa no texto, a relação que ela estabelece poderia ser recuperada pelo interlocutor. Em 7.2.6, apresentamos a construção ‘cortar o barato’.

7.2.6 Construção ‘cortar o barato de X’

Identificamos apenas duas ocorrências dessa construção no *corpus*, ambas na modalidade escrita, uma já apresentada no exemplo 05, no início deste capítulo, e a outra em 124.

124) CENA POLÍTICA

[...] Reginaldo Almeida (PSC) chamou Devanir Ferreira (PRB) para conversar num canto, inaugurando o diálogo sobre uma possível coligação em 2018. Atento à cena, Zezito entrou de sola no papo, cortando o barato dos dois. Todos saíram do gabinete dando risadas. (A Gazeta, 03/04/2017 - Política, p. 22, grifo nosso).

Essa construção permite no uso a substituição do determinante pelo possessivo, como podemos observar em 125.

125) Não corte o seu barato

Porém, existe uma pedra de tropeço no caminho dos criadores que estão se tornando conscientes de sua habilidade de materializar as situações da vida, ela é pequena, mas tem um potencial de nos fazer cair, tremendo! É o ato de nos autossabotarmos. Para ser mais claro, de cortar o nosso barato, de não nos permitirmos sentir e ser guiados pelas nossas boas sensações.¹⁴² (grifos nosso).

Ao que parece, essa construção não aceitaria a substituição do artigo definido pelo indefinido, tampouco a topicalização do sintagma nominal, mas poderia aceitar a inserção de itens lexicais em certos contextos, como sugerem os testes de 1 a 3:

Teste 1) * Zezito entrou de sola no papo, cortando um barato dos dois.

Teste 2) * Zezito entrou de sola no papo, o barato cortando dos dois.

Teste 3) Zezito entrou de sola no papo, cortando de vez o barato dos dois.

Um dos usos registrados por Borba (2002, p. 189) para o sintagma nominal ‘barato’ é como um nome abstrato de estado que num uso coloquial significa “aquilo que dá prazer ou que está

¹⁴² Disponível em: <https://www.horoscopovirtual.com.br/artigos/nao-corte-o-seu-barato>. Acesso em 25/10/2019.

na onda; curtição. Um dos exemplos arrolado pelo autor para abonar tal acepção é “*É um barato, sacou? Um grande barato*”. Parece-nos que esse uso é bem difundido, pois encontramos em Urbano (2018, p. 67) o registro da construção ‘ser um barato’, que “diz-se daquilo que é ótimo”, ou seja, esse sintagma nominal é conceptualizado como uma entidade discreta que representa um conceito mais abstrato, tudo aquilo que nos agrada.

Esta construção substantiva pode ser representada como [[cortar + o barato de X] ↔ [impedir que alguém consiga algo, interromper o que alguém quer dizer ou fazer¹⁴³]]. Sabemos que pode emergir para o verbo **cortar**, quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação, em associação com outros sintagmas nominais, o significado ‘interromper’, que sustenta o significado projetado na construção substantiva. O significado do sintagma nominal tem uma básica metafórica independente da construção substantiva em tela e como diz respeito a algo que nos agrada, a ação denotada pelo verbo acarreta uma conotação negativa para a construção. Pelos exemplos arrolados durante a explanação, acreditamos que essa construção possa ocorrer em diferentes contextos.

Na sequência, abordamos a construção ‘cortar o mal pela raiz’.

7.2.7 Cortar o mal pela raiz

Foram identificadas apenas 02 ocorrências dessa construção, ambas em um mesmo texto retirado da modalidade escrita, apresentado em 126.

126) CORTANDO O MAL PELA RAIZ

UMA DAS maiores preocupações das mulheres vaidosas é com o cabelo. Muitas até se recusam a sair de casa quando os fios não estão em perfeito estado. Imagine, então, quando eles começam cair? [...] Nossa matéria de capa de hoje é um raio-X do problema. Detalha as

¹⁴³ Significado proposto por Urbano (2018, p. 67).

causas, mas mostra os tratamentos existentes no mercado para cortar o mal pela raiz. Espero que goste. (A Gazeta, 02/04/2017 - Revista AG, grifo nosso).

Não identificamos exemplo de topicalização com essa ocorrência, e parece-nos que o adjunto adverbial de modo torna ainda mais problemática a inversão, como sugere o teste a seguir:

Teste 1:* “Nossa matéria de capa [...] detalha as causas, mas mostra os tratamentos existentes no mercado para o mal cortar pela raiz.”.

Todavia, identificamos no uso a inversão entre o sintagma nominal e o adverbial, como podemos observar em 127:

127) 10 CONSELHOS PARA CORTAR PELA RAIZ O MAL DA FOFOCA¹⁴⁴

A topicalização do sintagma nominal no uso só foi identificada com a coocorrência da Construção substantiva com a Passiva, conforme 128:

128) O MAL TEM QUE SER CORTADO PELA RAIZ¹⁴⁵.

Essa construção não admite a substituição do determinante, mas parece permitir a inclusão de itens lexicais como sugerem os testes 2 e 3:

Teste 2) * É preciso cortar um mal pela raiz.

* É preciso cortar seu mal pela raiz.

Teste 3 É preciso cortar *de uma vez por todas* o mal pela raiz.

Podemos reconhecer a contribuição do verbo **cortar**, potencializada pela contribuição do adjunto adverbial, uma vez que remete ao uso concreto desse verbo em situações que envolvem o corte de plantas, quando instanciado na Construção Transitiva de afetação, como podemos observar em 129:

¹⁴⁴ Disponível em: <https://apostoladoracao.wixsite.com/parquiadecolares/post/2018/12/09/10-conselhos-para-cortar-cortar-pela-raiz-o-mal-da-fofoca#!> Acesso em: 26/10/2019.

¹⁴⁵ Disponível em: <https://valcabral.blogspot.com/2019/01/o-mal-tem-que-ser-cortado-pela-raiz.html>. Acesso em: 26/10/2019.

129) A raiz parece morta. Posso cortar?

Se você cortar raízes saudáveis, você pode tanto fazer com que a planta sofra para absorver água quanto deixa-la pegar uma infecção causada por algum fungo ou bactéria. (grifo nosso).¹⁴⁶

Nesse excerto, o significado que emerge para o verbo **cortar** é ‘Fazer cair ou derrubar, ceifar, podar’. Entre as funções exercidas pelas raízes das plantas, estão a fixação e a absorção de água e sais minerais, ou seja, é uma parte extremamente importante, que, se afetada, pode acarretar a morte da planta. Na Construção substantiva ‘cortar o mal pela raiz’, o uso metafórico do verbo **cortar** é projetado sobre essa base concreta.

Com base nos registros de Borba (2002, p. 986), podemos dizer que o sintagma nominal ‘mal’ representa o que é prejudicial, nocivo: “[**Abstrato de ação**] 1 maldade: *sem remorso de todo o mal que fizera?* [...] ★ [**abstrato de estado**] 2 tudo aquilo que se opõe ao bem, à virtude e à honestidade [...]”. Temos novamente em uma construção substantiva com **cortar** um complemento que representa um conceito abstrato conceptualizado como uma entidade discreta.

Tendo em vista os registros identificados para o sintagma nominal, acreditamos que faça parte da nossa cultura a compreensão do mesmo como uma entidade que sintetiza tudo aquilo que possa nos prejudicar (erros, problemas, vícios, etc.), em oposição a tudo o que possa nos favorecer, ‘o bem’, e, dessa forma, conseguimos lidar com diversas experiências que fazem parte da nossa vida, conforme preconizam Lakoff e Johnson (2002). Essa compreensão é tão arraigada em nossa cultura que a contribuição do sintagma nominal pode ser facilmente reconhecida pelos interlocutores, que, ao conceptualizarem ‘o mal’ como uma entidade, podem agir sobre ela com uma foice imaginária, ao recrutarem o verbo **cortar** para a sequência, o que acarreta uma conotação positiva para a mesma e gera um novo par de forma e significado [[cortar + o mal pela raiz] ↔ [corrigir um erro ou uma situação logo no início]].

¹⁴⁶ Disponível em: <https://www.cultivando.com.br/posso-podar-as-raizes-de-orquideas/>. Acesso em: 26/10/2019.

Na sequência, apresentamos a Construção substantiva ‘cortar o coração’ que embora seja recorrente, julgamento baseado em nossa experiência diária como falantes nativos, apresentou um número reduzido de ocorrências no *corpus*.

7.2.8 Construção ‘cortar o coração’

Identificamos apenas 02 ocorrências do verbo **cortar** nessa construção, todas na modalidade escrita, uma das quais apresentada no exemplo 05 e a outra em 130.

130) Aposentado de 81 anos reage a assalto e dá garrafada em bandido

"Ele teve câncer de garganta e não pode falar sem o aparelho. Acredito que por isso reagiu. É de cortar o coração saber que meu avô passou por isso". (A Gazeta, 12/05/2017 - Cidades, p. 15, grifo nosso).

A alteração ou supressão do determinante parece gerar mudança de significado, como podemos observar em 131:

131) Médica corta coração de Gil e ganha música

Submetido a uma biópsia do coração, do qual foram extraídos quatro pedacinhos, para aprofundar as pesquisas sobre sua insuficiência renal, Gilberto Gil ficou tão impressionado com o procedimento médico, que resolveu fazer uma música para a cardiologista que o assiste, Roberta Saretta, integrante da equipe de Roberto Kalil, no hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. [...]

Eis um trecho da música que Gil fez para a médica que cortou um pedaço do seu coração [...].¹⁴⁷

Embora o texto do qual foi retirado o exemplo pareça dialogar com a construção substantiva em tela, o corte físico existiu de fato e acreditamos que, por isso, o artigo definido não pode ser utilizado. O teste a seguir ratifica tal compreensão:

Teste 1) É de cortar um coração saber que meu avô passou por isso.

¹⁴⁷ Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-moreno/post/medica-corta-coracao-de-gil-e-ganha-musica.html>.

Embora não permita a substituição do artigo definido pelo indefinido, no uso, ela permite a alternância com o possessivo, como podemos observar em 132:

132) Top 20 | Animações que vão cortar seu coração¹⁴⁸

Quando você pensa em um filme de animação, geralmente o que vem à cabeça é algo colorido e divertido, leve como **Minions** ou **Meu Malvado Favorito**. É até fácil se esquecer que nem toda animação é para crianças e que, mesmo as que são, muitas vezes tocam em temas muito adultos, como nostalgia, preconceito, vingança, abandono e até morte.

Confira a seguir as 20 animações que trazem temas e cenas profundamente tristes. Não prometemos que todas vão te fazer chorar, mas com certeza cada uma delas te obrigará refletir e sentir o coração mais pesado ao menos por alguns momentos.

Constatamos ao longo da análise que a maioria das construções substantivas com **cortar** não permitem a substituição do artigo definido pelo indefinido, mas aceitam a substituição por um pronome possessivo. Parece-nos que essa possibilidade ocorre porque o pronome possessivo, assim como o artigo definido, permite a individualização dos substantivos. Enquanto o artigo definido restringe a extensão do significado dos substantivos, individualiza-os, definindo-os, o artigo indefinido trabalha no sentido oposto, realizando uma generalização. Como podemos observar no exemplo 132, a construção ‘cortar o coração’ é instanciada no título de um texto que sugere 20 animações comoventes para o leitor assistir. Pela natureza do suporte e do gênero textual onde ocorre, não há a intenção de falar que vai cortar um coração qualquer, mas o de alguém (de um VOCÊ = os telespectadores em potencial), por isso o possessivo é possível e se torna bem interessante no texto que parece buscar uma aproximação com o interlocutor.

Não identificamos nenhuma ocorrência com a topicalização do sintagma nominal sem a coocorrência de outras construções, o que tampouco nos parece aceitável, como sugerem os testes 2 e 3:

Teste 2) * É de o coração cortar de qualquer um, certo?

Teste 3) * Animações que vão seu coração cortar.

¹⁴⁸ <https://cinelogin.wordpress.com/2015/10/07/top-20-animacoes-que-vaio-cortar-seu-coracao/>

A topicalização parece só ser possível quando envolve o aspecto resultativo, como podemos observar em 133:

133) — Nossa, eu já vi de tudo. De menina correndo a gente caindo descendo do ônibus pra poder entrar e fazer a prova. Tem mãe que chora mais que o filho quando não consegue entrar. A gente fica com o coração cortado, mas tem que seguir as ordens que vem de Brasília (grifo nosso).¹⁴⁹

O teste 4 demonstra que essa construção poderia aceitar a inserção de itens lexicais:

Teste 4) É de cortar *profundamente* o coração saber que meu avô passou por isso.

Quanto ao significado, é possível reconhecer a contribuição do verbo, que também pode ser instanciado na Construção Transitiva de Afetação com o núcleo do sintagma nominal ‘coração’ para descrever um corte, uma incisão realizada por objeto cortante, como vimos em 131, cujo significado que emerge é ‘fazer incisão’, o que certamente causa dor ao paciente, situação que pode ser contornada pelo uso de anestesia. Essa situação concreta serve de base para a projeção metafórica do significado associado ao verbo na construção substantiva.

De acordo com Amato (2010), a associação entre os bons sentimentos e o coração é histórica. Embora não seja o coração, mas o cérebro a base do comportamento humano, existe uma relação fisiológica entre o coração e a mente. A esse respeito, a autora nos diz que:

Historicamente se diz que no coração está a origem do amor, da coragem, da bravura e que pessoas boas têm coração grande e ruins não têm coração. Porém, hoje sabemos que o cérebro é a base do comportamento humano, sede de todos os sentimentos, pensamentos e emoções. Entretanto, as experiências, quando geram muita emoção, afetam diretamente o coração. E as doenças cardíacas, por sua vez, também podem manifestar emoções, tais como medo, ansiedade e depressão, revelando que a interação entre coração e mente é recíproca.

Desde 1952 sabe-se que uma região do cérebro chamada sistema límbico, recebe informações externas, transformando-as em emoções. Ativa-

¹⁴⁹ <https://blogs.oglobo.globo.com/agora-na-educacao/post/coracao-cortado-diz-responsavel-por-fechar-portoes-em-local-de-prova-do-enem.html>

se um complexo sistema nervoso e humoral que, através de reações físicas e químicas, controla o funcionamento de vários órgãos, inclusive do coração. Dessa maneira, a circulação sofre mudanças repentinas, intensas e com extrema rapidez e no espaço de 3 a 5 segundos, a frequência cardíaca pode aumentar até o dobro do normal, e dentro de 10 a 15 segundos a pressão arterial chega a ser duplicada. Tudo isso para que o indivíduo se prepare fisiologicamente, melhorando a performance, para enfrentar situações de risco e de curta duração (AMATO, 2010).

Dessa forma, as metáforas associadas ao coração podem ter como base experiências concretas dos indivíduos envolvendo as emoções e os processos fisiológicos desencadeados no órgão físico. Além dos exemplos mencionados pela autora “pessoas boas têm coração grande e ruins não têm coração”, outro exemplo pode ser observado em sentenças como “Ele sim conquistou meu coração”¹⁵⁰, em que o coração é reinterpretado como um território e, dessa forma, pode ser conquistado ou perdido.

Acreditamos que todas essas sentenças, assim como a construção substantiva em tela, se encaixam na metáfora EFEITO EMOCIONAL É CONTATO FÍSICO (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 117). Como a associação entre os sentimentos e o coração fazem parte da nossa cultura, podemos reconhecer a contribuição do sintagma nominal para a construção, como fornecendo a base concreta no domínio fonte para a projeção do significado metafórico “dar pena, dó, comover ao extremo”, ou seja, causar um efeito emocional atingindo o lugar onde estão guardados nossos bons sentimentos de forma incisiva, o que é realizado com o recrutamento do verbo **cortar**, fazendo com que a construção possa evocar também um sentimento de dor ou angústia.

Em 7.2.9, focalizamos a construção substantiva ‘cortar o nó (górdio)’, que pode ser associada a uma lenda que envolve uma figura histórica, Alexandre, o Grande.

¹⁵⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1XopkZfyyS4>. Acesso em: 08/10/2019.

7.2.9 Construção ‘cortar o nó (górdio)’

Identificamos em nosso *corpus* apenas uma ocorrência do verbo **cortar** nessa expressão, na modalidade escrita, apresentada em 134.

134) O país está amarrado a quatro nós górdios que ninguém conseguiu desatar para libertá-lo para se auto-construir como soberano e livre. Um governo com forte liderança e coragem, e com sentido de nacionalidade, poderá cortar esses nós, como condição de realizarmos o sonho brasileiro. (A Gazeta, 18/09/217 - Opinião - p. 17, grifo nosso).

Urbano (2018, p. 213) registra que essa construção pode ocorrer com ou sem a presença do adjetivo ‘górdio’. De fato, em nosso *corpus* ela ocorre sem a presença do mesmo, todavia o adjetivo é recuperável no texto, uma vez que no excerto “cortar esses nós” ocorre uma retomada anafórica de “quatro nós górdios”.

Como vimos, essa construção permite a substituição do determinante pelo demonstrativo “Um governo com forte liderança e coragem [...] poderá cortar esses nós”. O teste a seguir indica que a utilização do artigo indefinido só seria possível em um contexto em que há mais de um nó górdio, em outras palavras, a construção idiomática faz referência a um tipo de nó específico, ‘o nó górdio’, ele é determinado e será associado a um problema, uma dificuldade, por vez e somente quando a sentença arrolar mais de um problema é que a indeterminação pode ocorrer, como demonstra o teste a seguir.

Teste 1) O país está amarrado a quatro nós górdios que ninguém conseguiu desatar para libertá-lo para se auto-construir como soberano e livre. Um governo com forte liderança e coragem, e com sentido de nacionalidade, poderá cortar um desses nós [...].

Entendemos que a utilização do demonstrativo no uso se deve ao mesmo motivo, por isso, não consideramos essas variações como possibilidades de alteração do determinante na tabela de classificação que será apresentada posteriormente.

A topicalização do sintagma nominal não parece constituir problemas na estrutura, como indica o teste 2:

Teste 2) Um governo com forte liderança e coragem [...] poderá esses nós cortar.

No uso, só encontramos exemplo de topicalização do sintagma nominal envolvendo o aspecto resultativo como podemos observar em 135:

135) Pedofilia, o nó cortado por Francisco

Uma conhecida lenda recorda que os nós górdios não se desatam, mas se cortam. E no sábado, 04-06-2016, o Papa Francisco cortou o nó da responsabilidade dos padres e dos bispos nos delitos de estupro dos meninos e das meninas, chamados pedofilia quase para suavizar o seu horror. (grifo nosso)¹⁵¹

Essa construção permite a inserção de itens lexicais como podemos observar em 136:

136) Temos de cortar de uma vez para sempre o nó górdio no que respeita à sede deste Parlamento. (grifo nosso)¹⁵²

O núcleo do sintagma nominal designa, em seu significado mais básico, um entrelaçamento físico de duas extremidades que fornece a base no domínio fonte para a projeção metafórica que nos permite reinterpretá-lo como uma entidade que representa conceitos abstratos, como ‘problema’. Com base em nosso conhecimento de mundo, podemos dizer que ‘nós’ não são feitos para serem cortados, mas desatados, o que não impede que um objeto de corte possa ser utilizado para atravessar a superfície formada pelo nó, se necessário. Dessa forma, podemos reconhecer certa contribuição tanto do verbo como do núcleo do sintagma nominal para o significado da construção.

Por outro lado, o adjetivo ‘górdio’ talvez não seja reconhecido com tanta facilidade, uma vez que implica no estabelecimento de uma relação intertextual. Segundo Urbano (2018, p. 214), ‘nó górdio’ significa “algo difícil e intrincado de superar”. De acordo com Coaracy (2008), a história do nó de Górdio remonta ao século VIII A.C. e narra a lenda de um camponês, Górdio, que ao ser coroado rei da Frígia, seguindo a previsão do Oráculo, amarra sua carroça a uma coluna com um nó impossível de ser desatado para não se esquecer de sua origem

¹⁵¹ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/555986-pedofilia-o-no-cortado-por-francisco>. Acesso em: 01/11/2019.

¹⁵² Disponível em: <https://context.reverso.net/traducao/portugues-ingles/n%C3%B3+g%C3%B3rdio>. Acesso em 01/11/2019.

humilde. O filho de Górdio, Midas, herdou o trono e expandiu o império, no entanto, morreu sem deixar herdeiros. Outra previsão então foi feita pelo Oráculo, segundo a qual aquele que fosse capaz de desatar o nó de Górdio dominaria toda a Ásia Menor. Ninguém foi capaz de tal feito, e, 500 anos após a morte de Midas, Alexandre, o Grande, ao passar pela Frígia, tomou conhecimento da lenda e ficou intrigado com a questão. Após analisar e perceber que seria impossível desatar os nós, Alexandre desembainha sua espada e corta o nó. Como destaca a autora, lenda ou não, o fato é que Alexandre dominou a região.

Urbano (2018, p. 213) registra que o significado dessa construção é “resolver de modo violento uma grande dificuldade”. Coaracy (2008) atribui um significado com uma nuance diferente do registrado por Urbano (2018). Segundo a autora, “cortar o nó górdio” significa resolver um problema complexo de maneira simples e eficaz. Acreditamos que as nuances de significado podem estar na alternância que parece existir entre os verbos ‘desatar’ e ‘cortar’, como sugere o título do artigo “Desatando o nó górdio: regulação e mobilidade urbana”¹⁵³.

Parece-nos que “o modo violento” registrado por Urbano (2018) faz parte da contribuição semântica do verbo **cortar** para a construção, como podemos perceber no excerto retirado de um jornal econômico português, transcrito a seguir.

137) Desatar o nó górdio

[...]

A economia portuguesa está praticamente estagnada, desde a adesão ao euro. Desatar este nó górdio, se necessário à maneira de Alexandre, devia ser a prioridade da nossa classe política. Pois disto depende tudo o resto (grifo nosso).¹⁵⁴

De acordo com a lenda, Alexandre não desatou os nós, ele resolveu o problema utilizando a espada, que associada ao nome do conquistador evoca certamente um contexto de violência. Porém, com base na análise dos exemplos arrolados e levando em consideração que a relação intertextual pode nem sempre ser estabelecida e que o sintagma nominal pode ocorrer sem a

¹⁵³ FÉRES, J.G. Desatando o nó górdio: regulação e mobilidade urbana. **Revista Econômica**, v. 15, n. 2, 2013. Disponível em: [file:///D:/Arquivos%20de%20Usuario/Downloads/34865-117253-1-PB%20\(3\).pdf](file:///D:/Arquivos%20de%20Usuario/Downloads/34865-117253-1-PB%20(3).pdf). Acesso em: 09/10/2019.

¹⁵⁴ Disponível em: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/desatar-o-no-gordio-402740>. Acesso em: 09/10/2019.

presença do adjetivo, acreditamos que o significado projetado metaforicamente nessa construção seja apenas de ‘resolução’ por meio de uma relação de causa e consequência estabelecida com o significado mais básico do verbo **cortar**. Por isso, fizemos uma adaptação ao propor esse novo par de forma e significado [[Cortar + o nó (górdio)] ↔ [Resolver um problema que parece insolúvel em função de sua complexidade]].

Feitas essas considerações, apresentamos a tabela 21 com o número total de ocorrências do verbo **cortar** nas construções substantivas identificadas no *corpus*.

Tabela 21 - Número de ocorrências do verbo **cortar** nas construções substantivas identificadas no *corpus* nas modalidades oral e escrita.

construção	modalidade oral	modalidade escrita	total de ocorrências
cortar (o) ponto	2	14	16
cortar (o) caminho	2	05	07
cortar as asas	0	01	01
cortar na (própria) carne	0	21	21
cortar o cordão umbilical	0	02	02
cortar o barato de X	0	02	02
cortar o mal pela raiz	0	02	02
cortar o coração	0	02	02
cortar o nó (górdio)	0	01	01
TOTAL	04	50	54

Fonte: a autora.

Como dito ao longo da análise, a ocorrência do verbo **cortar** nas construções substantivas foi identificada majoritariamente na modalidade escrita, o que não significa, porém, que elas não sejam utilizadas de forma recorrente na modalidade oral. Como mencionamos no início do presente capítulo, observamos que nem todas as construções substantivas com **cortar** identificadas no *corpus* possuem o mesmo grau de composicionalidade. Para auxiliar a distribuição dessas construções num *continuum*, elencamos alguns critérios para subsidiar nossas análises, cujo resultado sintetizado será apresentado na tabela 22, após a explanação dos mesmos.

As colunas 2, 3 e 4 dizem respeito à questão da forma. O símbolo de adição indica a possibilidade de topicalização, substituição e inserção de itens enquanto o símbolo de subtração indica a impossibilidade.

A coluna 5 indica o ‘Grau de transparência’, entendido neste trabalho como a possibilidade de reconhecer, de alguma forma, a contribuição do item lexical. O total apresentado nessa coluna foi obtido com base no seguinte cálculo:

a) para o verbo **cortar**:

(i) 04 pontos são atribuídos caso o verbo mantenha, na construção substantiva, seu significado mais básico¹⁵⁵, ‘dividir, separar’, ou significados que emergem para esse verbo quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação, denotando a realização de um corte causado por instrumento cortante;

(ii) 03 pontos são atribuídos caso o verbo mantenha, na construção substantiva, outros significados que emergem para esse verbo quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação, que não estão relacionados à realização de um corte por instrumento cortante;

(iii) 02 pontos são atribuídos nos casos em que a base metafórica do significado do verbo, na construção substantiva, é sustentada por usos do verbo **cortar** que denotam a realização de um corte causado por instrumento cortante;

(iv) 01 ponto é atribuído nos casos em que a base metafórica do significado do verbo, na construção substantiva, é sustentada por usos do verbo **cortar** que não denotam a realização de um corte causado por instrumento cortante;

(v) Nenhum ponto é atribuído caso o significado que emerge na construção substantiva não possa ser relacionado a nenhum uso do verbo **cortar** quando instanciado nas construções esquemáticas apresentadas neste capítulo.

b) Para o sintagma nominal:

(i) 04 pontos são atribuídos caso o item mantenha seu significado mais básico na construção substantiva;

¹⁵⁵ Estamos entendendo aqui o significado mais básico como a primeira acepção registrada no dicionário de usos de Borba (2002).

- (ii) 03 pontos são atribuídos caso o significado do item na construção substantiva seja sustentado metaforicamente e utilizado em outras construções com o mesmo significado que apresenta na construção substantiva;
- (iii) 02 pontos são atribuídos caso o significado mais básico do item sirva de base para a projeção metafórica na construção substantiva.
- (iii) 01 ponto é atribuído caso outros significados registrados em dicionário para o item sirvam de base para a projeção metafórica na construção substantiva.
- (iv) nenhum ponto é atribuído caso não possa ser identificada nenhuma contribuição do item para a projeção metafórica na construção substantiva.

Tabela 22 - Resultado sintetizado da aplicação dos critérios elencados para análise das Construções substantivas com **cortar**

Construção ¹⁵⁶	Topicalização	Substituição do determinante Indet./Possessivo	Inserção de itens lexicais entre verbo e nome	Grau de transparência verbo/nome
Cortar (o) ponto	-	-/+	+	1/1
Cortar (o) caminho	-	-/-	-	2/2
Cortar as asas	+	-/+	+	2/3
Cortar na (própria) carne	-	-/+	+	2/2
Cortar o cordão umbilical	-	-/-	+	2/2
Cortar o barato de X	-	-/+	+	1/3
Cortar o mal pela raiz	-	-/-	+	2/3
Cortar o coração	-	-/+	+	2/2
cortar o nó (górdio)	+	-/-	+	2/2

Fonte: a autora.

A distribuição das construções no *continuum* levará em conta os seguintes critérios

- 1) somaremos todos os símbolos de adição atribuídos a cada construção nas colunas 2, 3 e 4. Quanto maior o número, maior é o grau de analisabilidade de suas partes

¹⁵⁶ Os parênteses indicam que o *slot* é facultativo na construção, pode ser preenchido ou não. No caso de 'cortar o ponto', a observação foi feita com base no *corpus*, nos demais casos, manteve-se o registro apresentado em Urbano (2018) utilizado como base de apoio para a análise do significado dessas construções, uma vez que se trata de obra especializada em expressões idiomáticas.

constituintes e menor é a força do *chunk*, ou seja, suas partes internas são mais fortes e ele se situa mais à esquerda no *continuum* de composicionalidade;

- 2) somaremos os pontos atribuídos na coluna 5 para cada construção. Quanto maior a pontuação, maior é a contribuição das partes constituintes para o significado da construção e maior é o grau de composicionalidade, situando a construção mais à esquerda no *continuum* de composicionalidade.

Na tabela 23, apresentamos a somatória dos dados apresentados na tabela 22.

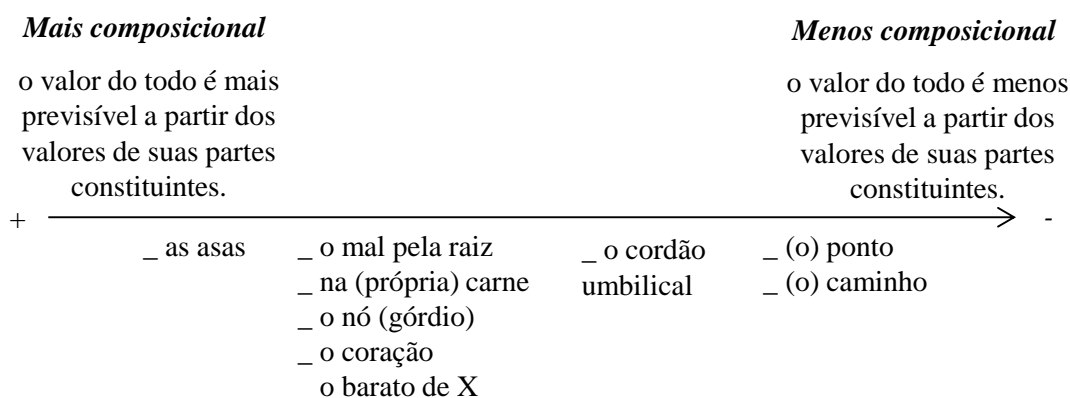
Tabela 23 - Total de pontos atribuídos na análise da forma e significado das construções substantivas com **cortar**.

Construção ¹⁵⁷	Total de adições (coluna 2, 3 e 4)	Grau de transparência atribuído	TOTAL
Cortar (o) ponto	2	2	4
Cortar (o) caminho	0	4	4
Cortar as asas	3	5	8
Cortar na (própria) carne	2	4	6
Cortar o cordão umbilical	1	4	5
Cortar o barato de X	2	4	6
Cortar o mal pela raiz	1	5	6
Cortar o coração	2	4	6
cortar o nó (górdio)	2	4	6

Fonte: a autora.

Quanto maior a pontuação obtida mais à esquerda no *continuum* se localiza a construção, o que a caracteriza como: mais composicional e com partes internas mais analisáveis quando comparada às construções à sua direita, como propomos na figura 25.

¹⁵⁷ Os parênteses indicam que o *slot* é facultativo na construção, pode ser preenchido ou não. No caso de ‘cortar o ponto’, a observação foi feita com base no *corpus*, nos demais casos, manteve-se o registro apresentado em Urbano (2018) utilizado como base de apoio para a análise do significado dessas construções, uma vez que se trata de obra especializada em expressões idiomáticas.

Figura 25 - Distribuição das construções substantivas com **cortar** no *continuum* da composicionalidade

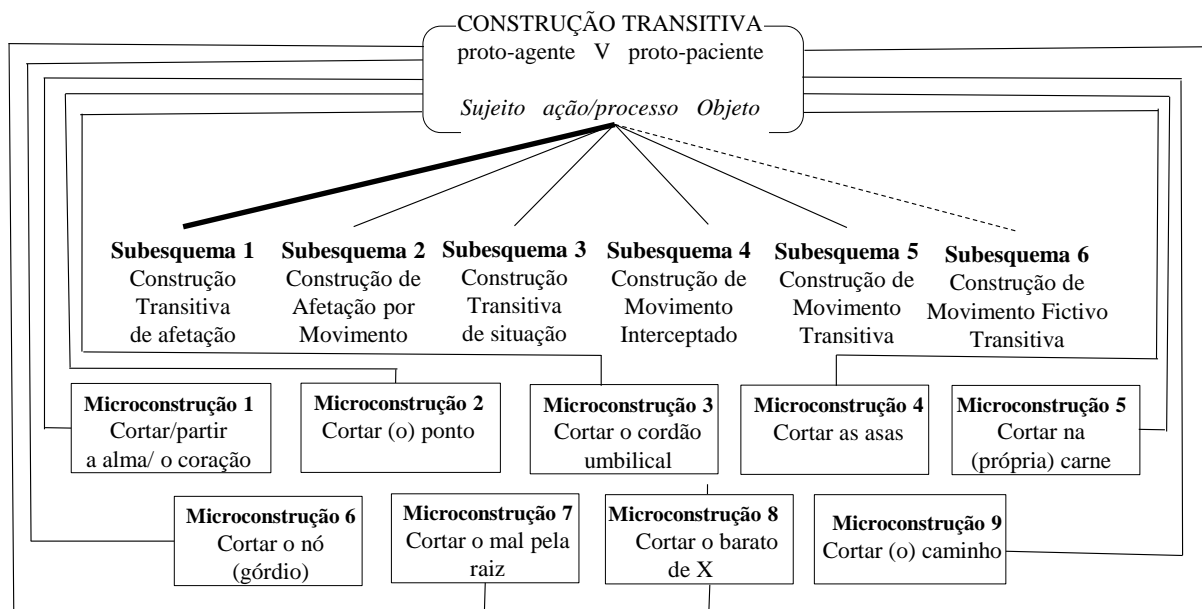
Fonte: a autora.

As construções substantivas ‘cortar (o) ponto’ e ‘cortar (o) caminho’ são menos composicionais que as demais, enquanto que a construção ‘cortar as asas’ é a mais composicional entre as 09 construções substantivas com **cortar** identificadas no *corpus*. Por sua vez, as construções ‘cortar o mal pela raiz’, ‘cortar na (própria) carne’, ‘cortar o nó (górdio)’, ‘cortar o coração’ e ‘cortar o barato de x’ são mais composicionais se comparadas a ‘cortar o cordão umbilical’ e menos composicionais se comparadas a ‘cortar as asas’.

Como assumido como base para o desenvolvimento da tese, as construções se organizam em rede e para demonstrar a organização das construções substantivas na rede de construções com o verbo **cortar**, valemo-nos da proposta de Traugott e Trousdale (2013, p. 14) que prevê três níveis hierárquicos: *esquemas*, *subesquemas* e *microconstruções*. Os esquemas correspondem a generalizações mais abstratas, “grupos de construções semanticamente gerais”, situados no nível mais alto da rede, que são instanciadas por *subesquemas*. No nível dos *subesquemas* situam-se os grupos de construções com mais especificidade semântica e, por sua vez, no nível das *microconstruções* estão situados os tipos específicos de construção, que são instanciados por *construtos*, as ocorrências empiricamente atestadas, as instâncias reais da construção. De acordo com as autoras, os usuários da língua que conhecem um determinado conjunto de *microconstruções* percebem, de forma inconsciente, os subesquemas e esquemas que as instanciam. Com base nas análises realizadas ao longo do capítulo,

apresentamos a proposta de rede hierárquica das construções com **cortar** na figura 26, disponibilizada de forma ampliada no apêndice C.

Figura 26 - Rede de construções com o verbo **cortar**



Fonte: a autora.

A Construção Transitiva situa-se no nível hierárquico mais alto das construções identificadas na pesquisa, o nível dos *esquemas*, que correspondem a grupos de construções semanticamente gerais. De acordo com Goldberg (1995), essa construção pode ser interpretada como uma construção de estrutura argumental com um significado central que remete a uma cena prototípica, um evento causativo em que um ator volitivo afeta um paciente inanimado.

As construções esquemáticas identificadas na análise (Transitiva de Afetação, Movimento Interceptado, Transitiva de Situação, Afetação por Movimento, Movimento Fictivo Transitiva) foram situadas no nível dos *subesquemas* por possuírem mais especificidade semântica.

Conforme vimos no capítulo 4, no modelo adotado para a elaboração da rede de construções com o verbo **cortar**, as linhas representam as associações entre as construções. Enquanto a linha tracejada indica a associação entre uma instância prototípica e um membro mais periférico, a linha ininterrupta indica a associação da instância prototípica a um membro central.

A linha contínua que liga o subesquema 1 ao nível do *esquema* está em destaque para realçar que essa seria, entre as construções esquemáticas identificadas no *corpus* com **cortar**, a que mais se aproxima do significado central da Construção Transitiva. Por sua vez, a linha tracejada que liga o subesquema 6 ao nível do *esquema* indica que essa é a construção que mais se afasta do núcleo prototípico da Construção Transitiva, uma vez que temos um argumento estativo ocupando o *slot* que irá se fundir com o sujeito na Construção de Movimento Fictivo Transitiva.

As 09 construções substantivas estão no nível das microconstruções, uma vez que é nesse nível que se situam os tipos de construção que podem ser especificadas lexical e fonologicamente. Essas construções provavelmente surgiram em contextos de usos do verbo **cortar** em construções mais esquemáticas. No entanto, elas incorporaram sentidos específicos dos contextos nos quais a sequência de palavras formada pelo verbo **cortar** + sintagma nominal ocorria levando à convencionalização de um novo significado para essas sequências. Com a frequência de uso, tornaram-se unidades rotinizadas e independentes e, por isso, embora estejam situadas no nível hierárquico inferior da rede de construções com o verbo **cortar**, elas são associadas diretamente à Construção Transitiva.

Na sequência, abordamos o uso do verbo **cortar** que motivou esta pesquisa, **cortar** com o significado de ‘falar/comunicar-se’.

7.3 O USO DO VERBO CORTAR COM O SIGNIFICADO ‘FALAR’

Conforme mencionado anteriormente, o uso do **verbo** cortar com o significado de 'falar/comunicar-se', apareceu apenas na fala de 03 (três) entrevistados, num contexto de entrevista em que buscávamos levantar informações sobre a sócio-história do contato linguístico na região de Domingos Martins. Duas hipóteses foram levantadas inicialmente, a primeira era que poderia ser um novo uso para o verbo, restrito àquela região, e a segunda é que tal uso poderia ser influência do hunsröchisch¹⁵⁸. Para testar essas hipóteses, buscamos indícios e informações sobre esse uso tanto em textos escritos, como nas entrevistas que compõe o *corpus* do presente trabalho.

Realizamos buscas em 04 periódicos (A Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo, Correio da Victoria, A Província do Espírito-Santo: Jornal consagrado aos interesses provinciaes, filiado à escola liberal e Commercio do Espírito Santo¹⁵⁹) no período compreendido entre 1833 a 1910. Identificamos 1.669 (mil seiscentas e sessenta e nove) ocorrências do verbo **cortar** nesses periódicos, porém apenas 02 (duas) sentenças que remetiam ao uso que motivou a pesquisa, reproduzidas a seguir, que podem indicar que esse não é um novo uso para o verbo **cortar**.

¹⁵⁸ De acordo com o Dicionário português - renano hunsrök (KUSTER-CID; KUSTER CID, 2018), em hunsröchisch, os verbos 'cortar' e 'falar' possuem as seguintes acepções:

Cortar: xnayte, hot kexnít / haue, hot kehau.

Falar: xprëche, hot kexpróch / kexprëcht / xwëtse / fertsêele / xnake / pexprëche, hot pexpróch.

¹⁵⁹ respeitamos a grafia utilizada à época na transcrição dos nomes dos periódicos.

Figura 27 - 1ª ocorrência do uso motivador identificada em textos veiculados no século XIX

Da revista . . . um pedacinho . . .
 (Ao companheiro de officio ex-coroné-jacaré—rolha.)

SCENA DECIMA SEGUNDA
 * * * * *

(CORO)

E' tambem fulgente gloria
 A historia
 Da formoza Hospedaria . . .
 Edificio reputado
 Deste Estado,
 De honrar nossa Victoria.

Se passa bem,
 Sem um vintem,
 E' um regalo
 E que convém ;
 Tem boa agua,
 Melhor *marisco* . . .
 E no *petisco* . . . não ha risco . . .

Coração sempre humano
 E romano,
 Desse povc italiano,
 Se corrompe o sentimento,
 Com talento,
 E com afan deshumano.

E sem *cochillo*,
 Mas com sigillo,
 Tambem se **corta**
 Italiano ;
 Francez, bem pouco
 Como hespanhol,
 No portuguez se fica rouco . . .

Naquella casa d'hospedagem
 Tem aragem,
 Tem encantos, tem belleza,
 Lá arranjo minha vida
 Indevida,
 E' questão só de destreza . . .

Eu já senti
 A emoção,
 Occasião
 Eu tive então ;
 Fui *generoso*

Naquella casa d'hospedagem
 Tem aragem,
 Tem encantos, tem belleza,
 Lá arranjo minha vida
 Indevida,
 E' questão só de destreza . . .

Eu já senti
 A emoção,
 Occasião
 Eu tive então ;
 Fui *generoso*
 Cobrando bem
 Que isto diga *João Ninguem*.

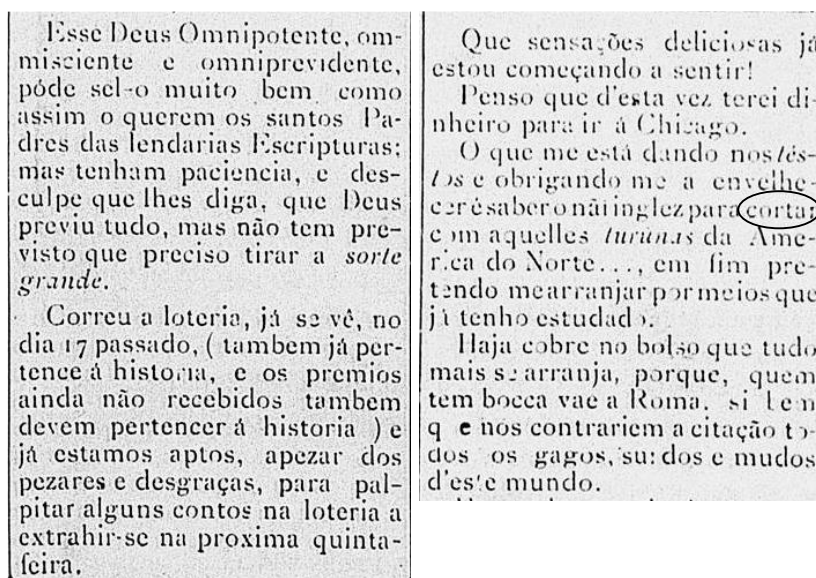
U. BALDO,

Fonte: Commercio do Espírito Santo - 22/07/1897, Edição 170, p. 2 (BNDigital).

Não conseguimos localizar mais informações sobre o que parece ser um trecho de uma peça de teatro, uma vez que o restante do texto, que julgamos existir, não consta em edições anteriores. A segunda ocorrência faz parte de uma crônica veiculada no periódico Commercio do Espírito Santo, em 20/11/1892, p. 1, edição 683. A imagem do texto na íntegra está

disponibilizada no anexo D e pode ser facilmente acessada no endereço eletrônico da Biblioteca Nacional, BNDigital, disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

Figura 28 - 2ª ocorrência do uso motivador em textos veiculados no século XIX



Fonte: Commercio do Espírito Santo - 20/11/1892, p. 1, edição 683.

Esse contexto não monolíngue, que parece propiciar a ocorrência do uso do verbo **cortar** que nos motivou, certamente será mais provável em regiões que receberam imigrantes que falavam outras línguas que não o português, como Domingos Martins, Santa Maria de Jetibá¹⁶⁰, Santa Leopoldina¹⁶¹ e Alfredo Chaves¹⁶², entre outros. Nesses municípios diversas línguas ainda são faladas, principalmente pelas pessoas mais velhas, como o hunsrúchisch, o pomerano e o vêneto. Não tivemos acesso às entrevistas gravadas por Bremenkamp (2014) e Cominotti (2015) que realizaram pesquisas sociolinguísticas com falantes bilíngues nos municípios de Santa Maria de Jetibá e Alfredo Chaves. Não localizamos ocorrências do verbo **cortar**, com o significado de 'falar/comunicar-se', nas entrevistas realizadas por Foeger (2014) e Lopes (2014) com falantes monolíngues no município de Santa Leopoldina, que

¹⁶⁰ Bremenkamp (2014).

¹⁶¹ Foeger (2014).

¹⁶² Cominotti (2015)

compõe o *corpus* do presente trabalho. Dessa forma, podemos dizer que não identificamos no *corpus* o uso do verbo **cortar** com o significado de ‘falar/comunicar-se’, por falantes de outras regiões além de Domingos Martins, porém, não podemos excluir tal possibilidade uma vez que o contexto bilíngue que parece favorecer tal uso existe em outros municípios do Espírito Santo e do Brasil.

Vimos no capítulo 2 que Ferrari e Pinheiro (2015) propõem a metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL, que pode ser motivada por dois tipos de *construals*: i) a conceptualização do discurso como tecido, em expressões como "alinhar/costurar/tecer um texto ou comentário e tricotar" e; ii) a conceptualização do discurso como ação sobre tecido, em verbos como "alfinetar/tesourar alguém; cortar a palavra, etc".

Apresentamos a seguir exemplos que refletem e ajudam a sustentar tal metáfora, sendo claramente motivados pela conceptualização do discurso como ação sobre o tecido, que reflete na estrutura emergente da mesclagem conceptual uma ação negativa em relação ao tópico.

138) Performance do coronel

Presumivelmente, a pergunta teria sido sobre o fato de ele então se encontrar entre a cruz e a espada, isto é, na delicada posição de ter que representar o posicionamento institucional do governo (pelo fim do movimento paredista) e, ao mesmo tempo, apoiar as reivindicações e necessidades da categoria (por reajuste salarial e melhores condições operacionais). "Teria sido." Antes que o repórter pudesse completar a formulação da pergunta, o coronel o cortou, engrossou a veia do pescoço, elevou o tom de voz e, visivelmente exaltado, retrucou: [...]" (A Gazeta, 28/02/2017 - Política, p. 22)

139) Dia 3 de maio: Lula x Moro

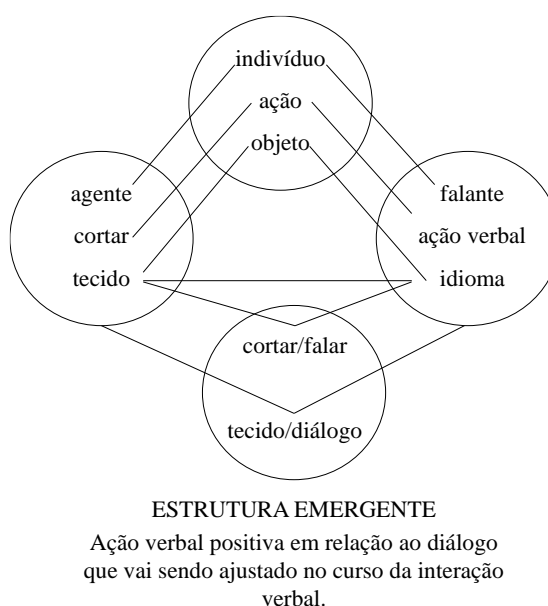
O juiz tem autoridade para cortar a palavra ou corrigir a conduta do depoente. Num episódio inesquecível ocorrido no século passado, o magistrado José Frederico Marques cortou o cigarro do governador Adhemar de Barros: "Réu não fuma". E Adhemar não fumou. (A Gazeta, 12/04/2017 - Opinião, p. 17).

Com base em 138 e 139, assim como nos exemplos constantes na proposta de Ferrari e Pinheiro (2015), somos levados a crer que o verbo **cortar** ocorre no segundo tipo de *construal*, como uma ação sobre o tecido, afetando negativamente o tópico do discurso. No

entanto, no uso que identificamos do verbo **cortar** para o qual emerge o significado ‘falar/comunicar-se’ não ocorre essa afetação negativa do tópico do discurso.

Numa hipótese de que o uso do verbo **cortar** em um contexto de comunicação verbal pudesse ser explicado pela metáfora conceptual proposta por Ferrari e Pinheiro (2015), teríamos que propor uma representação diferente para a mesclagem conceptual que refletisse na estrutura emergente uma ação positiva sobre o diálogo, licenciando a acepção ‘falar/comunicar-se’, como podemos observar na figura a seguir.

Figura 29 - Processo de mesclagem relacionado à acepção 'falar com desenvoltura' inspirado na proposta de Ferrari e Pinheiro (2015).



Fonte: a autora.

Pensando no domínio fonte, a atividade têxtil, para que uma peça fique pronta, ela passa por um processo que envolve o corte do tecido, seu afeiçoamento a um modelo desejado. Dessa forma, a ação de 'cortar', na atividade têxtil, não é necessariamente negativa, embora também possa ser, se pensarmos, por exemplo, que uma peça pode ser bem ou mal cortada. De qualquer forma, "cortar" pode ser visto como uma ação necessária para a atividade de costurar, pertencente ao domínio fonte, o que ajudaria a explicar a ação positiva atribuída ao verbo **cortar** na metáfora conceptual proposta por Ferrari e Pinheiro (2015). No entanto,

consideramos que o uso do verbo **cortar** com o significado de ‘falar/comunicar-se’ não seja motivado pela metáfora proposta pelos autores. Antes de prosseguirmos com a análise, apresentamos os excertos das três entrevistas nos quais identificamos tal uso:

140)

Entrevistador: E hoje tem alguém na sua família ainda que, vocês falam entre si em algum momento, ou não?

Informante 1: Não. Lá em casa é... só quando a mamãe ainda era viva, quando chegava minhas tias lá...eles falavam, eu entendia o que eles falavam, mas... falar... eu não consigo mais. Teve uma época que eu até fiz aula de alemão, eu e meu marido, a gente fazia aula com o nosso pastor lá em Marechal, mas depois ele... faleceu, a gente parou.

Entrevistador: Você tinha vergonha porque queria ser igual.... as outras pessoas que moravam ali em Marechal ou porque.... elas riam de vocês ou vocês sofriam algum preconceito, algum tipo de discriminação na escola?

Informante 1: É porque na verdade... é.. quem falava só o alemão lá em casa....ele ...não é que ele não falava o português, mas ele tinha muita dificuldade... né, E. (referindo-se ao outro entrevistado).

Informante 2: Eu nem entendia às vezes.....

Informante 1: e isso, tá.... isso causava constrangimento, né....porque riam, né.... e foi por isso que a gente foi perdendo o....hoje em dia eu tenho vontade de fazer.... voltar a fazer aula de alemão porque eu acho que eu não ia ter dificuldade mais em aprender.

Informante 2: Isso foi lá em Marechal, porque em São Bento, no interior, não..., quando chegava alguém que falava em alemão, cortava em alemão, quando chegava alguém que cortava em português, cortava em português e num tinha esse negócio de ter vergonha de...

[...]

Entrevistadora: e...é....vocês percebem, não sei o senhor ainda frequenta a região de São Bento, antigamente tinham muitas pessoas que falavam o hunsrückisch, ah.... na igreja, ah....na rua em reuniões. É, existia isso ou só em casa.?

Informante 2: Não, existia, só não nos cultos, né..

Informante 1: é...é uma coisa que não dá para explicar, né, E. (referindo-se ao outro entrevistado).

Informante 2: Não dá pra explicar, porque todos os imigrante que vieram pra cá eram todos hunsrück...

Informante 1: Que quando a gente chegava na igreja, a gente já vinha antes porque era um dia de encontrar todos os parentes, né, e todo mundo só conversava em alemão.

Informante 2: em alemão, hunsrückisch.

Informante 1: aí quando começava o culto, aí o pastor primeiro fazia em alemão e depois fazia em português.

Entrevistadora: mas, saía dali, vocês só se comunicavam em hunsrückisch?

Informante 2: o hunsrückisch, né....ninguém cortava o hochdeutsch¹⁶³ não....

(Excerto retirado do *corpus* de Domingos Martins, célula 6, grifo nosso).

¹⁶³ Língua alemã padrão.

141) [...]

Entrevistador: Quando vocês eram crianças, as pessoas... os mais velhos, eles falavam em alemão ou português?

Informante 3: Quando criança não...ih.... só falava em alemão...tudo alemão, os velhos, vovô P. só falava em alemão. Finado J.B. Quando era garoto, E.B., tudo cortava um alemão.

Entrevistador: Você nasceu em que ano?

Informante 3: 14/05/56.

Entrevistador: Quer dizer, já tinha passado o período de proibição.

Informante 3: tinha, mas eles tinham medo de falar e ensinar....e no colégio.....

Entrevistador: Como era na escola quando você era pequeno? Tinha alguém... alguma criança que falava em alemão?

Informante 3: Tinha, falava, mas na sala de aula não falava. Falava o português....ruim (risos) mas falava o português. Não podia né....se falasse na frente do professor...Do que você tá me xingando?...era desse jeito.

[...]

Entrevistador: Essas crianças que falavam em alemão.....muitas tinham vergonha....

Informante 3: Sim....porque implicavam né.

Entrevistador: Quem implicava?

Informante 3: Todo mundo....até a professora... se ouvisse falando, cortava....fala direito menino, não fala coisa que ninguém entende não...

Entrevistador: mesmo vocês que são descendentes de alemães?

Informante 3: nós não né (risos)....era tudo da roça igual....os meninos da rua era os que mais implicavam.

Entrevistador: Ali da Vila de Santa Isabel?

Informante 3: É...da Vila. Não do interior.

Entrevistador: Vinha muita gente estudar na Vila?

Informante 3: Vinha [...] era uma mistura de alemão com italiano, tudo misturado... uma mistura danada. (Excerto retirado do *corpus* de Domingos Martins, célula 8, grifo nosso).

142)

[...]

Entrevistador: Vocês não aprenderam a falar em alemão, né... e o seu pai falava em alemão?

Informante 4: também não, porque a mamãe não falava. Mas conversava...quando ele falava... quando ele encontrava uma equipe de alemão, ele falava... conversou muito em alemão nas feiras. Papai fazia feira... aí tinha o pessoal da chocolates garoto antigamente [inaudível], então ele falava muito em alemão na feira.... papai cortava um alemão bonito com ele. (Excerto retirado do *corpus* de Domingos Martins, célula 5, grifo nosso).

Em 141, a segunda ocorrência do verbo **cortar** reflete a metáfora proposta por Ferrari e Pinheiro (2015), em que o verbo **cortar** ocorre no segundo tipo de *construal*, como uma ação sobre o tecido, afetando negativamente o tópico do discurso, para o qual emerge o significado

‘interromper’. Em todas as demais ocorrências desse verbo, de 140 a 142, o significado que emerge é ‘falar/comunicar-se’, sendo que todas elas foram utilizadas pelos entrevistados nos momentos em que o entrevistador questionava se outras línguas eram faladas por ele ou por pessoas de sua família, direcionando a narrativa do entrevistado para a descrição de um contexto bilíngue.

Em 140, o informante ‘2’ tem 63 anos¹⁶⁴, é do sexo masculino, estudou até a 4ª série e fala, além do português, o hunsrückisch e o alemão standard, que aprendeu em casa, com a mãe, e na igreja. A informante ‘1’ tem 52 anos, é do sexo feminino, estudou até o ensino médio e fala apenas o português. Os pais da entrevistada falavam em hunsrückisch com os filhos, todavia, ela e os irmãos abandonaram a língua de seus pais principalmente por causa do preconceito linguístico. No primeiro momento da entrevista em que o informante ‘2’ utiliza o verbo **cortar** é para enfatizar que o preconceito que existia na localidade onde a informante ‘1’ estudava, Marechal Floriano, não existia no local onde morava, São Bento. Segundo o entrevistado, em São Bento, a escolha da língua era determinada pelo conhecimento linguístico do interlocutor. A esse respeito, cabe ressaltar que, pelas informações fornecidas pelo informante ‘2’, naquela região predominava de fato o bilinguismo, como podemos observar no excerto a seguir.

143) [...]

Entrevistador: e o português o senhor aprendeu aonde?

Informante 2: ah, o português eu aprendi...como é que eu vou dizer.... não foi na rua.... foi no dia a dia. Depois, com sete anos, ia pra escola... ali era tudo em português....mas, como o meu pai tinha os colonos lá morando que trabalhava a meia com ele.... eles não sabiam falar em alemão, aí com isso a gente foi aprendendo a falar o português.

Entrevistador: De onde eram esses trabalhadores?

Informante 2: Daqui da região mesmo... (Excerto retirado do *corpus* de Domingos Martins, célula 6).

Se em São Bento ocorria a alternância entre o português e o ‘alemão’, que na verdade era o hunsrückisch, na sede de Domingos Martins, onde se situa a igreja frequentada pelos dois

¹⁶⁴ Foi atribuída a idade informada pelos entrevistados no momento da realização da entrevista e, dessa forma, não corresponde à idade atual.

entrevistados, quando os fiéis iam participar dos cultos, havia a alternância entre essa língua e o *hochdeutsch*. Em outras palavras, o contexto é sempre o de bilinguismo, em que os interlocutores podem passar de uma língua para outra, e o complemento do verbo **cortar** é sempre um sintagma nominal que corresponde a uma determinada língua.

Em 141, o informante ‘3’ tem 61 anos, é do sexo masculino, estudou até a 8ª série e fala apenas o português. A mãe do entrevistado também falava apenas o português, porém o pai e os avós paternos, assim como o avô materno, falavam o *hunsrückisch*. Entre os motivos apresentados pelos entrevistados que não falam a língua de seus ancestrais está a proibição imposta pelo governo Getúlio Vargas, mencionada nessa entrevista. Esses entrevistados, em geral, demonstram muito orgulho de sua ascendência e expressam pesar por não terem aprendido a língua de seus ascendentes, entre eles os informantes ‘3’ e ‘4’. A informante ‘4’, em 142, tem 55 anos, é do sexo feminino e estudou até o ensino médio. Em relação ao contexto linguístico familiar, a situação é semelhante à do informante ‘3’, já descrita, ou seja, a mãe não falava o *hunsrückisch*.

O que nos chama a atenção na fala dos informantes ‘3’ e ‘4’, cujas entrevistas foram realizadas em momentos e locais distintos, é a utilização do artigo indefinido “um”, que parece indicar uma certa ênfase especificada pelo informante ‘4’ no adjetivo “bonito”. Em outras palavras, eles não só falavam aquela língua, falavam bem, com fluência. Em nosso entendimento, o recrutamento do verbo **cortar** numa construção associada a verbos do tipo *dicendi*, como ocorre nessas entrevistas, pode representar uma opção do usuário para enfatizar que o falante fala o idioma com fluência, que ele tem domínio dessa língua.

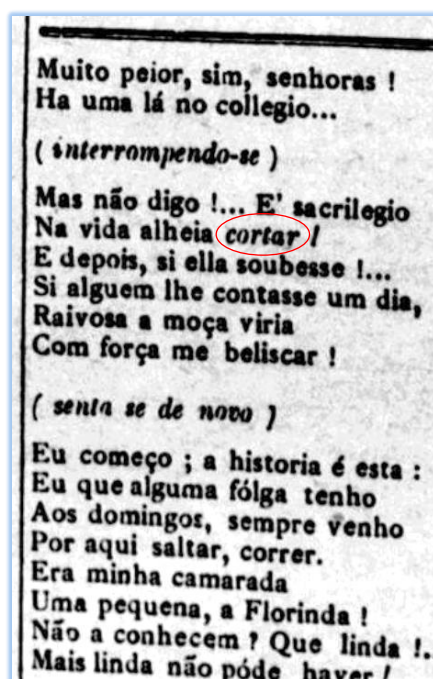
Para nós, não há dúvidas de que nesse caso, há uma microconstrução substantiva com **cortar** motivada por uma construção que comporta verbos do tipo ação *dicendi*, [[SVO] ↔ [DIZER]]¹⁶⁵, que, de acordo com Lucena (2016), está dentro do rol das construções sancionadas pela Construção Transitiva no português. Pelo exemplo apresentado pela autora, teríamos para essa construção um ‘agente’ no primeiro papel argumental e um ‘objeto

¹⁶⁵ Representação baseada na proposta de Lucena (2016, p. 110).

estativo'¹⁶⁶ no segundo. É necessário, todavia, refletirmos sobre a possibilidade da instanciação do verbo **cortar** numa construção dessa natureza.

Como já mencionado, buscamos ocorrências desse verbo em periódicos de séculos anteriores e identificamos duas ocorrências nas quais emerge para o verbo **cortar** o significado 'falar/comunicar-se', no periódico *Commercio do Espírito Santo*, impresso na capital do estado no final do século XIX. Nesse processo, identificamos outro uso com o verbo **cortar**, que pode ser associado com o verbo 'falar', que despertou nossa atenção, reproduzidos a seguir.

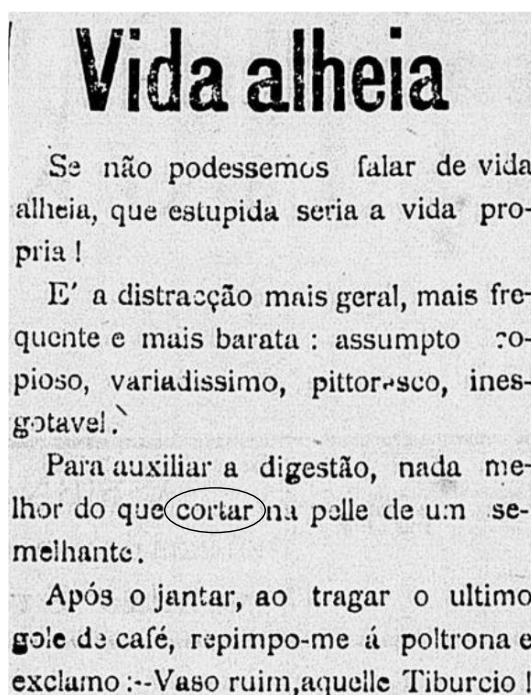
Figura 30 - 1ª ocorrência do verbo **cortar** identificada para a qual emerge o significado 'falar de alguém'



Fonte: A provincia do Espírito-Santo – 12/02/1886, Edição 1010, p. 4 (BNDigital).

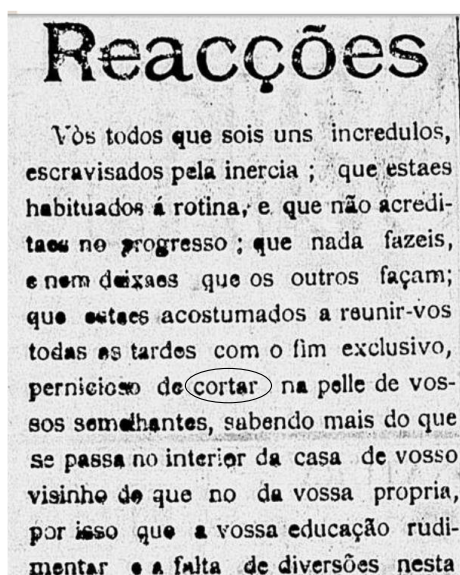
¹⁶⁶ Lucena (2016, p. 94) utiliza a nomenclatura 'tema' e informa que ele pode corresponder ao papel objeto estativo como utilizado por Cançado (2018). Neste trabalho, como utilizamos 'tema' como a entidade deslocada por uma ação, mantivemos a definição proposta por Cançado (2018, p. 128) "objetivo ou objeto estativo: a entidade à qual se faz referência, sem que essa desencadeie algo ou seja afetada por algo."

Figura 31 - 2ª ocorrência do verbo **cortar** identificada para a qual emerge o significado ‘falar de alguém’



Fonte: Commercio do Espírito Santo - 18/05/1894, Edição 137, p. 2 (BNDigital).

Figura 32 - 3ª ocorrência do verbo **cortar** identificada para a qual emerge o significado ‘falar de alguém’



Fonte: Commercio do Espírito Santo – 28/06/1894, Edição 177, p. 2 (BNDigital).

Figura 33 - 4ª ocorrência do verbo **cortar** identificada para a qual emerge o significado ‘falar de alguém’



Fonte: Commercio do Espírito Santo – 02/08/1900, Edição 174, p. 1 (BNDigital).

À exceção da primeira ocorrência (figura 30), nas demais, o verbo **cortar** é seguido do sintagma nominal ‘na pele’, levando-nos a crer que tal sequência formava um *chunk*, cujo significado poderia ser ‘falar mal de alguém, fazer intriga ou fofoca’. Como não o identificamos no *corpus* nem nos dicionários pesquisados e tampouco sabemos de seu uso na atualidade, não o mencionamos no presente trabalho. Neste momento o fazemos com a finalidade de subsidiar nossa reflexão.

Esse *chunk* parece refletir a metáfora IDÉIAS SÃO INSTRUMENTOS CORTANTES proposta por Lakoff e Johnson (2002, p. 112). Entre os exemplos propostos pelos autores, estão “essa idéia é incisiva” e “Ele é afiado”. Essa metáfora também se reflete em textos bíblicos, como no Salmo 57, que reproduzimos em parte a seguir:

Oração da manhã no sofrimento. ¹ Ao regente do coro. Segundo a melodia “não destruas”. Poema de Davi. Quando fugiu de Saul na caverna.

² Piedade de mim, ó Deus, tende piedade,
pois em vós me refugio;
abrigo-me à sombra de vossas asas,
até que passe a calamidade.

³ Invocarei o Deus altíssimo,
Deus que me faz o bem.

⁴ Mande do céu para salvar-me,
confundindo meus perseguidores,
Deus mande sua misericórdia e sua fidelidade.

⁵ Eu me deito entre leões que devoram a gente:
seus dentes são lanças e flechas,
sua língua, espada afiada. (BÍBLIA, Salmo 57, p. 837, grifo nosso).

Encontramos reflexos dessa metáfora em outros contextos, como, por exemplo, no título do site político “Conversa Afiada”¹⁶⁷. Como advertem Lakoff e Johnson (2002), uma metáfora pode não fazer sentido para toda e qualquer pessoa, além disso, experiências anteriores e fatores culturais podem interferir no processo cognitivo. Além disso, uma metáfora pode lançar luz sobre certos aspectos relacionados a um conceito enquanto obscurece outros.

O título “Conversa Afiada” busca enfatizar que o site não se submeterá a nenhum tipo de censura e publicará, assim como debaterá, todas as notícias e fatos, mesmo aqueles que incomodam os governantes. Não nos parece que a conotação seja a mesma que evoca o *chunk* ‘cortar na pele’, nas ocorrências do século XIX, assim como no texto bíblico, que parece enfatizar um aspecto negativo da metáfora proposta por Lakoff e Johnson. Na atualidade, a conotação negativa que emerge em ‘cortar na pele’ pode ser encontrada na construção ‘língua afiada/comprida/solta’, cujo significado Urbano (2018, p. 186) registra como “indivíduo fofoqueiro, que fala muito, indiscreto, maldizente.”

Conjecturamos que associada à metáfora IDÉIAS SÃO INSTRUMENTOS CORTANTES (conf. Lakoff e Johnson) existe também a metáfora ‘a língua¹⁶⁸ é um instrumento de corte’¹⁶⁹ que, em nossa opinião, se associa de certa forma à metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL (conf. Ferrari e Pinheiro) quando motivada pelo *construal* que conceptualiza o discurso como ação sobre o tecido. Em outras palavras, conceptualizamos

¹⁶⁷ Trata-se de um site político independente do país, que defende a liberdade de expressão, criado em 2008, comandado pelo jornalista Paulo Henrique Amorim. Disponível em: <https://www.conversaafiada.com.br/>. Acesso em: 14/10/2019.

¹⁶⁸ ‘Língua’ aqui designa o órgão da cavidade bucal que faz parte do aparelho fonador.

¹⁶⁹ Essa designação está sendo proposta por nós no presente trabalho a partir das considerações descritas até o momento. Destacamos que tal metáfora pode ter sido proposta por outros autores com o mesmo nome, ou similar, do qual não tomamos conhecimento até o momento.

nossa língua, órgão físico, como uma entidade capaz de causar afetação pela atividade de falar.

Acreditamos que seja essa compreensão que pode licenciar o uso do verbo **cortar** em construções associadas aos verbos de elocução por meio de um elo de herança metafórica, como, por exemplo, no *chunk* ‘cortar na pele’, em que o significado que emerge para o **verbo** na sequência é ‘falar de alguém’. Cabe destacar que o significado da construção como um todo parece possuir uma conotação negativa, uma vez que se fala sobre a vida de outra pessoa e, ao que tudo indica, para fazer intriga ou fofoca.

Como vimos, no mesmo período, esse verbo também era utilizado em sentenças nas quais emerge o significado de ‘falar’ em outro contexto, que remete a situações em que mais de um idioma é falado, tendo como complemento sintagmas nominais que representam tais idiomas.

Ao formar uma sequência com sintagmas nominais que se referem a idiomas, num contexto de alternância linguística, o verbo **cortar** adquire uma conotação positiva que, com a repetição, passa a ser armazenada e acessada como uma unidade, tornando-se, ao menos na localidade em que o uso é identificado e em um contexto muito restrito, numa forma convencional de expressão, dando origem à construção substantiva [[Cortar + (em/o/uma) LÍNGUA] ↔ [falar, estabelecer uma comunicação, com desenvoltura, fluência, em determinada língua]]. O sintagma nominal ‘língua’ está em maiúsculo na representação para sinalizar a possibilidade de alternância de qualquer idioma na posição.

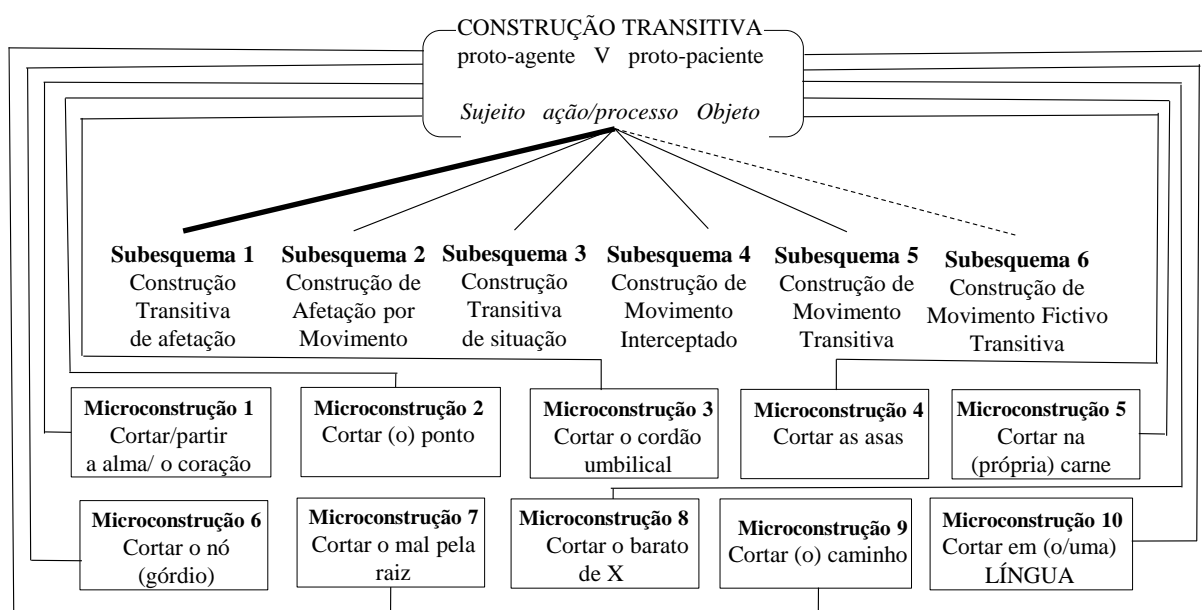
Em relação à análise do *chunk*, como vimos, essa construção permite tanto o artigo definido como o indefinido, todavia não aceitaria o possessivo, assim como não parece possível a topicalização do sintagma nominal. Por outro lado, a inserção de itens lexicais entre o verbo e o nome não parece causar problemas na estrutura da sentença, como demonstram os testes de 1 a 3:

- Teste 1) * ninguém cortava seu hochdeutsch não.
- Teste 2) * ninguém o hochdeutsch cortava não.
- Teste 3) Ele cortava bem o hochdeutsch.

Em relação à contribuição do verbo para o significado da construção substantiva ‘cortar em (o/uma) LÍNGUA’, não é possível estabelecer uma correspondência com nenhum significado que emerge para o verbo **cortar** nas construções esquemáticas identificadas no *corpus*. Por outro lado, a contribuição do sintagma nominal é determinante para o significado da construção substantiva, uma vez que os itens lexicais identificados nas entrevistas que preenchem o *slot* LÍNGUA (português, alemão e *hochdeustch*) remetem diretamente ao idioma falado pelo agente.

Para inserir essa construção na rede proposta anteriormente, seria necessária uma ampliação do esquema, como podemos visualizar na figura 34, disponibilizada em tamanho maior no apêndice D.

Figura 34 - Rede de construções com o verbo **cortar** ampliada.



Fonte: a autora.

Como podemos observar no esquema, o grupo de falantes do qual fazem parte os informantes mencionados nesta seção, teoricamente, teria acesso a uma rede formada com o verbo **cortar** mais ampla que a maioria dos indivíduos no estado do Espírito Santo. Tal suposição é sustentada com base no *corpus* e em nosso conhecimento de mundo. Para esses indivíduos, o

número de microconstruções com o verbo **cortar** seria maior, o que nos leva a refletir sobre o questionamento de Gregersen (2018, p. 358), presente na resenha crítica que o autor realiza sobre a obra *Diachronic construction grammar*, a saber, “o ‘constructicon’ se refere ao repertório linguístico do falante individual ou é uma abstração sobre toda a comunidade linguística?”¹⁷⁰

Gregersen (2018) aponta como uma das vantagens da abordagem construcional sua compatibilidade “com a observação de que existe variação linguística entre os falantes, não apenas geograficamente e socioeconomicamente, mas também em nível individual”¹⁷¹, uma vez que falantes distintos podem não ser expostos à mesma informação linguística e, dessa forma, não possuir o mesmo repertório linguístico. Para o autor, fica claro que, numa abordagem construcional, a língua está na mente do indivíduo o que acarreta conceber o *constructicon* como não homogêneo. A esse respeito Gregersen (2018, p. 350) enfatiza que

Embora isso não esteja explicitamente especificado na introdução, parece resultar dessa concepção que os repertórios linguísticos (ou seja, constructicons) de falantes individuais da mesma língua não precisam ser completamente idênticos, apenas o suficiente para permitir que os falantes se comuniquem.¹⁷²

No entanto, segundo Gregersen (2018, p. 350), alguns colaboradores da obra resenhada “parecem aderir - pelo menos implicitamente - a algum tipo de externalismo¹⁷³ pelo qual a língua é vista como uma entidade abstrata fora das mentes dos falantes.”¹⁷⁴

¹⁷⁰ Does the “constructicon” refer to the individual speaker’s linguistic repertoire, or is it an abstraction over the whole linguistic community?

¹⁷¹ One of the advantages of this cognitive conception of language is that it is perfectly compatible with the observation that there is linguistic variation between speakers, not just geographically and socio-economically, but also on an individual level.

¹⁷² Although this is not explicitly spelt out in the introduction, it would seem to follow from this conception that the linguistic repertoires (i.e. constructicons) of individual speakers of the same language do not have to be entirely identical, only sufficiently similar to allow the speakers to communicate.

¹⁷³ Um dos motivos que levam o autor a fazer essa ressalva é o fato de um dos autores apresentar as redes de herança entre as construções do idioma como totalmente homogêneas. Outro fator é a distinção que Elizabeth Closs Traugott faz na obra resenhada entre ‘inovação’ e ‘mudança’. Para Gregerson (2018), isso deixaria o “status do constructicon ambíguo”.

¹⁷⁴ As mentioned above, the introduction by Barðdal & Gildea repeatedly refers to the speaker’s knowledge and psycholinguistic reality, but some of the contributors to the volume still seem to adhere – at least implicitly – to some kind of externalism whereby “language” is seen as an abstract entity outside the minds of the speakers.

As discussões de Gregersen (2018) envolvem a questão da abordagem construcional nos trabalhos sobre a mudança linguística, o que não é o caso desta pesquisa. No entanto, entendemos que a discussão da natureza do *constructicon* diga respeito a todos os trabalhos que adotam a Gramática de Construções.

Como dito anteriormente, a busca por registros do uso que motivou nossa pesquisa, **cortar** com o significado de ‘falar’ objetivou responder um dos questionamentos levantados inicialmente: seria esse um novo uso criado recentemente naquela localidade? Como demonstramos, não era esse o caso, uma vez que identificamos registro semelhante em periódico veiculado na capital do estado do Espírito Santo no século XIX.

Em relação à discussão apresentada por Gregersen (2018), podemos nos manifestar apenas sobre a natureza do *constructicon*, que representa o conjunto estruturado, hierarquizado e interconectado de construções de uma dada língua. Com base na análise do *corpus*, admitimos que esse repertório está na mente dos indivíduos e, portanto, não é necessariamente homogêneo para todos os usuários da língua. Em nosso entendimento, a rede com o verbo **cortar** apresentada na figura 26, que poderia ter sido baseada apenas nos dados retirados da modalidade escrita do nosso *corpus*, é comum a muitos falantes nativos do português brasileiro, e possivelmente maior, uma vez que podemos localizar registros de outras construções substantivas com o verbo **cortar**, tais como ‘cortar um dobrado’ e ‘corta essa’.¹⁷⁵

Por outro lado, o repertório linguístico de usos do verbo **cortar** dos 03 entrevistados de Domingos Martins é maior, e, possivelmente, de outras pessoas daquela região, uma vez que as produções da linguagem não ficam restritas apenas ao sistema linguístico do falante que as utiliza, influenciando também o sistema linguístico de outros falantes, como salientam Kemmer e Barlow (2000)¹⁷⁶.

¹⁷⁵ Ambas as construções foram registradas por Urbano (2018).

¹⁷⁶ A esse respeito, os autores salientam que trabalhos sobre variação e mudança que demonstram um alto grau de estruturação na variação, nos levam a esperar que a linguagem dos falantes seja influenciada pelas produções que ouvem nas comunidades de fala particulares das quais são membros.

De acordo com Gregersen (2018, p. 350), o linguista abstrai-se de todos os diferentes repertórios linguísticos dos indivíduos ao falar sobre “a” gramática ou “o” *constructicon* de uma língua, sendo essa uma abstração inevitável, “caso contrário, o linguista seria encarregado de escrever uma gramática da língua de cada falante individual”.¹⁷⁷ Por isso, o uso do verbo **cortar** que nos motivou foi tratado em separado, pois sabemos que ele não pode fazer parte dessa abstração mais geral sobre a rede formada com **cortar**.

O uso do verbo **cortar** com o significado de falar para nós, que moramos na região da grande vitória e possivelmente em outras regiões, é uma inovação, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). O fato de constatarmos tal uso e reconhecê-lo não acarretará necessariamente na criação de mais um nó na nossa rede, uma vez que provavelmente não iremos reproduzi-lo ao longo do tempo e convencionalizá-lo. No entanto, não temos como prever com precisão se isso ocorrerá ou não.

Por outro lado, entendemos que para alguns membros da comunidade de fala específica da qual os entrevistados fazem parte há um novo nó na rede com o verbo **cortar**, a construção [[Cortar + (em/o/uma) LÍNGUA] ↔ [falar, estabelecer uma comunicação, com desenvoltura, fluência, em determinada língua]]. Para esses usuários da língua esse é um par de forma e significado. Todavia, como os dados levantados na pesquisa indicam usos restritos a poucos falantes, ele pode simplesmente desaparecer.

Se essa interpretação está correta, então o *constructicon* de entrevistador e entrevistados não eram idênticos, mas isso não impediu a comunicação e a interpretação dos construtos. Isso porque, na rede virtual de ambos existe a construção que comporta verbos do tipo *dicendi*, [[SVO] ↔ [DIZER]]. Embora o entrevistador não tivesse em sua rede um *link* direto para a

¹⁷⁷ What linguists do when they talk about “the” grammar (or “the” *constructicon*) of a given language, then, is to abstract away from all the different linguistic repertoires of individuals. This “speaker-external” grammar may be an unavoidable abstraction – otherwise the linguist would be tasked with writing a grammar of the language of each individual speaker.

construção substantiva especificada no parágrafo anterior, motivada por essa construção mais geral, o que provavelmente causou o estranhamento do uso do verbo **cortar**, ao se deparar com o construto ‘inovador’, ele realiza um ajuste com um nó ou recurso existente em sua rede, guiado pelos elementos que preenchem o *slot* destinado ao objeto direto e pelo contexto, conforme preconiza Traugott e Trousdale (2013).

Com essas considerações, encerramos a análise do *corpus* e apresentamos nossa conclusão.

8 CONCLUSÃO

Investigamos o uso do verbo **cortar** numa abordagem construcional. Para dar conta do processo de análise, além das questões de ordem sintáticas e semânticas, fatores de ordem pragmática, levamos em consideração também processos cognitivos, vinculando-nos ao quadro teórico da Linguística Centrada no Uso. Constatamos que os significados que emergem para o verbo **cortar** não devem ser atribuídos apenas ao verbo.

Valemo-nos de um *corpus* composto por dados de uso efetivo da língua, constituído por textos das modalidades oral e escrita, retirados de entrevistas realizadas nos municípios de Domingos Martins, Vitória e Santa Leopoldina e de textos coletados no jornal A Gazeta, no período compreendido entre janeiro a dezembro de 2017.

Verificamos que o verbo **cortar** é instanciado em 02 grupos de construções, um formado por construções esquemáticas, que estão mais próximas do polo gramatical, e outro formado por construções substantivas, que estão mais próximas do polo lexical. Identificamos 06 construções esquemáticas com o verbo **cortar**, a saber: Construção Transitiva de Afetação, Construção Transitiva de Situação, Construção de Movimento Transitiva, Construção de Movimento Fictivo Transitiva, Construção de Movimento Interceptado e Construção de Afetação por Movimento.

Identificamos que diversos significados emergem no *corpus* para o verbo **cortar** quando recrutado nessas construções, num total de 18 acepções, não raro atribuídas ao próprio verbo como ocorre de forma geral nos dicionários. Esses significados são o resultado da combinação da semântica do verbo e da construção. Percebemos que algumas acepções ocorrem predominantemente em textos que abordam assuntos específicos, como política, economia e esportes, o que revela também a influência da ambiência temática no significado que emerge para o verbo, por evocarem eventos e cenas distintos.

10 construções substantivas foram identificadas com o verbo **cortar** no *corpus*: cortar (o) ponto, cortar as asas, cortar o coração, cortar (o) caminho, cortar o cordão umbilical, cortar o mal pela raiz, cortar o barato, cortar na (própria) carne, cortar o nó (górdio) e cortar

(em/a/uma) LÍNGUA, sendo a última proposta para dar conta do uso que motivou a presente pesquisa. Essas construções são casos especiais de outras construções mais esquemáticas e representam instâncias preenchidas dessas construções, possuindo um significado que extrapola a simples soma de suas partes constituintes e que envolvem processos metafóricos.

Observamos no *corpus* que as construções identificadas, esquemáticas e substantivas, interagem com construções que fornecem uma estrutura informacional alternativa da sentença, como a Construção Passiva e a Construção Resultativa com o verbo ‘ter’ que permitem, entre outras funções, focalizar determinados elementos nas sentenças.

Constatamos que o verbo **cortar** é instanciado majoritariamente na Construção Transitiva de Afetação, em 89,92% dos casos, na modalidade escrita, e 93,75% dos casos, na modalidade oral, sendo esse um resultado esperado, uma vez que o tipo de evento designado por esse verbo representa uma instância do tipo de evento mais geral designado pela construção.

A construção que apresentou o segundo maior número de ocorrências do verbo **cortar** foi a Construção de Movimento Fictivo Transitiva. As áreas temáticas dos textos nos quais o verbo ocorre, acidentes automobilísticos e ambientais, concessões e contratos, apontam a necessidade de uma especificação detalhada da área. Constatamos a prevalência do aspecto verbal imperfeito do verbo **cortar** quando recrutado nessa construção e sua ocorrência em orações subordinadas adjetivas. Esse resultado corrobora os estudos de Dornelas e Rocha (2014) que propõem a construção em tela.

Observamos que os diferentes usos de **cortar** podem ser explicados pela coatuação de processos cognitivos, como ocorre, por exemplo, com as construções substantivas, que são formadas por sequências de palavras que adquirem significados específicos em determinados contextos de uso. Essas sequências passam a formar uma única unidade de análise, cujo significado do todo envolve projeções metafóricas de domínios associados, em geral, ao uso concreto dos itens lexicais que as compõem. O processo de formação dessas construções envolve o *chunking*, processo cognitivo que nos permite produzir e compreender sequências de palavras como unidades rotinizadas, independentes.

A influência dos processos cognitivos também é observado nos usos de **cortar** em construções mais esquemáticas, em que podemos observar, por exemplo, a influência do esquema imagético TRAJETÓRIA, que consiste de um ponto de origem, um trajeto e um destino. Entendemos que o afetamento de um elemento (cortado) causado pela ação verbal, em geral associada ao verbo **cortar**, representada o resultado de um processo que acarreta um movimento e evoca tal esquema imagético, uma vez que na realização concreta do corte, uma superfície é percorrida, por um instrumento de um ponto A (origem) a um ponto B (destino). Acreditamos que a noção de área subjacente ao verbo **cortar** oriunda do esquema imagético trajetória associada à realização concreta do corte possa, numa extensão limitada, designar o modo do evento associado a construções de movimento, permitindo dessa forma sua instanciação nas mesmas.

Destaca-se ainda na instanciação do verbo **cortar** em construções esquemáticas o movimento fictivo, um fenômeno de “não-realidade”, como afirma Langacker (1999), que pode ser observado em sentenças que envolvem dois planos, um real e um virtual. Tal fenômeno é o que nos permite produzir e compreender sentenças nas quais há uma aparente incoerência semântica, em que uma cena estática é o tema de um verbo de movimento. Entendemos que esse fenômeno é o responsável pelo uso do verbo **cortar** em sentenças que acarretam uma interpretação estativa para esse verbo, por terem como sujeitos objetos estáticos, cujo significado deve ser atribuído à Construção de Movimento Fictivo, uma vez que é exatamente a natureza dos verbos recrutados nessa construção, utilizados normalmente para sinalizar que algo se move ao longo de um caminho através do tempo, que nos leva a realizar um escaneamento virtual do caminho.

Constatamos que o uso que motivou a presente pesquisa, **cortar** com o significado de falar, não constitui um novo uso do verbo **cortar**, uma vez que encontramos registros em periódicos do final do século XIX. Com base no *corpus*, não identificamos esse uso em outras localidades, além de Domingos Martins, porém não podemos excluir tal possibilidade, uma vez que o uso do verbo **cortar** com o significado de falar parece ser restrito a contextos bilíngues, o que não é exclusivo do município. Quanto à associação entre tal uso e a

influência da língua falada pelos descendentes de imigrantes da região, o hunsrückisch, não obtivemos dados ou subsídios que permitissem comprovar ou eliminar tal possibilidade.

O uso do verbo **cortar** com o significado de ‘falar/comunicar-se’ é licenciado por uma construção substantiva que está no nível hierárquico das microconstruções. Acreditamos que o recrutamento do verbo **cortar** em construções dessa natureza seja permitido por meio de uma projeção metafórica sustentada na metáfora ‘a língua é um instrumento de corte’ que se relaciona com a metáfora proposta por Lakoff e Johnson (2002) “IDEIAS SÃO INSTRUMENTOS CORTANTES”. A inclusão da microconstrução ‘cortar (em/a/uma) LÍNGUA’ ampliaria a rede formada com o verbo **cortar**, proposta a partir da análise dos dados identificados na modalidade escrita e nas entrevistas realizadas nos municípios de Vitória e Santa Leopoldina, indicando que nem todos os indivíduos compartilham a mesma rede virtual, uma vez que tal construção não parece estar disponível para todos os falantes, como comprova nosso desconhecimento do uso até o ano de 2017 e a ausência de registro desse uso específico do verbo **cortar** em dicionários e obras pesquisadas.

Pela análise do *corpus*, propomos que o uso do verbo **cortar** com o significado de ‘falar/comunicar-se’ pode representar uma opção, disponível ao menos para alguns usuários da comunidade de fala em que o uso foi identificado, para enfatizar a fluência do agente, e, dessa forma, não significa apenas ‘falar’, mas ‘falar bem’, ‘falar muito’, ‘falar fluentemente’. A observação desse uso, leva-nos a crer que o *constructicon* dos falantes de uma dada língua não é necessariamente homogêneo.

Finalizamos o presente trabalho enfatizando a importância de uma análise do uso das formas verbais numa abordagem construcional, uma vez que o significado da construção influencia diretamente no significado que emerge para o verbo nas situações concretas de uso, o que não implica desconsiderar a especificidade de cada verbo, indo ao encontro da proposta de Goldberg (1995), de que não é necessária a proposição de novas acepções nos dicionários a cada vez que emerge um significado novo para um determinado verbo.

Esperamos que as discussões apresentadas nesta tese possam despertar o interesse de outros pesquisadores para o campo de estudos linguísticos que o Espírito Santo oferece e incentivá-

los a utilizar *corpus* do português falado no Espírito Santo, como o PortVix, e até mesmo a composição de novos *corpora*. Almejamos ainda que essas discussões possam ser úteis para estudantes e profissionais da área e sirvam como motivação para o desenvolvimento de trabalhos futuros que se voltem para os estudos da língua em uso.

9 REFERÊNCIAS

- A Gazeta. Disponível em: < <https://digital.agazeta.com.br/pub/agazeta/>>. Acesso em: fev-ago. 2018
- ABREU, A. S. **Linguística cognitiva: uma visão geral e aplicada**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- ALEXIADOU, A.; SCHÄFER, F. Instrument subjects are Agents or Causers. In: BAUMER, D.; MONTERO, D.; SCANLON, M. **Proceedings of the 25th West Coast conference on formal linguistics**. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2006. p. 40-48.
- AMATO, M. C. M. De que maneira o coração está relacionado com as emoções (2010). In: **Manual para o médico generalista**. São Paulo: Roca, 2001. Disponível em: < [https://www.amato.com.br/content/de-que-maneira-o-cora%C3%A7%C3%A3o-est % C3%A1-relacionado-com-emo%C3%A7%C3%B5es](https://www.amato.com.br/content/de-que-maneira-o-cora%C3%A7%C3%A3o-est%C3%A1-relacionado-com-emo%C3%A7%C3%B5es)>. Acesso em: 08 out. 2019.
- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BÍBLIA. A.T. Salmos. Português. **Bíblia sagrada de Aparecida**. Reed. versão de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Ed. Santuário, 2010. p. 799-906.
- BORBA, F. S. **Dicionário gramatical de verbos: do português contemporâneo do Brasil**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.
- _____. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.
- BREMENKAMP, E. S. **Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo**. 2014. 292 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- BUENO, F. S. **Grande dicionário etimológico prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1968. 8v.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.
- CACCIARI, C. et al. Literal, fictive and metaphorical motion sentences preserve the motion component of the verb: a TMS study. **Brain and language**, v. 119, n. 3, p. 149-157, 2011.

CANÇADO, M. Comparando alternâncias verbais no PB: cortar o cabelo e quebrar o braço. *Letras*, v. 81, p. 33-60, 2010.

_____. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. **Introdução à semântica lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados**. Petrópolis: Vozes, 2016.

CARDOSO, A.; PEREIRA, S. Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português. *Revista da ABRALIN*, v. 2, n. 2, p. 159-181, 2003.

CASTANHARI JÚNIOR, R. **Cortando caminho**. In: Crônicas/contos. Disponível em: <<https://ladeiradamemoria.wordpress.com/2017/06/08/cortando-caminho/>>. Acesso em: 13 out. 2019.

CASTILHO, A.T. **Nova gramática do português brasileiro**. 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

CHAFE, W. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CHRIST, A. P. K.; PERES, E. P.; ROCHA, L. H. P. A história social dos contatos entre o Hunsrückisch e o português em Domingos Martins-Espírito Santo. *Sociodialeto-NUPESD/LALIMU*, v.10, p. 66-85, jul. 2109.

COARACY, J. **A história do nó de górdio**. In: *Jornal Extra* (2008). Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/vai-dar-certo/a-historia-do-no-de-gordio-408369.html>>. Acesso em: 09 out. 2019.

COMINOTTI, K. S. S. **O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica**. 2015.154 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

CROFT, W.; CRUSE, A. D. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Lexikon: 2010.

DORNELAS, A. B.; ROCHA, L. F. M. Construções de movimento fictivo no português brasileiro: uma abordagem cognitivista. In: **La lengua portuguesa**. Salamanca: Servicio de Publicaciones, 2014. p. 281-292.

DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. **Language**, v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991.

DUARTE, I.; OLIVEIRA, F. Particípios resultativos. **Textos selecionados do XXV Encontro Nacional da APL**, p. 397-408, 2010. Disponível em: <<https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/28-Ines-Duarte.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2019.

DUQUE, P. H. Simulação mental e compreensão. In: SOUSA, A. L. F.; DUQUE, P.H. (Org.) **Cognição e práticas discursivas**. Natal: EDUFRN, 2018a. cap. 3. p. 68-103.

_____. Categorização: a perspectiva de protótipos. In: SOUSA, A. L. F.; DUQUE, P.H. (Org.) **Cognição e práticas discursivas**. Natal: EDUFRN, 2018b. cap. 2. p.42-67.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Arquivo Público. **Imprensa capixaba**. Disponível em: <<https://ape.es.gov.br/imprensa-capixaba>>.

EVANS, V. **A glossary of cognitivy linguistic**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Blending as a central process of grammar. In: GOLDBERG, A. **Conceptual structure, discourse, and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 113-130.

_____. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FELTES, H. P. M. **Semântica cognitiva**: ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

_____. Princípios de composicionalidade e continuidade, indeterminância do significado: tópicos em Semântica Cognitiva. In: ALMEIDA, A.A.D.; SANTOS, E. S. **Linguística Cognitiva**: redes de conhecimento d'aquém e d'além-mar. Salvador: EDUFBA, 2018. Disponível em:<<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28269>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

FERRARI, L. V. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2016.

FERRARI, L. V.; PINHEIRO, D. R. Tricotar, alfinetar, rasgar o verbo: a comunicação verbal para além da metáfora do conduto. **Revista Investigações**, v. 28, n. 2, 2015.

FERREIRA, A. G. **Dicionário de latim-português**. Porto: Ed. Porto, 1983.

FERREIRA, M. A construção de ação rotineira no português do Brasil. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Org.). **Construções do português do Brasil**: da gramática ao discurso. Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 98-121.

FILLMORE, C. J. The case for case. 1968. Disponível em: <<http://linguistics.berkeley.edu/~syntax-circle/syntax-group/spr08/fillmore.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

_____. Em favor do caso. In: LOBATO, L. M. P. (Org.). **A semântica na linguística moderna: o léxico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p. 275-365.

_____. Frame semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Ed.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin Publishing, 1982, p. 111-137.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. **Language**, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.

FOEGER, C. C. **A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina**. 2014. 158 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística)– Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

FRAMENETBRASIL. Disponível em: <<http://webtool.framenetbr.ufjf.br/index.php/fnbr/report/frame/main>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Hemeroteca Digital. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: fev- ago. 2018.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013. p. 7-39.

GALLESE, V.; LAKOFF, G. The brain's concepts: The role of the sensory-motor system in conceptual knowledge. **Cognitive neuropsychology**, v. 22, n. 3-4, p. 455-479, 2005.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: Chicago University Press, 1995.

_____. **Constructions at work**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GREGERSEN, S. Some (critical) questions for diachronic construction grammar. **Folia linguistica**, v. 39, n. 2, p. 341-360, 2018.

Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Disponível em: <<http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

HEINE, B. **Auxiliaries**: cognitive forces and grammaticalization. New York: Oxford University Press, 1993.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. **Berkeley linguistic society**, n. 13, p. 139-157, 1987.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IGNÁCIO, S. E. **Análise sintática em três dimensões**: uma proposta pedagógica. São Paulo: Ribeirão, 2002.

_____. Ação, agentividade e causatividade em estruturas oracionais de ação-processo. **Revista (con)textos linguísticos**, v. 1, n. 1, 2007.

JOAQUIM, E. D. **Um estudo sobre o particípio verbal e nominal**. 2013. 30 fls. Monografia (Licenciatura em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura) – Instituto de Letras - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

KEMMER, S.; BARLOW, M. Introduction: A usage-based conception of language. In: _____ (Org.) **Usage-based models of language**, p. 7-28, 2000.

KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004, v. 3, p. 251-300.

KUSTER-CID, A.; KUSTER CID, E.F. **Dicionário renano-hunsrik**: português. Vitória: Causa, 2018.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAKOFF, G. A figure of thought. **Metaphor and symbol**, v. 1, n. 3, p. 215-225, 1986.

_____. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LANGACKER, R. W. **A linguagem e sua estrutura**: alguns conceitos linguísticos fundamentais. 3. ed. Petropolis: Vozes, 1977.

_____. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. Virtual Reality. **Studies in the linguistic sciences**, v. 29, n. 2, p. 77-103, 1999.

LINDENBERG, L. A Gazeta. In: BRITTES, J. G. (Org.). **Aspectos históricos da imprensa capixaba**. Vitória: EDUFES, 2010, p. 123-130.

LOPES, L. O. J. **A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES**. 2014. 199 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.

LUCENA, N. L. **A construção transitiva no PB: uma abordagem funcional centrada no uso**. 2016. 140 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTEDI, J. C. A imprensa capixaba no século XIX. In: BRITTES, J. G. (Org.). **Aspectos históricos da imprensa capixaba**. Vitória: EDUFES, 2010, p. 123-130.

MELDAU, D. C. Cordão umbilical. In: **Infoescola**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/embriologia/cordao-umbilical/>>. Acesso em: 09 out. 2019.

MICHAELLIS. **Dicionário online**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cortar/>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

MIRA MATEUS, M. H. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

NASCENTES, A. **Dicionário de sinónimos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1969.

NEVES, M. H. M. **Guia de usos do português: confrontando regras e usos**. São Paulo: Unesp, 2003.

PACHECO, W.; LAPORTE, E. Descrição do verbo cortar para processamento automático de linguagem natural. In: SMARSARO, A.; VALE, O. **Dialogar é preciso. Linguística para processamento de línguas**, Vitória: PPGEL/UFES. 2013. p.165-176.

PAVEAU, M. A.; SARFATI, G. E. **As grandes teorias da linguística**. São Carlos: Claraluz, 2006.

PEIXOTO, C. S. Polissemia nos usos do verbo 'ter': arbitrariedade ou iconicidade? Uma questão de ponto de vista. **Gragoatá**, v. 23, n. 46, p. 584-608, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22409/gragoata.2018n46a1109>>. Acesso em: 05 out. 2019.

- PEREK, F. **Argument structure in usage-based construction grammar**: Experimental and corpus-based perspectives. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.
- PINILLA, M. A. Classes de palavras. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 169-183.
- RAASCH, S. **A colônia de Santa Isabel e seus imigrantes (1847 – 1889)**. 2010. 186 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.
- REDDY, M. The conduit metaphor. **Metaphor and thought**, v. 2, p. 285-324, 1979.
- RIVA, H. C. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil**. 2009. 311 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. 2009.
- RÖLKE, H. **Raízes da imigração alemã**: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo. Vitória, ES. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Functionalism and Construction Grammar Approach. **Alfa: revista de linguística (São José do Rio Preto)**, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.
- ROSCHE, E. Cognitive Representations of Semantic Categories. **Journal of experimental psychology: General**, v. 104, n. 3, p. 192-233, 1975.
- _____. Principles of Categorization. In: MARGOLIS, E.; LAURENCE, S. (Ed.). **Concepts: Core Readings**. Cambridge: MIT PRESS, 1999. p. 189-206.
- RYAN, M. A. F. **Conjugação dos verbos em português**: prático e eficiente. 17. ed. São Paulo: Atica, 2007.
- SARAIVA, F. R. S. **Novíssimo dicionário latino-português**: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc. : no qual são aproveitados os trabalhos de filologia e lexicografia mais recentes. 12. ed. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Garnier, 2006.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SPERANÇA, A. C.; IGNÁCIO, S. E. Complementos afetados como característica dos verbos de ação-processo. **Estudos linguísticos**, v. 38, n. 1, p. 285-294, 2009.
- TESNIÈRE, L. **Éléments de syntaxe structurale**. Paris: Klincksieck, 1965.

TORRENT, T.T. A construção de dativo com infinitivo. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Org.). **Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 122-149.

TRAUGOTT, E. C. Modeling language change with constructional networks. In: **Beyond grammaticalization and discourse markers**. BRILL, 2018. p. 17-50.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

URBANO, H. **Dicionário brasileiro de expressões idiomáticas e ditos populares: desatando nós**. São Paulo: Cortez, 2018.

VILELA, M. As expressões idiomáticas na língua e no discurso. **Actas do encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto**. 2002. v.2. p. 159-189.

WACHOWICZ, T. C. O aspecto do auxiliar. **Revista de estudos da linguagem**, v. 14, n. 2, p. 55-75, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2423>>. Acesso em: 05 out. 2019.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

XATARA, C. M. O resgate das expressões idiomáticas. **Alfa: revista de linguística**, v. 39, 1995. p. 195-210.

_____. Tipologia das expressões idiomáticas. **Alfa: revista de linguística**, v. 42, 1998. p. 169-176.

YACOVENCO, L. C. et al. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. **Alfa: revista de linguística**, v. 56, n. 3, 2012.

ZANETIC, F. **Scenes and frames semantics**. 2015. (seminar paper). Disponível em: <https://www.academia.edu/21459510/Scenes-and-Frames_Semantics>. Acesso em: 01 jun. 2020.

APÊNDICE A

Chave de codificação

ACEPÇÃO
<p>1 - Separar uma parte de um todo / dividir em duas ou mais partes</p> <p>2 - Fazer cair ou derrubar / ceifar / podar</p> <p>3 - Fazer incisão / ferir / mutilar / decaptar</p> <p>4 - Afeiçoar a um modelo</p> <p>5 - Aparar, tirar parte de, reduzir de tamanho</p> <p>6 - Reduzir / tirar alguma coisa de uma soma</p> <p>7 - Suprimir / eliminar</p> <p>8 - Interromper / suspender o fornecimento</p> <p>9 - Impedir o progresso ou efeito / fazer cessar</p> <p>10 – “Oração das 13 almas” (uso padronizado não analisado)</p> <p>11 - Dispensar de grupo, cargo ou função</p> <p>12 - Romper relações</p> <p>13 - Interceptar / dificultar ou impedir o curso</p> <p>14 - Percorrer / atravessar</p> <p>15 - Driblar</p> <p>16 - Ultrapassar</p> <p>17 - Encobrir</p> <p>18 - Atravessar / cobrir uma área territorial</p>
Construção
<p>c1 - Construção transitiva de afetação</p> <p>c2 - Construção transitiva de situação</p> <p>c3 - Construção de movimento interceptado</p> <p>c4 - Construção de movimento transitiva</p> <p>c5 - Construção de movimento fictivo transitiva</p> <p>c6 - Construção de afetação por movimento</p>
Composição verbal
<p>v0 - SER + NECESSÁRIO + CORTAR</p> <p>v1 - CORTAR (somente o verbo principal)</p> <p>v2 - IR + CORTAR</p> <p>v3 - TER + DE + CORTAR</p> <p>v4- TER + QUE + CORTAR</p> <p>v5 - TER + CORTAR</p> <p>v6 - PODER + CORTAR</p> <p>v7 - DEVER + CORTAR</p> <p>v8 - SER + CORTAR</p> <p>v9 - ESTAR + CORTAR</p> <p>v10 - SER + PRECISO + CORTAR</p> <p>v11 - VIR + CORTAR</p> <p>v12 - QUERER + CORTAR</p>

Observação: pode ocorrer a presença de advérbios entre os itens léxicos especificados acima, como, por exemplo, "[...] foi aos poucos cortando os alimentos."		
Tipo sintático da oração na qual o verbo 'cortar' ocorre		
k - Principal l - oração subordinada substantiva subjetiva m - oração subordinada substantiva objetiva direta n - oração subordinada substantiva predicativa o - oração subordinada substantiva completiva nominal p - oração subordinada substantiva apositiva q - Oração subordinada adjetiva restritiva r - Oração subordinada adjetiva explicativa s - Oração subordinada adverbial final t - Oração subordinada adverbial modal u - Oração coordenada aditiva v - oração coordenada adversativa x - oração subordinada substantiva objetiva indireta y - oração subordinada adverbial temporal z - oração subordinada adverbial locativa w - oração subordinada adverbial condicional @ - oração subordinada adverbial consecutiva w0 - oração subordinada adverbial concessiva w1 - oração subordinada adverbial comparativa w2 - oração coordenada alternativa w3 - oração subordinada adverbial causal		
Forma verbal	Voz verbal	Modo verbal
a - flexionada	e - ativa	h - indicativo
b - infinitivo	f - passiva	i - imperativo
c - gerúndio	g - reflexiva	j - subjuntivo
d - particípio		
NOME QUE ESPECIFICA O NÚCLEO DO SN SUJEITO¹⁷⁸		
s1 - indeterminado s2 - designativo de pessoas, tais como: nacionalidade, gênero, grupo etário, etc. s3 - instituição gerenciada por seres humanos (país, banco, prefeitura, comitês, etc.) s4 - pronomes s5 - elemento da natureza (rio, vento, raio, etc) s6 - produto da ação humana (estrada, BR, plano, obra, ferrovia, túnel, usina, etc.) s7 - oração na qual o verbo cortar é instanciado		

¹⁷⁸ Os colchetes com as reticências sinalizam que outros códigos fizeram parte da chave de codificação. Esclarecemos que a atribuição de códigos foi ocorrendo ao longo das análises e, por isso, muitos códigos foram criados e estão sendo omitidos aqui. Nosso principal objetivo na apresentação do apêndice é demonstrar a metodologia utilizada para codificar os dados.

[...]	
Sujeito presumível no texto (em período distinto ao que o verbo cortar ocorre). st1 - nome designativo de pessoas st2 - instituição [...]	Sujeito presumível no contexto sc2 - designativo de pessoas sc3 – instituição [...]
NOME QUE ESPECIFICA O NÚCLEO DO SN OBJETO	
<i>relacionados ao ambiente em que vivemos:</i> O01 - animais O1 - alimentação O2 - veículo O3 - pessoa [...]	<i>relacionados à experiência com o trabalho</i> O15 - funcionários O16 - postos/vagas de trabalho O17 - empregos [...]
<i>relacionados à experiência com o dinheiro</i> O8 - gastos O9 - juros O10 - despesa [...]	<i>relacionados à experiência com as relações humanas</i> O21 - laços O22 -fala/conversa/diálogo/palavra/texto O23 - vínculo/relacionamento/relações [...]
<i>relacionados à Metáforas</i> O29 - gordura O30 - asas O31 - carne [...]	<i>relacionados à experiência com o espaço geográfico</i> O25 - município (nome específico ou não) O26 - estado (nome específico ou não) [...]
	<i>Outros</i> O48 - oração das 13 almas O481 - silêncio [...]
TEMPO VERBAL	
t1 - Presente t2 - Pretérito imperfeito t3 - pretérito perfeito	t4 - futuro do pretérito t5 - futuro t6 - pretérito mais que perfeito
ÁREA TEMÁTICA	
a1 - economia a2 - política a3 - esportes	ENTREVISTAS a12 - lavoura a13 - experiência com animais

<p>a4 - culinária/alimentação/saúde/doença a5 - beleza/moda/decoração a6 - entretenimento (cultura/arte/contos) a7 - crimes de forma geral a8 - acidentes (automobilísticos, ambientais) a9 - religião a10 - trânsito/estado e conservação das vias a101 - eventos comemorativos (carnaval, feriados e festas em geral, etc.) a102 - ocorrências policiais (rebeliões, operações policiais, tentativas de fuga etc.) a103 - outros (brincadeiras, desrespeito ao consumidor, críticas, comportamento, etc.) a104 - orientações e recomendações diversas a105 - fenômenos naturais a106 - greve/paralisação/manifestação a107 - legislação/proposta/votações/disc. jurídicas/contratos/concessões a108 - assédio/bullying/racismo/incentivo a comportamentos prejudiciais/baleia azul. a109 - ocupações a110 - descarte/destinação incorreta de itens/esgoto/etc. a11 - turismo</p>	<p>a14 - conversa/comunicação a15 - brincadeiras a16 - acidentes/ferimentos/crimes a17 - outros a171 - assuntos relacionados à saúde (prevenção, cuidados, doenças, cirurgias) a172 - comportamentos (também questões relacionadas à aptidão para o trabalho) a173 - greve/manifestação/protesto a174 - religião/crenças a175 - pesca a18 - culinária a19 - entretenimento (piada/filmes/festas/eventos)</p>
---	---

APÊNDICE B

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA AS ENTREVISTAS COM OS DESCENDENTES DE IMIGRANTES ALEMÃES EM DOMINGOS MARTINS¹⁷⁹

- Esta entrevista é sigilosa, está bem? Seu nome não vai aparecer e ninguém, além de três pessoas do grupo de pesquisa, saberá que você conversou comigo. Você aceita gravar esta entrevista?
- 1- Qual seu nome, sua idade e até que ano estudou?
 - 2- É casado(a)?
 - 3- Tem filhos? Quantos? Mais gente mora na casa?
 - 4- Qual a sua ocupação? Trabalha? É aposentado(a)?
 - 5- Este lugar sempre teve este nome? Você sabe quem sugeriu?
 - 6 – Mora aqui na região desde quando?
 - 7- Gosta do lugar onde mora?
 - a) Por quê?
 - b) Pretende sair daqui em alguma época? Para onde?
 - 8 - A vida aqui é boa?
 - a) Quais as dificuldades que vocês enfrentam aqui?
 - b) O que está faltando?
 - 9- Você já passou por alguma situação em que você teve muito medo?
 - a) Pode contar o que aconteceu?
 - 10- Quem era alemão na sua família? Sabe de que região sua família veio?
 - 11- Sabe histórias de sua família na Alemanha? E depois de chegarem ao Brasil? Quais?
-

¹⁷⁹ Roteiro de nossa autoria embasado em Cominotti (2015).

12- Quando sua família alemã chegou ao Brasil?

- a) Sabe por que eles vieram para o nosso país e para o Espírito Santo?
- b) Sabe alguma coisa relacionada a viagem deles para cá?

13- Quando chegaram ao Brasil, onde eles foram morar?

14 - Quais foram as maiores dificuldades que eles enfrentaram quando chegaram a esta região?

15 - Eles trabalhavam em quê?

16- Como era esta região quando eles chegaram aqui? Já era um povoado, tinha muitas famílias, ou não?

17- Eles gostavam de viver aqui?

18- Como era a sua família:

- a) Tinha muitas pessoas em casa?
- b) eles conversavam em alemão?
- c) você se lembra de alguma história que eles contavam? e músicas?

19- como os homens das famílias alemãs costumavam se comportar em casa na convivência com suas mulheres? eram bravos, severos, mandões, ou eram afetuosos?

20- Qual era o papel da mulher nessa comunidade?

21- Como eram os pais (e mães) na relação com os filhos?

- a) e a relação entre irmãos e entre os parentes e amigos?
- b) como era a educação dos filhos?
- c) como era a infância naquela época?
- d) e a sua infância, como foi?
- e) que lembranças, boas ou ruins, você tem a esse respeito?
- f) a educação dos filhos mudou muito daquele tempo até hoje?

22- Como era a relação da sua família com as pessoas nascidas no Brasil, em especial com os negros? havia algum tipo de preconceito?

23- Como você vê os seus antepassados alemães que vieram para o Brasil (eram calados, extrovertidos, disciplinados etc.)? e os atuais descendentes?

24- A cultura alemã está presente na região onde você mora? como: nas brincadeiras e jogos, na linguagem?

25- E a religião como era (celebrações, missas, festas, semana santa, santo padroeiro...)?

26- E a alimentação dos antepassados, como era? você sabe fazer alguma comida alemã?

27- Você já ouviu alguém falar o alemão, aqui na região? onde a língua é falada (igreja, encontros etc.)?

28 – Por que você acha que o alemão deixou de ser falado pelos descendentes?

29-Tinha alguém da sua família que falava com sotaque mais carregado?

a) como as outras pessoas encaravam isso: havia preconceito? e você, como se sentia?

30- Alguém da sua família fala o dialeto alemão?

a) você gostaria de aprender?

31- Você ou sua família ainda tem contato com os parentes fora do Brasil?

32- Se pudesse, você iria viver na Alemanha? Por quê?

33- Que sentimentos você tem em relação a ser de origem alemã?

a) Você tem orgulho de ser descendente de alemão?

b) já pensou em ter dupla cidadania? por quê?

34- Num jogo entre a Alemanha e o Brasil, para quem você torceria?

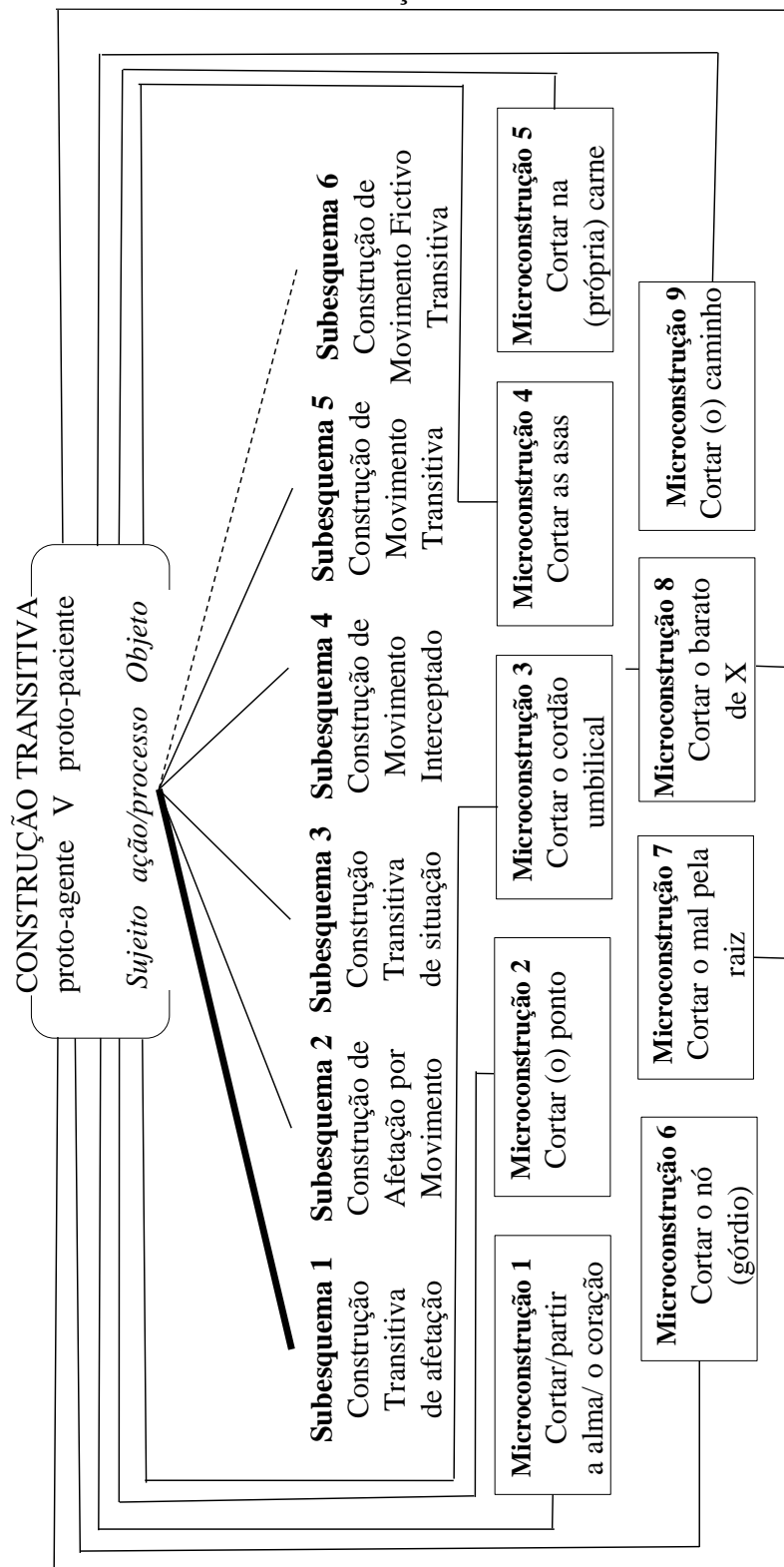
a) e se o jogo fosse entre a Alemanha e outro país?

35- Há alguma coisa (fato, caso ou história) que você gostaria de acrescentar?

]

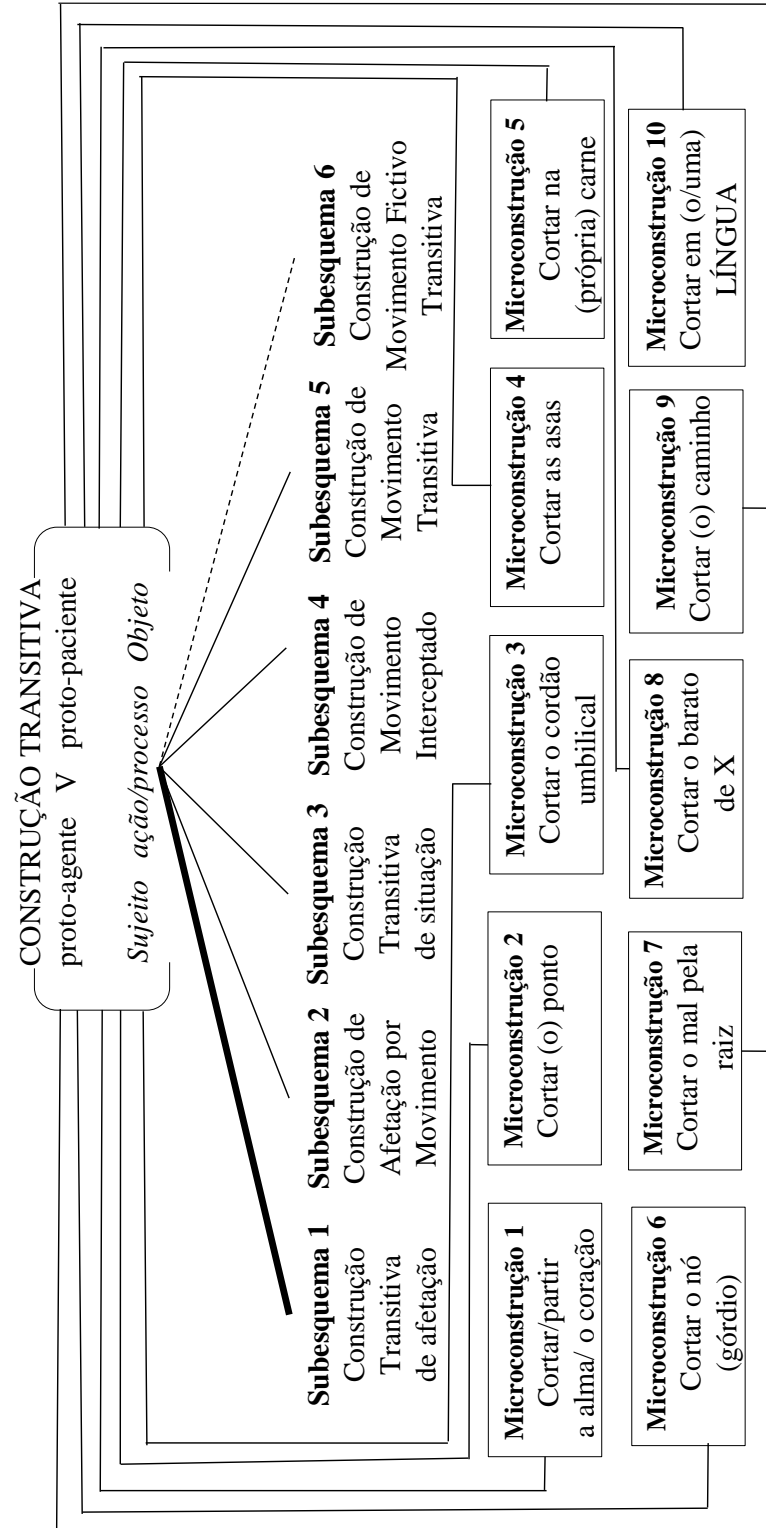
APÊNDICE C

REDE DE CONSTRUÇÕES COM CORTAR



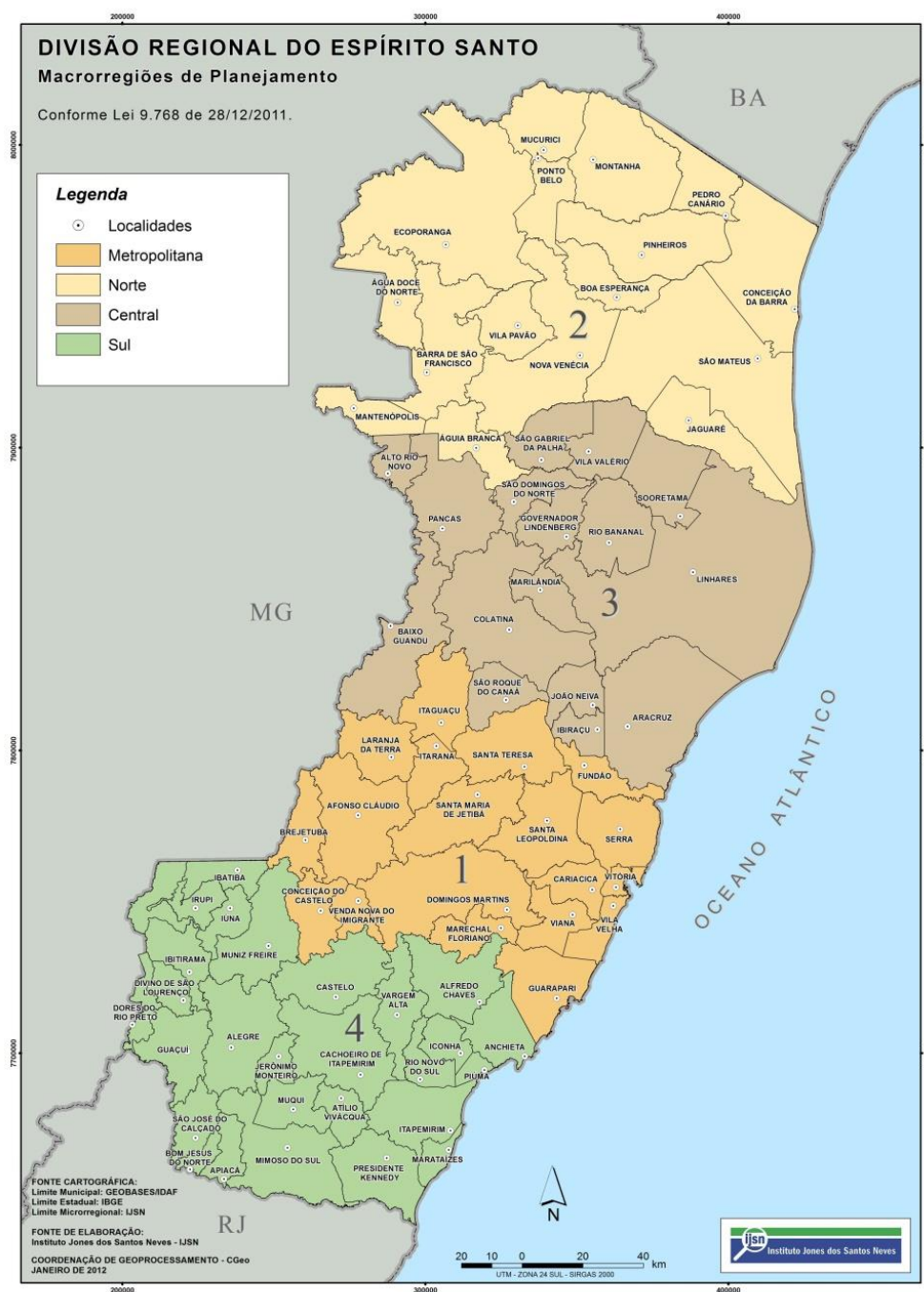
APÊNDICE D

REDE DE CONSTRUÇÕES COM CORTA AMPLIADA.



ANEXO A

Mapa político do estado do Espírito Santo



Fonte: <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/>

ANEXO B

Roteiro base para a realização das entrevistas em Santa Leopoldina

- Quais as atividades que você mais gosta de fazer?
 - O que você acha da cidade de Santa Leopoldina?
 - Você gostaria de morar em outro lugar? Onde? Por quê?
 - Qual é o país que você mais gostaria de conhecer? Por quê?
 - O que você acha do nosso país?
 - Você gostaria de viajar sozinho? Por quê?
 - Você costuma viajar com sua família? Pra onde você já foi?
 - Pra que lugar você gostaria de viajar se tivesse dinheiro pra gastar? Por quê?
 - Qual foi a maior travessura que você fez na escola?
 - O que você acha dos seus professores? Qual é o seu preferido? Por quê?
 - Qual foi seu pior professor? Como ele era?
 - Em qual matéria você é melhor e em qual tem mais dificuldade?
 - Você gosta da sua escola? Como é a coordenadora?
 - Você já fez algum passeio com a sua escola? Pra onde? Como foi?
 - Conte uma coisa engraçada que você fez ou viu alguém fazer.
 - O que você costuma merendar na escola ou levar lanche de casa? Por quê?
 - Quais são suas brincadeiras preferidas?
 - Você já colou alguma vez? Conte como foi.
 - Quem são seus melhores amigos na escola? E fora da escola?
 - Você já foi traído por algum amigo? Como foi?
 - Você já estudou em outras escolas? Qual a diferença entre elas?
 - Você costuma estudar em casa? Seus pais ajudam a fazer o dever de casa?
 - Que programa de televisão você mais gosta? Você já assistiu Big Brother? Pra quem você torcia?
 - Se a Globo te chamasse pra participar do novo Big Brother, você aceitaria? Por quê?
 - Que tipo de filme você gosta? Qual foi o ultimo que você viu?
 - Que tipo de livro ou revista você costuma ler?
 - Você gosta de novelas? Qual novela você assiste?
 - Você tem ideia de qual profissão gostaria de ter? por quê?
-
- Qual seu ator/atriz favorito(a)? Qual novela ou filme que ele/a fez?
 - Aqui em Santa Leopoldina há alguma área de lazer? Você usa essa área? Como?
 - O que você gosta de comer? Sua mãe obriga você a comer alguma coisa? Do que você não gosta ou não come de jeito nenhum?
 - Você sabe fazer alguma comida? Como você faz?
 - Você faz alguma atividade fora da escola?

- Os meninos e as meninas da sua turma já ficaram com alguém? Como é isso pra você?
- Qual o tipo de menino/a que você gosta? Como você acha que seria a pessoa ideal pra você?
- Você acha que algumas coisas só meninos/as podem fazer? por quê?
- Você pretende ter filhos? O que você acha que vai deixar eles fazerem? O que acha que vai proibir?
- Você conhece alguém que usa drogas? Como é isso na sua turma?
- O que você quer pra você no futuro?

SEGURANÇA PÚBLICA

- Você acha Santa Leopoldina uma cidade segura?
- Você acha que a vida no campo é mais tranquila (no sentido da segurança) do que na cidade?
- Sua casa ou a de algum vizinho já foi assaltada? Como foi?
- O que você faz para se proteger da violência?
- O que você acha do porte de arma? Você teria uma arma?
- E a questão do tráfico de drogas, como é em Santa Leopoldina? E na zona rural?
- Como você vê a violência do trânsito? O que você acha que deve ser feito com pessoas que cometem crimes de trânsito?
- O que você acha da Justiça brasileira?

QUESTÕES LOCAIS

- Você gosta de morar em Santa Leopoldina? Por quê? Pretende sair daqui em alguma época? Por quê?
- O que você sabe sobre a história do município?
- Você acha que o desmembramento de Santa Maria de Jetibá foi bom para o município?
- Conhece alguma lenda, algum fato que as pessoas contam que aconteceu aqui?
- A vida aqui é boa? Quais as dificuldades que vocês enfrentam aqui? O que está faltando?
- Você trabalha na roça? Seus filhos e esposa/marido também trabalham?
- O que vocês plantam aqui? Como é o cultivo?
- Você acha que os rios e as matas aqui em Santa Leopoldina são bem preservados?
- Você gosta de trabalhar na roça ou gostaria de ter outro emprego?
- Você começou a trabalhar na roça com quantos anos?
- O que você acha das crianças ajudarem os pais com o trabalho? Você acha que a criança deve trabalhar?

- E sobre a lei para proibir as palmadas? Você concorda com isso ou acha que a criança pode sim levar umas palmadinhas?
- Como foi sua infância? Do que vocês brincavam?
- Você acha que as brincadeiras de hoje ou de antigamente eram mais saudáveis?
- Qual era a sua brincadeira preferida?
- Você já passou por alguma situação em que você teve muito medo? Pode contar o que aconteceu?

Fonte: Foeger (2014, p. 153-159)

ANEXO C

ORAÇÃO DAS 13 ALMAS

Oh! Minhas 13 almas benditas, sabidas e entendidas, a vós peço pelo amor de Deus, atendei o meu pedido. Pelas gotas de suor que Jesus derramou seu sagrado corpo, atendei o meu pedido. Meu Senhor Jesus Cristo, que a vossa proteção me cubra, vossos braços me guardem em vosso coração e me protejam com os vossos olhos. Oh! Deus de bondade, vós sois meu advogado na vida e na morte, peço-vos que atendei os meus pedidos e me livrai dos males e dai-me sorte na vida. Segue meus inimigos para que os olhos do mal não me vejam, cortai as forças do meu inimigo, minhas 13 almas benditas, sabidas e entendidas. Se me fizerem alcançar esta graça, ficarei devoto de vós e mandarei rezar uma missa e também publicar esta oração. Reza-se 13 Pai-Nosso e 13 Ave-Maria 13 dias.

Fonte: Jornal A Gazeta, 09/04/2017 - Classificações, p. 7.

ANEXO D

Crônica veiculada no periódico Commercio do Espírito Santo

<p>CRONICA</p> <p><i>Aos Domingos</i></p> <p>Hum dia, amareis leitoras e caros leitores.</p> <p>Estou de volta da viagem de semana que termina hoje, completamente fatigado porque não perdi nenhum dia, nem dançar, nem uma musica, no sympathico e distincto Casino Victoriano.</p> <p>A semana, cuja chronica vou escrever, por honra dos meus compromissos, não foi das peioras, si mal que poucos factos dignos de noty tenhamos de registrar.</p> <p>O phenomeno mais natural, mas mais estúpido que me trouxe de <i>cazo chorado</i> durante todos o dia, desde a segunda até o domingo, foi o da amaldicoada chuva.</p> <p>Não vão enganar-se as minhas sympathicas leitoras, suppondo que estive em origia, em <i>bebeteria</i>, (para falar portuguez claro) porquanto <i>chana</i> também é synonymo de <i>monsgaço</i>, sendo emfim tudo synonymo de <i>bebeteria</i>; mas foi chuva mesmo, chuva de malhar a roupa e estragar o calçado que deu-me um prejuizo de mil diabos.</p> <p>Ora imaginem que para ir dançar no <i>Casino</i>, tive de comparear um nov o sortimento,</p>	<p>quasi completo, um uniforme de 2^o, bastante regular!</p> <p>Tenho tanto horror à chuva que nem quero mais falar d'ella.</p> <p>O facto mais glorioso relatado durante a semana consistiu-se a comemoração do aniversario da Republica Brasileira.</p> <p>Entretanto, fora os editoriaes da imprensa, os embandeiramentos dos edificios publicos e redações, o <i>lunch</i> festivo da honreira <i>Liberdade</i> com a competente salva regimental ao pavilhão nacional, ao toque de Trindade (como se dizia, até en fui militar,) fora d'es as demonstrações patrióticas, não houve nem uma outra menção, de regosio official.</p> <p>Dir-se-hia que em Palácio tudo era tristeza, tudo era indifferentismo, tudo era morte!</p> <p>São, sempre esquecidas as grandes datas na historia; e com a volubildade do tempo, accentua-se a volubildade dos grandes sentimentos humanos.</p> <p>O progresso seria a justificativa, a evolução, e coarctas as buxas dos argumentos attendimentes, mesmo porque dizia Felletun que <i>le monde marche</i> e ninguém se lembra mais do que se passou.</p> <p>Não se deve exagerar tanto a concepção trinitaria: o passado pertence à historia, o presente pertence a nós e o futuro a Deus.</p>	<p>Que conseqüencias absurdas não teriamos de tirar d'ahi?</p> <p>Pois bem, si assim fosse, deveriamos esquecer o nosso nascimento porque já passou e pertence à historia, isto é, que uma <i>historia mal contada</i>, é <i>conversa fiada</i>. Já se tratamos de pensar na morte.</p> <p>Ora fava, basta que me lembre, por desgraça, que me lembro, e tenho de morrer.</p> <p>Voltemos, porém, atrás; sentimos e lamentamos a decadência do enthusiasmo nacional.</p> <p>Parece que não sentimos, que não queremos, que não vivemos e tudo isto porque <i>queremos</i>!</p> <p>Em compensação, o <i>Cappellotti</i> Antonio, um filho d'i adonivel patria de Garibaldi, da Italia da musica, da mãe dos genios, lavou um tanto a bem do progresso d'esta terra, preenchendo também uma das lacunas materiaes d'esta capital.</p> <p>E inaugurou-se solemnemente o <i>Lunch Alfinado</i>, e eu tomava para vingiar-me da semgria dos honras, inaugurei a inauguração.</p> <p>Os nossos leitores ficarão extasiados ao se barcom de ler o <i>Historial</i> do periodo antecedente, mais tenham paciencia; e tratem de saber si inaugurarei ou não a inauguração.</p> <p>Que não desamine o <i>Cappellotti</i> — <i>perserare et non recitari</i>, dizia o velho do meu bom mestre de latin na grande cidade.</p>	<p>de de letras e linguas, não linguas em salmoura.</p> <p>Ando triste e já não alimento mais a louca phantasia de assistir o grande certam n internacional, a sorprendente exposição Colombiana em Chicago, do bem-aventurado anno de 1893, que anda ha de vir, da graça de Nosso Senhor Jesus Christo.</p> <p>E' a sexta vez que fico com os bolsos repletos de bilhetes minguados, e brancos como a desdida sorte que me tem reservado a loteria do Ceará.</p> <p>Nem o mesmo dinheiro, que triate fatalidade! nem os mesmos bilhetes, que sorte desgraçada!</p> <p>Era o caso de dizer-se: — sae d'ahi, não seja <i>bizar</i>.</p> <p>Jesse Deus Omnipotente, ommissionante e omniprovidente, pôde sei o muito bem emio assim o que em os santos Padres das lendas Escripuras; mas tenho paciencia, e desculpae que lhes diga, que Deus precisa tudo, mas não tem <i>sorte</i> para que preciso tirar a <i>sorte</i> grande.</p> <p>Correu a loteria, já se vê, no dia 17 passado, (também já pertence à historia, e os premios ainda não recebidos, também devem pertencer à historia) e já estamos aptos, apesar dos pezares e desgraças, para palpitir alguns contos na loteria a extrahir-se na proxima quinta-feira.</p>	<p>Imaginem que ri-me a valer, com a noticia que o <i>Commercio</i> publicou hontem sobre a minha predilecta <i>Confetaria do Globo</i>.</p> <p>Fizeram maior ao sympathico Antonio Guimarães, o eloquente Mirabeau da Victoria (como o chamam os meus amigos).</p> <p>Pois bem, aceitei um <i>Malhada</i> do meu novo collega, o sr. major Guimarães.</p> <p>E viva o major Guimarães! Ora quantos não dirão, que fiz estas nomenclaturas de sincero regosio só por amar aos dozes da Confetaria e habitação de um cafe dos finos honres e vinhos, que, em cores variegadas, sentillam nas prateleiras do <i>Globo</i>?</p> <p>Ah! mas o major, que bastante conhece os meus sentimentos de sinceridade e desinteresse, far-me-ha justiça.</p> <p>Além d'isto somos collegas. Mas não cingirei de exclamar: Fizeram maior o Guimarães por decreto do sabbado, de 19 do corrente?</p> <p>Estou fatigado, mas fatigado de não poder contar-me de pé; são tres horas da madrugada e, de volta do <i>Casino</i>, vim encerrar esta chronica.</p> <p>Em o domingo vindouro, na chronica, dar-vos-hei as novidades, os acontecimentos e as alegrias dos festivales do <i>Casino Victoriano</i>.</p>	<p>Que sensações deliciosas já estou conseguindo a sentir! Pensei que d'esta vez terrei dinheiro para ir a Chicago.</p> <p>O que me está dando nos dedos e obrigando-me a envelhecer e a escrever, <i>lepra</i> a corar e um aquelles <i>monas</i> da America do Norte... em fim, pensando mecurar por meios que já tenho estudado!</p> <p>Hoja cobre no bolso que tudo mais se arranja, porque, quem tem bocca vale a (como, si) tem q e nos contrariam a cingão!</p> <p>E os egrios, suados e mudos d'es e mudos.</p> <p>Eu também tenho bocca, mas não posso ir a Roma, fogar onde tenho me perdido, e no entanto, tenho muitos desejos de ver e abraçar o infalivel Pontifice.</p> <p>Que assentar-se sob a pedra fundamental da igreja catholica.</p> <p>E vou chegando ao fim da semana, mas se eu não tambem com dificuldades para chegar a esta cidade, onde quasi tudo renuncia dos factos e orridos: nas semanas d'este fim de anno em uma cidade, onde quasi tudo começa pelo fim.</p> <p>O sabbado foi, manda a verdade que se proclame e a justiça que se reso npense, um grande dia, cheio de alegrias e diversões.</p> <p>Não sei si já preveni aos meus leitores que considero o sabbado o melhor e o mais agradável dia, daquelles que o calendario gregoriano tem em numerado.</p>
---	---	---	---	--	--

Abdyle Ricardo